

BIBLIOTECA HISTÓRICA BRASILEIRA

Direção de Rubens Borba de Moraes

VII

Jean de Léry

Viagem à Terra do Brasil

Tradução integral e notas de
SÉRGIO MILLIET

segundo a edição de
PAUL GAFFAREL

com o Colóquio na língua brasílica e notas tupinológicas de
PLÍNIO AYROSA

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA	
BIBLIOTECA	
Volume <u>353</u>	Preço <u>30,00</u>
Estante <u>B</u>	Prateleira <u>6</u>



0.032.385-4

UFSC-BU

LIVRARIA MARTINS
RUA 16 DE NOVENBRO, 135 — S. PAULO

Biblioteca Central - UFSC

O. N. 032385-4

Data 26/7/78

SC-00015317-0

910.4 (81)
L621V

Dêste livro foram tirados 150 exemplares
de luxo, numerados de 1 a 150.

2150

FAC. DE CATARINENSE
FILLOSOFIA
11-29-13-8-62
AMPLADO

R

Embora o livro de Jean de Léry tivesse sido, mais que qualquer outro de sua época, traduzido e reeditado, não há dúvida que fazia falta uma boa edição brasileira cuidadosamente feita e comentada.

De fato, Léry tem um valor excepcional como documento histórico, etnográfico e até musical. No seu livro estão registrados dois cantos tupís: os documentos mais antigos que possuímos de nossa música ameríndia. Nas suas páginas escritas com um sabor delicioso, na linguagem francesa tão pitoresca, hoje em dia, do século XVI está toda a história da malograda França Antártica.

Lido em seu tempo como livro de viagem e aventuras, de grande sucesso, traduzido para o holandês, o alemão e latim (a língua universal de então) nosso calvinista gozou de popularidade até o século XVIII. Outros viajantes, outras terras exóticas de selvagens, e outras preocupações também, vieram desviar a atenção dos amadores de histórias e aventuras. Com os anos que passavam Léry perdia a atualidade e, de livro para o grande público que era, foi, aos poucos, ficando documento para eruditos e historiadores.

Paul Gaffarel, o francês que melhor conhecia a história do Brasil em seu tempo, tentou, sem grande sucesso parece, pô-lo ao alcance do grande público. Preparou uma edição crítica notável que Affonse Lemerre, o famoso editor parisiense, publicou entre os seus elegantes volumezinhos tão cuidadosamente impressos e apresentados, hoje tão procurados pelos bibliófilos. Anos depois, Alencar Araripe deu na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro uma tradução brasileira impressa numa ortografia de sua invenção, das mais simplórias que se tem visto. É dessa edição que se têm utilizado aqueles que não estão familiarizados com o francês do século XVI, pois as tentativas posteriores em pôr Léry ao alcance do público, quer em traduções quer em francês modernizado, contribuíram mais para deformar a obra que para valorizá-la.

Acresce que o preço alto e a raridade das primeiras edições do livro do nosso cronista francês vinham ainda dificultar a leitura de um dos livros mais interessantes e instrutivos sobre o Brasil do primeiro século.

Afim de sanar essa situação lamentável resolvemos dar esta nova edição. Confiamos a tradução a Sérgio Milliet que tão bem conhece o francês antigo e o bebeu, como nós, em saudosos anos de estudo e mocidade, na Genebra de Calvino e Jean de Léry. Está baseada na de Gaffarel. Sai agora enriquecida com notas eruditas e preciosas de Plínio Ayrosa que conseguiu também, e pela primeira vez, interpretar e reestabelecer o texto tupi do famoso diálogo. Para enriquecer e ilustrar este volume, resolvemos aproveitar não somente as ilustrações da edição original e de outras subseqüentes mas também algumas gravuras contemporâneas pouco conhecidas.

R. B. de M.

JEAN DE LÉRY

Já se referiram os estudiosos à importância dos viajantes estrangeiros no estudo de nossa história colonial. O mesmo se dirá com acêrto em relação à etnografia brasileira. De um modo geral são as narrações de viagem manancial preciso ao conhecimento dos nossos índios. Todavia as obras dos que nos visitaram no decurso do século XVI abundam em informes de primeira ordem. Aí estão, para prová-lo, as edições antigas ou modernas, comentadas ou não, dos Jean de Léry, André Thévet, Yves d'Evreux, Claude d'Abbeville, Hans Staden, Ulrich Schmidel e outros. Mais fantasistas uns, mais serenos e objetivos outros, todos êsses viajantes, missionários, aventureiros que residiram entre nós trazem sua contribuição utilíssima ao estudo do nosso indígena. Léry, principalmente, se recomenda pela imparcialidade com que descreve a vida e os costumes dos tupinambás, pela agudeza de sua observação e, ainda, pelo sabor de seu estilo.

No entanto não era Léry nenhum intelectual de nomeada, nenhum cientista de reputação. Simples sapateiro, estudioso de teologia, embarcou com alguns outros artesões para colaborar na tentativa colonizadora de Villegagnon. As dissensões logo surgidas entre calvinistas e papistas tiveram como resultado o exílio de Léry para o continente, a "terra firme", e a sua longa estadia entre os indígenas. Durante êsse período de muitos meses em que com êles conviveu, observou e anotou o que viu. Como curioso apenas, como homem honesto desejoso de levar a seu mestre Calvino informações detalhadas, em relatório suscetível de trazer algum benefício aos possíveis exilados da religião reformada, e, também, de limpar de culpa a sua atuação no Brasil. Não pretendia escrever nenhum livro e só o fez em obediência aos rogos de seus amigos.

Parece incrível, hoje em dia, que uma simples narrativa de viagem pudesse apresentar tanto interêsse, constituísse uma literatura de êxito

quase popular. E' que refletimos dentro de novos conceitos de aventuras, emoções, novidade. Para os homens do século XVI, tais relatos de viagem tinham um sabor inédito capitoso. Satisfaziam um dos quatro desejos fundamentais a que alude W. E. Tomaz: o desejo de novidade (*), talvez o mais irresistível de todos, aquê que drena para si tôdas as fôrças ativas do indivíduo. Em nosso tempo o cinema nos traz de todos os cantos do mundo saborosos manjares para aplacar essa fome e sêde de aventura. Por outro lado, as viagens, relativamente baratas e seguras, atendem também a essa ansiedade. Mas ao iniciar-se o Renascimento, bem pouco acessível ao comum dos mortais, aos pacatos burgueses, era essa imprecindível satisfação. Daí o êxito "de livraria", como diríamos agora, das narrações de viagens a países exóticos, de estadias entre selvagens, gentes de outros costumes.

Explicado êsse fenómeno resta ainda o dizer porquê o livro de Léry sobressai, entre tantos outros e porquê seu depoimento permanece vivo quatrocentos anos mais tarde. É que Léry revela em tôda a sua obra uma qualidade notável, raríssima em seu tempo de paixões e preconceitos e só encontrável atualmente, nos espíritos mais adiantados de nossa civilização ocidental: o senso da relatividade dos costumes, a "simpatia", no sentido sociológico da palavra, que conduz à compreensão dos semelhantes e à análise objetiva de suas atitudes. Êsse estado de espírito, que comporta certo ceticismo muito do gôsto científico, nós o observamos em alguns grandes escritores do Renascimento, principalmente em Montaigne, que por tantas outras características, inclusive o estilo, se aparenta a Jean de Léry. Naturalmente, como homem de carne e osso que era, com defeitos como todos nós, não podia mostrar-se isento por completo de paixões. E, sobretudo, era-lhe difícil fugir à maior paixão do meio em que viveu e se formou: a paixão religiosa. Onde o famigerado prefácio, que seus diversos tradutores evitaram e no qual, se discute coisas nossas com seu compatriota Thévet, é movido antes de mais nada pela posição religiosa do contendor, bom católico, adversário declarado de Calvino. Duas ou três vêzes ainda, no próprio texto de sua narrativa, distila Léry sua bilis contra os católicos e os ateus em rápidas e incisivas apóstrofes. Mas bem pouco espaço ocupam tais invectivas em relação ao texto aproveitável etnogràficamente, já pela soma de fatos descritos, já por alguns comentários argutos, hipóteses hoje confirmadas em quase todos os seus aspectos. Se não entendeu as ceremô-

* São os outros três: o desejo de segurança, o desejo de consideração e o desejo de correspondência.

nias religiosas dos tupinambás, por causa dos prejuízos reformistas que o obnubilavam, e pela ignorância em que todos andavam então das práticas mágicas e de seu sentido exato, com muita justeza encarou o fenómeno antropofágico e com grande carinho estudou os demais costumes e ritos indígenas. Cabe-lhe ainda a glória de ter estabelecido um colóquio em língua tupí, seguido de observações gramaticais, nem absurdo e confuso como os julgaram alguns, um pouco apressadamente, mas, na opinião de Plínio Ayrosa, de enorme interêsse, inclusive no que diz respeito a certas formas arcáicas da língua.

* * *

Alencar Araripe, que foi o primeiro a traduzir Jean de Léry, e o fez muito conscienciosamente embora com graves erros de interpretação sintáctica, julgou-lhe o estilo "irregular". Só é possível atribuir tal juízo a uma falta de familiaridade com o francês do século XVI. Pois Léry não é menos límpido que Montaigne. Lê-se de um jacto, com interêsse e proveito. E se não se alça às sutilezas do autor dos *Ensaaios* nem por isso é pesado. Ao contrário, sua frase, longa como a de todos os escritores de seu tempo, inclusive os portugueses, não deixa de ter uma construção harmoniosa, precisa, dentro da qual o pensamento matizado se abriga à vontade. Ademais, personalíssimo, isento de literatice, tem o seu estilo um sabor que sòmente no português de um Gandavo encontra semelhança. Léry escreve como outros pintam ou tocam música: sem nunca ter aprendido; com uma naturalidade de causar inveja aos mais sábios autores e aos mais espertos estilistas. Escreve bem sem esforço e diz o que deseja como quer. O que Araripe tomou por má escrita é o próprio modo de ser, pensar e falar do século XVI. Para a avaliarmos em seu justo valor devemos transpor-nos, no tempo e no espaço, até a França de Francisco I e de Henrique IV, e compararmos sua língua com a dos seus grandes compatriotas e mesmo com a dos grandes escritores portugueses dos descobrimentos. Ele é difícil na medida em que é difícil a arquitetura de Miguel Ângelo, com seu pitoresco e seu individualismo. Nada mais representativo, entretanto, dessa época magnífica de audácia e inteligência, e nenhum elogio maior pode ser aplicado, a um escritor do que êsse da representatividade. Pois a que aspiram há tantos anos, e por assim dizer sem grandes resultados, os mais atraentes espíritos do modernismo?

Dificuldades existem sem dúvida na tradução de uma obra como a de Jean Léry. E sem falar na terminologia obsoleta, certas formas sin-

táticas de difícil acesso aos leitores exclusivos de escritos contemporâneos. Também muitos latinismos estorvam a limpidez da expressão, mas o simples conhecimento do português, do italiano e do espanhol os esclarecem. Há ainda que ter em vista a evolução da língua que emprestou a muitos vocábulos um novo sentido. É preciso saber, por exemplo, que *aimable* não corresponde ao nosso *amável*, mas sim a *digno de ser amado*; que *en cet endroit* quer dizer *a esse respeito* e não *nesse lugar* como seria traduzido normalmente hoje; e ainda que *blé de Turquie* é milho; que *collets fraisés* é *gola de rendas* e não *pescoço enrugado*, etc..

A presente tradução comporta além do texto completo (inclusive as preces de Villegagnon), o prefácio de Jean de Léry, a introdução de Paul Gaffarel à edição de 1878 e tôdas as suas notas com exceção de quatro ou cinco em grego, suprimidas em vista do pequeno interesse que apresentavam e das dificuldades tipográficas. O capítulo em tupí foi entregue à indiscutível competência de Plínio Ayrosa, que o traduziu e sàbiamente anotou. Inúmeras anotações aduziu também ao texto o ilustre professor da Universidade de S. Paulo e algumas informações suplementares foram por mim acrescentadas (**).

SÉRGIO MILLIET.

** As notas de Gaffarel não trazem nenhuma indicação especial. As de Plínio Ayrosa são assinaladas pelas iniciais P. A. As do tradutor por T. Quando duas notas de autores diferentes se seguem em obediência à mesma chamada, observa-se uma separação pelo sinal *** precedendo a segunda.

NOTÍCIA BIOGRÁFICA

P. GAFFAREL.

(1534-1631)

Jean de Léry nasceu em La Margelle, nas vizinhanças da abadia de Saint-Seine de Bourgogne (1), no ano de 1534. Nada se sabe de sua primeira infância. Sem dúvida pertencia a uma família de burgueses, talvez mesmo de modestos fidalgos, pois foram estes os primeiros a seguir o movimento da Reforma, na Bourgogne, e os pais de Jean de Léry eram adeptos das novas idéias. Sabe-se com que rapidez se propagaram tais opiniões em nosso país. A França parecia predestinada à Reforma. De há muito Universidade e Parlamento atacavam o despotismo pontifical e reclamavam a criação de uma Igreja Nacional. O rei Francisco I não se pronunciara ainda, mas protegia Rabelais e Marot e permitia que Calvino lhe dedicasse a "Instituição cristã". Sua irmã, Margarida de Navarra e muitos cortesões declaravam-se abertamente pela Reforma; suspeitavam de herege a sua amante, duquesa de Etampes. A nova doutrina propagava-se pois e se organizava sem emboços. Em verdade a paz não durou muito; mas a perseguição não sustou os progressos da Reforma, principalmente quando, às portas da França, em uma cidade que acabava de conquistar sua liberdade política, Calvino fundou uma espécie de teocracia democrática e apelou para todos os homens de boa vontade. O apêlo foi ouvido. Da França, da Itália, da Inglaterra, da Espanha e até da Polónia acorreram inúmeros prosélitos. Genebra tornou-se a cidadela do protestantismo e foi nessa fonte ardente de fé e eloquência que ardorosos missionários vieram buscar sua inspiração, afim de espalhar em seguida, mundo afora, a doutrina e as idéias do mestre.

(1) Departamento de Côte d'Or.

Jean de Léry foi um desses missionários. Adolescente ainda, pois tinha apenas dezoito anos, encontrâmo-lo em Genebra, nas pègadas de Calvino, seguindo-lhe os cursos de teologia e as prédicas. Senebier (2), um dos escritores que deixaram acêrca da vida de nosso autor alguns pormenores, infelizmente demasiado concisos, refere que Léry já era pastor em 1555 (3). Engana-se, pois, com vinte e um anos e em uma cidade como Genebra, Calvino jàmais lhe confiara, as importantes funções desse cargo. Aliás Lery, em sua "narração de uma viagem ao Brasil", declara expressamente que os dois pastores encarregados da direção espiritual da expedição de que êle participava se chamavam Richier e Chartier; quanto a êle próprio, nela ingressara "tanto em virtude do grande desejo que Deus lhe dera, já então, de pôr-se a serviço de Sua glória, quanto por se sentir curioso desse mundo novo". Em 1555, portanto, Léry não passava nem podia passar de um estudante de teologia. Preparava-se sem dúvida para consagrar à prédica do novo evangelho o ardor e a fé que dêle transbordavam, mas era ainda jovem demais para se tornar um dos acólitos do Reformador.

Calvino deu-lhe, inesperadamente, uma oportunidade para prestar à Reforma um serviço de monta. O Conselho da República acabara de receber da América uma carta de Durand de Villegagnon, cavaleiro de Malta, vice-almirante de Bretanha e fundador de uma colônia francesa na enseada em que se construiria mais tarde o Rio de Janeiro. Depois de ter enchido a Europa e a África com o ruído de seus feitos e de sua exaustiva atividade, valente soldado, hábil marinheiro, engenheiro e diplomata, de acôrdo com as circunstâncias, tinha êsse estranho personagem imaginado a fundação de uma França americana afim de chamar, como que para um asilo, os seus compatriotas que desejassem gozar da liberdade de consciência, permanecendo entretanto fiéis à Metrópole. Afirmaram os escritores protestantes que, exibindo tais documentos de tolerância, Villegagnon procurara tão sòmente ludibriar os reformistas; mas dizem os autores católicos que Villegagnon era sincero e desejava realmente conceder liberdade religiosa aos que atendessem ao seu apêlo. O fato é que, em parte por vontade de melhor conhecer as novas doutrinas, em parte para aumentar os recursos da colônia com a introdução

(2) Senebier — *Histoire Littéraire de Genève*, t. II, p. 28.

(3) Segundo Charly Clerc, que prefaciou uma recente edição desta obra, Léry não era pastor ao partir para o Brasil, mas sim sapateiro. Embarcou na qualidade de artesão, tendo feito seu curso de Teologia sòmente depois de regressar à França (T).

de colonos livres e inteligentes, o vice-rei da “França Antártica” escreveu (4) diretamente a Calvino, seu antigo condiscípulo na Universidade de Paris, comunicando-lhe seus projetos. Calvino acolheu com carinho a imprevista solicitação. Era-lhe uma satisfação para o amor próprio, e ao mesmo tempo para a consciência, propagar sua doutrina no Novo Mundo por intermédio de um cavaleiro de Malta. Não lhe custou convencer Du Pont de Corguilleray, amigo particular de Coligny, a que conduzisse ao Brasil, a-pesar-de sua idade avançada, a coluna genebrina. Dois pastores, Richier e Chartier, a acompanharam. E com êles se alistaram catorze genebrinos, entre os quais Jean de Léry, futuro narrador de expedição.

As diversas peripécias da viagem, o acolhimento de Villegagnon, os primeiros trabalhos e as primeiras disputas, as discussões teológicas e as dissensões de toda espécie, as hostilidades declaradas, a partida dos genebrinos... e o martírio de quatro deles, todos êsses dramáticos episódios são contados pormenorizadamente na “Narração”. Cabe-nos apenas remeter o leitor a essa obra interessante.

Mal desembarcou na França, em fins de 1558, logo voltou Léry para Genebra afim de completar seus estudos de teologia e receber a imposição das mãos. Embora tivesse aproveitado sua estadia no Brasil para colher notas e observações curiosas, não cogitava de publicar a narrativa de sua viagem. A instâncias porém do advogado João Crespin, também refugiado em Genebra e que preparava então a reimpressão de sua obra famosa: “História dos mártires perseguidos e mortos em defesa da verdade dos evangelhos, desde a época dos apóstolos até os dias presentes” (5), Léry redigiu uma narrativa da “Perseguição dos fiéis nas terras da América”. Essa descrição é em geral atribuída a Crespin, mas foi na realidade escrita por Léry (6), como se prova com o trecho seguinte de sua “Viagem ao Brasil”: “...a profissão de fé dêsses três honestos personagens fôsse registada no livro dos que, em nossos dias, foram martirizados em defesa do Evangelho. Porisso entreguei-a nesse mesmo ano de 1558, ao impressor João Crespin, o qual, com a narrativa dos perigos por que passaram para aportar à terra dos selvagens depois de nos deixarem, a inseriu no livro dos mártires”.

(4) O original desta carta encontra-se na Biblioteca de Genebra. Um anotador anónimo marcou o nome de Villegagnon com as seguintes palavras: *Rex Americae*.

(5) Crespin — *Histoire des martyrs* — Ed. 1619. Genève, 1.^a parte, pgs. 432-438 — 2.^a parte pgs. 452-457.

(6) Ver capítulo XXII.

Foi a primeira obra de Léry. Tendo recebido o título de burguês de Genebra, a 5 de agosto de 1560, e sido nomeado ministro, foi enviado para Belleville-sur-Saône, perto de Lyon afim de exercer suas novas funções. A regente Catarina de Medicis parecia, então, inclinar-se para o protestantismo. Libertava os detentos por motivos religiosos, chamava os exilados, nomeava Condé para o Conselho e permitia ao bispo de Valence “prègar perante o rei sôbre quaisquer pontos tão claramente quanto se se achasse em Genebra” (7). Tudo parecia pois encaminhar-se para uma mudança de religião e o chanceler “de l’Hospital” em seu edito de 1562 concedia aos calvinistas o direito à prática legal de seu culto. Mas fôra-se longe demais, ou melhor demasiado depressa, no caminho das concessões; a grande massa popular permanecera fiel a suas velhas crenças e o clero ainda conservava sua influência. Por outro lado, os protestantes abusavam do triunfo. Imaginavam que bastaria certa pressão sôbre o govêrno para que êste lhes manifestasse seu apoio. A essas imprudentes provocações responderam os católicos com o massacre de Vassy (1.º de Março de 1562) e assim se iniciou a primeira de nossas oito guerras civís.

Essa primeira guerra devastou tôdas as nossas províncias, principalmente as do Sul. “Seria impossível dizer-vos, escreve um contemporâneo (8), quantas crueldades de bárbaros são perpretadas de lado a lado. Onde domina, o *huguenote* destrói tôdas as imagens, derruba sepulcros e túmulos, mesmo de reis, rouba todos os seus objetos sagrados e pertencentes às Igrejas. Em paga, o católico mata, tortura, afoga todos os que encontra daquela seita; e os rios andam cheios dêles.” Em Belleville dominavam os protestantes. Sustentados pelo legendário Barão des Adrets, comprazeram-se em devastar e destruir estátuas e igrejas; seu furor iconoclasta não respeitou sequer as recordações patrióticas. Calvino reprovava tais excessos. Há uma carta aos pastores de Lyon em que essas devastações são qualificadas de “zêlo inconsiderado”. Léry tinha a mesma opinião. Juntamente com seu colega Flavard, esforçou-se sèriamente por salvar as igrejas católicas de Belleville, quando as hordas do terrível Barão des Adrets, após ter destruído em Lyon as veneráveis basílicas de Saint-Just e Saint-Irénée e jogado no Rodano as relíquias dêsse apóstolo da Gália, se apresentaram diante de Belleville afim de saquear os edifícios consagrados ao culto católico. Léry não conseguiu reprimir-lhes os furores e teve que assistir à destruição das igrejas.

(7) Le Laboureur — *Additions aux mémoires de Castelnau* — T. II. L. II.

(8) Pasquier — *Recherches de la France* — T. II, p. 99.

Perdemos de vista Léry por ocasião da horrível desordem que se seguiu à guerra fratricida de 1562. Sabemos entretanto que voltou a Genebra, sem dúvida depois da assinatura da paz de Amboise (1563). Sinceramente fiel à sua crença, Léry não era um fanático. A pretêxto de religião tantos horrores haviam sido perpretados de lado a lado que êle se encontrava como que enojado de qualquer propaganda. E' a êsses sentimentos de lassidão e desânimo que devemos sua narrativa de uma viagem ao Brasil. Compôs a obra a instâncias de seus amigos, nos lazeres que lhe outorgou a paz de Amboise; mas não a imprimiu imediatamente. Entregara, com efeito, seu manuscrito a um de seus amigos, o qual o devolveu por intermédio de um criado que se revelou suficientemente desastrado para perdê-lo. Léry viu-se obrigado a refazer a obra de memória, porém uma espécie de fatalidade se obstinava em perseguí-la. Perdeu-a pela segunda vez e foi sòmente em 1576 que voltou à posse do primeiro manuscrito, encontrado em Lyon, e pôde afinal publicar sua narrativa.

Entrementes fôra Léry nomeado ministro, primeiramente em Nevers (Novembro de 1564), e em seguida em La Charité. Nada sabemos de seu ministério apostólico. Assistiu ao sínodo de Nimes em 1572. Por ocasião da Saint-Barthélemy, achava-se em La Charité, embalado, como todos os seus correligionários, por uma falsa segurança. As cenas odiosas de París repetiram-se nas províncias. La Charité não foi poupada. Já em fins de agôsto os italianos do Duque de Nevers tomavam de surpresa a cidade e trucidavam vinte e dois protestantes. Léry era uma vítima provável, mas escapou por milagre, com seu colega Pedro Melet, e se refugiou na praça forte de Sancerre. "Para aí, escreveu em sua "Narrativa do cêrco de Sancerre", se haviam retirado os pobres fiéis das cidades vizinhas de Bourges, La Charité, Gien, Orléans e outras, depois de escapar dos dentes dos lobos como pobres ovelhas, afim de evitarem a fúria dos que, sem nenhum respeito, satisfaziam seus ódios mais do que bárbaros." Sancerre era então uma imponente cidadela. Seus habitantes, devotados à Reforma, acolheram com solicitude os fugitivos e prepararam-se para resistir até suas últimas fôrças às tropas católicas. Os burgueses ricos ter-se-iam de bom grado submetido; tentaram mesmo entregar o castelo ao governador do Berry, mas os operários, os vinhateiros e os fugitivos expulsaram os traidores e colocaram-se abertamente em estado de insurreição. O Marechal de la Chastre, à testa de alguns milhares de homens foi encarregado de aposar-se da pequena cidade cuja resistência podia tornar-se contagiosa e se apresentava como um lugar de reunião para os protestantes do

Centro. Atacou-a furiosamente e tentou vários assaltos que foram rechaçados. Léry encorajava os assediados e dava exemplo de firmeza. Mais de uma vez sua experiência lhes foi útil. Ensinou-lhes a usarem, no corpo de guarda, as rédes brasileiras nas quais podiam repousar sem abandonar suas armas. O marechal viu-se forçado a transformar o assalto em bloqueio e aguardar o resultado favorável com o esgotamento dos sancerrenses. Com efeito, logo a fome se manifestou. Léry que, por ocasião de seu regresso do Brasil, sofrera os horrores dêsse flagelo, procurou conjurar o mal. Ensinou aos defensores a atenuar os efeitos da penúria alimentar mediante o cozimento do couro de seus calçados. Mas todos os seus esforços verificaram-se inúteis; foi necessário capitular. As condições em que isso se deu foram, porém, honrosas. O Marechal exigiu o desmantelamento da praça forte e uma indenização de 40.000 libras para seus soldados; em compensação garantiu aos homens suas vidas e bens, às mulheres sua honra e a todos a liberdade de consciência. Assim se fêz e todos os refugiados puderam voltar tranquilamente a seus domicílios. Léry teve mesmo a honra de uma escolta. “O Marechal ordenou ao capitão Fontaine (9) que me conduzisse unicamente até o ponto por mim escolhido e lhe trouxesse de volta a notícia da missão cumprida. Em consequência, no dia seguinte pela manhã, o aludido capitão nos levou com tôdas as garantias a Blet (10), lugar que eu escolhera para me retirar, em região sob a jurisdição do sr. de la Chastre.”

Foi êsse o último ato da vida militante de Léry. Retirou-se em seguida para Genebra, junto do filho do almirante Gaspar de Coligny, e, enquanto fiscalizava a reimpressão das inúmeras edições e traduções de seu livro, escreveu a interessante e dramática “Narrativa do cerco de Sancerre” (11). Não voltou, ao que se acredita, à França, mesmo depois do “Edit de Nantes,” mas, de coração, permaneceu ligado a suas antigas ovelhas, pois, em 1577, durante a sétima guerra religiosa, ao apossar-se

(9) Léry — *Relation du siège de Sancerre*, § 13.

(10) Cantão de Néronde, Saint Amand — no Cher.

(11) Intitula-se: “*Histoire mémorable de la ville de Sancerre, contenant les entreprises, siège, approches, batteries et autres efforts des assiégeants; le catalogue des morts et blessés, le tout fidèlement receuilli sur le bien, par J. de Léry, 1574. In-8 pequeno, 253 pgs.*” Reimpresso fragmentariamente mas com grande número de erros nos “*Archives curieuses de l'Histoire de France*” por Cimber e Danjoy.

Nova edição em 1842. Bourges, Vermeil, in-8, 170 pgs.

Tradução latina: “*De sacro Caesaris, quod Sancerrum vocant, obsidione, fame, ditone historia. Heidebergae, 1576, in-8 pequeno, 30 pgs. Apud. Joamiem Mareschallum.*”

o duque de Anjou da cidade de La Charité, parece que escreveu, sob anonimato, o "Discurso acêrca do sítio de La Charité em 1577" (12). As iniciais J. D. L. do fidalgo francês que assina a obra podem muito bem ser de Jean de Léry, ex-ministro de La Charité, que se apiedava das desgraças dos que antes tentara guiar no caminho da salvação.

Berna foi a última resistência de Jean de Léry. Aí morreu em 1611 (13).

(12) *Discours du siège tenu devant La Charité l'an 1577*. Paris. De Lastre, 1577 — Orléans, Hotot, 1577, in-8 pequeno.

(13) Para a biografia de Léry, consultar: Paillon, *Bibliothèque des auteurs de Bourgogne*; Le père Lelong, *Bibliothèque historique de la France*; Bayle, Dicionário, art. Léry; Senebier, *Histoire Littéraire de Genève*; Haag, *La France protestante*, art. Léry; Poupard, *Histoire de Sancerre*; Barbier, *Dictionnaire des anonymes*; Duverdiér et Lacroix du Maine, *Galerie bourguignonne*.

NOTA BIBLIOGRÁFICA

P. GAFFAREL.

A primeira edição do livro que reimprimos traz o título seguinte: *“Narrativa de uma viagem feita à terra do Brasil, também dita América, contendo a navegação e coisas notáveis vistas no mar pelo autor: a conduta de Villegagnon naquele país, os estranhos costumes e modos de vida dos selvagens americanos; com um colóquio em sua língua e mais a descrição de muitos animais, plantas e demais coisas singulares e absolutamente desconhecidas aqui, cujo sumário se verá dos capítulos no princípio do livro. Tudo colhido no próprio lugar por Jean de Léry, natural de La Margelle, Saint-Sene, ducado de Bourgogne. La Rochelle. Antoine Chuppin, 1578 — 1 vol. in 8.º com gravuras sôbre madeira, uma das quais repetida.*

Ternaux, em seu *Catálogo de obras sôbre a América*, cita uma edição impressa em Rouen no mesmo ano e em idêntico formato. Tudo leva a crer se trate da mesma obra com indicação diferente de lugar.

A segunda edição tem o mesmo título, mas com as seguintes palavras a mais: *Revista, corrigida e bem aumentada nesta segunda edição, tanto em relação às gravuras como a outras coisas notáveis acêrca do autor.* Foi impressa em Genebra em 1580, por Antoine Chuppin. E' um volume in-8.º pequeno, compreendendo um prefácio de 15 fôlhas não numeradas e 382 páginas com 8 pranchas, uma das quais repetida, além de um índice de 7 fôlhas não numeradas. Certos exemplares não trazem indicação de lugar, o que permite supor a existência de pelo menos duas tiragens. A obra de Jean de Léry é seguida em geral do “Breve discurso e história de uma viagem de alguns franceses à Flórida”, etc. por Urbain Chaouveton, opúsculo de 104 pgs. numeradas separadamente. Tal adição ao Léry não é simples capricho de colecionador; encontra-se

em quase todos os exemplares de 1580 com indicação de *Genebra*. Esta segunda edição é que nos serviu para a reimpressão, mas tivemos o cuidado de anotar oportunamente as adições e correções. E' ela muito preferível à precedente. E o impressor Chuppin disse adverte o leitor, cuidadosa e ingênuamente: "Tanto mais quanto o autor desta história não sòmente a ampliou em vários pontos e a enriqueceu com detalhes muito notáveis e dignos de registo, e, conforme promessa feita no prefácio, adornou e embelezou com gravuras esta segunda edição, mas ainda a reviu tão cuidadosamente e corrigiu, e esclareceu tão bem a matéria tratada nestas páginas, que o conjunto... parecerá uma nova história. Foi minha intenção avisar os que já viram a primeira, e não sabem ainda o que esta contém, que nela encontrarão muito maior satisfação que na precedente."

Foi provàvelmente por esta edição que se fêz a terceira, de Genebra. Antoine Chuppin, 1585. In-8.º pequeno com gravuras. 34 fôlhas preliminares, 427 páginas e mais 8 fôlhas para o índice e errata.

O mesmo diremos da quarta edição, de 1594. Genebra. Herdeiros de Eustáquio Vignon. In-8.º pequeno, 22 fôlhas preliminares, 382 páginas de texto e 6 fôlhas para o índice.

A quinta edição é de 1599. Herdeiros de Eustáquio Vignon. In-8.º pequeno de 36 fôlhas preliminares e 478 páginas. Reproduz a precedente mas é dedicada à princesa de Orange. Comparando-a com a segunda edição, verifica-se que se acrescentou uma nota do autor, o prefácio foi retocado e o índice suprimido.

A sexta edição é de 1600 e reproduz exatamente a precedente.

A sétima edição seria de 1677 segundo Mensel, *Biblioteca Histórica* (t. III, parte II, p. 50) (14).

Edições posteriores, se é que existem, escaparam às nossas pesquisas. Parece-nos que, a partir de 1677, se contentaram com reproduzir trechos da obra de Léry. Assim é que encontramos fragmentos dela no tomo IV da coleção de Purchas, *Pilgrims containing a history of the world in sea voyages and land travels by Englishmen and others*, e na coleção intitulada *Histoire des Naufrages*.

(14) Garraux, A. L. (Bibliographie brésilienne. Catalogue des ouvrages français et latins relatifs au Brésil — 1500/1898) refere-se a uma edição de 1611, de Jean Vignon, Genève.

Victorrica, Ricardo (Errores y omisiones de una pseudo bibliografia guaraní, Buenos Aires, 1934) faz considerações interessantes sôbre as várias edições da obra de Léry. (P. A.)

A *Narrativa* de Léry foi traduzida várias vezes para o latim. A primeira edição data de 1586. *Historia navigationis in Brasiliam quae et America dicitur, Genevae, etc.* E. Vignon. 1586. In-8.º pequeno, com gravuras. A segunda foi impressa em 1594, ainda em Genebra, e dessa feita pelos herdeiros de Eustáquio Vignon. Apresenta algumas diferenças insignificantes no título. Encontramos ainda menção de duas outras edições, que não conseguimos obter, em 1600 e 1642. A tradução latina mais conhecida foi incluída na famosa coleção dos *Grands et petits voyages*, de Teodoro de Bry. Francfort, 1592 — 3.º vol. Eis o título: *Navigatio in Brasiliam Americae, quae auctoris navigatio, quae memoriae prodenda in mari viderit, Brasiliensium victus et mores a nostris valde aliam, animalia etiam, arbores, herbae, et reliqua singularia a nostris penitus incognita describuntur: adiectus insuper dialogus, eorum lingua conscriptus; a Ioanne Lerio Borgundo Gallice primum scripta, deinde latinitate donata. Variis autem figuris illustrata per Theodorum de Bry. Francofurti Venales repeiuntur in officina Theodori de Bry.* Esta tradução é não raro uma simples paráfrase; omite tudo o que diz respeito diretamente a Villegagnon e à colônia francesa e só se ocupa de generalidades. E sempre que o autor anônimo dessa tradução acha jeito de dissertar a propósito de tal ou qual trecho dos autores antigos que se aproxime de Léry, não perde a oportunidade de exhibir sua pesada e pedante erudição. São os processos da ciência alemã que já se revelam.

Não conhecemos outra tradução da obra de Léry, ou melhor não encontramos outra em nossas pesquisas nas bibliotecas de Paris e da Província.

A nova edição que apresentamos ao público é a reprodução integral da segunda; mas tivemos o cuidado de assinalar as principais diferenças observadas nas demais edições. Com notas históricas e geográficas, e pela comparação com os autores mais importantes que trataram do Brasil, em especial os contemporâneos de Léry, procuramos completar e explicar a interessante narrativa daquele a quem apelidaram, com espírito e razão, o *Montaigne* dos viajantes.

so
li

p
c
a
I
I
C
C
C

DEDICATÓRIA DE JEAN DE LÉRY

Ao ilustre e poderoso senhor conde Francisco de Coligny (15), senhor de Chatillon, governador por graça del rei, da cidade de Montpellier etc.

Senhor, levado pelo reconhecimento que devo à memória daquele (16) por intermédio de quem Deus me permitiu ver as coisas com que escreví a presente narrativa, tendo vós a êle sucedido, justo me parece ter a audácia agora de vô-la apresentar. Como minha intenção é a de perpetuar aquí a lembrança de uma viagem feita expressamente à América para estabelecer o verdadeiro serviço de Deus, tanto entre os franceses que para aí se haviam retirado como entre os selvagens que habitam êsses países, estimei de meu dever levar à posteridade o nome daquele que foi a causa e o motivo da expedição. Em verdade, considerando que não houve em tôda a antiguidade de um chefe francês e cristão que estendesse o reino de Jesús Cristo, rei dos reis e senhor dos senhores, e os limites de seu príncipe soberano a país tão longínquo, ninguém poderá exaltar demasiado uma tão santa e realmente heróica emprêsa. Pois embora digam alguns, em vista do pouco tempo que tais coisas duraram, e de não haver no momento nesse país nenhuma religião ver-

(15) Francisco de Coligny, filho do almirante Gaspar de Coligny, nascido a 28 de abril de 1557 e falecido em 1591. Tendo escapado ao massacre da "Saint Barthélemy", refugiou-se primeiramente em Genebra e em seguida em Basel. Voltou mais tarde à França e tornou-se um dos principais membros do partido dos políticos. Aderiu finalmente a Henrique IV que lhe recompensou a fidelidade com o cargo de governador de Rovergue e os lugares rendosos de coronel general de infantaria e almirante de Guiana. *** O partido dos políticos visava um acôrdo entre as duas religiões, mediante concessões mútuas. Afirma-se que Villegagnon era partidário dessa política que tinha também seus adeptos de importância entre os católicos chefiados pelo Cardeal de Lorena (T.).

(16) Almirante Gaspar de Coligny.

dadeira levada pelos franceses, que merece o fato pouca importância, afirmo o contrário e sustento que, assim como o evangelho do filho de Deus foi de nossos dias pregado nessa quarta parte do mundo chamada América, se o empreendimento tivesse continuado tão bem quanto começou tanto o reino espiritual como o temporal aí se achariam enraizados em nossa época e mais de dez mil súditos da nação francesa aí estariam agora em plena e segura posse, para nosso rei (17), daquilo que espanhóis e portugueses deram aos seus.

Assim como não se deve imputar aos apóstolos a destruição das igrejas que eles construíram, nem a ruína do Império Romano aos bravos guerreiros que lhe conquistaram tantas belas províncias, somente louvados merecem ser os que assentaram os primeiros alicerces das coisas que eu refiro em relação à América. Deve-se atribuir o erro e a descontinuidade a Villegagnon (18) e àqueles que com ele (contrariamente ao que fizeram de início e ao que haviam prometido) em lugar de continuar a obra abandonaram a fortaleza que havíamos construído, e o país que a chamáramos França Antártica, aos portugueses, os quais nele se adaptaram muito bem. Assim nunca deixarão de compreender o grande valor do senhor Gaspar de Coligny, almirante de França e vosso muito virtuoso pai, que executou a empresa por intermédio daqueles que enviou para a América e que além de entregar novas terras à coroa de França mostrou ainda seu zelo para que fôsse o evangelho não somente pregado em todo o reino mas ainda em todo o mundo.

Eis porquê, senhor, considerando-vos representante da pessoa desse excelente senhor, a quem deve a pátria tantas ações generosas, publiquei este meu trabalho sob os vossos auspícios. Porisso a vós é que terá de prestar contas Thévet (19) por ter, de um modo geral e na medida de suas forças, condenado e caluniado a causa pela qual fizemos essa

(17) Mais de uma vez voltará Léry a fazer essa afirmação. Cf. Capítulo XXI. Com ele concordam aliás os próprios escritores brasileiros. Cf. Varnhagen, *História Geral do Brasil*, T. I., p. 230.

(18) Nicolau Durand de Villegagnon, comandante em chefe da expedição francesa ao Brasil. Abundam as informações acerca da vida desse capitão aventureiro, mas acham-se todas disseminadas. Nós as indicaremos oportunamente nestas notas. V. Gaffarel, *Histoire du Brésil Français au XVI^e me siècle*.

(19) Thévet, de Angoulême, cosmógrafo do rei Henrique II, companheiro de Villegagnon no Brasil e seu ardoroso defensor contra o partido protestante. Escreveu duas obras: *Singularités de la France Antarctique* em 1558, e *Cosmographie Universelle*, em 1575, a que nos referiremos mais de uma vez. Em ambas não cessa de invectivar a História da viagem ao Brasil, de Léry.

viagem à América e ainda por, ao falar do almirantado de França, na sua Cosmografia, ter ousado denegrir o nome venerado por todos os homens de bem de quem foi o promotor da viagem (20).

Por outro lado, senhor, vossa confiança e magnanimidade na defesa das igrejas reformadas dêste reino, mostrando diàriamente que seguís com felicidade as pègadas daquele que sustentando essa mesma causa lhe deu até o próprio sangue: a gratidão que conservo pelo acolhimento honesto e bom que me proporcionastes na cidade de Berna para onde me dirigí após libertar-me do cêrco de Sancerre; levaram-me a procurar a vossa proteção (21). Bem sei, entretanto, que embora o assunto dessa história seja de ordem a lhe suscitar a vontade de ouví-la, e que nela haja coisas que lhe possam dar prazer, em relação à linguagem, rude e mal polida, não devia apresentá-la a um senhor cujos ouvidos estão habituados desde a infância à mais bela literatura. Mas, convencido de que vossa natural bondade, ante a minha afeição, o levaria a suportar êsse defeito, não fugí de oferecê-la e dedicá-la, tanto à santa memória do pai quanto para testemunhar o meu desejo de continuar humildemente a servir os filhos.

Rogo a Deus, senhor, que vos tenha em sua santa proteção, vos abençoe e faça prosperar sempre mais vossas virtudes e generosas ações, juntamente com os senhores vossos irmãos e com madame de Teligny (22) vossa irmã, ramos e frutos dignos do tronco de que saíram.

25 de Dezembro de 1577.

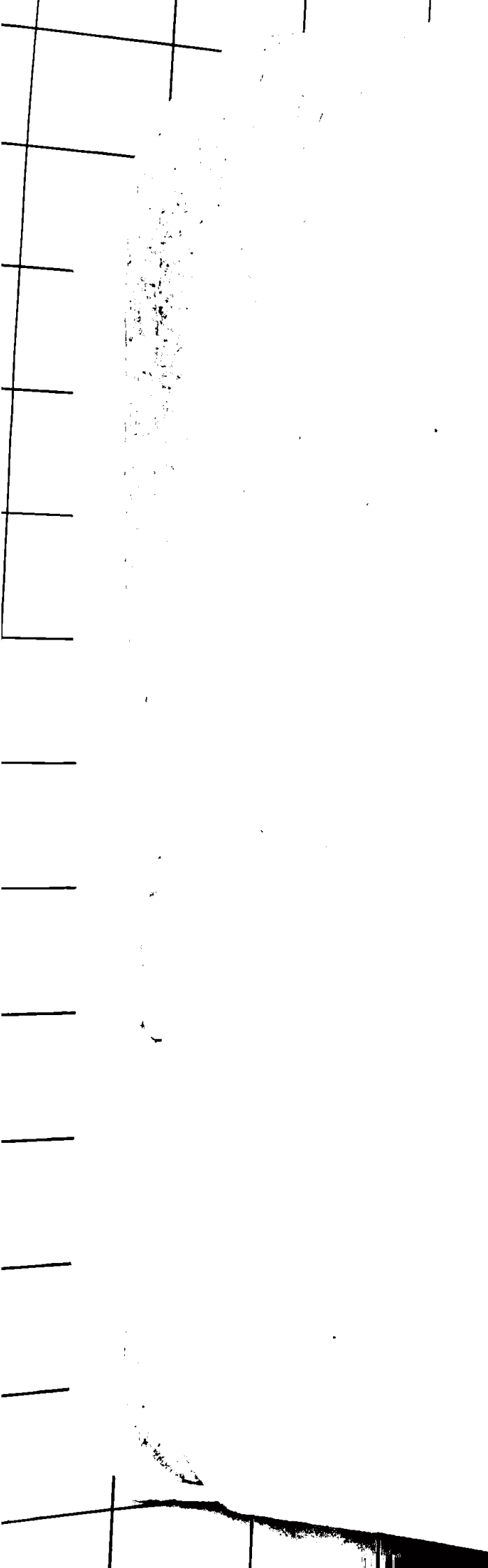
Vosso muito humilde e afetuoso servidor

J. DE LÉRY.

(20) Thévet, *Cosmographie universelle*, p. 638.

(21) Léry ficou sitiado em Sancerre, sofrendo os horrores da fome, de 13 de fevereiro a 14 de agosto de 1573. Cf. sua *"Histoire mémorable de la ville de Sancerre"*, etc. 1574.

(22) Luíza de Coligny, filha do almirante Gaspar, desposara em 1571 Charles de Teligny, fidalgo protestante, que, segundo Brantôme, brilhou entre os mais belos espíritos da época. Trucidado na Saint Barthélemy, casou a viúva com Guilherme de Nassau, príncipe de Orange.



le
cc

PREFÁCIO
DE
JEAN DE LÉRY

Como poderiam espantar-se de que sòmente dezoito anos após minha viagem à América tenha eu resolvido a publicar esta narrativa, pareceu-me útil dizer das causas dêsse atraso. De volta à França não tinha eu a intenção de tornar públicas as memórias que escrevera, em grande parte com tinta do Brasil, e ainda na América, nem as coisas notáveis que observara, mas de bom grado as contava pormenorizadamente aos que me inqueriam. Tendo porém, algumas das pessoas com as quais mantinha relações julgado que tais coisas eram dignas de ser preservadas do esquecimento, acedí em redigí-las e já em 1563 (23) entregava eu, ao deixar a cidade em que me encontrava, uma assaz/ampla narrativa a um de meus amigos; mas aconteceu que as pessoas a quem êste remeteu o manuscrito, para que me fôsse devolvido, o perderam às portas de Lyon e não foi mais possível encontrá-lo. Em vista disso, com a ajuda dos rascunhos que fui solicitar ao copista, reconstituí o manuscrito, à exceção do colóquio em língua selvagem do capítulo XX, de que não existia senão um exemplar. Mas ao terminar essa nova redação, estando eu em La Charité (24) sur Loire, vi-me forçado a fugir às desordens aí provocadas contra os da Religião e a refugiar-me em Sancerre. Depois de minha partida tudo foi pilhado e, essa segunda cópia de minha narrativa perdida também. Ao relatar porém a um nobre fidalgo o primeiro incidente e o nome da pessoa a quem eu entregara o

(23) Em 1563 já se encontrava Léry em Genebra desde a paz de 1562. Só voltou para a França em 1564, época em que serviu na igreja protestante de Nevers.

(24) Léry se encontrava nessa cidade em 1572. Por ocasião da Saint-Barthélemy 22 fiéis de sua igreja foram trucidados a seu lado. Êle conseguiu escapar, encontrando refúgio em Sancerre.

manuscrito, de tal modo se interessou êle por encontrá-lo que finalmente o achou no ano passado (1576) e mo devolveu. Eis porquê o que escreví sôbre a América, tendo-me sempre fugido das mãos, não pôde ser publicado antes.

Na realidade havia ainda uma razão para isso: o fato de não me sentir à altura de usar a pena, embora ao chegar do Brasil, em 1558, fôsse publicado o livro intitulado "Singularidades da América" redigido pelo Sr. De la Porte (25) de acôrdo com as narrações e memórias de André Thévet, e que, como bem observa o Sr. Fumée (26), em seu prefácio à "História Geral das Índias", se apresenta prenhe de mentiras. E teria eu conservado o silêncio se o dito autor se houvesse contentado com essa série de erros. Mas, ao verificar, neste ano de 1577, pela leitura da "Cosmografia" de Thévet, que não sômente repetia êle suas mentiras e ampliava seus erros (sem dúvida na esperança de que todos estivéssemos enterrados ou não ousássemos contradizê-lo) mas ainda se valia da oportunidade para detrair dos ministros e imputar mil crimes aos que como eu os acompanharam (27) em 1556 à terra do Brasil, com digressões falsas e injuriosas, vi-me constrangido a dar à luz o relato de nossa viagem. E antes de mais nada, afim de que não se imagine tenha o meu ressentimento motivos de somenos, aquí transcreverei as calúnias contra nós assacadas no tomo segundo dessa *Cosmografia*, livro 21, cáp. 2, fs. 908.

"Esquecia-me de dizer-vos, escreve Thévet, que pouco antes houvera sedição entre os franceses, provocada pela dissensão e parcialidade de quatro ministros de nossa religião, que Calvino enviara afim de implantar seu sangrento Evangelho, e entre os quais o principal se chamava Richier e fôra carmelita e Doutor em París, anos antes de sua viagem. Êsses prêgadores gentios, pensando apenas em enriquecer-se e apossar-se do que lhes fôsse possível, organizaram associações secretas responsáveis pela morte de alguns dos nossos. Mas tendo em parte êsses sediciosos sido presos e executados e jogados os seus corpos aos peixes, fugiram os outros, entre os quais o dito Richier, que, pouco depois, foi

(25) Alusão ao prefácio das *Singularités de la France Antarctique* (edição de 1878) em que Thévet confessa ter sido sua obra entregue a Ambroise de la Porte "homem estudioso e conhecedor da língua francesa".

(26) Fumée (Martin) tradutor da obra de Gomara, *Historia General de las Indias Ocidentales e terras nuevas*. París, 1578. In-8 (Edição francesa).

(27) O trecho confirma a afirmação de Charly Clerc de que Léry não veio para o Brasil como pastor (T.).

ser ministro em La Rochele, onde imagino que ainda se encontre. Os selvagens, irritados com a tragédia, por pouco deixaram de nos atacar e matar os que restavam.”

São essas as palavras de Thévet e eu chamo para elas a atenção do leitor. Pois assim como não nos viu na América, nem nós o vimos tão pouco, nem esteve êle igualmente em perigo de vida durante a nossa estadia no país, vou demonstrar que foi um refinado mentiroso e um imprudente caluniador. E para que não possa alegar, em última defesa, que suas palavras não se referem a fatos ocorridos durante a sua estadia no Brasil, mas posteriores a ela, pergunto que sentido pode ter a expressão usada, a saber: “Os selvagens irritados, por pouco deixaram de nos atacar e de matar os restantes”. Com êsse “nós” pretende indubitavelmente que estava entre os atacados e correu perigo com êles, mas para que não tergiverse ainda procurando fazer crer que não foi sua intenção sugerir ter visto os ministros aludidos, transcrevemos mais êste trecho: “Aliás, se eu tivesse permanecido mais tempo nesse país (28), teria tentado conquistar as almas transviadas dêsse pobre povo, em vez de cavar o solo para procurar as riquezas que a natureza nêle escondeu. Mas, não só por não estar ainda muito versado na língua dos habitantes como por terem os ministros mandados por Calvino afim de ensinar o novo Evangelho iniciado a emprêsa, invejosos de minha deliberação, abandonei o meu intento.”

Se êsse bom católico romano segundo S. Francisco, a cuja confraria pertence, não encontrar outra prova de seu desprendimento do mundo senão a de ter desprezado as riquezas escondidas na terra do Brasil, nem puder alegar outro milagre a não ser o da conversão dos selvagens da América, cujas almas desejara conquistar, se não lho impedissem os ministros protestantes, ver-se-á em grande perigo, quando eu houver evidenciado a inanidade das alegações, de não ser depois da morte canonizado e colocado no calendário pontifical como Santo Thévet. Afim de provar que tudo o que diz não passa de palanfrório e sem sequer considerar se viu êle os ministros no Brasil e muito menos ainda os crimes alegados na sua *Cosmografia* (29), impressa cêrca de dezessete anos mais tarde, vemos pelo que afirma êle próprio em sua obra “*Singularidades da América*” que chegou a Cabo Frio a 10 de Novembro de 1555 e quatro dias após ao rio Guanabara, na América, de onde regressou para a França a 31 de Janeiro seguinte. Ora, como o mostrarei

(28) *Cosmographie Universelle* p. 925.

(29) *Singularités de la France Antarctique*, cáps. XXIV, XXV, LX.

nesta narrativa, nós só chegamos ao forte de Coligny, no mesmo rio, em princípios de Março de 1557. Há treze meses, portanto, já aí não se encontrando, como pôde Thévet ser bastante ousado para escrever que nos viu? (30).

Para convencê-lo do contrário não lhe bastavam as duas mil milhas que nos separavam dêle, há muito em París? Bastavam, mas o que êle queria era mentir cosmogràficamente (31), isto é, para todo o mundo. E provado êsse primeiro ponto já não mereceria crédito o resto do que afirma. Todavia afim de responder desde já a quaisquer réplicas que possa inventar com referência à sedição a que alude, direi logo que nunca houve semelhante coisa, nem assassinio de nenhum francês, durante a nossa estada no forte de Coligny. E se Thévet quisesse ainda contestar-nos e repetir que houve contra êle uma conjuração entre a gente de Villegagnon e nô-la imputar, para demonstrar que ela ocorreu antes de chegarmos e assim nos defendermos, recorrerei ao próprio testemunho de Villegagnon. E embora a carta em latim, enviada por Villegagnon a Calvino, em resposta à que entregamos da parte dêste, tenha sido traduzida e impressa há muito tempo; e o original, escrito com tinta do Brasil, e que faz fé, esteja em boas mãos; como ela serve duplamente a meus fins, que são refutar o Sr. Thévet e mostrar sobejamente qual a religião que Villegagnon fingia adotar, inserí-a aquí textualmente.

“De Coligny, França Antártica, 31 de Março de 1557.

Acredito que não seja possível exprimir com palavras quanto me alegam suas cartas (32) e os irmãos que com elas vieram. Encontraram-me êles em tal estado que me via obrigado a desempenhar as funções de magistrado e mesmo as de ministro da Igreja, o que me pusera em grande angústia pois o exemplo do rei Ozias (33) me desviava de

(30) A julgar por certo trecho de sua “Histoire”, manuscrita, de duas viagens feitas às Índias Austrais e Ocidentais (Bibliothèque Nationale, fonds Saint Germain, franceses, n. 656) não mentia Thévet. “Posteriõrmente a 1555 fiz outra viagem e acompanhei o senhor de Villegagnon com o qual permaneci durante alguns anos. Bem sei que êsse mentiroso Léry imaginou ter eu voltado à França no mesmo ano de minha partida... Advertido entretanto por alguns amigos meus do êrro cometido na segunda edição impressa em Genebra, negou-a afim de justificar-se”.

(31) Trocadilho de Léry, pois Thévet escreveu, como já foi dito uma “Cosmografia universal” (T.).

(32) Trata-se de uma carta entregue por Calvino e Corguilleray, para ser levada a Villegagnon. V. Cáp. I.

(33) Livro dos Reis — IV, § 17.



ANDRÉ THÉVET VESTIDO COM HÁBITO DE FRADE, SEGUNDO A
"COSMOGRAPHIE DE LEVANT"

um tal gênero de vida. Mas não tinha eu outra solução, pois temia que os artesãos que eu contratara e para cá trouxera (34) se deixassem contaminar pelos vícios do gentio; ou que, em não encontrando oportunidade de praticar a religião caíssem em apostasia; e êsse temor findou com a chegada dos irmãos. Por outro lado devo realçar ainda a vantagem que terei doravante, ao empreender qualquer ação ou correr qualquer perigo, na existência de pessoas suscetíveis de me trazerem seu auxílio e seus conselhos, e que até agora não tivera por causa do perigo a que sentia estarmos expostos. Pois os irmãos que vieram de França comigo, desanimados com as dificuldades encontradas, partiram para o Egito, cada qual com melhor desculpa. Os que ficaram não passavam de pobres diabos mercenários e doentes e suas condições eram tais que antes devia eu temê-los (35) a pensar em qualquer auxílio de valia. E a causa disso tudo está em que desde a nossa chegada tantos obstáculos e contrariedades surgiram que eu não sabia que decisão tomar nem por que lado começar.

* O país era totalmente deserto e inculto. Não havia nem casas nem tetos nem quaisquer acomodações de campanha. Ao contrário, havia gente arisca e selvagem, sem nenhuma cortesia nem humanidade, muito diferente de nós em seus costumes e instrução; sem religião, nem conhecimento algum da honestidade ou da virtude, do justo e do injusto, a ponto de me vir à mente a idéia de têmos caído entre animais com figura de homens. Fazia-se necessário prover a tudo com toda diligência e tudo resolver enquanto nossos navios aparelhavam para o regresso, de modo que, invejosos do que havíamos trazido, não nos surpreendessem os selvagens e nos matassem.

\ Mas havia principalmente a vizinhança dos portugueses (36) que não tendo conseguido conservar sua possessão não podem admitir que

(34) *Mémoires*, de Claude Haton, edição Bourquelot, p. 37. Êsses voluntários eram muitos pois "alguns por curiosidade aí foram ter, porém em número menor do que desejara aquêlê senhor. Por isso recorreu êle ao Rei, dando-lhe a entender que, para ter êxito a emprêsa, bom seria que S. M. enviasse os criminosos das prisões de París, Rouen e outras cidades, quaisquer que fôssem, afim de levá-los consigo".

(35) *Idem*, *idem*. "Com autorização do Rei foi ter o dito senhor às prisões de París, afim de escolher entre os presos os que lhe pudessem servir e não estivessem velhos demais... e requisitou assim do juiz que lhe entregasse os condenados à morte".

(36) Acêrca do ódio dos portugueses ver: Relatório de Marino Giustiniano, embaixador de Veneza em París, em 1535 (Ed. Tommaseo, I, p. 87).

"Sabe-se que nas Índias pertencentes ao rei de Portugal *ex veteri occupatione*, não deseja êste rivais, nem mesmo que as costas sejam visitadas por súditos de po-

nela estejamos e nos dedicam ódio mortal. E tudo isso se apresentava como um problema a ser resolvido em conjunto: fazia-se mister escolher um lugar para defender-nos, proceder à derrubada e à terraplanagem; carregar para aí provisões e munições, construir fortes, residências e abrigos para as nossas bagagens; juntar material nas cercanias e transportá-lo por homens, na falta de animais de carga, ao alto de uma colina entre encostas íngremes e florestas de difícil acesso. E não costumando os naturais do país cultivar a terra metódicamente, era-nos necessário ir buscar muito longe e em lugares diversos os víveres de que carecíamos, em consequência do que o nosso grupo, já pequeno, se subdividia e diminuía. Em vista de tais dificuldades, os amigos que me haviam acompanhado arrepiaram carreira por considerarem a situação desesperada e eu também me sentí impressionado. Mas, por outro lado, tendo afirmado que partira de França afim de empregar todos os meus esforços no incremento do reino de Jesús Cristo, pareceu-me que daria aos homens motivos para me denegrirem e censurarem se me desviasse de meus fins por temor ao trabalho e do perigo; e como se tratava de uma ação em prol de Cristo, tinha a convicção de que êle me assitiria afinal e tudo terminaria bem. Recobrei ânimo portanto e me devotei inteiramente a levar a cabo a causa que com tanto amor eu empreendera e na qual desejava empregar a vida. E pareceu-me que só o conseguiria afastando do convívio do gentio os artesãos que comigo trouxera. E refletindo sôbre isso compreendí que não fôra sem audiência de Deus que nos metêramos nesses negócios e tudo ocorria em virtude de nos levar o ócio a dar rédeas aos nossos desordenados apetites. E me veio também ao espírito que não há nada, por mais dificultoso, que não possa ser sobrepujado com vontade e decisão; era preciso portanto ter paciência, firmeza e caráter, exercitar os meus companheiros num trabalho continuado e Deus não tardaria em proteger tais esforços e dedicação.

Por isso nos transportamos para uma ilha situada a duas léguas mais ou menos da terra firme e aí nos estabelecemos de modo a que,

tências estrangeiras. Os normandos, bretões e picardenses que estiveram no Brasil foram muito hostilizados, o que deu margem a amargas representações da França contra Portugal. *Non sol vuol avere la superiorità, ma non vuol qu'alcun altr'onomo, sia chi si voglia, vada aquelli luoghi*...; — Seleta de Ramusio “Navigazioni de um gran capitano del mare francese, etc.:

“os portugueses querem fechar aos franceses o comércio com o Brasil, a Guiné e a Taprobana. E embora aquêlê povo seja o menor do globo, êste não parece suficientemente grande para satisfazer sua cobiça”

Cf. Thévet. *Cosmographie Universelle* p. 909.

impossibilitados de fugir, ficassem os nossos homens no caminho do dever. E como as mulheres só vinham a nós com seus maridos, a oportunidade de pecar contra a castidade se achava afastada (37). Mas aconteceu que vinte e seis mercenários, incitados pela sua cupidez carnal, contra mim conspiraram, sendo-me entretanto o fato revelado no dia em que eu ia ser trucidado e no próprio momento em que a mim se dirigiam os conspiradores. Evitamos a realização de seus intentos mandando eu ao seu encontro cinco criados armados (38), o que os atemorizou a ponto de se tornar fácil desarmar e prender quatro dos principais chefes, fugindo os outros a se esconder depois de abandonarem as armas. Libertamos um deles de suas correntes, no dia seguinte, afim de que pudesse melhor defender sua causa, mas ao ver-se livre deitou a correr e jogou-se ao mar, afogando-se. Os que restavam, se trouxeram para ser examinados, presos como estavam, e de bom grado declararam sem necessidade de torturas, o que nós já ouvíamos do denunciante. Um deles, tendo sido pouco antes castigado por mim, por ter tido relações com uma prostituta, mostrou-se de muito mau humor e confessou que o comêço da conjuração viera dêle; que aliciara por meio de presentes o pai da prostituta, afim de que a tirasse de meu poder se eu tentasse proibir-lhe a cohabitação com ela. Esse foi enforcado por tal crime; aos outros dois demos perdão, mas de tal sorte que ainda em cadeias lavram a terra; quanto aos demais, não tenho querido informar-me de seus crimes, para me não ver obrigado a fazer rigorosa justiça, se forem conhecidos e averiguados, pois se assim acontecesse ficaríamos sem poder acabar a emprêsa começada. Por isso, dissimulando o meu descontentamento, perdoei a todos e a todos animei, verificando que me não é preciso muito para conhecer pelas ações e travessuras de cada um o que tem no coração. Dest'arte não poupando a qualquer, antes fazendo-os pessoalmente trabalhar, não só trancamos o caminho a seus maus desígnios, mas ainda, dentro de pouco tempo, teremos fortificado tôda a nossa ilha. Todavia, segundo a capacidade do meu espírito, eu não cessava de os admoestar, arredando-os dos vícios e os instruindo na Religião Cristã, bem como mandando rezarem-se prece de manhã e à noite. E com o cumprimento dêsse dever e as devidas cautelas, passamos o resto do ano no maior repouso.

(37) Essa conspirata é relatada pormenorizadamente por Crespin, "*Histoire des Martyrs*", p. 434 e por N. Barré em suas cartas insertas na coleção de Bry (*Americae descriptis*, § 3, p. 285-295).

(38) Eram escosseses da guarda pessoal de Villegagnon.

Ficamos enfim livres de um tal cuidado à chegada de nossos navios, porquê nêles deparei com personagens, de quem nada tenho a temer, e considero segura a minha vida. Com êste meio escolhi 19 de tôda a colônia, aos quais confiei o poder e autoridade de comandar, de modo que de hoje em diante nada se faz que não seja por deliberação do conselho, tanto que se eu ordenasse alguma coisa em prejuízo de algum, essa ordem seria sem efeito e sem valor, se não autorizada e ratificada pelo conselho. Contudo reservei para mim um ponto, o qual é, que dada qualquer sentença, seja-me permitido agraciar ao malfeitor, e possa assim eu ser útil a todos sem prejudicar a ninguém.

Eis aquí os meios pelos quais tenho deliberado conservar e defender o nosso estado e dignidade (38). Nosso Senhor Jesús Cristo queira preservar-vos de todo o mal, e a vossos companheiros; fortificar-vos por seu espírito, e prolongar a vossa vida por tanto tempo quanto necessário à obra de sua Igreja. Eu vos peço que afetuosamente saùdeis de minha parte aos meus caríssimos Irmãos e fiéis Cephás e de la Fleche — E em escrevendo a nossa senhora Mme. Renée de França (39), vos solicitarei saùdá-la muito humildemente de minha parte”.

Encontra-se ainda no final desta carta de Villegagnon um parágrafo de seu próprio punho; entretanto como a êle vou referir-me no sexto capítulo desta narrativa deixo de transcrevê-lo por ora, afim de evitar repetições. Como quer que seja, por êsse relato de Villegagnon verifica-se que, contrariamente às ridículas alegações de Thévet, não fomos autores da sedição ocorrida no forte de Coligny. E, atendendo-se a que aí não estávamos nessa ocasião, é incrível que tal digressão lhe agrade a ponto de, não se contentando com sôbre ela deblaterar ainda se estenda em considerações mentirosas acêrca da fidelidade dos escosseses. Eis o que escreve a êsse respeito: “...fidelidade que também pude observar quando certos fidalgos e soldados que nos acompanhavam nesse país longínquo da França Antártica, por ocasião da sedição contra os franceses normandos de nosso grupo se entenderam com os selvagens brutais e estúpidos, por intermédio de dois régulos afim de que nos matassem a todos em troca dos poucos bens que conosco levávamos. Mas ditos escosseses, vindo a conhecer a intriga, a denunciaram ao sr. de Villegagnon e a mim mesmo e foram castigados os impostores, bem como

(38) Seria êsse modo de expressar-se, de Villegagnon, uma afirmação de protestantismo, como insinuam seus inimigos?

(39) Renée de France, duquesa de Ferrara, filha de Luiz XII e Ana de Bretanha (1510-1576) — Tinha simpatias pelo calvinismo e protegeu Calvino e Marot.

os ministros enviados por Calvino que também participaram da conjura" (40).

E com essa algarávia não sabe mais o sr. Thévet, o que está a dizer. Mistura três fatos, entre os quais um é falso e já o refutei e os dois outros ocorreram em épocas diversas. Por outro lado não é menos errôneo lhe tenham os escosseses revelado a sedição a que se refere, pois êle pertencia (como vimos) aos que Villegagnon censura terem voltado ao Egito (ao papado), donde se pode também deduzir que ao sair de França todos haviam prometido adotar a religião reformada que Villegagnon pretendia instituir no Brasil (41).

Com referência ao terceiro fato, de "alguns revoltosos; companheiros de Richier, terem sido trucidados e seus corpos jogados aos peixes" em absoluto não é êle verdadeiro como o diz Thévet. Ao contrário, como se verá desta narrativa, embora Villegagnon depois de ter abjurado nos tratasse muito mal, não se sentindo bastante forte não somente não mandou matar nenhum de nós, antes da partida de du Pont e Richier com os quais voltei, mas ainda, não lhe sendo possível reter-nos à fôrça, deixou-nos sair do país. É certo que, como se verá igualmente desta narrativa, cinco homens de nossa tropa, após o primeiro naufrágio de que nos vimos ameaçados, oito dias depois de nosso embarque, voltaram à terra num barco e foram inhumana e cruelmente jogados ao mar. Não em virtude de qualquer sedição mas, como o testemunha o livro dos mártires (42) de nossa época, por motivos de ordem religiosa, por ter Villegagnon abjurado.

Erra do mesmo modo Thévet, talvez maliciosamente, ao dizer que eram êles ministros, e comete duplo êrro atribuindo a Calvino o envio de quatro pastores. Em primeiro lugar porquê em nossa Igreja a eleição dos ministros se faz segundo regulamento estabelecido pelos Consistórios constituídos pelos homens bons do povo, e não há ninguém entre nós, como um papa, com poderes absolutos. Quanto ao número, não há notícia de que tenham ido mais de dois nessa época para a América, a saber Richier e Chartier. Todavia replicando Thévet que não lhe interessou observar de mais perto os que se afogaram e estando em nossa companhia deviam ser ministros, lhe direi que assim como na Igreja Católica nem todos são frades, como êle Thévet, na nossa Igreja evan-

(40) Thévet — *Cosmographie universelle* p. 665.

(41) O contrário foi afirmado por Crespin, o.c. p. 445 e se verifica do último cáp. desta obra.

(42) Crespin, *Le Livre des Martyrs*, ps. 455-457.

gética nem todos são ministros. Ademais tendo Thévet confessado (tão honrosamente, ao qualificá-lo de ministro, quanto falsamente, de sedicioso) que Richier deixara realmente o cargo de doutor da Sorbornne, poderia levar a mal que eu aqui não lhe outorgasse outro título senão o de frade, alegro-me com tratá-lo não sòmente de cosmógrafo, mas ainda de cosmógrafo tão universal, que não satisfeito com descrever as coisas notáveis existentes ou não neste mundo ainda as vai procurar na lua afim de completar o livro dos contos da cegonha... (43). Entretanto, como bom francês, zeloso da honra de meu príncipe, isso me desgosta tanto mais quanto, vestindo-se com o título de cosmógrafo do Rei além do dinheiro mal empregado que obtém ainda se valha do patrocínio real para publicar bobagens e ingenuidades indignas sequer de uma simples missiva. Mas para que soem tôdas as cordas em que buliu, embora estime eu que não mereçam resposta, afim de mostrar que julga os outros por si próprio e de acôrdo com as regras da confraria de S. Francisco a que pertence e cujos irmãos menores enfiam o que podem nos seus sacos, devolverei ao seu jardim as pedras jogadas por êle ao nosso e desvendarei algumas de suas canalhices. Assim é que afirmou que “os prègadores”, como diz (44), ao chegarem à América não pensaram senão em enriquecer, de qualquer modo, o que constitue uma fábula (como as do Alcorão dos franciscanos) lançadas levianamente e de má fé contra os que êle nunca viu nem no Brasil nem alhures.

Para combatê-lo com suas próprias armas, perguntarei como, tendo escrito nas “Singularidades” que “ficou apenas três dias em Cabo Frio”, afirmou mais tarde em sua *Cosmografia* aí ter permanecido “alguns meses”? (45) Se ainda houvesse escrito “um mês” e tentasse fazer crer que os dias nessa região duram mais de uma semana, talvez lhe desse crédito quem o desejasse; mas estender uma estada de três dias a alguns meses, sem correção, seria transformar dias em meses o que nos parece estranho por serem, exatamente na zona tórrida e nos trópicos mais iguais os dias do que em nosso clima.

(43) *Trocadilho com o nome da Sra. de Sigogne, e que se explica por esta nota de Gaffarel*: Ver Leroux de Lincy. *Proverbes français*. T. II p. 65: “A senhora de Sigogne, dama de honra de Catarina de Medicis, tinha tanto espírito e contava tão elegantemente que a consideravam uma das pessoas mais agradáveis da Còrte. Para sustentar sua reputação, não se limitava a contar, mas inventava ainda, muitas vèzes. Daí a expressão de “*Contos da Sigogne*” (T.).

(44) Thévet — *Cosmographie Universelle*. p. 909.

(45) Idem — *Singularités de la France Antarctique*, p. 45. — E *Cosmographie Universelle*, p. 915.

No intuito de ofuscar os que lhes lêem as obras, discorre longa e verbosamente sôbre tudo o que diz ter visto, ouvido e observado pessoalmente acêrca dos costumes dessa multidão de povos selvagens que habitam essa quarta parte do mundo, e afirma que percorreu tôdas as regiões da Índia Ocidental (46), o que nem durante a vida de dez homens seria possível. Ora já mostrei acima, e de acôrdo com o seu próprio testemunho, que permaneceu apenas cêrca de seis semanas na América, isto é, desde 10 de novembro de 1555 até 31 de janeiro do ano seguinte. E durante êsse tempo, conforme o que me foi relatado pelos que o viram aí, aguardou que os navios com os quais devia voltar tivessem carregado não saindo sequer da ilha deserta onde se fortificara Villegagnon. E, em verdade, não só por causa dos desertos e terras inacessíveis mas ainda pelo temor dos Margaiá (47) que são nossos inimigos declarados e cuja região não se acha muito afastada do lugar em que nos encontrávamos, nunca houve francês que se vangloriasse de ter penetrado quarenta léguas no interior, embora alguns já aí vivessem há nove ou dez anos. Não me refiro naturalmente às navegações pelas costas. Entretanto Thévet diz ter (48) caminhado “sessenta léguas e mais entre os selvagens, andando dia e noite nas florestas espêssas, sem deparar com animal algum que lhe procurasse fazer mal” (49). E isso será de crer-se sem dificuldade, e também que nem espinhos nem rochedos lhe machucassem as mãos e o rosto ou lhe ferissem os pés...

(46) Thévet conta realmente suas viagens ao Rio da Prata e outras, mas terá Léry argumentos para negá-las?

(47) Em vários passos da obra de Léry há referências aos *Margaiás* (Ed. Gaffarel, t. I, 74 e 84; t. II, 45 e 130). Segundo se induz de suas próprias palavras, êsses índios viviam nas proximidades do Espírito Santo, na zona, portanto, de predomínio dos Tupiniquins. Aliados aos portugueses, eram naturalmente inimigos dos franceses e de outras facções tupinambás. Estudos recentes demonstram que os *Margaiás* devem ser considerados como pertencentes a um dos muitos grupos tupiniquins, sendo possivelmente os mesmos chamados por Nóbrega e outros cronistas “Gentio do Gato”. As variantes do designativo são muitas: *Margaiá*, *Maragaiá*, *Maragajá*, *Marakajá*, *Markaiá*, *Marguiá*, *Markayá*, etc. Métraux, A. (*La Civilisation Matérielle des Tribus Tupi-guarani* Paris, 1928), considera essas denominações, e *Tuaiá*, como sinônimas de Tupiniquim. Hans Staden (*Viagem ao Brasil*, Ed. Academia de Letras, Rio, 1930) refere-se também aos *Markayá* e dêles diz: “chegando perto das cabanas ouvi um grande rumor de canto e trombetas e diante das cabanas havia umas quinze cabeças espetadas; eram de gente inimiga, chamada *Markayá*” (P. A.).

(48) Thévet. *Cosmographie Universelle*, p. 921.

(49) Idem. Idem.

Mas quem não estranhará ao ler algures que “compreendeu melhor os costumes dos selvagens depois de lhes ter aprendido a língua” (50), do que apresenta bem fracas provas, a ponto de ignorar a significação do vocábulo *Pa*, que quer dizer *sim* e êle confunde com *você também* (51). De modo que, como mostrarei adiante, segundo o bom e sólido juízo de Thévet, teria havido nesse país fumeiro para secar as carnes já antes da invenção do fogo. E quanto ao fato de ter aprendido a língua dos selvagens submeto a sua pretensão à prova dessa ignorância de uma palavra essencial de uma única sílaba. Não deixa tudo isso de ser risível. Portanto confiem os leitores em tudo o que Thévet confusamente escreve, no vigéssimo primeiro livro de sua *Cosmografia*, acêrca da língua dos americanos e verifiquem os absurdos que diz a respeito de *Mair momen* e *Mair pochi* (52).

Que diremos ainda de sua atitude em relação aos que chamam essa terra da América de Índia Ocidental (53)? Insiste êle em que seja o nome do país França Antártica, que afirma ter sido o primeiro a lhe dar e entende dever permanecer, embora atribua alhures a denominação aos franceses que chegaram com Villegagnon e êle próprio a batiza não raro de Índia Americana. E diante das censuras, correções e refutações que faz às obras dos outros, ainda que não consiga estar de acôrdo consigo mesmo, parece que os demais foram cegos e só êle pôde tudo ver pelo buraco de seu chapéu de franciscano! E tenho a convicção de que ao ler esta minha narrativa, se coincidir ela tratar de quaisquer assuntos a que êle também se refira, não deixará de proclamar, firmado na sua vaidade, ter-lhe eu plagiado os escritos. Com efeito, se Belleforest (54) que não sòmente é cosmógrafo como êle próprio mas ainda lhe corôou a obra com uma bela ode elogiosa, não escapou à crítica de Thévet, o qual o chamou, talvez por inadvertência, de pobre filósofo,

(50) Idem, p. 916.

(51) Léry procura, evidentemente, armar efeito à custa do sentido da expressão *pa*. *Pa*, como advérbio afirmativo corresponde a *sim*, *já*, mas pode, por *opá* equivaler a *tudo*, *todos*, *tudo*, etc. Ao dizer-se *você também*, claro está que se incluem outras pessoas, senão tôdas, e assim *pa* ou *opá* dizem: *tudo*, *todos*. Na Conquista Espiritual, de Montoya (Anais da Biblioteca Nacional, t. VI) lê-se: *peikó pa tábape?*, estais vós *todos* na aldeia? (P. A.).

(53) Singularités de la France Antarctique, § 27.

(54) François de Belleforest, nascido em Sarzan em 1530 e falecido em Paris a 1.º de janeiro de 1583. Escreveu uma cosmografia que não passa de um resumo da cosmografia de Seb. Munster. Sua melhor obra é a *Histoire de neuf rois de France qui ont porté le nom de Charler*, (1568).



"KUÑAMBEBA" SEGUNDO A "COSMOGRAPHIE UNIVERSALLE" DE
THEVET

pobre dramaturgo, etc., pois não pode suportar que ninguém, mesmo com idéias idênticas às suas a respeito dos huguenotes, lhe faça sombra, que deverei eu esperar, eu que ousei com minha pobre pena provocar um tal colosso? Vejo-o daqui, tal um Golias, a fulminar-me e, verificando que lhe descobrí as trapaças, contra mim dirigir os próprios cânones (55) do Papa. Mas para me combater deveria fazer ressuscitar *Quoniam begue*, (56) com suas duas peças de artilharia sôbre os ombros nus, como ridiculamente o pintou em sua *Cosmografia* (imaginando que acreditassem que êsse selvagem, sem temer o recuo das peças, assim pudesse atirar); pois, além da carga que ao rechaçá-lo aqui lhe fiz de passagem, vou assaltá-lo tão fortemente que lhe desmantelarei e reduzi-rei a zero essa soberba "Ville Henry" por êle fanáticamente construída no ar, na América (57). Mas enquanto procedo ao trabalho de aproximação e (como já se acha avisado) êle se prepara para sustentar o combate ou render-se, pedirei aos leitores que, lembrando-se do que afirmei acima, a saber terem sido as calúnias de Thévet a causa, em grande parte, da publicação desta narrativa, me desculpem alongar-me demasiado neste prefácio ao desmascarar o impostor com suas próprias obras. Não insistirei portanto, embora me tenham avisado de que, após a primeira edição dêste escrito, andou Thévet à procura de documentos e memórias (58), para responder, o que alguns, que se dizem de nossa

(55) Trocadilho com canhões do papa. Em francês *canon* com ambos os sentidos. (T.). V. *Cosmographie Universelle* — prancha p. 955.

(56) *Quonian begue*, ou *Konian-Bebe*, como ocorre também em Léry, foi o famoso chefe indígena que, ao tempo de Thévet, gozou de grande prestígio entre as tribus localizadas desde Cabo Frio até Bertioga. O autor da "Cosmographie" fêz dêsse chefe uma verdadeira figura de lenda, pintando-o como gigante ferocíssimo, capaz de atacar seus inimigos com peças de artilharia, que carregava sôbre os seus ombros. O retrato do famoso índio, que aparece na obra de Thévet, foi reproduzido pela Rev. do Inst. Hist. Brasileiro (vol. 13, 1.^a ed. 1850) e, recentemente, pela História Geral do Brasil, de Varnhagen. (3.^a ed. S. Paulo, 1.^o vol., 354).

Hans Staden escreve *Konyan-bébe*; Thévet dá *Guoniambec*; Simão de Vasconcelos e outros cronistas anotam *Cunhambébe*. Segundo Sampaio deve ser *Kuñã-béba*, isto é, *Kū-ñā-béba* ou língua que corre rasteira, em alusão talvez ao seu modo peculiar de falar, arrastado ou gaguejante. Houve mais de um *Kuñambéba*, lembra Capistrano de Abreu; o de que fala Anchieta nada tem com o de Thévet. Êste morreu de peste, logo depois da chegada de Villegagnon. Tinha em sua aldeia seis canhões tomados a duas caravelas, e a vestimenta e a cruz de um cavaleiro de Cristo, que com muito fundamento Rio Branco julga pertencentes a Rui Pinto. (*Le Brésil en 1889, Paris 1889.*) Cf. Capistrano de Abreu, in *História Geral do Brasil*, cit. 355. (P.A.).

(57) *Cosmographie Universelle* — Cap XII, prancha p. 908.

(58) Estas memórias existem, pelo menos em parte, na "Histoire manuscrite des Indes australes e occidentales", de Thévet.

religião, tentaram fornecer-lhe, revelando, se o fizeram realmente, suas verdadeiras tendências. Afinal, nunca tendo visto Thévet, como já disse, nem tido nenhum desentendimento pessoal com êle, a contradita que lhe oponho aquí visa apenas repelir as ofensas que fêz ao Evangelho e aos que, em nosso tempo, foram os primeiros a propagá-lo no Brasil.

E isto servirá também de resposta ao apóstata Mateus de Launay, o qual em seu segundo livro, melhor revelando sua apostasia, foi suficientemente imprudente para escrever que, embora não se tratasse da Religião, não deixaram os ministros de atacar os escritos dos melhores autores de nossa época entre os quais coloca Thévet; ora êste foi por mim refutado quando direta e formalmente se achava ligado à religião reformada e aos seus adeptos. Mas que êsse insolente de Launay, que me chama de biltre (afirmando conhecer-me muito bem, no que mente com descaramento pois nunca nos vimos sequer), abandonando como o está fazendo a fonte viva de Jesús Cristo para voltar a beber as águas estagnadas do papado e mendigar em sua cozinha, cuide tão sòmente de não as defender a ponto de se escaldar. E como conclusão a êste propósito: que Thévet responda, se tem vontade, dizendo se o que afirmei a seu respeito é verdadeiro ou não. Pois aí está o ponto nevrálgico e não deve êle como os maus advogados desviar-se do assunto pela preocupação de indagar quem eu sou, embora, com a graça de Deus, ande eu por tôda a parte de cabeça erguida e muito mais desembaraçadamente do que êle, por maior cosmógrafo que seja. E asseguro-lhe que se não disser a verdade, saberei opor-lhe argumentos tão pertinentes que com seus próprios trabalhos mostrarei a todos o que valem, sem necessidade de uma travessia até a América.

Peço igualmente, desde já, que não se escandalizem com o fato de narrar nesta história, como se desejara ressuscitar os mortos (59), os erros de Villegagnon na América durante a nossa estada no país; pois além de pertencer isso ao assunto que me propús tratar, ou seja o de mostrar porquê fizemos a viagem, não disse tudo o que dissera se êle ainda vivesse (60).

Cheguemos agora aos nossos assuntos e vejamos em primeiro lugar o da religião que é um dos pontos principais que eu devo observar entre

(59) Villegagnon faleceu em Beauvais, perto de Nemours, a 9 de Janeiro de 1571 (Cf. Mémoires de Claude Haton, ed. Bourquelot).

(60) Tais escrúpulos honram Léry. Seus correligionários, porém, não haviam aguardado a morte de Villegagnon para injuriá-lo em seus panfletos. E o próprio Léry o fizera na sua narrativa das perseguições no Brasil, que se encontra na obra de Crespín.

os homens (61). Não obstante declarar pormenorizadamente no capítulo XVI qual a religião dos Tupinambás, deparo de início com uma dificuldade que não me canso de admirar e, embora não me caiba esclarecê-la como fôra desejável, não deixarei de mencioná-la desde já. Direi pois que a-pesar-de, os que melhor e mais sensatamente falaram a respeito, não só terem dito mas observado que ser homem implica no sentimento de uma fôrça superior, e ainda que todos se acham tão presos uns aos outros que, qualquer que seja a maneira de servir a Deus, todos têm uma religião, certa ou errada, não se pode dissimular, para compreender de que lado se coloca naturalmente o homem, que há muito de verdade nos versos do poeta latino (62):

“Que l'appetit bouillant en l'homme

“Est son principal Dieu en somme (63).

E para se verificar, por um exemplo, tal testemunho entre os selvagens da América, devemos ter em vista que não lhes pode negar, em que pese sua qualidade de homens naturais, uma inclinação comum para a compreensão de alguma coisa superior a todos, da qual dependem o bem e o mal. Donde as honras que prestam aos que chamam de *Caraíbas* (64) e de quem imaginam lhe provenham em certas épocas felicidade ou desgraça. Mas quanto ao fim que constitue seu maior ponto de honra e é, como o mostrarei ao referir-me às suas guerras, e alhures, a perseguição do inimigo, e a vingança, o que reputam grande glória não só na vida presente como na futura (tal qual os romanos antigos), ver-se-á, nesta narrativa, que com referência à Religião, tal como a entendem os outros povos, é possível afirmar abertamente que êsses pobres selvagens não têm nenhuma e vivem sem Deus. Cabe-lhes porém a circunstância atenuante de, confessando sua infelicidade e ce-

(61) Aquí começa o prefácio da edição latina de Bry.

(62) Virgílio — *Eneida IX*.

(63) Os apetites que fervem dentro do homem são, em suma, seu principal Deus (T.).

(64) A palavra *Caraíba* (*Caraibe*, *Caribe*, *Caraive*, etc.) conquanto seja designativa dos primitivos habitantes das pequenas Antilhas, foi usado nas zonas de domínio dos tupí-guaranis da América do Sul para indicar o branco colonizador, o europeu, o batizado, em oposição a *abá* ou *avá*, que lembra o aborígene. Montoya registra o termo com os sentidos de astuto, hábil, entendido, dizendo ainda: “vocablo con que honráron a sus hechizeros universalmente, y assi lo aplicáron a los españoles y mui impropriamente al hombre Christiano y cosas benditas” (P.A.).

gueira (embora não o façam num intuito de redenção), não procurarem parecer diferentes do que são na realidade.

Em relação aos demais assuntos, bem dizem do que são os sumários dos capítulos e entre estes o do primeiro já revela a causa de nossa viagem. Por outro lado, de acôrdo com o que prometi na primeira edição, além das cinco figuras de selvagens, outras foram acrescentadas para o prazer dos leitores e se não ajuntei mais foi em vista das despesas que acêrca de tal acréscimo alegava o editor.

Não ignorando tão pouco que aos velhos e aos viajantes se costuma jogar a pecha de mentirosos, direi que detesto a mentira, mas em se encontrando alguém que não queira dar crédito a muitas coisas, não raro estranhas, que se lêem nesta história, não o levarei ainda assim ao Brasil para verificá-las. Do mesmo modo não me preocupam aquêles que duvidam de minha descrição do cêrco de Sancerre, o qual no entanto posso assegurar ter sido bem mais difícil do que a minha travessia de volta para a França nesta viagem. Mas se êsses a que aludo não derem crédito àquilo que, do conhecimento de mais de quinhentas pessoas ainda vivas, foi praticado no coração dêste reino de França, como haverão de crer nisso que só pode ser visto cêrca de duas mil léguas de distância e que comporta tantas coisas incríveis, jamais ainda referidas nos antigos, e que só a experiência pode entender? E, em verdade, depois de minha viagem à América, a qual, pelo que aí se vê (costumes dos habitantes, formas dos animais e produtos da terra em geral, tão diferentes dos da Europa) pode ser chamada Novo Mundo, devo confessar que, embora não aceitando como verdadeiras as fábulas encontradiças em vários autores, reconsiderarei minha opinião antiga acêrca do que escreveram Plínio e outros mais sôbre os países exóticos, pois vi coisas tão prodigiosas quanto tantas outras tidas por impossíveis, de que fazem menção.

Quanto ao estilo e à língua, bem sei que na opinião de muitos não terei as frases nem os têrmos suficientemente adequados (65) à descrição da arte da navegação ou às demais coisas por mim ventiladas. Os franceses, principalmente, não os acharão de seu gôsto, pois, amantes que são das flores de retórica, só apreciam escritos em língua nova e poética. Menos ainda me será possível satisfazer os que julgam inúteis ou estêreis os livros que não se enriquecem de exemplos alheios e de citações, pois embora pudesse ter citado inúmeros autores, à exceção das referências

(65) Léry é modesto, pois seu estilo preciso, pitoresco e não raro brilhante lembra o de Montaigne.

feitas ao historiador das Índias Ocidentais (66) (porquê escreveu várias coisas acêrca dos índios do Perú, semelhantes às que referí dos selvagens da América) muito raramente recorri aos outros. Mas, a meu ver, além de uma história que não se enfeita com as penas de outrem ser de mais fácil entendimento para os leitores, já ela se mostra bastante rica, bem alimentada por seu próprio assunto. Aliás, pergunto eu aos que lêem as histórias diàriamente impressas, de guerras ou outras, com exemplificações alheias, embora adaptadas ao assunto, se não as aborrecem. E se alguém alegar ter eu ao refutar aqui ao sr. Thévet cometido iguais erros e se me condenarem por usar da primeira pessoa ao descrever os costumes dos selvagens, responderei que se trata de coisas científicas, de experiências, de coisas que talvez ninguém tenha ainda tratado (67), não com referência não só à América em geral mas ainda ao

(66) Gomara. *Historia general de las Indias, con la conquista del Mejico y de la nueva España*. A-miúde citado por Léry, o que, diga-se de passagem, prova que sabia o espanhol, pois a edição francesa da obra de Gomara só apareceu em 1606.

(67) Hans Staden já havia publicado sua narrativa de viagem em 1557, mas Léry podia não conhecê-la por ter aparecido primeiramente em alemão. Idêntica observação deve ser feita a respeito da "História verídica de uma viagem curiosa, de Ulrich Schmidel von Straubing, cuja primeira edição apareceu em Nuremberg em 1558; a ela se refere Léry na edição de 1594. Foi somente em 1586 que Léry teve conhecimento da "*Histoire d'un pays situé dans le Nouveau Monde, nommé Amérique*", de Hans Staden. Comprova-o uma carta muito curiosa citada por Ternaux Compans na sua "*Collection de voyages, relations et mémoires originaux pour servir à l'histoire de la decouverte de l'Amérique*". Reproduzimos aqui essa carta porquê ela completa o prefácio do autor: "...é mister que acrescente aqui, para satisfação dos leitores e confirmação de tudo o que referí nessa narrativa, que me encontrei em Basel, na Suíça, no mês de março de 1586, com o dr. Felix Plateros, personagem notável pelo seu saber e amador de preciosidades com que encheu a sua residência. Muito bem recebido em sua casa, uma das mais belas da cidade, conversamos longamente sôbre a minha narrativa de viagem à América, que êle possuía em sua biblioteca, e êle me afirmou que a tendo conferido com a obra de Hans Staden, um alemão que por lá esteve também muitos anos, verificou que concordávamos na descrição dos costumes dos selvagens americanos. Emprestou-me êsse cavalheiro o livro de Hans Staden, impresso em alemão, com a condição de devolvê-lo, o que fiz após que o sr. Teodoro Turquet, de Mayenne, conhecedor da língua (como de muitas outras ciências), o traduziu em grande parte, pelo menos quanto ao que lhe pareceu essencial. Li-o assim com grande prazer, pois êsse Hans Staden, que esteve nesse país durante cêrca de oito anos, em duas viagens que fêz, foi feito prisioneiro pelos Tubinambás e ameaçado de ser devorado várias vêzes por aquêles mesmos que conheci pessoalmente nas cercanias do rio de Janeiro e que eram nossos aliados e inimigos dos portugueses, com os quais se achava Staden ao ser prêso. E muito contente fiquei ao verificar que a tudo se referiu como eu o fiz, oito anos antes de conhecer a sua obra, e que a tal ponto coincidia o que escrevemos ambos tanto acêrca

lugar em que residí durante quase um ano, sob o trópico de Capricórnio entre os selvagens Tupinambás. Finalmente, assegurando aos que preferem a verdade dita simplesmente à mentira bem vestida que aqui encontrarão não só fatos verdadeiros mas ainda dignos, muitos dêles de admiração, pedirei ao Senhor, autor e conservador de todo o universo, que faça com que esta pequena obra alcance bom êxito para a glória de seu Santo Nome. Amém.

dos selvagens do Brasil como das coisas vistas no mar, que parecia têrmo-nos concertado para fazer as nossas narrativas. Portanto essa obra de Hans Staden, que ainda não foi traduzida para o latim e bem o merece ser para o francês, o que eu me proponho fazer de bom grado em relação aos trechos que já conheço, enriquecendo-os com outras coisas notáveis, é digna de ser lida por todos os que desejem saber como são na verdade os costumes dos brasileiros. Ademais será êsse livro um testemunho de que Thévet não passa de um mentiroso superlativamente atrevido, tanto com referência ao que publicou em sua "Cosmographie Universelle" e outras obras sôbre a América, quanto, mais particularmente acêrca de Quoniam begue, de quem foi Staden prisioneiro longo tempo e contra quem esteve em guerra, pois a seu respeito embora o descreva como muito cruel e deshumano para com todos os seus inimigos e como um homem muito forte, não só não alude a um gigante, como não diz que carregasse canhões aos ombros nus para com êles fazer fogo contra os adversários, como confusamente o afirmou Thévet em sua "Cosmographie", retratando-o também.

CAPÍTULO I (68)

DO MOTIVO QUE NOS LEVOU A EMPREENDER ESTA LONGÍNQUA VIAGEM À TERRA DO BRASIL NA OCASIÃO EM QUE A FIZEMOS

Como alguns cosmógrafos e historiadores do nosso tempo (69) já escreveram acêrca das dimensões, formosura e fertilidade desta quarta parte do mundo, chamada América ou terra do Brasil, bem como a respeito das ilhas e terras adjacentes, inteiramente desconhecidas dos antigos, e das várias navegações que para aí se fizeram nestes primeiros oitenta anos decorridos desde o seu descobrimento, não me deterei nessas generalidades; minha intenção e meu objetivo serão apenas contar o que pratiquei, vi, ouvi e observei, quer no mar, na ida e na volta, quer entre os selvagens americanos com os quais convivi durante mais ou menos um ano. E afim de que tudo se torne bem compreensível a todos, a começar pelo motivo que nos levou a empreender tão penosa e longínqua viagem, direi em poucas palavras como se originou ela.

Em 1555, um senhor Villegagnon (70), cavaleiro da Ordem de Malta, também conhecida por Ordem de São João de Jerusalém, desgostoso da França e também da Bretanha (71) onde residia então, manifestou a

(68) Este capítulo é resumido em 13 linhas apenas na edição latina de Bry.

(69) Ver Harrisse. *Biblioteca americana vetustissima. A description of works relating to America published between the years 1492 and 1551* — New York 1866. Ver também o volume suplementar. Paris 1872.

(70) Compare-se êste trecho com a "*Persécution des fidèles en la terre d'Amérique*", editada por Crespin, mas redigida por Léry.

(71) Villegagnon achava-se nessa época em Brest, na qualidade de vice-almirante de Bretanha. Conta Crespin que "tendo divergido do capitão do Castelo de Brest acêrca das fortificações, a divergência engendrou o ressentimento e o ódio mortal entre ambos, levando-se a procurar hostilizarem-se continuamente. Sua querela chegou aos ouvidos do rei Henrique II que era mais simpático ao capitão..."

vários personagens notáveis do reino o desejo, que de há muito alimentava, não só de retirar-se para um país longínquo onde pudesse livremente servir a Deus de acôrdo com o evangelho reformado, mas ainda preparar um refúgio para todos os que desejassem fugir às perseguições (72), que de fato eram tão terríveis nessa época que muitas pessoas de todos os sexos e condições viam por tôda a parte seus bens confiscados por motivos religiosos e eram, mesmo, não raro queimadas vivas em obediência a editos dos reis e decisões do Parlamento. Dizia ainda Villegagnon (73) aos que o rodeavam, e o escrevia a seus conhecidos, que ouvira falar tão elogiosamente da beleza e da fertilidade dessa parte da América, chamada Brasil, que de bom grado para aí faria vela, afim de alcançar os seus desígnios. E dêsse modo, e com tais pretextos, conseguiu a boa vontade de alguns fidalgos adeptos da religião reformada e que, dotados dos sentimentos que Villegagnon demonstrava, desejavam encontrar semelhante retiro. Entre estes figurava o finado senhor Gaspar de Coligny (74), de feliz memória, almirante de França que, bem visto e acatado do rei Henrique II, então reinante, representou que se Villegagnon fizesse a viagem poderia descobrir muitas riquezas e outras coisas de proveito para o rei. Em vista disso mandou o soberano que lhe dessem dois bons navios aparelhados e providos de artilharia, além de dez mil francos para as despesas da viagem.

Assim, antes de partir de França, Villegagnon prometeu a alguns honrados personagens que o acompanharam, fundar um puro serviço de Deus no lugar em que se estabelecesse. E depois de aliciar os marinheiros e artesãos necessários, partiu em Maio de 1555, chegando ao Brasil em Novembro, após muitas tormentas e toda a espécie de dificuldades (75).

Aí aportando, desembarcou e tratou imediatamente de alojar-se em um rochedo (76) na embocadura de um braço de mar ou rio de água

(72) Crespin. Idem: "... Fêz-se benquisto dos que o podiam auxiliar a levar a bom têrmo a sua emprêsa, assegurando-lhes que tinha um sincero e profundo desejo de procurar um asilo para os que sofriam em França em defesa do Evangelho."

(73) Ver *Mémoires* de Claude Haton. Ed. Bourquelot, p. 36.

(74) Tessier. *L'Amiral de Coligny*, p. 58. Crespin, id.: "Aquêles a quem se dirigiu acreditaram sem dificuldade em suas palavras e louvaram-lhe a emprêsa digna antes de um príncipe que de um simples fidalgo. E prometeram-lhe todo o seu apoio junto ao Rei para obtenção do que fôsse necessário à viagem".

(75) Ver coleção de Bry. T. III, pgs. 285-295. *Exemplar duarum litterarum quibus breviter explicatur navigatio N. Villegagnonis*. Crespin. *Histoire des Martyrs*.

(76) Ilha dos Ratos. — Hoje Ilha Fiscal (T.).

POLYPHEMVS:
 Ipse Iouem & calum sperno, & penetrabile fulmen.



ALEGORIA PUBLICADA NA "APOLOGIE" DE PIERRE AICHER
 REPRESENTANDO VILLEGAGNON COMO O CICLOPE POLIFEMO

salgada a que os índigenas chamavam Guanabara e que (como o descreverei oportunamente) fica a 23° abaixo do Equador, quase à altura do trópico de Capricórnio. Mas o mar daí o expulsou. Constrangido a retirar-se avançou quase uma légua em busca de terra e acabou por acomodar-se numa ilha antes deserta, onde, depois de desembarcar sua artilharia e demais bagagens, iniciou a construção de um forte afim de garantir-se tanto contra os selvagens como contra os portugueses que viajam para o Brasil e aí já possuem inúmeras fortalezas (77).

Sempre a fingir zelo cristão e procurando persuadir com empenho a sua gente, ao serem seus navios carregados de regresso à França, escreveu e mandou por um deles um emissário a Genebra requisitar ministros religiosos para o ajudarem e socorrerem na medida do possível nessa sua tão santa empresa. Mas, principalmente, para prosseguir com diligência na obra que empreendera e desejava levar avante com todas as suas forças, pedia que lhe enviassem, não só ministros mas também algumas outras pessoas bem instruídas na religião cristã afim de melhor reformar a si a aos seus e mesmo abrir aos selvagens o caminho da salvação.

Ao receber as suas cartas e ouvir as notícias trazidas, a igreja de Genebra rendeu antes de mais nada graças ao Eterno pela dilatação do reino de Jesús Cristo em país tão longínquo, em terra estranha e entre um povo que ignorava inteiramente o verdadeiro Deus. Em seguida, atendendo aos pedidos de Villegagnon, o finado senhor almirante, a quem também se escrevera para o mesmo efeito, solicitou por carta a Felipe de Corguilleray (78), senhor Du Pont (que se havia retirado para perto de Genebra e fôra seu vizinho em França, em Chatillon Sur Loing) que empreendesse a viagem afim de conduzir os que desejassem encaminhar-se para essa terra do Brasil. A mesma solicitação foi feita também pela igreja e seus ministros de Genebra e embora já fôsse velho e se sentisse alquebrado, o senhor Du Pont, animado pelo grande desejo que tinha de empregar-se em tão bela obra, acedeu em fazer o que lhe era requerido,

(77) Cf. Gandavo, Hans Staden e U. Schmidel. *passim*. — Thévet, *Cosmographie Universalle*, p. 964 *** Melhor fôra dizer feitorias (T.).

(78) Ver Haag, *France Protestante*, artigo sobre Du Pont de Corguilleray. Era amigo pessoal de Coligny, de quem foi vizinho em Châtillon-sur-Loing. Partiu para o Brasil a instâncias do almirante. Segundo Crespín, *Histoire des Martyrs*, "o comando dessa expedição foi entregue a Felipe de Corguilleray, dito Du Pont, fidalgo de boa reputação, o qual embora sua idade e seus interesses não lhe aconselhassem a viagem, não se recusou a fazê-la. Nem o amor aos filhos nem os seus negócios o impediram de aceitar o encargo que lhe confiara seu senhor."

abandonando todos os seus outros negócios, para ir tão longe, e deixando mesmo seus filhos e sua família.

Feito isto tratou-se de encontrar ministros da palavra de Deus. E, depois de sondados por Du Pont e seus amigos, alguns bacharéis que então estudavam teologia em Genebra, os ministros Pedro Richier (74), com cinquenta anos já então, e Guilherme Chartier, prometeram-lhe que caso a igreja os considerasse aptos para a missão (80) estavam dispostos a seguir. Assim, após ter sido apresentados aos ministros de Genebra, que os ouviram sôbre certos trechos das Santas Escrituras e os exortaram acêrca de seus deveres, aceitaram êles transpor o mar com o senhor Du Pont afim de juntar-se a Villegagnon para anunciarem o evangelho na América.

Restava ainda reùnirem-se outros personagens instruídos nos principais pontos da fé, bem como artesãos práticos nos seus ofícios como o solicitava Villegagnon (81). E para que ninguém se iludisse acêrca do longo e fastidioso trajeto que cumpria percorrer, quase cento e cinquenta léguas por terra e mais de duas mil por mar, advertiu Du Pont que, em chegando a essa terra da América, seria necessário contentarem-se com certa farinha feita de raízes em lugar de pão; que não teriam vinho, nem notícias dêle pois não havia aí parreiras e finalmente que no novo mundo (conforme informava Villegagnon) far-se-ia mister levar uma vida em tudo e por tudo diferente da da nossa Europa. Com isso todos aquêles que se compraziam de preferência na teoria dessas coisas e aos quais não apetecia mudar de ares nem suportar as ondas e o calor da zona tórrida, nem ver o Polo Antártico, se recusaram a se alistar e embarcar em tal viagem.

Entretanto depois de muitos convites e solicitações, alguns, mais corajosos parece, se apresentaram para acompanhar Du Pont, Pedro Richier e Guilherme Chartier. Foram êsses: Pedro Bourdon, Mateus Verneuil, João de Bordel, André Lafon, Nicolau Denis, João Gardien,

(79) P. Richer ou Richier, ex-carmelita e doutor em teologia; converteu-se ao calvinismo, encontrando refúgio em Genebra. Enviado ao Brasil em 1556, e voltou para a Europa em 1559, e morreu em La Rochelle em 8 de março de 1580. Publicou: 1) — *Livri duo apologetici contra N. Durandum, qui se cognoninat Villegagnonem* (1561); 2) *Réfutation des folles rêveries et mensonges de N. Durand, dit le chevalier de Villegagnon* (1562); 3) *Bref sommaire des traditions de Calvin*.

(80) Segundo Crespín "eram ambos considerados de sã e sólida doutrina, de vida simples e boa conversação."

(81) Trata-se da carta de Villegagnon a Calvino, incluída no prefácio.

Martin David, Nicolau Raviquet, Nicolau Carneau, Jaques Rousseau e eu, João de Léry que tanto pela vontade de Deus como por curiosidade de ver o mundo fiz parte da comitiva (82). E assim, em número de catorze, partimos da cidade de Genebra aos 16 de Setembro do ano de 1556.

Partimos e passamos por Chatillon-Sur-Loing onde o senhor almirante não só nos encorajou mais uma vez a prosseguir na nossa empresa, mas ainda prometeu coadjuvar-nos com a marinha e, argumentando, deu-nos a esperança de que Deus nos concederia a graça de colher o fruto de nosso trabalho. Seguimos daí para París, onde, durante o mês em que aí permanecemos alguns fidalgos (83) e outras pessoas informadas do motivo de nossa viagem se reuniram à nossa comitiva. De París passamos a Rouen e dirigimo-nos para Honfleur, pôrto de mar na Normândia, que nos fôra assinado. Alí fizemos os nossos preparativos e aguardamos durante quase um mês que se aprestassem os navios para a partida.

(82) Bourdon, Verneuil, Lafon e Du Bordel destinavam-se a trágicas aventuras. Ver o último capítulo de Léry e principalmente Crespín, "*Histoire des Martyrs*", p. 451-457.

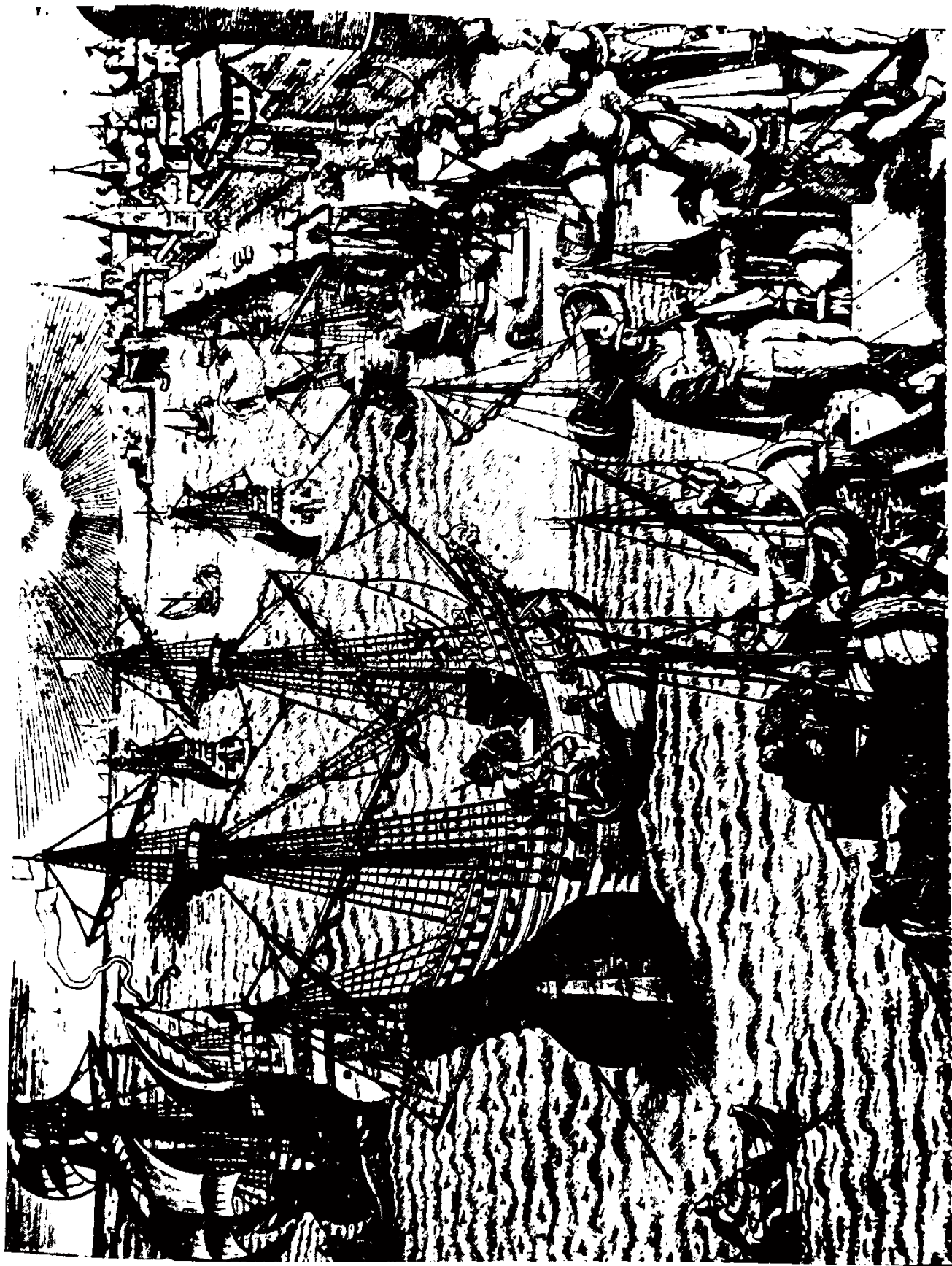
(83) Êsses fidalgos, que não são nomeados na obra de Léry, talvez fôsem os senhores de La Chapelle e de Boissy, a que se refere no cap. XXI, mas sem dizer que seguiam com os genebrinos.

CAPÍTULO II

DO EMBARQUE NO PORTO DE HONFLEUR, NA NORMÂNDIA, DAS TORMENTAS, ENCONTROS, ABORDAGENS DE NAVIOS, PRIMEIRAS TERRAS E ILHAS QUE DESCOBRIMOS

Depois de ter o senhor de Bois Le Comte, sobrinho de Villegagnon, que nos esperava em Honfleur, mandado aparelhar em guerra, à custa do rei, três excelentes navios, com víveres e outras coisas necessárias à viagem, embarcámos a 19 de Novembro. Le Comte, que foi eleito nosso vice-almirante, ia a bordo do Petite Roberge com cêrca de oitenta pessoas entre soldados e marujos. Embarquei noutro navio chamado Grande Roberge no qual éramos ao todo cento e vinte pessoas, tendo por capitão o senhor de Santa Maria, apelidado Espine e por mestre um tal João Humbert, de Honfleur, bom pilôto e experimentado na arte da navegação como o demonstrou satisfatòriamente. No terceiro barco que se chamava Rosée, por causa do nome de quem o comandava, iam quase noventa pessoas, inclusive seis meninos, que levávamos para que aprendessem a língua dos selvagens, e cinco raparigas com uma governante (as primeiras mulheres francesas vindas à terra do Brasil e cuja chegada causou grande admiração aos selvagens do país, os quais como veremos mais adiante, jâmais haviam visto mulheres vestidas).

Nesse mesmo dia, ao meio dia, deu-se a nossa partida e as salvas, trombetas, tambores e pífanos, e outras demonstrações festivas que se costumam fazer aos navios de guerra nessas ocasiões não nos faltaram. Fomos ancorar primeiramente na enseada de Caulx a uma légua além do Hâvre de Grace; e aí, de acôrdo com o costume dos marinheiros que empreendem viagens a países remotos, depois de terem os mestres e capitães passado em revista os marinheiros e soldados, levantou-se a âncora e fizemo-nos ao mar pela tarde. Todavia como se partira a amarra do navio em que eu estava, tornando grandemente difícultoso o levanta-



PORTO DE HONFLEUR

mento da âncora, só no dia seguinte nos foi possível largar. Foi portanto no dia 20 de Novembro que, deixando a terra, principiamos a navegar nesse grande e impetuoso mar Oceano e que avistamos e costeamos a Inglaterra, deixando-a à nossa direita. A partir desse momento, e durante doze dias, suportamos um mar grandemente agitado e embora estivéssemos todos enfermos do mal de enjôo, nenhum de nós dirá que não se sentisse muito assustado. Em verdade os que nunca haviam experimentado tal dança, ao ver o mar tão agitado pensavam, a cada embate mais forte das ondas, que fôsse submergí-los e de fato é de admirar que um navio de madeira, por mais forte e maior que seja, possa assim resistir às iras de tão furioso elemento. Pois embora sejam os navios construídos de madeira grossa, bem ligada, cavilhada e alcatroada, tendo aquêles em que eu viajava quase oito toesas de comprimento e três e meia de largura, nada representam em comparação com êsse abismo largo e profundo d'água que é o mar do ocidente. Sem deter-me mais longamente no assunto, direi apenas, de passagem, que nunca apreciaremos demasiado a arte da navegação em geral e, em particular a invenção da agulha de orientação, cujo emprêgo todavia não vai além de 250 anos como escrevem alguns autores (84). Assim fomos navegando com grandes dificuldades até o décimo terceiro dia, quando Deus aplacou as ondas e a tempestade do mar.

12 dias de tormenta no mar
E a
pou
tanto
interrompe
+ 10 e
armas

No domingo seguinte encontramos dois navios mercantes ingleses de regresso da Espanha; nossos marinheiros os abordaram e como houvesse o que pilhar, por pouco os não saquearam. Como já disse nossos navios estavam bem artilhados e municiados, o que tornava os nossos marinheiros arrogantes e ousados quando navios mais fracos e incapazes de se defenderem se nos deparavam. E seja dito, uma vez que a ocasião se apresenta, que assim se pratica no mar como na terra, pois quem tem armas e é mais forte domina e dita leis aos mais fracos (85). Em verdade alegam os marinheiros, ao fazer com que os navios mercantes arriem velas, que lhes cabe o direito de ser supridos de víveres mediante pagamento, por se acharem dêles necessitados em vista de andarem muito tempo sem tomar pôrto. Mas ainda sem essas intenções se conseguem pôr o pé a bordo dos navios alheios, não é para impedir que sossobrem que os descarregam de tudo o que lhes parece bom e proveitoso. E se por ventura alguém os adverte, como de fato

→ 13º dia

(84) Há ainda grande controvérsia a êsse respeito. Consultar Falconet, *Académie des inscriptions e belles lettres*, 1717; Bochart. *Phalez et Chanaan*, p. 645-647.

(85) E' a velha doutrina de força acima do direito. Acêrca da pirataria legal consultar Pardessus, *Recueil des lois maritimes*. Passim.

fizemos, por assim saquearem indiferentemente amigos e inimigos, respondem como estribilho comum aos nossos soldados: que isso é de guerra e de praxe e anda bem quem assim o pratica.

Direi ainda, à guisa de prefácio e de acôrdo com argumentos mais adiante expostos, que os espanhóis, e principalmente os portugueses, gabando-se de ser os primeiros descobridores da terra do Brasil (86) bem como da região compreendida entre o Estreito de Magalhães, a 50º do Polo Antártico, e o Perú e ainda aquém do Equador, sustentam ser donos dêsse país, considerando os franceses que o abordam usurpadores. Porisso encontrando-os no mar em condições vantajosas fazem-lhes guerra e chegam mesmo a esfolá-los vivos ou a dar-lhes outros gêneros de morte cruel. Os franceses, sustentando o contrário, afirmam que lhes cabe parte dêsses países recém-conhecidos; não os cedem de bom grado aos espanhóis e muito menos aos portugueses, antes se defendem valentemente e não raro lhes dão trôco às crueldades. Seja dito sem jactância que tais inimigos não ousariam abordá-los nem atacá-los se não se considerassem muito mais fortes e não tivessem maior número de navios (87).

Voltando à nossa viagem direi que o mar continuou desde então empolgado e durante seis ou sete dias se fêz tão rude que não só me foi dado ver muitas vezes as vagas se altearem, correrem por cima do convés do nosso navio, mas ainda que rezamos todos juntos o salmo 107, (83) pois, com o furor das ondas, semi-desfalecidos, cambaleávamos como ébrios e o navio sacudia a ponto de não haver marinheiro por mais veterano que fôsse que pudesse se conservar de pé. Com efeito, não será uma grande maravilha de Deus o fato de subsistir assim em meio a um milhão de sepulcros, quando com a tormenta no mar somos erguidos ao alto dessas incríveis montanhas d'água, como que até o céu,

(86) Questão controvertida. Ver *Etude sur les rapports de l'Amérique et de l'ancien continent avant C. Colomb*, por Gaffarel. — Margry, *Les navigations françaises* — Revue Politique et littéraire, Maio 1874.

(87) Ramusio. *Navigazioni d'un gran capitano del mare francese*, etc. "Os portugueses esperam poder segurar com uma só mão o que não lhes seria fácil agarrar com ambas, convencidos de que Deus fêz para êles o mar e as terras, não sendo as demais nações dignas de navegação... A sorte dêsse povo está em que o rei Francisco I os trata com grande bondade e cortesia, pois por pouco que desse rédeas aos comerciantes franceses quatro ou cinco anos bastariam para que conquistassem a amizade dêsses povos, etc."... Cf. La Popelinière, *Histoire des trois mondes*, livro III, p. 21.

(88) Na realidade salmo 106, versos 26 e 27.

e súbitamente jogados tão baixos como se devêssemos submergir nos mais profundos abismos? Indiscutivelmente sim. E como em consequência do furor das ondas só nos separava do perigo a espessura das tábuas com que são construídos os navios, lembrei-me do poeta (89), que escreveu distar a morte apenas quatro dedos e às vezes menos daqueles que andam no mar. Porisso parafraseei, como expressa advertência aos navegantes, os seguintes versos:

Quoy que par la mer par son onde bruyante,
Face herisser de peur cil qui la hante,
Ce nonobstant l'homme se fie au bois,
Qui d'espaisseur n'a que quatre ou cinq doigts.
De quoy est faict le vaisseau qui le porte
Ne voyant pas qu'il vit en telle sorte
Qu'il a la mort à quatre doigts de luy.
Reputer fol on peut donc bien celuy
Qui va sur mer, si en Dieu ne se fie,
Car c'est seul Dieu qui peut sauver sa vie (90).

Amainando a tempestade, aquêl que torna o tempo calmo e tran-
quilo quando lhe apraz, mandou-nos vento brando, com o qual chegamos
à Espanha à altura do Cabo de São Vicente, no dia 5 de Dezembro.
Aí encontrámos um navio irlandês, ao qual os nossos marinheiros a pre-
têxto de falta de víveres, tomaram seis ou sete pipas de vinho de Es-
panha, figos, laranjas e outras coisas que constituíam a sua carga.

Sete dias depois aproximámo-nos de três ilhas chamadas pelos pilo-
tos normandos Graciosa, Lanceloti e Forte Aventura e pertencentes ao
grupo das ilhas Afortunadas (91). São sete ao todo, creio eu, e tôdas
habitadas por espanhóis. Embora se ensine nos livros que se acham
apenas a 11º aquêl do Equador, e por conseguinte dentro da zona
tórrida, e assim se verifique em muitos mapas, eu afirmo, por ter visto
fazer o ponto com o astrolábio, que se acham seguramente aos 28º na

(89) Juvenal. Sátira XII, V.

(90) A-pesar-do mar por suas ondas barulhentas/ fazer arrepiar de mêdo quem o frequênta/ o homem não obstante confia na madeira/ que de espessura tem apenas quatro ou cinco dedos/ de que é feito o navio que o leva/ não percebendo que vive de tal modo/ que tem a morte a quatro dedos dêle./ Louco portanto pode muito bem ser reputado aquêl/ que vai no mar sem em Deus confiar/ pois só Deus é quem pode salvar-lhe a vida (T.).

(91) Graciosa, Lanzerote e Fuerteventura. As cinco outras, pois são oito ao todo e não sete, são Grã Canária, Tenerife, Las Palmas, Gomera e Ferro.

direção do Polo Artico. Há pois um êrro de 17° e é preciso dizer que os autores espanhóis, enganando-se a si e aos outros, as afastam de nós.

Aí pusemos barcos ao mar e vinte soldados e marinheiros nêles se meteram armados com falconetes e mosquetes afim de ir prear nessas ilhas (92): quando, porém, já se achavam embarcados, os espanhóis que os haviam pressentido os rechaçaram de modo que em vez de saltar em terra se retiraram para o mar. Todavia voltaram os barcos, e tanto voltearam que por fim toparam com uma caravela de pescadores, os quais vendo os nossos se dirigirem para seu lado fugiram abandonando a embarcação; os nossos soldados depois de se apossarem dela não só carregaram grande quantidade de lixa seca e tudo quanto acharam, inclusive bússolas e velas, mas ainda, no intuito de se vingar dos espanhóis, puseram a pique a golpes de machado uma barca e um batel que se encontravam próximos.

Durante os três dias em que permanecemos perto destas ilhas Afortunadas, estando o mar muito calmo, apanhamos com rêdes e anzóis tal quantidade de peixe, que, depois de comermos à farta, fomos obrigados a lançar ao mar mais de metade do pescado por não têrmos água doce abundante e temermos não poder saciar a sede. Os peixes apanhados eram dourados, lixas, e outros cujos nomes ignorávamos, à exceção dos que os marinheiros denominam sardas, de corpo tão pequeno que parece juntar-se a cabeça à cauda, sendo esta entretanto proporcionalmente larga e imitando aquela um capacete de crista de forma bastante estranha.

Na quarta-feira, 16 de Dezembro, agitou-se o mar repentinamente pela manhã, e as vagas encheram tão súbitamente a barca, amarrada ao nosso navio desde o regresso das ilhas Afortunadas, que não só ela se perdeu mas ainda dois marinheiros que a guarneciam se viram em grave perigo e só os pudemos salvar e recolher a bordo atirando-lhes cabos apressadamente. Contarei ainda uma coisa notável. Durante essa tempestade, que durou quatro dias, pusera o nosso cozinheiro pela manhã toicinho numa selha de madeira para dessalgar; um golpe de mar, que passou com ímpeto sobre o convés lançou a selha fora do navio à distância do comprimento de um dardo, mas veio outra vaga do lado oposto e sem entornar a vasilha atirou-a ao convés com o seu conteúdo, o que nos restituiu o jantar, que, como se costuma dizer, já ia por água abaixo.

(92) Foi também o que fizeram os marujos de Villegagnon em 1555. Cf. Carta de Nicolau Barré, um dos oficiais da expedição, inserta na coletânea de Bry. T. III, p. 285-295.

Finalmente na quinta feira, 18 do mesmo mês de dezembro, avisamos a Grã Canária e dela chegamos a nos aproximar bastante. Pensávamos renovar aí nossa provisão de água, mas os ventos contrários nos impediram de pôr pé em terra. Essa formosa ilha, atualmente habitada por espanhóis, é rica de cana de açúcar e vinhedos, e tão alta que a pudemos ver de uma distância de 25 a 30 léguas. Chamam-na alguns de Pico de Tenerife e supõem tratar-se do antigo monte Atlas de que deriva o nome de mar Atlântico. Outros afirmam entretanto que se trata de ilhas diversas (93).

Nesse mesmo dia surgiu-nos a sotavento uma caravela portuguesa, cujos tripulantes vendo que não podiam fugir nem resistir vieram entregar-se ao nosso vice-almirante. Nossos capitães que já muito antes haviam combinado arranjar-se com algum navio espanhol ou português, que sempre esperaram apreender, apressaram-se em colocar gente nossa na caravela afim de assegurarem a posse da mesma. Todavia por consideração para com o mestre da presa disseram-lhe que caso êle conseguisse descobrir e apresar outra caravela naquelas paragens lhe restituíriam a sua. Este, que por sua parte preferia recaísse a perda sobre o vizinho, depois que lhe deram uma chalupa armada de mosquetes com vinte soldados nossos e parte da sua gente, como verdadeiro pirata que era, zarpou à frente de nossos navios afim de melhor desempenhar o seu papel sem ser descoberto.

Costeávamos então a Berbéria, habitada pelos mouros, a uma distância de mais de duas léguas. E, conforme foi cuidadosamente observado por muitos dentre nós, essa costa é tão baixa e plana até onde pode estender-se a vista, que nos parecia estarmos em nível superior ao da região, e que o Continente ia submergir e passarem os nossos navios por cima (94). Embora na verdade assim se apresentem tôdas as praias à ilusão do olhar, nesse lugar muito mais notável era o espetáculo, tanto mais quanto do outro lado se erguia o mar agitado em espantosas montanhas. E isso me levava a recordar as Escrituras e a contemplar essa obra de Deus com grande admiração (95).

Mas voltemos aos nossos piratas, que, como já disse, nos precediam na barca. A 25 de Dezembro, dia de Natal, encontraram êles uma

(93) São com efeito duas ilhas distintas.

(94) Realmente tôda essa região esteve na antiguidade sob as águas do mar. Na época de Plínio encontrou-se uma âncora no Saara. Ver Mela, *De situ orbis*, § VI.

(95) Job. XXXVIII, 8,9.

caravela espanhola e com alguns tiros de mosquete e tomaram à fôrça e a trouxeram para junto de nossos navios. Como era uma bela embarcação e se achava carregada de sal, os nossos capitães dela tomaram posse, conforme a combinação que já mencionei, e a levaram para o Brasil às ordens de Villegagnon. A promessa feita aos portugueses, autores da prêsa, de se lhes entregar a sua caravela foi cumprida. Mas os nossos marinheiros cruelmente colocaram os espanhóis esbulhados de mistura com os portugueses, abandonando-os sem deixar a essa pobre gente um só pedaço de biscoito nem víveres de qualquer espécie, e o que é peor rasgando-lhes as velas e retirando-lhes o escaler sem o qual não lhes era possível aproximar de terra ou desembarcar. Melhor fôra afundá-los do que deixá-los em tal estado, pois ficando assim à mercê das ondas é certo que devem ter por fim submergido ou morrido de fome, se nenhum barco os veio salvar.

Após essa proeza praticada com pesar de muitos, fomos impelidos por vento propício de leste sudeste e penetramos no mar alto. Para que não se torne enfadonho ao leitor o relato de tôdas as prêsas que fizemos, direi apenas que no dia seguinte, e mais tarde a 29 do mesmo mês, encontramos mais duas embarcações que nenhuma resistência nos ofereceram. A primeira era portuguesa e, embora os nossos marinheiros, principalmente os da caravela espanhola que conduzíamos, se mostrassem grandemente desejosos de saqueá-la por causa de alguns tiros de falconete dados por ocasião do encontro, nossos capitães as deixaram seguir sem lhes causar danos, depois de se entenderem com a gente de bordo. A outra, que era de um espanhol, tomaram vinho, biscoitos e outros gêneros; mas o que o dono lamentava principalmente era a perda de uma galinha, pois como dizia, por maior que fôsse a tormenta não deixava ela de pôr fornecendo-lhe todos os dias um ovo fresco.

No domingo seguinte o homem de vigia no mastro grande de nosso navio gritou na forma de costume "vela, vela". Eram cinco caravelas ou navios grandes, não podíamos distinguir exatamente, e os nossos marinheiros, a quem não desgostará a narrativa de suas façanhas, entoaram cânticos de triunfo certos já de que tinham os navios nas mãos. Mas como eles iam à nossa frente e tínhamos vento contrário, não nos foi possível alcançá-los, nem abordá-los, a-pesar-do esforço dos nossos que, por amor à prêsa e com perigo de nos fazer sossobrar, armaram tôdas as velas. E para que não se espantem do que digo aqui, de fugirem todos ou arriarem as velas diante de nós, muito embora só tivéssemos três navios aliás bem providos de artilharia (só aquele em que eu ia, trazia dezoito peças de bronze e mais de trinta falconetes e

mosquetes de ferro, fora outras munições de guerra) explicarei que os nossos capitães, mestres, soldados e marinheiros, em sua maioria normandos (96), gente tão valente e belicosa no mar como a que mais o seja, estavam todos resolvidos a atacar e combater a armada do Rei de Portugal, vangloriando-se de alcançar vitória (97).

(96) Cf. Depping. *Expéditions des Normands*. G. Gravier. *Découverte de l'Amérique par les normands ou X.^{ème} siècle*.

(97) Na tradução latina de Bry, p. 150, vem acrescentado o seguinte no fim do capítulo: "Se a história lhes divulgou as façanhas, cabe-nos entretanto expressamente repetir quanto nas armas têm os lusitanos se mostrado excelentes e como venveram aquelas várias nações; como na África guerrearam os mouros e no Oriente lutaram contra os indús. Pode-se todavia opor os gauleses aos bárbaros como avantajando-se pela destreza, e nunca tão fortes varões puderam ser superados sem sangue e suor". (Tradução livre do latim).

CAPÍTULO III

DOS BONITOS, ALBACORES, DOURADOS, GOLFINHOS, PEIXES VOADORES E OUTROS DE VÁRIAS ESPÉCIES QUE VIMOS E APANHAMOS NA ZONA TÓRRIDA.

Desde então tivemos mar calmo e vento tão propício que fomos impelidos até três ou quatro graus aquém da linha Equinocial. Nessas paragens apanhâmos muitos golfinhos, dourados, albacores, bonitos e boa quantidade de outras espécies de peixes, além de peixes voadores cuja existência sempre julgara ser peta de marinheiro e que na realidade é certa (98).

Tal como em terra fazem cotovias e estorninhos, cardumes de peixes saíam do mar e se erguiam voando fora d'água cêrca de cem passos e quase à altura de uma lança. E como acontecia freqüentemente baterem alguns nos mastros de nossos navios fâcilmente os apanhávamos no convés com as mãos. Êste peixe conforme o que observei na ida e na volta é de forma semelhante ao arenque, embora um pouco mais comprido e redondo; tem pequenas barbatanas nas fauces, asas imitantes às do morcêgo, quase tão grandes quanto o corpo, e é de muito bom paladar. Não os tendo visto aquém do trópico de Câncer, julgo, embora não o afirme, que amigos do calor e vivendo na zona tórrida, não a ultrapassam para as bandas dos polos. Observei ainda que êsses pobres peixes voadores não encontram sossêgo nem no mar nem no ar. No mar perseguem-nos os albacores e outros peixes grandes para comê-los; no ar, quando procuram salvar-se voando, certas aves marinhas lhes dão caça e dêles se alimentam.

(98) V. na tradução latina de Bry a prancha 151. Cf. Thévet, *Cosmographie Universelle*, p. 976.



PEIXES VOADORES

Digamos também alguma coisa dessas aves que vivem de prêsa no mar e são tão mansas que muitas vezes ocorria pousarem nas cordas e mastros de nossos navios, deixando-se apanhar com a mão. Por tê-las comido, e portanto visto também por dentro, descrevo-as aqui. Têm a plumagem parda como os gaviões mas parecem do tamanho de uma gralha e, quando depenadas, não são maiores do que um pardal. Assim é maravilhoso que, tão diminutas de corpo possam prear e comer peixes maiores e mais volumosos do que elas. Têm uma só tripa e os pés chatos como os patos.

Quanto aos outros peixes a que me referí, direi que o bonito é dos melhores ao paladar e muito parecido com as nossas carpas comuns, sem escamas porém; durante a viagem vi muitos dêles acompanhando o navio pelo espaço de quase seis semanas. Não saíam de perto e talvez nos acompanhassem por causa do breu e do alcatrão com que são untadas as embarcações. Os albacores (99), embora muito semelhantes aos bonitos, não se podem comparar a estes quanto ao tamanho, pois vi e comí grande número dêles, alguns com cêrca de cinco pés de comprimento e da grossura de um corpo de homem. Como êsse peixe não é viscoso, mas ao contrário tem a carne tão friável quanto a da truta, e apenas uma espinha em todo o corpo e muito poucas vísceras, devemos colocá-lo entre os melhores peixes do mar. Com efeito, ainda que não tivéssemos os condimentos necessários para bem prepará-lo (como acontece nas longas viagens) e o preparássemos simplesmente com sal, assando grandes postas na brasa, pareceu-nos excelente e saboroso. Se os senhores gulosos perdessem o mêdo ao mar e viessem aos trópicos apanhá-los, pois tal peixe não se aproxima das praias à distância suficiente para que possam os pescadores apanhá-lo e trazê-lo sem que se corrompa, se os senhores gulosos os mandassem preparar com o mólho da Alemanha ou de qualquer outro modo, certamente lamberiam os dedos. Tal dificuldade em pescá-lo refere-se a nós habitantes dêste clima; os africanos, que vivem nas praias de leste e os peruanos do lado do oeste têm-no provàvelmente com facilidade (100).

(99) Thévet. *Cosmographie Universalle*, p. 977: "E' o albacore, ousó afirmar, o melhor peixe tanto do oriente como do ocidente... para apanhá-lo emprega-se um peixe voador artificial, feito de pano branco, que se agita a um pé de distância da água. Percebendo-o, logo o albacore pula para engulí-lo e, certo de que vai pegá-lo é pegado".

(100) Seu transporte seria hoje possível graças aos viveiros inventados pelos pescadores dos Estados Unidos. Ver *Tour du monde*, p. 476. — Poussielgue, *Voyage en Floride*. *** A observação de Gafarel é de 1878, época em que o transporte por frigoríficos era desconhecido (T.).

O dourado, que a meu ver assim se chama porquê reluz como ouro dentro d'água, tem a forma semelhante à do salmão, do qual difere entretanto por uma depressão no dorso. Quanto ao mais reputo-o não só melhor do que todos os outros mencionados mas ainda mais saboroso do que qualquer peixe de água doce ou salgada. Os golfinhos são de duas qualidades, uns de focinho achatado imitante a um bico de pato, outros ao contrário de focinho redondo e tão rombudo que fora da água dá a impressão de uma bola. E' por causa dessa semelhança com os capuchinhos que os chamávamos de *cabeças de frade*. Vi-os de cinco e seis pés de comprimento, com a cauda muito larga e um furo na cabeça por onde não só respiravam mas lançavam água. E quando o mar se agita surgem êsses golfinhos repentinamente à tona d'água, mesmo à noite e tornam o Oceano quase verde. E' um prazer ouvi-los roncar e fungar como porcos; mas quando os marinheiros os vêem assim nadar e atormentar-se pressagiam próxima tempestade o que de fato muitas vezes vi acontecer. Por mar calmo reúniam-se não raro em tão grande número em tôrno de nós e até onde alcançava a vista parecia o mar coalhado de golfinhos; e como não se deixavam apanhar tão facilmente quanto os outros, não os tínhamos quando queríamos. Eis o meio de que usavam os marinheiros para pescá-lo. Um dêles, mais destro na pescaria, conserva-se de espreita junto ao gurupés na proa do navio, com um arpão de ferro fixado em uma vara da grossura e comprimento de uma lança amarrada a quatro ou cinco braças de corda; ao aproximarem-se os bandos, escolhe o golfinho que lhe fica ao alcance e arremessa o dardo de modo a ferrá-lo com vigor em acertando o golpe. Ferida a prêsa, o arpoador solta a corda e deixa-a correr, segurando-a por uma ponta. O golfinho debate-se e se aferra cada vez mais, perdendo o sangue e debilitando-se. Nessa altura os outros marinheiros vêm em auxílio do companheiro com um gancho de ferro a que chamam *garfo* e à fôrça de braço puxam-no para o navio. Assim apanhamos, na ida, cêrca de vinte e cinco. Com referência às partes internas e ao intestino, direi que, separando-se as quatro rebarbas, tirando-se as tripas e costelas, parece um verdadeiro porco aberto e dependurado. O fígado tem o mesmo gôsto, mas a carne fresca é muito adocicada e pouco saborosa. Quanto ao toicinho, os que eu vi tinham apenas uma polegada de gordura, e esta raramente excede de dois dedos. Ninguém se engane portanto quando os negociantes e peixeiros de París e alhures apregoarem ser o seu toicinho da Quaresma, com mais de quatro dedos de espessura, toicinho de golfinho; o que êles vendem é com certeza de baleia. Como

no ventre de alguns dêsses peixes acharam-se filhotes, que assamos como leitões, creio que os golfinhos geram fetos como as porcas e não os reproduzem por meio de ovos como quase todos os outros peixes. Entretanto se alguém duvidar do que afirmo louvando-se antes nos livros do que naqueles que viram a experiência não o refutarei mas tão pouco deixarei de acreditar no que vi.

Apanhamos igualmente muitos tubarões que no mar calmo parecem verdes; alguns têm mais de quatro pés de comprimento e grossura proporcional, mas por não ser boa a carne os marinheiros só a comem em caso de necessidade e na falta de peixe melhor. Têm a pele tão rija e áspera como uma lima, a cabeça chata e larga e a boca rasgada como a do lobo ou a do dogue da Inglaterra. Mas não são apenas monstruosos, têm ainda os dentes aguçados e são tão perigosos que se pegam um homem pela perna ou outra qualquer parte do corpo ou arrancam o bocado ou carregam a vítima para o fundo do mar. Por isso os receavam os marinheiros grandemente quando se banhavam e, mesmo depois de pescados com anzóis de ferro da grossura de um dedo e jogados ao tombadilho do navio, não se precavam menos, como o teriam feito em terra com cães bravios. Mas como êsses tubarões não servem para alimento e não fazem senão o mal, depois de torturar os que podíamos apanhar, ou os matávamos a pancadas como cães raivosos ou, cortando-lhes as nadadeiras, amarrávamos-lhes um arco de pipa na cauda e os atirávamos ao mar, pois assim ficavam muito tempo flutuando e debatendo-se em cima d'água antes de poder mergulhar, o que nos divertia bastante. Embora muito falte para que as tartarugas que vivem nesta zona tórrida sejam tão grandes e monstruosas quanto as que Plínio diz se encontrarem nas costas das índias e nas ilhas do Mar Vermelho, e cujo casco basta para cobrir uma casa habitável, algumas existem de fato tão compridas e largas que não é fácil fazê-lo acreditar a quem não as viu (101). Uma delas apanhada no nosso navio era tão grande que forneceu copioso jantar para oitenta pessoas. O casco coube de presente ao senhor de Santa Maria, nosso capitão, e tinha mais de dois pés de largura com espessura proporcional. A carne assemelha-se à de vitela, sobretudo lardeada e assada.

Por tempo calmo, pois do contrário pouco aparecem, vêm elas à tona e quando o sol lhes aquece o casco voltam-se com o ventre para cima afim de refrescar; aproximam-se então os marinheiros tranqüila-

(101) Plínio, H. N. Livro IX § 12.

mente e a suspendem pelos dois cascos com êsses ganchos de ferro de que falei, sendo necessário às vêzes de quatro a cinco homens para içá-las no barco.

Eis, em resumo, o que pretendia dizer acêrca das tartarugas e peixes que então apanhámos. Mais adiante voltarei a falar dos golfinhos, das baleias e de outros monstros marinhos.

CAPÍTULO IV

DO EQUADOR OU LINHA EQUINOCIAL E TAMBÉM DAS TEM- PESTADES, INCONSTÂNCIA DOS VENTOS, CALOR, SÊDE E OUTROS INCÔMODOS QUE TIVEMOS E PASSAMOS NES- SAS ALTURAS

Voltando à nossa viagem direi que por falta de vento propício a 3 ou 4º aquém do Equador, tivemos não só muito mau tempo, entremeado de chuvas ou calmaria mas ainda perigosa navegação por causa da inconstância dos ventos que sopram conjuntamente; a-pesar-de andarem os nossos três navios perto uns dos outros, não podiam os pilotos observar uma marcha uniforme. Assim como num triângulo, um ia para leste, outro para oeste e outro para o norte. E' verdade que isso não durava muito; erguiam-se repentinamente borrascas que com tal fúria açoitavam as nossas velas, que nem sei como não nos viraram cem vêzes de mastros para baixo e quilha para cima.

Além disso as chuvas das vizinhanças do Equador não só são fétidas como molestas; caindo nas carnes de alguém provocam pústulas e grossas empôlas, chegando mesmo a manchar e estragar as roupas (102). Mais ainda: o sol é fortíssimo e além do calor que padecíamos não tínhamos, fora das parcas refeições, água doce nem outra bebida em quantidade suficiente. Sofríamos assim tão cruelmente a sêde que cheguei quase

(102) Inútil parece observar que nunca houve no equador "chuvas fétidas e molestas". Entretanto pode-se ler na narrativa de Gomeville, que passou por essa região em 1503: "Também eram incomodados por chuvas fétidas que manchavam as roupas; eram freqüentes e ao tocar as carnes provocavam empôlas". Thévet, nas *Singularités de la France Antarctique* § LXIX, faz idêntica observação. Esta se encontra ainda na primeira carta de Nicolau Barré, companheiro de Villegagnon: "Aos ventos se juntava uma chuva tão fétida que os que se molhavam logo se cobriam de grandes pústulas".

a perder a respiração e a ficar sem fala durante mais de uma hora, donde se compreende que o que mais desejam os marinheiros nessas longas viagens é ver o mar convertido em água doce. E se alguém perguntar se para evitar o suplício de Tântalo, morrendo de sede em meio a tanta água, não seria possível pelo menos refrescar a bôca na água do mar, responderei que isso seria condenar um homem a vomitar as tripas e o intestino logo que o líquido lhe chegasse ao estômago. E quanto a coá-la em cera ou distilá-la de qualquer outra forma não o permitem os movimentos do navio que impossibilitam fazer fornos, nem se podem preservar as garrafas. No entanto é a água do mar, dentro de vidros, mais clara e límpida do que jàmais o será a de rocha. Por outro lado (coisa que admiro e entrego à discussão dos filósofos) em se colocando na água do mar toicinho ou outras carnes de peixes, por mais salgados que sejam perdem o sal muito mais depressa do que na água doce.

Para cúmulo de nossa aflição na zona tórrida, as contínuas chuvas levaram água até os paióis, estragando e mofando a nossa bolacha. E tão pequena era a nossa ração que nos víamos obrigados a comê-la apodrecida sem sequer desperdiçar os vermes que entravam por metade fazendo de tudo sopas ou bolos afim de não morrermos de fome.

Nossa água doce de tal modo se corrompera e tanto bicho acoitava que, tirada das vasilhas em que se achava depositada a bordo, a todos repugnava e o peor era que para beber se fazia mister segurar o copo com uma das mãos e tapar o nariz com a outra.

Que direis vós, delicados senhores, que quando o calor vos molesta, mudais de camisa, vos penteais e repousais em sala fresca, numa boa cadeira ou num leito macio e que não sabeis tomar refeição sem louça bem limpa, copos bem enxaguados, guardanapos brancos como neve, bom pão e carne delicada, bem preparada e servida, e vinho ou qualquer outra bebida translúcida. Quereríeis embarcar assim para viver de tal maneira? Como não vo-lo aconselho e menos desejos tereis ainda depois de ouvirdes o que nos sucedeu na viagem de regresso, eu vos pedirei que se quiserdes saber coisas do mar e sobretudo dessas viagens, deixeis de lado livros e conversas dos que nunca as experimentaram e ouví tão sòmente aquêles que padeceram tais trabalhos e comeram o pão que o diabo amassou como diz o provérbio. E acrescentarei que tanto com referência à inconstância dos ventos, tempestades, chuvas, insetos e calor, como em relação às demais coisas do mar, principalmente no Equador, o que vale é a prática. Assim, um dos nossos pilotos, por nome João de Meun, de Honfleur, embora ignorante do *abc* tão longa experiência

possuía de seus mapas, do astrolábio e da balestilha que a qualquer momento, mas sobretudo durante as tempestades, faria calar um douto personagem que não nomearei, mas que em tempo calmo triunfava no ensino da teoria (103). Não se julgue que assim procure condenar as ciências que se aprendem nas escolas e nos livros; não é essa a minha intenção; mas quero apenas que jàmais se aleguem razões contra a experiência. E perdoem-me os leitores se, recordando o pão podre e as águas fétidas do Equador e comparando tais incômodos com a opípara mesa dos grão-senhores me tenha um pouco desmandado contra êles. Tôdas essas dificuldades, além das que adiante serão amplamente expostas levam muitas vezes os navegantes a voltarem sem transpor o Equador, depois de consumidos todos os víveres. Quanto a nós, depois do que acabo de relatar bordejámos durante sete semanas nas vizinhanças dessa linha que só conseguimos transpor graças a Deus ao sobrevir vento nordeste no dia 4 de Fevereiro. Essa linha (104) chama-se equinocial não só porquê dias e noites são aí sempre iguais como também porquê quando o sol está sôbre ela, duas vezes ao ano, a 11 de Março e 13 de Setembro, os dias e noites são iguais em todo o mundo. Assim sòmente durante êsses dois dias do ano têm os habitantes dos polos Ártico e Antártico dia e noite; a partir do dia seguinte uns e outros perdem o sol de vista por seis meses (105).

Nesse dia 4 de fevereiro que passámos pela cintura do mundo praticaram os marinheiros as cerimônias habituais a tão difícil e perigosa passagem. Consistem elas, para os que nunca transpuseram o Equador, em serem amarrados com cordas e mergulhados no mar ou terem o rosto tisonado com trapos passados nos fundos das caldeiras. Mas o paciente pode resgatar-se, como eu o fiz, pagando-lhes vinho.

Continuando a nossa rota com bom vento nordeste, atingimos quatro graus além do Equador, onde começamos a ver a estrêla que os normandos chamam de estrêla do sul e perto da qual, como pude observar, outras existem, em cruz, a que denominam cruzeiro do sul. Alguém já escreveu que os primeiros navegantes desta viagem referiam avistar-se quase sempre, perto do Polo Antártico, uma nubécula branca e quatro es-

(103) Provavelmente Thévet (T.).

(104) Segundo Thévet. o. c. p. 33: "Essa linha equinocial é uma linha imaginária traçada pelo sol no centro do universo, dividindo-o assim em duas partes distintas duas vezes por ano, a saber em 14 de setembro e 11 de março..."

(105) Para bem entender o trecho é preciso ter em vista que a reforma gregoriana do calendário só foi adotada na França em 1582.

trêlas em cruz com mais três, semelhantes ao nosso setentrião. Muito tempo já havia entretanto, que perdêramos de vista o Polo Ártico e devo dizer, de passagem, não só não podemos ver os dois polos quando nos achamos no Equador mas também nem um nem outro é visível separadamente e é preciso afastar-se quase 2 graus da linha para observar qualquer um deles (106).

A 13 de fevereiro, com tempo limpo e claro, tomaram os nossos pilotos a altura pelo astrolábio e nos asseguraram que tínhamos o sol no zênite e, na zona, tão reto sôbre a cabeça que mais não podia ser. E de fato nesse dia, principalmente ao meio-dia não vimos sombra alguma em nosso navio, embora por experiência colocássemos no convés facas, punhais, ponteiros e outros objetos. Ao chegarmos a 12 graus tivemos tormenta durante três ou quatro dias. Em seguida o mar se tornou tão manso que os navios pareciam fixos na água e se o vento não se levantasse, nunca mais teríamos saído dali.

Durante tôda a viagem não havíamos ainda visto baleias; nessas paragens porém não só as vimos como pudemos observá-las de perto, tendo mesmo uma delas me pregado tal susto que enquanto não a vi afastar-se imaginei ser um rochedo contra o qual ia o navio bater e despedaçar-se. Verifiquei que antes de mergulhar ela levantou a cabeça fora d'água e jorrou para cima, pela bôca, mais de duas pipas de água; sumiu-se depois com tal e tão tremendo rodamoinho que novamente me atemorizei ao pensar que podíamos ser arrastados por ela e submergir na voragem. E na verdade é um espetáculo horrível, como nos salmos e em Job (107) se diz, ver êsses monstros folgarem a bel prazer na imensidão das águas.

Também vimos golfinhos acompanhados de várias espécies de peixes, dispostos como uma companhia de soldados atrás de seu capitão e que pareciam de cor avermelhada dentro d'água; e houve um que como se quisesse agradar-nos volteou em roda de nosso navio por seis ou sete vêzes. Tentamos apanhá-lo mas com seus negaceios batendo hàbilmente em retirada não nos deixou apresá-lo.

(106) Gomara. *Hist. gen. de las Indias*, § CXCVII, p. 130: "Anda siempre cabe el Sur, o polo antartico, una nubecilla branquisca, y quatro estrellas em cruz, y otras tres alli junto, que se mejan nuestro septentrion". Observe-se que o cruzzeiro do sul já era conhecido antes do descobrimento da América. Dante descreve essa constelação no *Purgatório* (Canto 1 terzo 22). Ver na tradução de Dante por A. de Montor (p. 170) uma carta do almirante Rossel. Humboldt. *Histoire de la géographie de l'Ancien Continent*, t. II, p. 323. Ver também os planisférios árabes, e em especial o globo de Bórgia, de Abou Cassem (1225).

(107) Salmo 103, v. 25. Job XL, 26.

CAPÍTULO V

DO DESCOBRIMENTO E PRIMEIRA VISTA QUE TIVEMOS DA ÍNDIA OCIDENTAL OU TERRA DO BRASIL, BEM COMO DE SEUS HABITANTES SELVAGENS E DO MAIS QUE NOS ACONTECEU ATÉ O TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO

Tivemos desde então vento do oeste que nos foi propício e permaneceu tão constante que a 26 de Fevereiro de 1557, pelas oito horas da manhã, avistamos a Índia Ocidental ou terra do Brasil, quarta parte do mundo, desconhecida dos antigos e também chamada América, do nome daquele que em 1497 primeiro a descobriu (108). Não é preciso dizer que muito nos alegrámos e rendemos graças a Deus por estarmos tão perto do lugar que demandávamos. Com efeito há cerca de quatro meses já não víamos pôrto e flutuávamos no mar não raro com a idéia de que nos encontrávamos num exílio sem solução. Por isso logo que verificámos ser o continente que víamos, pois muitas vezes nos enganaram as nuvens, velejamos para a terra e no mesmo dia, com nosso almirante à frente fomos ancorar a meia légua de um lugar montanhoso chamado *Huuassú* (109) pelos selvagens (110). Botamos nágua o escaler e depois de ter disparado alguns tiros de peça para avisar os habitantes, conforme o costume de quem chega a êsse país, vimos reünirem-se na praia homens e mulheres em grande número. Nenhum de nossos marinheiros, já viajados, reconheceu bem o sítio; entretanto os selvagens

(108) Questão muito controvertida. V. Gaffarel: *Etude sur les relations de l'Amérique, etc.* — João Cousin, de Dieppe, parece ter tido conhecimento do Brasil em 1490 (*Revue politique e litteraire*, Maio 1874), conseqüentemente antes de Vesúcio. Ver também Humboldt, *Histoire de la Géographie du Nouveau Monde* e D'Avezac: *Hylacomylus et Vespuce*.

(109) *Huuassú* deve ser *Y-uassú* ou *Yguasú*, rio grande, rio caudoloso (P.A.).

(110) Entre o Mucurí e o rio Doce.

eram da nação dos *Margaiá* (111), aliada dos portugueses e por consequência tão inimiga dos franceses que se nos apanhassem em condições favoráveis, não só não nos teriam pago resgate algum mas ainda nos teriam trucidado e devorado. E logo pudemos admirar as florestas, árvores e ervas dêsse país que, mesmo em fevereiro, mês em que o gelo oculta ainda no seio da terra tôdas essas coisas em quase tôda a Europa, são tão verdes quanto na França em Maio e Junho (112). E isso acontece durante todo o ano nessa terra do Brasil.

Não obstante a inimizade entre margaiás e franceses, muito bem dissimulada de parte a parte, nosso mestre, que lhes conhecia um pouco a língua, meteu-se num escaler com alguns marujos e dirigiu-se à praia cheia de selvagens. Não se fiando nestes entretanto, e temerosos de serem agarrados e moqueados, mantiveram-se fora do alcance de suas flexas acenando-lhes de longe com facas, espelhos, pentes e outras bugiangas. Ouvindo as nossas vozes apressaram-se os índios mais próximos em vir ao encontro dos nossos com alguns companheiros. Dêsse modo obtive o nosso contramestre farinha fabricada de certa raiz, usada pelos da terra em vez de pão, e ainda carne de javalí (113), frutas e mais coisas que o país produz em abundância. Seis homens e uma mulher não hesitaram em vir visitar-nos no navio para vê-lo e dar-nos as boas vindas. Como eram os primeiros selvagens que eu via de perto, é natural que os observasse atentamente e embora os descreva minuciosamente noutro lugar quero desde já dizer alguma coisa a seu respeito. Tanto os homens como as mulheres estavam tão nus quanto ao saírem do ventre materno mas para parecer mais garridos tinham o corpo todo pintado e manchado de preto. Os homens usavam o cabelo cortado na frente à maneira de corôa de frade e comprido atrás, aparado em tórno de pescoço como entre nós as pessoas que usam cabeleira. Ainda mais: todos tinham o lábio inferior furado ou fendido e cada qual trazia no beijo uma pedra verde e polida, como que engastada, do tamanho de uma moeda e podia ser tirada ou colocada como bem entendiam. Usam por certo tais coisas para se enfeitarem mas, na realidade sem a pedra a fenda do lábio inferior se assemelha a uma segunda bôca, o que os afeia grandemente. Quanto à mulher, além de não ter o lábio furado,

(111) Vide nota 47 (P.A.).

(112) Gandavo: "A terra é sempre verde como em nossa pátria nos meses de abril e maio".

(113) Como Léry se refere a "Sanglier" a tradução deve ser "javalí"; capivara parece-nos entretanto mais provável (T.).

usava os cabelos compridos como as demais do lugar; mas tinha as orelhas furadas tão cruelmente que era possível atravessá-las com os dedos e nelas carregavam pendurucalhos de osso que lhes tocavam os ombros (114). Mais adiante refutarei o êrro dos que afirmam serem os selvagens peludos. Antes de se separarem de nós os homens, principalmente dois ou três velhos que pareciam os mais notáveis da freguesia, afirmaram que em suas terras se encontrava o melhor Pau Brasil da região e prometeram ajudar-nos a cortar e carregar a madeira, e ainda a nos fornecer víveres, e todo esforço fizeram para persuadir-nos a carregarmos o nosso navio. Como porém eram nossos inimigos isso nos pareceu astúcia; em terra, onde teriam vantagem, fácil lhes seria nos desbaratarem e comerem; de resto não era nosso intento dirigir-nos para êsse lugar e não nos detivemos ali.

Assim, depois que os margaiá admiraram as nossas peças e tudo mais que desejaram no navio, pensando em outros franceses que por acaso lhes caíssem nas mãos, não os quisemos molestar nem reter; e pedindo êles regresso à terra tratamos de pagar-lhes os víveres que nos haviam trazido. Mas como desconhecemos o pagamento em moeda, foi o mesmo feito com camisas, facas, anzóis, espelhos e outras mercadorias usadas no comércio com os índios. Essa boa gente que não fôra avara, ao chegar, de mostrar-nos tudo quanto trazia no corpo, do mesmo modo procedeu ao partir, embora já vestisse camisa. Ao sentar-se no escaler os índios arregaçaram-se até o umbigo afim de não estragar as vestes e descobriram tudo que convinha ocultar, querendo, ao despedir-se, que lhes víssemos ainda as nádegas e o traseiro. Agiram sem dúvida como honestos cavalheiros e embaixadores corteses. Contrariando o provérbio comum entre nós de que a carne é mais cara do que a roupa revelaram a magnificência de sua hospedagem mostrando-nos as nádegas, na opinião de que mais valem as camisas do que a pele.

Depois de refrescar-nos nessa paragem, atendendo à necessidade não deixámos de comer as viandas que nos haviam trazido embora nos pa-

(114) A propósito de usos e costumes dos grupos indígenas que viviam no trecho do litoral referido por Léry, encontram-se ótimos subsídios em Gabriel Soares de Sousa (Tratado descritivo do Brasil em 1587, Rio de Janeiro, 1851, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, t. XIV, 13 — 365; em Fernão Cardim (Tratados da Terra e Gente do Brasil, Rio de Janeiro, 1925, pp. 161 e segs.); Simão de Vasconcelos (Crônica da Companhia de Jesú do Estado do Brasil, Lisboa, 1865) Joseph de Anchieta (Cartas, Informações, etc. Ed. da Academia de Letras, Rio, 1933); Manuel da Nóbrega (Cartas do Brasil, Ed. da Academia de Letras, Rio, 1931), além das contidas nos trabalhos de Thévet, Claude d'Abbeville, Yves d'Evreux, Hans Staden, etc. (P. A.).

recessem a princípio estranhas; e no dia seguinte, domingo, levantamos âncora e demos a vela. Costeando a terra na direção que tínhamos em mira, ao fim de nove ou dez léguas apenas deparámos com um fortim português denominado Espírito Santo (para os selvagens *Moab*) (115). O forte, reconhecendo-nos, bem como a caravela aprisionada que trazíamos mandou-nos três tiros de canhão aos quais respondemos com juro. Como porém estávamos uns e outros fora de alcance da artilharia não houve danos de parte a parte. Prosseguimos pois em nosso caminho e costeando sempre a terra passámos pelo lugar denominado *Tapemiry*, (116) onde se encontram pequenas ilhas na entrada da terra firme e que me pareceram habitadas por selvagens aliados dos franceses. Pouco adiante, aos 20 graus habitam os *Paraíbas* (117), sendo as suas terras, como já observei, assinaladas por montanhas ponteagudas com forma de chaminé.

A primeiro de Março alcançámos uma região de pequenos baixios isto é, escolhos e restingas salpicadas de pequenos rochedos que entram pelo mar e que os navegantes evitam passando ao largo. Dêse lugar avistamos uma terra plana na extensão de 15 léguas e que é ocupada pelos *Uetacá* (118), índios tão ferozes que não podem viver em

(115) Termo difícil de explicar, neste caso. Parece-nos, entretanto, que poderá provir de *mboá* = *poár*, prender, agarrar, etc., e, daí *moába* ou *poába*, lugar de prender, presídio, fortaleza, etc. Varnhagen (História Geral do Brasil, t. I, 216, 3.^a ed. São Paulo) diz: "aí teve princípio o assento da povoação para a qual invocou a graça do Espírito Santo, dando-lhe êste nome; bem que o bárbaro da terra começasse a denominá-la *Mboáb*, como designando o sítio habitado pelos *emboábas*". Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia, que largamente comentaram essa obra de Varnhagen, estudando inúmeras designações tupís, nada dizem sobre tal expressão (P. A.).

(116) *Itapemirim*, de *itapé-mirim*, a pedra chata pequena, a lage pequena, o lageado (P. A.).

(117) Por certo Léry dá tal nome aos moradores desse lugar em função do nome do rio — Paraíba — à foz do qual poderia ter aportado, pois segundo Gabriel Soares (op. cit. 75-77): Êste rio do Paraíba, que está em 21 graus e dois terços, tem barra e fundo por onde entram navios de honesto porte... (P. A.).

(118) Indígenas famosos pela rusticidade de costumes e pela crueldade com que tratavam seus inimigos. Viviam entre o baixo Paraíba-do-Sul e o rio Macaé. Eram de avantajada estatura e muito destros no manejo do arco. Do ponto de vista linguístico, ao lado de várias outras tribus, são incluídos no grupo — *Línguas isoladas*. Sobre suas peculiaridades culturais referem-se: Gabriel Soares (op. cit. 77) em capítulo especial; Fernão Cardim (op. cit., 204); Alfred Métraux (Les Indiens Waitaká, a propos d'un manuscrit inédit du cosmographe André Thévet, in Journal de la Soc. des Amér. de Paris, t. XXI, 1929); Estêvão Pinto (Os Indígenas do Nordeste. S. Paulo, 1935, 144-146) e numerosos outros autores (P. A.).

paz com os outros e se acham sempre em guerra aberta não só contra os vizinhos mas ainda contra todos os estrangeiros. Quando apertados e perseguidos por seus inimigos, os quais entretanto, nunca os puderam vencer ou domar, correm tão rápidos a pé que não só escapam da morte como apanham na carreira certos animais silvestres, veados e corças. Andam nus como todos os brasileiros e usam cabelos compridos e pendentes até as nádegas, o que não parece comum entre os homens desse país, pois como já disse costumam estes tonsurar o cabelo na frente e apará-lo na nuca. Em suma êsses diabólicos *Uetacá*, invencíveis nessa região, comedores de carne humana, como cães e lobos, e donos de uma linguagem que seus vizinhos não entendem, devem ser tidos entre os mais cruéis e terríveis que se encontram em toda a Índia Ocidental.

Como não têm nem querem ter comércio com os franceses, espanhóis e portugueses, nem com outros povos transatlânticos, ignoram em que consistem as nossas mercadorias. Entretanto, conforme vim a saber de um intérprete normando, quando seus vizinhos os procuram e eles concordam em atendê-los, assim procedem: o margaiá, o caraiá (119) ou o tupinambá (120) (assim se chamam as nações vizinhas), sem se fiar no uetacá mostra-lhe de longe o que tem a mostrar-lhe, foice, faca, pente, espelho ou qualquer outra bugiganga e pergunta-lhe por sinais se quer efetuar a troca. Em concordando, o convidado exhibe por sua vez plumas, pedras verdes que colocam nos lábios, ou outros produtos de seu território. Combinam então o lugar da troca, a 300 ou 400 pés

(119) Denominação depreciativa dada por certos grupos a vizinhos desafetos. Na língua geral, *Karaiá* ou *Karajá* é nome de um mono grande (P. A.).

(120) Léry escreve *Tououpinambaoults* e vários outros cronistas o fazem de modos diversos: *Topynambá* (Claude d'Abbeville), *Tuppinambá* (Hans Staden); *Tapinambô* (Yves d'Evreux); *Tupinabá* (Fernão Cardim), etc. A forma que se vulgarizou, entretanto, foi a usada por Gabriel Soares e outros cronistas que escreveram em português — *Tupinambá*. Essa designação era de aplicação extremamente larga, e se nos apresenta na Etnografia brasileira como denominativo genérico de numerosas tribus litoreanas, desde o extremo norte ao sul do Brasil, oriundas de um mesmo tronco antigo, provavelmente o tupí. Assim é que certos tupiniquins, tamoiós, tobajaras, tupinás, etc., não raro se diziam tupinambás, como a indicar o nome de família com omissão de seus nomes tribais. A maneira pela qual Léry grafou o genético — *Tupinambáú* — pode sugerir uma designação parcial, tirada da geral — *Tupinambá* — que se interpretará: tupinambá escuro, admitindo o *u* como representante de *hũ*, escuro, preto, etc., ou *tupinambá* — *aú*, estes tais *tupinambás*. Vide Batista Caetano, in *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, de Fernão Cardim, ed. cit. 273). Para esclarecimento de várias passagens da obra de Léry referentes às tribus do litoral, vide quadro, in *fine*, que organizamos de maneira sintética, sem outro intuito senão o de auxiliar os leitores deste trabalho (P. A.).

de distância; aí o ofertante deposita o objeto da permuta em cima de uma pedra ou pedaço de pau e afasta-se. O uetacá vai buscar o objeto e deixa no mesmo lugar a coisa que mostrara, arredando-se igualmente, afim de que o margaiá ou quem quer que seja venha procurá-la. Enquanto isso se passa são mantidos os compromissos assumidos. Feita porém a troca, rompe-se a trégua e apenas ultrapassados os limites do lugar fixado para a permuta procura cada qual alcançar o outro afim de arrebatá-lo a mercadoria. E parece-me inútil dizer quem leva a melhor o mais das vèzes, sendo os Uetacá como se sabe excelentes corredores. Não devem portanto meter-se em negócios com êsses selvagens, os coxos, os gotosos, os mal empernados de qualquer espécie que tenham amor aos seus bens. Entretanto, como afirmam que os biscainhos têm muita lábia e são, como sabemos, facetos e ágeis, reputando-se os melhores lacaios do mundo, creio que podem ser comparados aos uetacá e capazes de com êles disputar um jôgo de barras (121). Também poderíamos pôr em paralelo com êsses selvagens certos habitantes da Flórida, perto do rio das Palmas (122), tão fortes e ágeis que correm um dia inteiro sem parar e pegam veados na carreira; ou ainda os grandes gigantes que vivem no rio da Prata e são igualmente tão fortes e ágeis que agarram com as mãos os cabritos na corrida (123). Mas deixemos êsses corcéis e cães corredores de dois pés correr céleres como o vento, com furibundas cambalhotas, ou cair como chuva em diversos lugares da América e da Europa muito distantes uns dos outros, e passemos novamente à nossa viagem.

Depois de costearmos a terra dêsses uetacá, avistámos outra região próxima chamada de *Macaé* (124) e habitada por outros selvagens que, como é de imaginar pelo que ficou dito acima, não podem se comprazer na vizinhança de índios tão brutais e ferozes.

(121) Êste jôgo, que passou de moda entre nós, consistia em, de acôrdo com determinadas regras, dois grupos de contendores procurarem agarrar-se (T.).

(122) Gomara — *Hist. gen. de las Indias* § XLVI, p. 52. "Los hombres son muy altos, forçudos, y ligeros que alcançan un ciervo, y que corren un dia entero sin descansar".

(123) Idem. LXXXVIII, p. 114: "Hombres como japanes, y tan ligeros que corriendo a pie toman a manos los venados".

(124) *Maká-é*, a macába doce. Macába é o fruto da palmeira *Acrocomia Sclerocarpa*, segundo Sampaio (O Tupí na Geografia Nacional, 3.^a ed. Baía, 1928, 255). A palavra *macába* altera-se correntemente, dando *macá*, *bacába*, *bacá*, etc. (P. A.).

Nessas terras vê-se à beira mar um grande rochedo em forma de torre, tão reluzente ao sol que pensam muitos tratar-se de uma espécie de esmeralda; e com efeito, os franceses e portugueses que por aí velejam o denominam "Esmeralda de Macaé". Dizem que ela é rodeada por uma infinidade de rochedos à flor d'água que avançam mar afora cêrca de duas léguas e como tão pouco a ela se tem acesso por terra, é completamente impraticável.

Também existem três pequenas ilhas chamadas ilhas de *Macaé* (125) junto das quais fundeamos e dormimos uma noite. Pensávamos chegar no dia seguinte ao Cabo Frio mas tivemos tanto vento contrário (126) que foi preciso voltar para o ponto de onde partíramos pela manhã e aí permanecermos ancorados até quinta-feira à tarde, pouco tendo faltado como vereis para ali ficarmos definitivamente. Com efeito, na quarta-feira 2 de março, primeiro dia da Quaresma, depois da festa habitual dos marinheiros, sucedeu desencadear-se, ali pelas onze horas da noite, quando começávamos a repousar, tão rude temporal que as amarras não resistiram ao ímpeto das vagas furiosas. Nosso navio combalido e sacudido pelas ondas foi impelido para o lado da praia, chegando a ficar apenas em duas braças e meia de água (o mínimo que podia ter para flutuar descarregado) e pouco faltou para que batesse na areia e naufragasse. O mestre e o piloto que procediam à sondagem, em vez de se mostrarem os mais imperturbáveis e animarem os companheiros, vendo o perigo clamaram duas ou três vezes: estamos perdidos. Mas os nossos marujos diligentemente lançaram outra âncora que graças a Deus ficou segura, o que impediu fôssemos levados contra os rochedos de uma dessas ilhas de *Macaé*, os quais sem dúvida alguma teriam despedaçado o nosso navio em vista da violência do mar. Esse angustioso transe durou quase três horas durante as quais de nada servira gritar: *A bombordo! A estibordo! Segura o leme! Mete de ló! Ergue a bolina! Larga a escota!* O que só se faz em mar alto onde as tormentas são menos temidas do que perto da terra. Como já disse estava a nossa aguada corrompida, porisso pela manhã, ao cessar a tormenta, alguns marujos foram procurar água potável nessas ilhas deshabitadas e verificaram que todo o terreno se achava coberto de ovos de aves de diversas espécies, aliás diferentes das nossas. E tão mansas, por nunca terem visto gente, que se deixavam pegar com a mão ou matar a pauladas; assim nossos homens puderam encher o escaler, trazendo para o navio grande quantidade delas

(125) Ilhas de Sant'Ana e Papagaios.

(126) *Pampero*. Cf *Liais, Le Brésil*.

(127) e a-pesar-de ser dia de Cinzas nossos marinheiros vencidos pelo apetite, agravado com o trabalho da noite precedente, não hesitaram em comê-las, embora fôsem verdadeiros católicos romanos. Certamente quem contra a doutrina proibiu aos cristãos o uso da carne em determinados dias e épocas não tinha penetrado neste país onde a prática dessa supersticiosa abstinência é ignorada.

Na quinta-feira em que deixamos estas três ilhas tivemos vento tão favorável que no dia seguinte chegamos ao Cabo Frio, enseada e pôrto dos mais conhecidos dos navegadores franceses, ali pelas quatro horas da tarde. Depois de fundearmos e darmos alguns tiros de canhão para avisar os habitantes, desembarcamos com o capitão de nosso navio, o mestre e alguns homens. Encontramos na praia grande número de selvagens chamados tupinambás, aliados do nosso país, que além de nos acolherem muito bem nos deram notícia de *Pai Colas* que é como chamavam a Villegagnon. Nesse mesmo lugar com a rêde e os anzóis que trazíamos pescamos grande quantidade de peixes de várias espécies diferentes das nossas. Entre êles havia um disforme, monstruoso, todo sarapintado, que merece descrição. Tinha quase o tamanho de um vitelo e o focinho de cinco pés de comprimento por pé e meio de largura, armado de dentes cortantes como de serra, de modo que mesmo fora da água o rápido mover dessa tromba era um perigo para as pernas de todos. Sua carne era tão dura que não obstante o nosso apetite e o fato de ter sido cozida mais de vinte e quatro horas não a pudemos comer (128). Foi também aí que pela primeira vez vimos papagaios voando alto e em bandos como os pombos e gralhas na França, e pude observar que andam sempre acasalados à maneira das nossas rôlas (129).

Não nos detivemos em Cabo Frio como desejáramos porquê nos achávamos a uma distância de vinte e cinco a trinta léguas do lugar de nosso destino e queríamos chegar com a maior brevidade. Por isso na tarde dêsse mesmo dia, desfraldando as velas singramos tão bem que no domingo, 7 de março, deixando o mar alto à esquerda, do lado de

(127) Ver Cartier, *Voyage au Canada*, ed. Charton, n. 6: "Em menos de meia hora carregamos nossas duas embarcações com tais pássaros, como se se tratasse de pedregulho; e assim pudemos salgar quatro ou cinco tonéis dêles, sem contar os que comemos frescos".

(128) Talvez o espadarte (*xiphias gladius*) e não o espadarte europeu (*phocoena*, orca) (T.).

(129) Não é propriamente rôla, que não existe na Europa, mas pombo pequeno (T.).

leste, entramos no braço de mar chamado *Guanabara* pelos selvagens e *Rio de Janeiro* pelos portugueses que assim o denominaram por tê-lo descoberto, como afirmam, no dia 1.º de Janeiro (130). Conforme mencionei no capítulo primeiro desta narrativa, e adiante descreverei mais pormenorizadamente, encontrámos Villegagnon residindo desde o ano precedente em uma pequena ilha situada neste braço de mar. Depois de saúdá-lo com tiros de canhão, a uma distância de quase um quarto de légua, e dêle por sua parte fazer o mesmo fomos enfim ancorar junto da dita ilha.

Eis em suma o que foi a nossa viagem e o que nos aconteceu a caminho da terra do Brasil.

(130) Cf. Crespín, *Historie des martyrs persécutés*: "Desejosos os portugueses de se estabelecer nos melhores portos que encontravam no reconhecimento da terra, escolheram um rochedo no rio de Coligny, a que chamavam de Janeiro por aí terem entrado a primeiro dêsse mês. Aí abandonaram os portugueses alguns pobres condenados à morte não só para o comércio com os índios mas ainda para aprenderem a língua. Tão mal se conduziram êles entretanto que passados alguns anos foram em grande parte trucidados e comidos. Os restantes fugiram em uma embarcação".

CAPÍTULO VI

DO DESEMBARQUE NO FORTE DE COLIGNY; DA ACOLHIDA DE VILLEGAGNON E DE SEU COMPORTAMENTO EM RELAÇÃO À RELIGIÃO E AO GOVÊRNO DO PAÍS (131)

Depois de ancorados os nossos navios no pôrto dêsse rio Guanabara, muito perto da terra firme, cada qual arranhou sua bagagem e a trouxe para os escaleres. E assim fomos todos desembarcar na ilha e forte de Coligny. E vendo-nos livres dos riscos e perigos que tantas vêzes nos cercaram no mar, a primeira coisa que fizemos, depois de pôr o pé nessa terra, para onde havíamos sido conduzidos com tanta felicidade, foi todos juntos rendermos graças a Deus. Em seguida fomos ter com Villegagnon que nos esperava em lugar conveniente e nos saúdamos todos uns aos outros. E êle a todos abraçou muito risonho. A seguir o senhor Du Pont, apoiado por Richier e Chartier, ministros do evangelho, declarou a causa principal que nos movera àquela viagem e a passar o mar em meio a tantos perigos para irmos ter com êle e aí erigirmos nossa igreja reformada, concorde com a palavra de Deus. Em resposta disse êle textualmente o seguinte: “quanto a mim (132), desde muito e de todo o coração desejei tal coisa e recebo-vos de muito bom grado mesmo porquê aspiro a que nossa igreja seja a mais bem reformada de tôdas. Quero que os vícios sejam reprimidos, o luxo do vestuário condenado e que se remova do nosso meio tudo quanto possa

(131) Este capítulo não figura na edição latina de Bry.

(132) Segundo Crespín, *Historie des Martyrs*, Villegagnon depois de ler as cartas manifestou grande contentamento e declarou abertamente o motivo que o levou a abandonar os prazeres da vida na França para viver no Brasil. Quanto aos ministros solicitava-lhes estabelecessem a disciplina eclesiástica em obediência às instruções de Genebra, prometendo públicamente submeter-se a êles com tôda a sua gente.

prejudicar o serviço de Deus". Erguendo depois os olhos ao Céu e juntando as mãos disse: "Senhor Deus, rendo-te graças por teres me enviado o que a tanto tempo venho ardentemente pedindo". E voltando-se novamente para os nossos companheiros continuou: "meus filhos (pois quero ser vosso pai), assim como Jesús Cristo nada teve dêste mundo para si e tudo fêz por nós, assim eu (esperando que Deus me conserve a vida até nos fortificarmos neste país e poderdes dispensar-me) tudo pretendo fazer aqui para todos aquêles que vierem com o mesmo fim que viestes. É minha intenção criar aqui um refúgio para os fiéis perseguidos em França, na Espanha ou em qualquer outro país de além mar, afim de que sem temer o rei nem o imperador nem quaisquer potentados, possam servir a Deus com pureza, conforme a sua vontade". Essas foram as primeiras palavras que Villegagnon nos dirigiu por ocasião de nossa chegada, na quarta-feira, dia 10 de Março de 1557.

Mandou êle então reúnir tôda a sua gente conosco em uma pequena sala existente no meio da ilha e o ministro Richier invocou Deus. Cantamos em côro o salmo V e dito ministro, tomando por tema estas palavras do salmo XXVII: — "Pedí ao Senhor uma coisa que ainda reclamarei e que é a de poder habitar na casa do Senhor todos os dias da minha vida" — fêz a primeira prédica no Forte de Coligny, na América. Durante a mesma não cessou Villegagnon de juntar as mãos, erguer os olhos para o céu, dar altos suspiros e fazer outros gestos que a todos nós pareciam dignos de admiração. Por fim, terminadas as preces solenes conforme o ritual das igrejas reformadas de França, e marcado para elas um dia da semana, dissolveu-se a reunião. Nós, porém, recém-chegados, ficamos e jantamos nesse dia nessa mesma sala onde a refeição constou de farinha feita de raízes, peixe moqueado, isto é assado à maneira dos selvagens, e outras raízes assadas no borralho, a cujo respeito falarei oportunamente. Por bebida, tivemos uma água de cisterna ou antes de uma calha que recolhia a chuva e essa água era tão esverdinhada e suja como a de um charco de rãs, e isso porquê não existe nessa ilha fonte, poço ou rio. Ainda assim, embora fôsse a água fétida e corrompida, a achamos boa em comparação da que bebêramos em viagem. Como sobremesa própria para refazer-nos dos trabalhos do mar mandaram-nos carregar pedras e terra para as obras do forte de Coligny, que se achava em construção. Esse foi o bom tratamento que nos deu Villegagnon desde o primeiro dia de nossa chegada. À noite quando se tratou de arranjar aposento, foram o senhor Du Pont e os dois ministros acomodados em uma sala igual à do meio da ilha e nós, por gentileza, num casebre coberto de palha, que um escravo cons-

truíra a seu modo à beira mar. Aí amarramos as nossas rêdes para dormirmos à moda da América, suspensos no ar. Assim, já de chegada e nos dias seguintes, sem necessidade nenhuma e sem nenhuma atenção ao estado de debilidade em que nos encontrávamos por causa de viagem, sem consideração ao calor que faz no país, nem à parca alimentação que tínhamos, de duas medidas de farinha de raízes, que comíamos ou sêca ou em papa feita com a água suja das cisternas, obrigou-nos Villegagnon a carregar terra e pedras para o seu fortim e isso desde a madrugada até a noite, a-pesar-de nossa fraqueza, o que por certo constituía um tratamento mais rude do que fôra de esperar de um pai. Todavia tanto pelo desejo que tínhamos de ver concluído o refúgio que êle dizia preparar para os fiéis (133) nesse país como porquê o nosso mestre Pedro Richier (134), ministro mais antigo afir-

(133) Ver Thévet (*Cosmog.* p. 908): "Mesmo os principais dentre nós não se furtavam à necessidade de dar o exemplo aos outros, o que os encorajou de tal modo que todos estavam dispostos a arriscar a vida na construção do forte". Ver Crespín, *Histoire des Martyrs*: "Ouvindo tais palavras todos se sentiram grandemente animados a levar avante a empresa... Cada qual, na medida de suas fôrças, trabalhava como simples operário, sem se recusar ao trabalho tal a esperança que depositávamos nas promessas de Villegagnon".

(134) Curiosa carta de Richier, a respeito, inserta na coletânea das cartas de Calvino (Ed. 1667, Amsterdam, p. 121). *** A carta em latim, reproduzida na nota de Gaffarel, é dada aqui em português para facilitar a leitura à maioria dos leitores (T.):

"Não quis desprezar a presente ocasião, para esclarecê-lo, meu irmão, acêrca das nossas coisas. Em primeiro lugar quero que seja por ti conhecido o benefício que de Deus recebemos até agora, afim de que conosco lhes dê graças pela sua bondade. Pois de todos nós teve tal cuidado que, pela sua bondade nos conduziu todos ao pôrto, são e incólumes, através das muitas separações das terras e do mar. Satã, na verdade, como é natural, expôs-nos, no caminho, a diversos perigos: mas, como filhos embora indignos, sempre experimentamos muito a mão auxiliadora do Pai que continua misericordiosamente estendida para nós através dos dias. Ao chegarmos ao pôrto, Villegagnon quis que a palavra de Deus fôsse públicamente prêgada; na semana subsequente desejou que fôsse administrada a ceia sagrada de Cristo, a que êle próprio com alguns de seus domésticos, religiosamente compareceu, dando um exemplo da sua fé para a edificação das pessoas presentes. Que podia melhor auxiliar o nosso plano? Que podia corresponder mais oportunamente aos nossos desejos todos de que a verdadeira igreja ter-se patenteado a êsses furiosos junto de nós? Com tais benefícios o nosso supremo Pai se dignou recompensar-nos. Esta região, doutro lado, porquê seja inculta e com raros habitantes, quase nada produz daquilo que a gente de nosso país gosta de saborear. Produz milho é verdade, figos silvestres e umas certas raízes com as quais fabricam, para seus habitantes, a farinha que lhes serve de provisão de viagem. Não tem pão, nem produz vinho ou algo semelhante. Além disso não nos servimos, em nenhum tempo ou lugar, de nenhum fruto familiar.

mava, afim de nos encorajar, que tínhamos achado em Villegagnon um novo São Paulo (e com efeito nunca ouvi ninguém prègar melhor do que êle a reforma da religião), não houve entre nós quem não trabalhasse com alegria, acima de suas fôrças e por espaço de quase um mês naqueles serviços a que não estávamos acostumados. E ousou dizer que Villegagnon não tem razão de queixa pois enquanto serviu a religião reformada tirou de nós tudo o que exigiu.

Devo dizer que logo à nossa chegada Villegagnon não só consentiu mas ainda estabeleceu êle próprio que, além das preces públicas feitas tôdas as noites depois do trabalho, os ministros prègariam duas vèzes no domingo e nos outros dias da semana durante uma hora; ordenou também, expressamente, que os sacramentos fôssem administrados de acôrdo com a palavra pura de Deus e que, no mais, fôsse a disciplina eclesiástica aplicada contra os pecadores. Em obediência a essa deter-

Todavia qualquer coisa nos basta, e passamos perfeitamente bem, bastando dizer que estou mais forte que de costume e o mesmo acontece a todos os outros. Um naturalista teria acrescido ao que disse a bondade do ar, que de tal sorte se tempera e corresponde ao nosso Maio. De tal forma o Pai celeste se mostra bom e nos oferece o seu paterno afeto que aquí, em tão bárbaro e agreste solo, nos ministra o seu favor, afim de que comprovemos que a provisão de viagem do homem não depende do pão mas da palavra de Deus, cuja bênção substitue para nós tôdas as delícias. Uma coisa há que nos constrange e preocupa: a selvageria do povo, tão grande que maior não podia ser. Não lhes censuro serem antropófagos o que, entretanto, é nêles muito vulgar; mas deploro a estupidez de sua mente que é palpável mesmo nas trevas. Sôbre a virtude do Pai também nada conhecem, não distinguindo o bem do mal e os vícios que a natureza revela naturalmente às outras gentes êle os tem por virtude; não conhecendo a torpeza do vício pouco diferem das feras. E, o que é a mais perniciosa de tôdas as coisas, não sabem se Deus existe. Estão muito longe de observar a Sua lei ou admirar o Seu poder e vontade, porisso não temos esperança de ganhá-los inteiramente para Cristo, embora seja realmente a coisa mais importante de tôdas. Aprovo na verdade quem os descreve como uma "tábula rasa", facilmente pintável em quaisquer côres, pois essa espécie de côres nada tem de contrário à pureza natural. Mas o grande obstáculo é a diversidade de idiomas. Acrescente-se que não temos intérpretes fiéis a Deus. O mérito de nossa obra consiste para nós em refrear o passo e esperar pacientemente que os adolescentes aprendam a língua dos índios. E já alguns vivem entre êles. Praza a Deus que fiquem aquêms dêles qualquer perigo para as suas almas. Desde que o Altíssimo nos impôs esta tarefa, devemos esperar que esta terra se torne a futura possessão de Cristo. Neste ínterim precisamos mais gente para que se forme esta nação bárbara e que nossa igreja receba seu incremento. Abundariamos certamente de tôda a cópia de bens se aquí houvesse um povo numeroso; sendo poucas almas progride o agricultor muito devagar. Mas por tôdas as coisas vela o Altíssimo. Nós em verdade, desejamos fortemente ser recomendados às preces de tôdas as nossas igrejas". *** O original em latim foi aquí traduzido livremente para facilidade de leitura (T.).

minação, no domingo 21 de Março, em que pela primeira vez celebramos a santa ceia de Nosso Senhor Jesus Cristo, no forte de Coligny, prepararam os ministros, com a devida antecedência, todos os que deviam comungar e como não tínhamos em boa conta um tal senhor João Cointa (135), que viera conosco e ora se chamava senhor Heitor e ora se dizia doutor da Sourborne, foi êle convidado a fazer confissão pública de sua fé antes de comungar, o que fêz, abjurando perante todos o papismo.

Ao terminar o sermão, Villegagnon, aparentando zêlo, levantou-se e alegou que os capitães, mestres, marujos e algumas pessoas presentes ainda não professavam a religião reformada; deviam portanto sair porquê não estavam aptas para assistir ao ministério da administração do pão e do vinho. E êle próprio afim de dedicar o seu fortim a Deus e fazer confissão de sua fé em face da igreja, ajoelhou-se num coxim de veludo, que um pagem trazia geralmente consigo, e pronunciou em voz alta duas orações, das quais obtive cópia e aquí transcrevo, literalmente, para que melhor se compreenda quanto é difícil conhecer o coração dêsse homem.

“Meu Deus, abre os olhos e a bôca de meu entendimento, acostuma-os a te dirigir confissão, preces, e ações de graças pelo muito bem que nos tens feito. Deus onipotente, vivo e imortal, pai eterno de teu filho Jesus Cristo, Nosso Senhor, que por tua própria providência governas com teu filho tôdas as coisas no céu e na terra, assim como pela tua bondade infinita te fizeste ouvir aos teus escolhidos, desde a criação do mundo, especialmente por teu filho que enviaste à terra, e pelo qual te manifestas; tendo dito em voz alta: “*ouví-o*” — e depois de tua ascensão por teu Espírito Santo difundido entre os apóstolos — reconheço de coração, perante a tua Majestade e a tua Igreja, neste país implantada por graça tua, que nunca os meus atos passaram de uma obra das trevas, da carne e da vaidade, tendentes apenas à satisfação de meu corpo. Confesso portanto, francamente, que sem a luz de teu Espírito Santo só me é possível pecar; e, despojando-me de tôda glória, quero que se saiba que se alguma virtude existe na obra pia que por meu intermédio fizeste, a ti sòmente, fonte de todo o bem, deve ela ser atribuída. Rendo-te, graças meu Deus, de todo o coração, por te have-

(135) Crespin — *Histoire des Martyrs* — “Como êsse Cointa se mostrasse um tanto estranho em suas opiniões e ainda houvesse confessado a alguns que possuía títulos em França, um dos ministros lhe pediu que fizesse profissão pública de fé na igreja reformada afim de que não subsistissem dúvidas a seu respeito e se apagasse a má impressão que porventura se tivesse dêle”. *** O caso de João Cointa permanece obscuro, a-pesar-da extensa literatura que existe a respeito (T.).

res dignado tirar-me do mundo em que vivia, por ambição, para colocar-me no lugar onde com tôda a liberdade e tôdas as minhas fôrças eu possa contribuir para o aumento de teu santo reino. E assim faço, preparando lugar e morada pacífica para os que não podem invocar públicamente o teu nome, nem santificá-lo e adorá-lo, em espírito e verdade, nem reconhecer em teu filho, Nosso Senhor Jesús Cristo, o único mediador e o único mérito da nossa salvação. Eu te agradeço ainda, ó Deus de suprema bondade, porquê, conduzindo-me a êste país de ignorantes de teu nome e grandeza, tu me preservaste da malícia de Satanaz e tu lhes incutiste terror a ponto de, à simples menção de nosso nome, tremerem de medo. Tu os obrigaste a alimentar-nos com seu trabalho e para refrear a sua brutal impetuosidade os afligiste com cruéis moléstias, preservando-nos delas entretanto. Suprimiste os que nos eram mais perigosos e reduziste os outros a tal estado de fraqueza que nada ousam empreender contra nós. E ainda te aprouve não só permitir que lançassem raízes neste lugar aquêles que para aquí trouxeste sãos e salvos, mas ainda estabeleceste o regime de uma igreja para manter-nos unidos e no temor de teu santo nome afim de ganharmos a vida eterna.

Pois que te aprouve, Senhor, erigir em nós o teu reino, peço-te por Jesús Cristo, teu filho, que aumentes as tuas graças e nossa fé, fortalecendo-nos e iluminando-nos com teu Espírito Santo, de forma a que todo o nosso esforço se empregue em tua glória. Queira também, senhor e pai nosso, estender a tua bênção sôbre êste forte de Coligny e essa região da França Antártica, para que se torne inexpugnável o refúgio daqueles que em boa consciência e sem hipocrisia aquí se abrigarem afim de dedicar-se conosco à exaltação da tua glória, e para que possamos invocar-te no seio da verdade sem sermos perturbados pelos herejes. Permite também que o teu evangelho reine neste lugar afim de que teus servos não caiam no êrro dos epicuristas e outros apóstatas mas se mantenham fiéis à verdadeira adoração da divindade, de acôrdo com a tua santa palavra.

Praza a ti também, ó Deus de bondade, proteger o Rei, nosso Soberano e Senhor, bem como sua mulher, sua progênie e seu conselho, e ainda o senhor Gaspar de Coligny, sua mulher e sua descendência, conservando-os todos na vontade de manter e defender esta tua igreja; e queira dar a êste teu humilde escravo a prudência necessária para dirigir-se, de maneira a não se desviar do verdadeiro caminho e a resistir a todos os obstáculos que Satã lhe possa opor na ausência de teu auxílio. E praça a ti também que sempre te reconheçamos como nosso deus misericordioso, justo juiz, e conservador de tôdas as coisas, juntamente com teu filho

Jesús Cristo, que reina contigo e com o Espírito Santo baixado sôbre os apóstolos. Cria pois em nós um coração reto, mortifica-nos com o pecado, regenera-nos para vivermos com justiça e para que nossa carne se torne digna das ações da alma inspirada por ti e para que façamos a tua vontade na terra como no céu fazem os anjos. E afim de que a urgência em satisfazer as nossas necessidades não nos faça cair em pecado, queira aprovar a nossa vida e conservar a nossa saúde. E assim como a carne terrestre se converte em sangue e alimento do corpo, assim também queira nutrir e sustentar as nossas almas com a carne de teu filho, até que êle se consubstancie em nós e nós nêle, expulsando tôda a malícia e substituindo-a pela caridade e pela fé, afim de que possas reconhecer-nos como teus filhos; e se te ofendermos permita, senhor de misericórdia, lavarmos os nossos pecados no sangue de teu filho, lembrando-te de que fomos concebidos na iniquidade e de que, pela desobediência de Adão, em nós reside o pecado. Nossa alma não pode executar o santo desejo de obedecer-te através do corpo imperfeito e rebelde. E em nome de teu filho, Jesús Cristo, não nos imputes as nossas faltas, antes nos imputes o sacrifício da sua morte e paixão, que pela fé temos sofrido com êle e penetrado pelo recebimento de seu corpo o mistério da eucaristia. Da mesma forma concede-nos graça para que perdoemos os que nos ofenderem e procuremos o seu bem, em vez de vingar-nos, como se fôssem nossos amigos, seguindo assim o exemplo de teu filho que pediu por aquêles que o perseguiram. E se formos instigados pela ambição, pompas e honras dêste mundo, embora humilhados pela pobreza e pelo pêso da cruz de teu filho, seja a tua vontade tornar-nos obedientes; e afim de que, perdidos na felicidade mundana, não nos rebelemos contra ti, sustenta-nos e adoça a agrura das aflições de modo que não sufoquem as sementes que lançaste em nossos corações. Nós te rogamos ainda, pai celestial, que nos guardes das tentações com que Satanaz busca desviar-nos; preserva-nos de seus ministros e dos selvagens insensatos entre os quais te aprouve jogar-nos e conservar-nos; livra-nos dos apóstatas da religião cristã espalhados entre êles (136) e chama-os à tua obediência afim de que se convertam, de que teu evangelho se torne conhecido em tôda a terra, e em tôdas as nações se proclamem a tua bemaventurança. Que vivas e reines com teu filho e Espírito Santo por todos os séculos. Amém”.

(136) Eram certos intérpretes normandos, que já residiam entre os selvagens antes que Villegagnon chegasse ao Brasil, e que não queriam obedecer-lhe (nota de Léry).

“Jesús Cristo, filho de Deus vivo, eterno e consubstancial, esplendor da glória de Deus, sua imagem viva, por quem foram feitas tôdas as coisas, tu viste o gênero humano condenado pelo infalível juízo de Deus, teu pai, em consequência da culpa de Adão, o qual poderia ter gozado da vida eterna, porquê foi criado por Deus com terra não poluída pela semente viril e dotado de tôda a virtude, com liberdade de conservar-se na sua pẽrfeição, se, incitado pela sensualidade da carne e movido pelos dardos inflamados de Satã, não se deixasse vencer incorrendo na ira de Deus; sem ti, senhor nosso, ter-se-ia seguido a infalível perdição dos homens; mas, movido por tua imensa e indizível piedade tu te apresentaste a Deus teu pai, humilhando-te a ponto de substituíres Adão para sofrer tôda a indignação de Deus e purificar-nos. E assim como Adão fôra feito de barro não corrompido, sem semente viril, tu foste concebido do Espírito Santo em uma virgem para sêres formado de verdadeira carne como a de Adão, sujeita à tentação. Finalmente quiseste sofrer a morte afim de que como membros de teu corpo Adão e tôda a sua posteridade se alimentassem em ti e agradassem a Deus teu pai e tu ofereceste a tua morte em satisfação das suas ofensas como se ela fôsse a de seus próprios corpos. E assim como o pecado de Adão se inoculava na sua posteridade, e com o pecado a morte, tu quiseste e pediste a Deus, teu pai, que tua justiça fôsse imputada aos crentes, os quais, pela manducação da tua carne e de teu sangue tu transformaste em ti mesmo, para viverem eternamente como filhos da justiça e não da ira. Se te aprouve fazer-nos tantos bens e se, sentado à mão direita de Deus, teu pai, te constituístes nosso eterno intercessor e nosso soberano sacerdote, tem piedade de nós, conserva-nos, fortalece e aumenta a nossa fé; oferece a Deus, teu pai, a confissão que faço de bõca e de coração, em presença de tua igreja, santificando-me o teu espírito, como prometeste ao dizeres: — “Não vos deixarei órfão”. Aumenta a tua igreja neste lugar de modo a que em plena paz sejas adorado com pureza. Que vivas e reines com êle e com o Espírito Santo por todos os séculos. Amém”.

Findas estas duas preces, Villegagnon apresentou-se à mesa do Senhor e recebeu de joelhos o pão e o vinho da mão do ministro. Logo verificamos porém o justo conceito de um antigo escritor que dizia ser difícil simular a virtude muito tempo, pois percebemos que nêle havia apenas ostentação. Pois embora houvesse, juntamente com João Cointa, abjurado públicamente o papismo, tinham ambos mais vontade de discutir do que aprender e aproveitar e não tardaram muito em promover disputas relativamente à doutrina e sobretudo à ceia. Ambos rejeitavam abertamente a transubstanciação da igreja romana como absurda e grosseira; também

não aprovavam a consubstanciação, não consentindo entretanto, que os ministros ensinassem e provassem, com a palavra de Deus, que o pão e o vinho não se convertiam realmente em corpo e sangue do Senhor, o qual não se encerra portanto nessas espécies materiais mas está no céu donde, por virtude do Espírito Santo se comunica espiritualmente com os que recebem os sinais da fé. Villegagnon e João Cointa assim falavam: “êste é meu corpo, êste é meu sangue”, e tais palavras só podiam significar que alí se encontravam o corpo e o sangue de Jesús Cristo. Mas, perguntareis: como as entendiam êles, se rejeitavam a transubstanciação e a consubstanciação? Creio que êles nada entendiam, pois quando lhes mostrávamos por outros trechos que essas palavras e locuções são figuradas, não as refutavam com argumentos procedentes para provar o contrário, mas permaneciam obstinados. Queriam assim, embora sem saber como fazê-lo, comer a carne de Jesús Cristo, não só espiritualmente mas ainda materialmente, à maneira dos selvagens *guaitaká*, que mastigam e engolem a carne crua. Entretanto Villegagnon mostrando-se sempre alegre e afirmando desejar apenas instruir-se, mandou para a França o ministro Chartier (137) em um dos navios que, carregado com pau Brasil e outras mercadorias do país, partiu a 4 de Junho, afim de trazer as opiniões dos doutores sôbre a contenda da ceia, e principalmente a de João Calvino, a cujo parecer dizia Villegagnon querer submeter-se. Costumava com efeito dizer e repetir estas palavras, que pude ouvir muitas vêzes: — “o senhor João Calvino é um dos homens mais doutos que surgiram desde os apóstolos e nunca li ninguém que no meu entender melhor e mais puramente tenha exposto e tratado a Santas Escrituras”. E para mostrar que o acatava, na resposta às cartas que lhe havíamos trazido, não só estendeu-se longamente sôbre o estado geral das coisas mas ainda escreveu com tinta de pau Brasil (138) e de seu próprio punho o seguinte: — “aceitarei o conselho que me destes em vossas cartas, esforçando-me

(137) A propósito da partida de Chartier, ver Crespim, *Histoire des Martyrs*: “Entretanto os mais notáveis da companhia grandemente aborrecidos com tais discussões persuadiram as partes a chegarem a um acêrdo. Villegagnon e Cointa prometeram fazê-lo uma vez que os pontos em controvérsia fôssem esclarecidos e enviados às igrejas de França e Alemanha para resolverem e afim de que isso se fizesse com maior segurança foi o mais jovem dos ministros, chamado Chartier encarregado de levá-los. Era um artifício de Villegagnon para dêle se desfazer, como o confessou mais tarde”.

(138) A carta de Villegagnon a Calvino foi datada de 31 de Março de 1551 e foi levada para a Europa por um dos genebrinos, Carneau. Ela nada contém de hostil aos genebrinos. Chartier só partiu a 4 de Junho e a carta de Villegagnon a Calvino, de que era portador, nunca foi encontrada.

com tôda a vontade por não desviar-me dêle em coisa alguma. Pois em verdade estou bem persuadido de que não pode haver outro mais reto, perfeito e santo. Porisso mandei ler as vossas cartas em reunião do nosso conselho e depois registá-las, afim de que sejamos, pela leitura delas, advertidos e afastados do mau caminho se viermos e fraquejar”.

Ocorre ainda que um tal Nicolau Carmeau, que foi portador dessas cartas e partira a 1.º de Abril no navio *Rosée*, disse-me ao despedir-se, que Villegagnon lhe ordenara dizer verbalmente a Calvino que para perpetuar os conselhos recebidos ia mandar gravá-los em cobre; encarregara também êsse mesmo indivíduo de lhe trazer de França homens, mulheres e meninos prometendo pagar tôdas as despesas que os adeptos da religião fizessem para arranjar essa gente (139).

Antes de continuar quero mencionar aquí que dez rapazes selvagens de nove a dez anos, tomados na guerra pelos índios amigos dos franceses, e vendidos como escravos a Villegagnon, foram embarcados no mesmo navio para a França, depois de ter o ministro Richier, ao fim de uma prédica, imposto as mãos sôbre êles e de têrmos rogado a Deus que lhes fizesse a graça de serem os primeiros dêste pobre povo chamados à salvação; em França ditos rapazes ao chegarem foram apresentados ao Rei Henrique II, então reinante, e depois dados de presente a vários magnatas. Um dêsses índios foi doado ao falecido senhor de Passy que o mandou batizar; e pude reconhecê-lo na residência dêste na minha volta.

Além disso, a 3 de Abril, dois mancebos, criados de Villegagnon, desposaram no momento da prédica, segundo as leis da igreja reformada, duas das jovens que tínhamos trazido de França para êste país. Menciono o fato não só por terem sido as primeiras núpcias realizadas à moda cristã na terra da América, mas ainda porquê muitos selvagens, atraídos pela curiosidade, se mostraram mais admirados com as mulheres vestidas, coisa que nunca haviam visto antes, do que com a cerimônia eclesiástica que lhes era também totalmente desconhecida. A 17 de maio João Cointa desposou igualmente uma das jovens, parenta de um tal Laroquete, de

(139) *Memoires* de Claude Haton, ed. Bourquelot. “Dito senhor por fôrça ou abizade arranjou uma centena de pessoas dêsse país, homens, mulheres e crianças, e as trouxe consigo para a França. De algumas fêz presente ao Rei e a outros senhores e para si e seu irmão conservou cêrca de meia dúzia. A seu irmão, prefeito de Provins, presenteou com dois rapazes de dezesseis a dezoito anos, por nomes Douat e Doncart, que dito prefeito vestiu e conservou a seu serviço até a morte. Êsses rapazes logo depois de aprender a falar um pouco de francês foram batizados vivendo cada um dêles de sete a oito anos em Provins e morrendo a serviço do prefeito que os tratava com muita humanidade”.

Rouen, que também viera conosco e que vindo a falecer pouco depois da nossa chegada a deixara como herdeira de todos os seus bens: grande quantidade de facas, pentes, espelhos, contas de côr, anzóis e outros objetos próprios para o tráfico com os selvagens, o que conveyio a João Cointa. As duas outras moças, pois eram cinco ao nosso embarque, casaram também logo depois com dois intérpretes da Normândia, e assim não sobraram entre nós mulheres cristãs por casar. E para não calar o que era louvável em Villegagnon, direi de passagem que visando certos normandos, que muito antes dêle chegar ao país se tinham salvado de um navio que naufragara e haviam ficado entre os selvagens, vivendo amasiados sem temor a Deus, alguns com filhos já de quatro a cinco anos de idade, e afim de evitar que o mesmo não acontecesse aos de nossa ilha e de nosso fortim, proíbiu Villegagnon, depois de ouvir o parecer do conselho, que nenhum cristão se juntasse às mulheres dos selvagens, sob pena de morte, a menos que fôsem antes instruídas na religião, e batizadas. Isso não aconteceu, entretanto, pois não obstante as prédicas feitas a êsse povo bárbaro, nenhum indivíduo quis abandonar sua crença e converter-se. Porisso, durante todo o tempo que lá estive não vi francês algum tomar mulher selvagem. Como esta lei encontrava claro fundamento na palavra de Deus, foi ela exatadamente observada. Nenhum dos sequazes de Villegagnon, nem nenhum de nossos companheiros a transgrediu e embora, depois de meu regresso eu tenha ouvido dizer que Villegagnon se poluía na América com mulheres selvagens posso testemunhar que em nosso tempo ninguém o suspeitava. E mais: tão severo se mostrava êle na observância dessa ordem que foi preciso a intercessão de pessoas de sua intimidade para que comutasse em pena de calceta aos pés e trabalho entre os escravos a condenação por êle imposta, de enforcamento, a um intérprete normando que fôra apanhado em comércio carnal com uma índia de que outrora abusara. Pelo que dêle sei, tenho-o como louvável nesse ponto, tanto pessoalmente como em relação aos outros, e prouvera a Deus que para a vitória da Igreja e benefício de muitos êle se tivesse portado tão acertadamente nas outras coisas.

Guiado, porém, por um espírito contraditório, não soube contentar-se com a simplicidade que a Escritura exige dos verdadeiros cristãos em relação aos sacramentos. E no segundo dia de pentecostes, em que pela segunda vez celebramos a ceia, infringiu êle próprio o que antes estabelecera e alegando terem S. Cipriano e S. Clemente escrito que na celebração da ceia cumpria pôr água no vinho, e pretendeu com obstinação não sòmente que isso se fizesse e mas ainda que cressemos o pão consagrado aproveitasse tanto à alma como ao corpo. Sustentou ainda que se devia

pôr sal e óleo na água do batismo e, mais ainda, que um ministro não podia contrair segundas núpcias, baseando-se na passagem de S. Paulo a Timóteo (140) em que diz “seja o bispo marido de uma só mulher”. Em suma, fiando-se tão somente em sua opinião própria, que não tinha fundamento na palavra de Deus, tudo se pôs a dirigir a seu bel prazer (141). Mas para que se conheça a força de sua argumentação apresentarei aqui uma das muitas sentenças das Escrituras alegadas em apoio de suas proposições.

Ouví-o dizer certa vez a um de seus sequazes: “Não leste no Evangelho que o leproso disse a Jesús Cristo: — Senhor, se quiseses podes limpar-me. E Jesús respondeu: Quero, fica limpo. E o leproso sarou. Pois bem, quando Jesús diz do pão, que é seu corpo, cumpre crer, sem maiores interpretações que de fato assim é, e deixar divagar essa gente de Genebra”.

Não será isso interpretar uma passagem com outra? E tal interpretação é sem dúvida da ordem daquela que alguém alegou num concílio, a saber que se está escrito: “Deus criou o homem à sua imagem, convém ter imagens”... Esse exemplo basta para julgar-se a teologia de Villegagnon, que tanto se jacta, depois de sua apostasia, de uma ciência das Escrituras suficiente para tapar a boca a Calvino e resolver sobre tôdas as discussões porventura surgidas entre seus adeptos. Poderia apresentar ainda muitas outras proposições tão ridículas quanto a precedente, mas como depois de seu regresso à França Pedro Richier o pintou com tôdas as côres, e outros mais o desancaram completamente (142) nada mais direi de receio de enfadar os leitores.

Também João Cointa, nesse tempo, querendo mostrar a sua sapiência, começou a dar lições públicas; mas tendo principiado pelo Evangelho de S. João, matéria das mais difíceis, como bem sabem os que professam, discorria sobre seus temas sem nenhum propósito. Era, todavia, nesse país, o unico sustentáculo de Villegagnon na impugnação da verdadeira doutrina.

Mas, dirão, como se calava o frade franciscano André Thévet (143), que na sua *Cosmografia* tanto se queixa de que os ministros enviados por

(140) Paulo a Timóteo, I, 3-2.

(141) Alusão ao famoso desafio lançado a Calvino por Villegagnon a 13 de Julho de 1560.

(142) Em francês: *estrillèrent* e *espoussetèrent* (T.). Alusão aos panfletos lançados contra Villegagnon em 1561 sob os títulos de: *L'estrille de Nicolas Durand, dit le chevalier de Villegagnon*, e *l'espoussette des armoiries de Villegagnon*.

(143) Os trechos de Thévet se encontram na sua *Cosmografia Universal*, liv. II, § 2,8.

Calvino, invejosos de seus bens e cargos, o impediam de conquistar as almas transviadas dos selvagens? Seria mais afeiçoado aos bárbaros do que à defesa da Igreja Romana, de que se diz um dos mais fortes defensores? A resposta a êsse embuste de Thévet está em que já então se encontrava de regresso à França, como disse alhures; e os leitores devem desde já ficar sabendo que se a êle não me referí ainda nem me referirei, a propósito das nossas disputas com Villegagnon no Forte de Coligny, é porquê lá nunca nos viu êle nem nós o vimos. Êsse bom católico, como o provei no prefácio dêste livro, não esteve lá em nosso tempo. Havia entre êle e nós um espaço de 2000 léguas, impedindo que os selvagens, por nossa causa caíssem sôbre êle e o procurassem matar, como ousou escrever; deveria portanto, em vez de encher seus livros de bobagens, alegar outros argumentos para provar que o seu zêlo na conversão do gentio foi embaraçado pelos ministros.

Após a ceia de pentecostes, Villegagnon declarou abertamente ter mudado de opinião sôbre Calvino e sem esperar resposta à consulta feita por intermédio de Chartier, declarou-o hereje transviado da fé. Daí por diante passou a demonstrar-nos má vontade restringindo as prédicas a meia hora, a partir de fins de maio, e a elas assistindo raramente. Em suma a dissimulação de Villegagnon se patenteou tão clara que não foi difícil verificar com que lenha se aquecia, como se diz vulgarmente. E se me perguntarem o porquê dessa mudança, direi que foi motivada, na opinião de alguns dos nossos, por cartas recebidas do cardeal de Lorena (144) e de outros personagens, em um navio que por essa época aportou em Cabo Frio, a 30 léguas da ilha em que estávamos. Tais cartas censuravam-lhe acerbamente haver abandonado a religião católica romana e êle, temeroso das conseqüências, mudou súbitamente de opinião. Entretanto, depois de meu regresso à França ouví dizer que antes de partir dêste país, para melhor usar do nome e autoridade do senhor de Chatillon e mais facilmente abusar da igreja de Calvino, da qual procurava obter braços para a empresa, Villegagnon se aconselhara com o cardeal de Lorena ao mesmo tempo que se mascarava com a religião reformada. Como quer que seja posso assegurar que, por ocasião de sua rebeldia, como se tivesse a consciência castigada, se tornou tão neurastênico que jurava a cada instante pelo corpo de S. Tiago que quebraria cabeça, braços e pernas ao primeiro que o importunasse; e ninguém mais ousava ir ter à sua presença. A propósito contarei a maldade que eu vi praticar nessa

(144) O cardeal de Lorena era irmão de Francisco de Guise, grande inquisidor de França e chefe do Partido Católico.

ocasião a um francês de nome Laroche (145), que êle conservava prêso em grilhões. Mandou deitá-lo de costas no chão e dar-lhe tanta pancada no ventre que a vítima quase morreu e depois de vê-lo assim todo machucado o deshumano verdugo ainda dizia: "Corpo de S. Tiago, fazе outra, frascário!" E com incrível impiedade o teria deixado estendido e semi-morto se dêle não precisasse por ser marceneiro. Outros franceses que êle mantinha presos pelo mesmo motivo porquê prendera Laroche, a saber pelo fato de se terem revoltado ante os maus tratos infligidos antes de nossa chegada, vendo-se mais judiados do que se estivessem nas galés, preferiram abandonar a ilha e ir viver entre os selvagens que os tratavam mais humanamente. Trinta ou quarenta homens e mulheres *margaiá*, que os tupinambás, nossos aliados haviam vendido como escravos eram tratados ainda mais cruelmente. E com efeito, certa vez o vi, por motivo de nonada, mandar amarrar um dêles, de nome *Mingau* (146), a uma peça de artilharia e derramar-lhe toucinho derretido nas nádegas. Porisso essa pobre gente sempre proclamava em sua língua: — "Se soubéssemos que Páiocola nos trataria dêsse modo, antes nos teríamos deixado comer pelos nossos inimigos".

Eis uma ligeira amostra de sua humanidade. Sem dúvida não mais me referiria a êle se já não tivesse mencionado que, ao chegarmos à ilha, nos afirmara que desejava ver abolido o luxo do vestuário. Vejamos qual o seu exemplo, a êsse respeito. Não só tinha êle copioso guarda roupa de sêda e lã (e antes o deixaria apodrecer a vestir a sua pobre gente, parte da qual andava semi-nua) mas ainda camelões de tôdas as côres. Mandou fazer para si seis trajés, um para cada dia da semana: casacos e calções todos iguais, vermelhos, amarelos, pardos, brancos, azues e verdes, o que por certo não assentava bem à sua idade e à sua posição. E pela côr de suas roupas sabíamos com que humor se levantara, da mesma forma porquê pela verdura e amarelidão dos campos podemos dizer a estação. E quando vestia comprido casaco de camelão amarelo, bandado de veludo preto, envaidecia-se com o traje e todos no forte o comparavam a uma criança despreocupada. Não duvidamos de que conhecessem êsse casaco, os que depois de seu regresso o mandaram pintar nu como um selvagem (147), em cima do fundo de uma grande marmita, também lho

(145) Crespin (*Histoire des Martyrs*, p. 437-438) narra diferentemente a conspiração.

(146) Léry escreve *Mingaut*. Será *mingó*, a sugerir *miñog* ou *mindóg* com o sentido de extraído, tirado, arrancado, em alusão à condição do escravo, do aprisionado? (P. A.).

(147) Alusão a um panfleto calvinista intitulado: *L'amende honorable de Nicolas Durand, dit le chevalier de Villegagnon, 1561*.

teriam dado por jóias e ornatos, como fizeram com a cruz e a flauta pendentes do pescoço. Se me objetarem não ter eu razão em alegar êsses pormenores, responderei que tendo Villegagnon se apresentado como um Rolando furioso contra os adeptos da religião reformada, especialmente depois de seu regresso à França, parece-me útil saberem todos como se comportou em tôdas as religiões que seguiu. Por outro lado, pelas razões já mencionadas no prefácio convém que eu diga tudo o que sei.

Ora, como depois de seu repúdio lhe fizemos saber, por intermédio do senhor Du Pont, que em virtude de ter renunciado ao Evangelho não nos considerávamos mais seus súditos, nem queríamos permanecer a seu serviço, e muito menos carregar terra e pedras para seu fortim, julgou êle amendrontar-nos, tentando matar-nos à fome pela proibição de nos darem as duas medidas de farinha de raiz que era o que cada um de nós recebia diàriamente (148). Mas isso em vez de prejudicar-nos muito nos valeu, pois além de têmos com os selvagens, em troca de uma simples foice, maior quantidade de farinha que a distribuída em seis meses por Villegagnon, tal recusa nos dispensava completamente de obedecer-lhe. Entretanto se se tivesse sentido mais forte e se parte de sua gente, juntamente com a nossa, não tivesse tomado o nosso partido, teria, sem dúvida, tentado domar-nos pela fôrça. E isso é tão evidente que certa vez, ao chegarmos da terra firme, onde passáramos dessa feita cêrca de 15 dias, um tal João Gardien e eu, fingiu êle ignorar a permissão que antes de sair havíamos solicitado do sr. Barré, seu lugar-tenente, e acusando-nos de transgressão ordenou não só que nos prendessem, mas ainda que nos pusessem grilhões aos pés como aos escravos. Du Pont, nosso chefe, em vez de sustentar-nos como devia, nessa emergência, impedindo-o de cometer tal arbitrariedade, veio pedir-nos que nos submetêssemos por um ou dois dias, até passar a cólera de Villegagnon. Nós, entretanto, declaramos formalmente que não aceitávamos o castigo, não só porquê não havíamos infringido as suas ordens, mas ainda porquê já lhe tínhamos declarado anteriormente que não mais dependíamos dêle por ter rompido a promessa de manter-nos no exercício da religião evangélica. Além do mais, havia o exemplo de tantos outros que êle conservava presos e víamos diàriamente tratados

(148) Crespín, o. c.: "Villegagnon recusou a licença solicitada por du Pont e Richier, alegando que estes lhe haviam prometido ficar em sua companhia até a vinda de seus navios... finalmente declararam êles que desejavam regressar à França com ou sem licença; por isso que tomasse suas providências. E empregaram palavras rudes declarando-lhe que tendo êle renunciado à fé e apostatado a religião reformada não o consideravam mais seu senhor mas sim um tirano, inimigo da república".

com crueldade. Diante dessa resposta, e certo de que se fôsse além, encontraria pela frente um grupo muito unido de 15 a 16 companheiros, desistiu do intento e abrandou. Ele sabia, aliás, que os principais de sua gente eram de nossa religião e não estavam satisfeitos com a sua atitude e que se não fôra por consideração ao sr. almirante, que mandara Villegagnon ao Brasil sem o conhecer, e obediência à autoridade do rei, o acometeriam para lançá-lo ao mar, afim de que, como diziam, sua carne e largos ombros servissem de alimento aos peixes. A maioria entretanto era de opinião que agíssemos com prudência, uma vez que ele não ousava impedir-nos a prédica pública. Quanto à celebração da ceia, para que não nos perturbasse e embaraçasse era conveniente fazê-la daí por diante à noite e sem sua ciência.

Tendo por ocasião da última ceia celebrada, sobrado apenas um copo de vinho que trouxéramos de França, e não sendo possível obter outro, colocou-se o problema de saber se na falta de vinho poderíamos celebrá-la com outros licores. Alegavam alguns, entre outros argumentos, que Jesús Cristo dissera expressamente: "Não beberei mais do fruto da vinha" (149), etc... Na ausência do vinho era pois preferível abster-nos. Outros ao contrário diziam que ao instituir a ceia Jesús estava na Judéia, e portanto falava da bebida que era usual ali. E' claro que se estivera no país dos selvagens, onde outra era a bebida, a ela se teria referido. Ademais não duvidariam em celebrar a ceia com as coisas mais comuns (na falta do pão e do vinho), à alimentação dos homens do país onde se encontrassem. Embora muitos opinassem de acôrdo com êste parecer, ficou a matéria indecisa, pois não chegamos a essa extremidade. Mas a divergência não afetou a nossa união e concórdia e assim andassem hoje em tudo os que professam a religião reformada!

Para concluir o que me cabe dizer acêrca de Villegagnon, acrescentarei que, detestando-nos dia a dia mais, aproveitou a primeira oportunidade para declarar que não nos suportaria em seu fortim e ordenou, em fins de outubro, que nos retirássemos para a terra firme. Embora, como já disse, tivéssemos meios para expulsá-lo dali, não só para que não tivesse motivos de queixa contra nós como para que não tivessem decepção em França e nos outros países os que muito esperavam de nossa missão, nem se lançasse mácula sôbre a nova doutrina, preferimos obedecer a Villegagnon e deixar-lhe a praça sem contestação. E assim, após oito meses de residência no forte de Coligny, que ajudáramos a

(149) Mateus, XXVI, 29. — Marco, XIV, 25.

construir, retirâmo-nos para o continente onde permanecemos dois meses à espera de que um navio, vindo do Havre para carregar pau brasil e com cujo mestre contratamos o nosso transporte, se aprontasse para partir. Instalâmo-nos na praia, ao lado esquerdo do rio Guanabara, num lugar denominado pelos franceses *Briqueterie* (olaria) e que dista apenas meia légua do fortim. E assim como o fazíamos enquanto estivemos na ilha, a-miúde visitávamos os selvagens pelos quais éramos tratados com mais humanidade do que pelo patrício que gratuitamente não nos podia suportar, e comíamos e bebíamos entre êles. E êles, por sua vez, vinham ver-nos repetidamente, trazendo-nos víveres e o mais de que carecíamos.

Tendo sumàriamente descrito neste capítulo a inconstância religiosa de Villegagnon, o tratamento que nos infligiu, suas disputas e seu desvio do Evangelho, seus gestos e modo de viver no país, a deshumanidade com que tratava a sua gente e a maneira de vestir-se, adiarei o relato do nosso regresso, da licença que nos concedeu e da traição que nos fêz por ocasião de nossa partida, afim de tratar de outros assuntos. Deixa-lo-ei espancar e atormentar a gente de seu fortim, que passarei a descrever juntamente com o braço de mar em que se encontra.

CAPÍTULO VII

DESCRIÇÃO DO RIO GUANABARA, TAMBÉM DENOMINADO DE JANEIRO; DA ILHA DE COLIGNY E DO FORTIM NELA EDIFICADO, BEM COMO DAS ILHAS VIZINHAS (150)

Este braço de mar e rio Guanabara (151) assim denominado pelos selvagens, e pelos portugueses que alegam tê-lo descoberto no dia 1.º do ano, chamado de Janeiro, fica a 23 graus além da linha equinocial, sob o trópico de Capricórnio. Sendo um dos portos de mar mais freqüentados pelos franceses, julgo de interêsse fazer dêle uma descrição sumária. Sem referir-me ao que outros já escreveram, começarei por dizer que penetra no interior das terras umas doze léguas (152), com sete a oito de largura em alguns lugares. E embora sejam menos altas do que

(150) A propósito da baía do Rio de Janeiro ler Liai, *L'espace celeste et la nature tropicale*, p. 205/210. Pranchas pgs. 205, 208, 209.

(151) A rigor a expressão é oxítônica, pois se compõe de *gua + nã + bará*, enseada semelhante ao mar, *sinus similis mari*, como elegantemente a interpretou Batista Caetano. "Confundiam os tupís, muitas vezes, a barra ou foz de um grande rio com a barra ou entrada de um golfo ou baía, denominando-a *pará* ou *mbará* e *bará* quando precede som nasal. Os portugueses e seus navegadores do século XVI assim também o faziam, como se verifica de velhos roteiros, chamando rio de Janeiro, rio de São Vicente, rio dos Inocentes, rio de Cananéia, às barras das baías daqueles nomes". (Sampaio, *O Tupí na Geog. Nacional*, 3.ª ed. Baía, 1928, 76/77). Léry, continua Sampaio, datava as suas cartas de *Rivière de Goanabara* e foi o primeiro que nos transmitiu essa denominação dada ao lugar pelos tupís, e que hoje erroneamente se pronuncia com o acento tônico na penúltima sílaba". No texto de Léry, publicado por Gaffarel, vem *Ganabara* (P. A.).

(152) Gandavo (*Hist. de Santa Cruz*, p. 43) descreve assim a baía de São Sebastião, mais tarde Rio de Janeiro: "Esta cidade se acha situada num braço de mar que penetra nas terras sete léguas, e tem cinco de largura".

as que cercam o lago de Genebra, as montanhas que o rodeiam tornam muito semelhantes ambos os sítios.

Quem deixa o mar alto é forçado a costear três pequenas ilhas desertas (153) contra as quais os navios mal pilotados correm grande risco de bater e despedaçar-se, porquanto a embocadura é muito difícil (154). Faz-se mister, em seguida, transpor um estreito que não chega a ter um quarto de légua de largura, e é limitado à esquerda por um rochedo em forma de pirâmide, não somente de grande altura mas ainda maravilhoso porquê de longe parece artificial. E por ser redondo como uma torre imensa, denominaram-no os franceses hiperbolicamente *pot-au-beurre* (155). Pouco adiante na subida do rio, há um rochedo raso, de 100 a 120 passos de circunferência, ao qual denominamos *Ratier* (156). À sua chegada Villegagnon, depois de desembarcar alfaias e artilharia, pensou nêlo fortificar-se, mas a maré o expulsou dali (157).

Uma légua mais adiante encontra-se a ilha onde nos instalamos e que, como já observei, era deshabitada antes de Villegagnon chegar ao país; com meia milha de circunferência e seis vezes mais comprida do que larga, é rodeada de pedras à flor d'água, o que impede se aproximem os navios mais perto do que à distância de um tiro de canhão e a torna naturalmente fortificada. Com efeito ninguém pode ali atracar, nem

(153) Thévet (*Cosmog.* p. 908): "Na embocadura vêem-se três pequenas ilhas que se faz mister costear para entrar no dito rio... e aí entramos através de um estreito assaz difícil". As três pequenas ilhas são as de Tucinha, Pai e Taipú (?).

(154) Gandavo, o. c. 45: "a entrada, que é a parte mais estreita, tem apenas uma milha. No centro ergue-se uma pequena ilha de 56 braças de comprimento por 26 de largura, na qual com facilidade se poderia construir um forte para defesa do país".

(155) Trata-se ou do Pão de Açúcar ou do Corcovado. Cf. Biard, *Voyage au Brésil. Tour du monde*, n.º 79, p. 7.

(156) Thévet (*Cosmog.* p. 908): "E como se encontrava muito perto da entrada aí instalamos duas peças de artilharia e alguns falconetes. Mas o mar transbordou um dia tão violentamente que jogou a artilharia e as balas para cima do alto do rochedo e Deus sabe o esforço que fizemos para tirá-las daí. Os brasileiros deram a esta ilha o nome de Villegagnon". *** Parece haver confusão pois a antiga ilha dos Ratos chama-se atualmente ilha Fiscal. Há entretanto outra ilha do *Rato*, ainda com êsse nome, na Baía de Guanabara, perto da Ilha Grande (T.).

(157) O forte que Villegagnon construiu conservou o seu nome. O local foi escolhido com rara felicidade; a fortaleza constitui hoje uma das melhores defesas da baía do Rio de Janeiro.

LA FRANCE ANTARCTIQUE

autrement

LE RIO IANEIRO

Finée des Voyages que Willagegonas
Jean de Lévi ont faits au BREST
des Années 1557. et 1558

Eschelle*Lieux de France*

MEMORANDUM FOR THE PRESIDENT



Tropique de Capricorne

Toupinam

Римские дома

BRESEL

di Morgogna Dieffen

44-38861-22

W. Keri-M.

La Rivière de Garabara
autrefois
Ancienne

extrêmement
général

Police
De Bureau

1

Karlsruhe

Le Village aux
fiches.

$$\frac{\Delta p}{\Delta x} = \frac{\Delta p}{\Delta x}$$

Coimbra

Coturniculus

Penetration

ra-Dieson-Ome

[illegible]

at G. J. Lee

1

1

mesmo em pequenos barcos, a não ser pelo lado do pôrto, situado em posição contrária ao mar alto. Bem guarnecida, não fôra possível forçá-la nem surpreendê-la, como depois de nosso regresso o fizeram os portugueses por culpa dos que lá ficaram. Ademais nas extremidades desta ilha existem dois morros nos quais Villegagnon mandou construir duas casinhas, edificando a sua, em que residiu, no centro da ilha em uma pedra de cinquenta a sessenta pés de altura. De ambos os lados dêsse rochedo, aplainamos e preparamos pequenos espaços onde se construíram não só a sala, onde nos reuníamos para a prédica e a refeição, mas ainda vários outros abrigos em que se acomodavam cêrca de oitenta pessoas, inclusive a comitiva de Villegagnon. Entretanto, a não ser a casa situada no rochedo, construída com madeiramento, e alguns baluartes para artilharia, revestidos de alvenaria, o resto não passava de casebres de pau tosco e palha construídos à moda dos selvagens, que de fato os fizeram (158). Eis em poucas palavras em que consistia o forte que Villegagnon denominou Coligny, pensando ser agradável ao senhor Gaspar de Coligny, almirante de França, sem o apoio do qual, como já disse no início, jãmais tivera meios de fazer a viagem nem construir nenhum forte no Brasil. Mas se sua intenção foi a de perpetuar o nome de tão excelente varão, cuja memória em verdade será sempre honrada entre os homens de bem, fica a juízo dos leitores dizer se, abandonando a praça aos portugueses, que ora são possuidores dela (159), e rebelando-se contra a religião reformada, a-pesar-da promessa feita antes de sair de França, contribuíu êle para honra do nome de Coligny e para a glória da França Antártica. A êsse respeito (160) direi que não cesso de admirar o procedimento de André Thévet que, em 1558, quase dois anos depois de seu regresso da América, sem dúvida para agradar ao Rei Henrique II, então reinante, mandou levantar o mapa do rio Guanabara e do forte de Coligny, pintando ao lado, no Continente, uma cidade a que chamou *Ville Henri* e ainda por cima a incluíu na sua *Cosmografia*

(158) A ilha ainda hoje chamada de Villegagnon, segundo o "Vocabulário na Língua Brasilica", revisto e publicado por Plínio Ayrosa (Ed. do Dep. de Cultura da Prefeitura Municipal de S. Paulo, 1938) era conhecida dos tupís pelo nome de *Itamoguáia*. O aportuguesamento do nome francês deu, entretanto, variantes curiosas: Viregalhão, Vilagalhão, Vilagaleão, etc. (P. A.). *Aeroporto de Galeão*

(159) Léry não tem razão, pois não foi Villegagnon mas sim seu sobrinho Bois le Comte quem perdeu a colônia.

(160) Na tradução latina foi suprimido o trecho que vai desde êste parágrafo até o fim da digressão contra Thévet.

(161), embora soubesse muito bem que tudo isso não passava de uma impostura. Ao deixarmos o Brasil, mais de dezoito meses depois de André Thévet, não existia nenhuma aldeia nem cidade, nem nenhum edifício no lugar em que ele forjou a cidade fantástica. Aliás, incerto ele próprio de como devia proceder em relação ao nome dessa cidade imaginária, depois de tê-la apelidado *Ville Henri*, no seu primeiro mapa, a chamou *Henri Ville* no segundo, à maneira dos que disputam sobre se convém dizer barrete vermelho ou vermelho barrete. Isso levando-nos a conjecturar que tudo quanto ele disse não passa de coisa imaginada, pode o leitor, sem medo de equívoco, escolher o nome que lhe agradar pois dará sempre na mesma, nada havendo mais do que a pintura. Onde se conclue que André Thévet não só zombou de Henrique II, tal qual Villegagnon no caso do forte Coligny, mas ainda profanou a memória de seu príncipe. E para que Thévet não possa alegar o contrário, afirmando que seja o lugar da cidade o sítio denominado Olaria (*Briqueterie*), no qual os nossos operários construíram algumas choupanas, confesso que nesse ponto existe realmente uma montanha a que os primeiros franceses, por ali acomodados, denominaram *Mont-Henri*, em homenagem a seu soberano, da mesma forma porquê em nosso tempo chamamos a outro morro de *Monte Corguilleray* em honra ao sobrenome do senhor Felipe de Corguilleray. Mas existe tanta diferença entre uma montanha e uma cidade como entre um sino e uma igreja e Thévet, assinalando essa cidade de *Ville Henri* ou *Henri Ville* nos seus mapas, ou se desmandou ou quis exagerar a coisa. E para que ninguém duvide de que falo a verdade, apelo novamente para todos os que fizeram essa viagem e até para a gente de Villegagnon, entre a qual muitas pessoas estão vivas, afim de que digam se havia aparência de cidade nesse lugar em que se pretendeu colocar essa que eu considero ficção de poeta. E caso André Thévet, que sem motivo algum, como ficou dito no prefácio, deseje escaramuçar comigo e com os meus companheiros, considerando a minha reputação a suas obras sobre a América de dura digestão e alegue que, defendendo-me contra as suas calúnias lhe arrasei uma cidade, saiba que estão notados todos os seus erros e que os apontarei por miúdo senão se contentar com esta amostra. Pesa-me interromper tantas vezes o assunto para fazer essas digressões, mas constituo juízes os meus leitores para que digam se tenho razão ou não.

(161) Thévet (*Cosmog.* p. 908) dá com efeito o mapa da baía com as aldeias brasileiras e *Henri Ville*.

Prosseguindo direi que a quatro ou cinco léguas adiante do forte mencionado existe outra ilha formosa e fértil (162) com quase seis léguas de circunferência, a que chamávamos Ilha Grande. Como era habitada por muitos selvagens tupinambás, aliados dos franceses, ali íamos a-miúde em nossos escaleres buscar farinha e outros gêneros necessários.

Além dessa, encontram-se neste braço de mar outras pequenas ilhas (163) desertas nas quais entre outras coisas existem ostras saborosas e grandes. Os selvagens mergulham e trazem de volta grandes pedras com uma infinidade de ostras a que chamam *leripés* (164). Era preciso arrancá-las à fôrça e em geral cozinhávamos grandes paneladas delas, encontrando em algumas, ao abrí-las, pequenas pérolas.

Esse rio está cheio de várias espécies de peixes que mais adiante detalharei. Mencionem-se entretanto desde já os excelentes sargos, os tubarões, as arraias, os golfinhos e outros, médios e miúdos, alguns dos quais descreverei com minúcias no capítulo dos peixes. Não deixarei de mencionar também as horríveis baleias que diàriamente nos mostravam suas enormes barbatanas fora d'água e folgando neste vasto e profundo rio, aproximavam-se tanto da nossa ilha que as podíamos atingir a tiros de arcabuz. Entretanto, como têm o couro muito duro e o toicinho espêssso, não creio que as balas penetrassem a ponto de ofendê-las; prosseguiram no seu caminho e suponho que não viessem a morrer.

Certa vez, quando ainda não nos encontrávamos na ilha, surgiu um dêsses cetáceos à distância de dez ou quinze léguas do forte, na direção do Cabo Frio, e chegou-se tão perto da terra que não teve bastante água para voltar e encalhou na praia. Mas ninguém ousou aproximar-se dela

(162) — Esta ilha chama-se hoje ilha do Governador. *** Segundo o "Vocabulário na Língua Brasília" (op. cit. étimo — *Ilha*), o nome tupí da Ilha-Grande era *Ypaũ-guasú*, por onde se vê que o designativo atual é tradução literal do antigo.

Chamou-se outrora, antes que se chamasse do Governador (Salvador Correia), ilha do Paranapicú, do Gato, dos Maracaiás e dos Engenhos. (Apud Varnhagen, in *Breves Comentários à obra de Gabriel Soares*) (P. A.).

(163) Essas pequeninas ilhas chamam-se: das Cobras, das Enxadas, da Coqueirada, dos Tavares, de Jurubaiba, Paquetá, Brocoió, Boqueirão da Água, Guia, etc.

(164) Léry escreve *leripé*. Trata-se evidentemente, de expressão em que entra o étimo *ryry* ou *iryry*, ostra, que no tupí da costa, pronunciado pelos colonos, passou a ser *rery*, e mesmo *rerí*, donde *lery* ou *lerí*. A sílaba final será a locativa *pe* e, então, há de pronunciar-se *lerípe* (paroxítono) ou redução do adjetivo *péba*, caso em que a pronúncia será *leripé* (oxítone). No primeiro caso dirá: na ostra, à ostra, etc.; no segundo, mais provável: ostra chata, ostras achatadas (P. A.).

enquanto não morreu; debatia-se a ponto de estremecer a terra em seu redor e de ouvir-se o estrondo a duas léguas de distância. E não obstante irem os nossos companheiros juntamente com muitos selvagens buscar o que lhes apetecia, ficaram mais de dois terços do cetáceo apodrecendo no lugar do encalhe. A carne fresca não era muito boa e pouco comemos da que trouxeram para a ilha. Afora alguns pedaços de gordura, que derretemos para servir de azeite de iluminação, o resto da carne, que ficou exposta à chuva e ao vento, só nos serviu para estêrco. A língua, que era a melhor coisa, foi salgada e remetida em barrís para a França ao senhor almirante.

Como já indiquei, existem, na terra firme, que rodeia êste braço de mar, dois rios formosos de água doce, afluentes daquele e nos quais naveguei com outros franceses cêrca de vinte léguas pelo interior das terras e estive em muitas aldeias dos selvagens que habitam em suas margens.

Eis o que em resumo observei neste rio da Guanabara cuja perda, juntamente com a do fortim que edificamos, muito lastimo, pois é certo que se tudo tivesse sido feito com prudência, como era possível que fôsse, constituiria êle para nós não só um aprazível abrigo mas ainda um grande benefício para a navegação francesa. A distância de 28 a 30 léguas adiante, rumo ao Rio da Prata e estreito de Magalhães, existe outro grande braço de mar que os franceses denominam rio de Lama (165) e que constitue o ponto de estacionamento nas suas viagens, o que também ocorre com a enseada de Cabo Frio na qual, como já disse, aportamos e desembarcamos pela primeira vez na terra do Brasil.

(165) *Rivière des Vases*. Ver Thévet (*Cosmog.* p. 952-1.022). Talvez se trate da Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul. *** Parece mais plausível a enseada de S. Vicente (T.).



ÍNDIOS TUPINAMBÁS

CAPÍTULO VIII

INDOLE, FÔRÇA, ESTATURA, NUDEZ, DISPOSIÇÃO E ORNATOS DOS HOMENS E MULHERES BRASILEIROS, HABITANTES DA AMÉRICA, ENTRE OS QUAIS PERMANECÍ QUASE UM ANO

Depois de discorrer acêrca do que vimos no mar, tanto na ida para o Brasil, como no regresso à França, depois de narrar o que se passou na ilha e forte de Coligny, onde residiu Villegagnon, enquanto alí estivemos, e igualmente após divagar sôbre o rio Guanabara, quando também me referí demoradamente aos fatos ocorridos anteriormente a meu embarque, cabe-me dizer o que observei com referência ao modo de vida dos selvagens e a outras coisas singulares e desconhecidas aquêrmar, que vi nesse país (166).

Direi, inicialmente, afim de proceder com ordem, que os selvagens do Brasil, habitantes da América, chamados Tupinambás, entre os quais residí durante quase um ano e com os quais tratei familiarmente, não são maiores nem mais gordos do que os europeus; são porém mais fortes, mais robustos, mais entroncados, mais bem dispostos e menos sujeitos a moléstias, havendo entre êles muito poucos coxos, disformes, aleijados ou doentios. A-pesar-de chegarem muitos a 120 anos (167), (sabem contar a idade pela lunação) poucos são os que na velhice têm os cabelos brancos ou grisalhos, o que demonstra não só o bom clima da terra, sem geadas nem frios excessivos que perturbem o verdejar permanente dos campos e da vegetação, mas ainda que pouco se preocupam com as coisas dêste mundo. E de fato não bebem êles nessas fontes lodosas e pestilenciais que nos corroem os ossos, dessoram a medula, debilitam o corpo e

(166) Sábias dissertações de d'Orbigny, *L'Homme Américain*, T. I, p. 71-139, acêrca das formas, côr, compleição e longevidade do índio. Confirmam em todos os pontos o testemunho de Léry.

consomem o espírito, essas fontes em suma que, nas cidades, nos envenenam e matam e que são a desconfiança e a avareza, os processos e intrigas, a inveja e a ambição. Nada disso tudo os inquieta e menos ainda os apaixona e domina, como adiante mostrarei. E parece que haurerem todos êles na fonte de Juventude (168).

Quanto à sua côr natural, a-pesar-da região quente que habitam, não são negros; são apenas morenos como os espanhóis ou os provençais. Coisa não menos estranha e difícil de crer para os que não os viram, é que andam todos, homens, mulheres e crianças, nus como ao saírem do ventre materno. Não só não ocultam nenhuma parte do corpo, mas ainda não dão o menor sinal de pudor ou vergonha. Não são como alguns imaginam e outros o querem fazer crer, cobertos de pelos ou cabeludos. Ao contrário. Têm pêlos como nós (169), mas apenas lhes repontam pêlos em qualquer parte do corpo, mesmo nas pálpebras e sobrancelhas, arrancam-nos com as unhas ou pinças que lhes dão os cristãos, e tal como fazem, ao que se diz os habitantes da ilha de Cumana, no Perú (170). Aliás o fato de arrancá-los das pálpebras e sobrancelhas torna-lhes a vista zarolha e feroz. Entretanto, os nossos tupinambás excetuum os cabelos, que nos homens são desde a juventude tosqueados bem rente na parte superior e anterior do crânio, como uma coroa de frade, e na nuca à moda dos nossos antepassados ou dos que deixam crescer a cabeleira aparando os pêlos do pescoço.

E para nada omitir, se possível, nesta matéria, direi que existem nesse país certas plantas cujas fôlhas da largura de quase dois dedos, côncavas como a palha do milho grosso, a que chamamos em França

(167) Caso extraordinário de longevidade entre os selvagens. Ver Bosanier, *Relation de la Florida*, p. 74: "Os franceses o interrogaram acêrca de sua idade, ao que respondeu mostrando que era a primeira raiz viva de cinco gerações e mostrou-lhes um ancião muito mais velho do que êle próprio, que era seu pai e mais parecia uma carcassa".

(168) Léry era natural da Bourgogne e não conhecia apenas de reputação a famosa fonte que está situada no vale de Suzon, 15 quilómetros a nordeste de Dijon.

(169) Os selvagens depilam-se cuidadosamente. Cf. Thévet (*Cosmog.* p. 941): "Ao crescer-lhes os pêlos, arrancam-nos as mulheres com certa gramínea que corta como navalha. Quanto aos pêlos das partes pudendas arrancam-se reciprocamente uns aos outros... Depois que nos freqüentaram aprenderam a fazê-lo com pinças". Osório, *De rebus Emmanuelis*, liv. II, p. 49.

(170) Gomara, *Hist. gen. de las Indias*, § LXXXIX. Hans Staden, p. 267: "Perguntei-lhes muitas vêzes donde lhes vinha êsse hábito. Responderam-me que seus antepassados o haviam recebido de um homem chamado Meire Humane, que fizera muitos milagres. Dizem que é um dos apóstolos ou um profeta".

trigo mourisco e com as quais os velhos usam envolver o membro viril atando-as com fios de algodão; também costumam envolvê-los em lenços ou pedaços de pano que lhes dão os europeus. Entretanto tal costume não é seguido por todos e nunca por rapazes ou meninos. Embora pareça à primeira vista que o façam por lhes restar ainda algum resquício de pudor natural, supponho que seja apenas para ocultar alguma enfermidade que na velhice lhes ataca tal órgão. Os rapazes (171) têm por hábito furar o beijo inferior logo na infância, e usam no buraco um osso bem polido, alvo como marfim, feito à semelhança de uma carrapeta; e como a parte pontuda sai para fora uma polegada mais ou menos e fica o osso detido por um ressalto entre o beijo e a gengiva, êles o tiram e colocam como querem. Mas só usam êsse osso branco na adolescência; quando adultos, curumim-assú (172) (isto é, menino crescido) usam no furo do beijo uma pedra verde, espécie de falsa esmeralda, do tamanho de uma moeda do lado de fora e do lado de dentro prêsa por uma parte mais larga; algumas existem compridas e roliças como um dedo e destas trouxe eu uma para a França. Quando retiram a pedra do beijo e por divertimento enfiam a língua pela fenda, apresentam como que duas bôcas, o que, como é de imaginar, os deforma horrivelmente. Ademais vi homens que não contentes com usar essas

(171) Hans Staden (p. 268): "Têm por hábito furar o lábio inferior com um espinho grosso, colocando na abertura uma pequena pedra ou um pedaço de madeira. Tratam da ferida com um unguento, ficando aberto o buraco. Depois de crescidos e capazes de usarem armas, aumentam essa fenda e nela introduzem uma pedra verde... tão pesada em geral que lhes repuxa para fora o lábio inferior". Gandavo (*Santa Cruz*, p. 127): "As invenções e galantarias de que usam, são trazerem alguns o beijo de baixo furado, e uma pedra comprida metida dentro do buraco. Outros há que trazem o rosto todo cheio de buracos e de pedras e assim parecem mui feios e disformes". Biard, *Voyage au Brésil*, Thévet, *France Antarctique*, § XXXIV, cf. *Tour du Monde*, n.º 81, p. 45 — D'Orbigny, *Voyage dans les deux Ameriques*, p. 168: "O que caracteriza os botocudos de ambos os sexos é o hábito horroroso de furar o lábio inferior e os lobos das orelhas afim de introduzirem enormes discos de madeira cujo tamanho aumentam com a idade". — Ver Ferdinand Denis, sobre o assunto, em *Magasin Pittoresque*, T. XVIII, p. 138, 183, 239, 338, 350, 390. — Thévet admirava essas pedras verdes: "Penso (*Cosmog.* p. 932) que deve haver esmeraldas nessa montanha, pois vi algumas muito parecidas". Suas previsões eram certas pois se encontram no Brasil, principalmente em Minas, belíssimas esmeraldas. — Thévet, *Cosmog. univ.* p. 931: "Essas pedras tornam a bôca dêsses animais não raro da grossura do punho. Retirando-se a pedra vê-se escorrer a saliva pelo buraco quando falam. E êsses bárbaros se desejam zombar passam a língua pelo buraco".

(172) *Kurumi*, ou *kunumí*, é a forma correta; no tupí da costa era geral, entretanto, a pronúncia *Kurumim*, o menino. *Kurumim-asú* corresponde, como diz Léry, a moço, rapaz, etc. Era empregada também a expressão *Kunumbusú* (P. A.).

pedras verdes nos lábios ainda as traziam nas duas faces, furadas para êsse fim.

Quanto ao nariz, em vez de fazerem como as nossas parteiras que por ocasião do nascimento das crianças apertam-lhes as ventas com os dedos afim de tornar-lhes o nariz afilado, os nossos americanos o esmagam com o dedo polegar logo ao saírem os filhos do ventre materno, pois a formosura se mede entre êles pela chateza do nariz (assim ocorre também em França com os cachorrinhos). Entretanto, afirmam que existe em certa região do Perú (173) índios com o nariz tão ultrajosamente grande que nêle penduram esmeraldas, turquesas e outras pedras brancas e vermelhas seguras por filetes de ouro.

Além disso, os nossos brasileiros pintam muitas vêzes o corpo com desenhos de diversas côres e escurecem tanto as coxas e pernas com o suco do genipapo (174) que ao vê-los de longe pode-se imaginar estarem vestidos com calças de padre. Essa tintura preta do fruto do genipapo imprime-se de tal maneira na carne que, embora os selvícolas se metam nágua e se lavem amiudadamente, dura de dez a doze dias. Usam também crescentes de osso liso, brancos como o alabastro, a que dão o nome de *jacy*, lua; e trazem-nos pendentes ao pescoço por meio de cordões de algodão (175).

Com grande paciência pulem contra um pedaço de grés uma infinidade de pedacinhos da grande concha marinha chamada vinhol; arredondam-nos e os fazem delgados como um dinheiro tornês. Em seguida são furados ao centro e enfiados em cordões como colares (176); chamam a estes *boüre* e os enrolam no pescoço como nos países europeus se faz com os cordões de ouro. Parece-me que é a isso que chamam aquí por-

(173) Gomara (*Hist. Gen. de las Indias*) CVIII, p. 141 — “Traen assi mismo esmeraldas, y otras cosas em las narinas, y oreias. Sartales de oro, turquesas, piedras blancas y coloradas”.

(174) Segundo Staden (p. 319). “Os naturais expremem o suco da *junipa peryva* dentro de recipientes e o empregam para pintar. Ao ser colocado sôbre a pele parece branco como água, mas ao fim de alguns instantes torna-se preto como tinta. A côr dura nove dias e por mais que se lave é impossível retirá-la antes”. Cf. Gandavo, *Santa Cruz*, p. 115. — Thévet. *Singularités*, § XXXII.

(175) E’ interessante lembrar Hans Staden (op. cit., 148) neste passo: “Usam ainda um enfeite que fazem de grandes búzios marinhos, a que chamam *Matte-pue* (segundo Sampaio — *Uatapú*) da forma de uma meia lua. Penduram-no ao pescoço, é branco como a neve, e o chamam *Bogessy*”. (P. A.).

(176) Hans Staden (op. cit., 148) diz: “Fazem também colares brancos, de caracóis marinhos, que trazem ao pescoço, da espessura de uma palma, que dão muito trabalho para se fazerem”. (P. A.).

celana e as mulheres usam como cintos, alguns de mais de três braças de comprimento (177) e muito bonitos como observei quando cheguei em França. Êsses selvagens também usam colares de certa espécie de madeira preta muito adequada a êsse mister por ser quase tão pesada e luzidia quanto o azeviche.

Além disso criam os nossos americanos grande quantidade de galinhas comuns, cuja raça foi introduzida pelos portugueses. Depenam as brancas e com instrumentos de ferro (antes de os terem com peças aguçadas) picam bem miúdo o frouxel (178) e as penas pequenas; depois fervem e tingem de vermelho com pau Brasil e esfregando o corpo com certa rezina apropriada grudam-nos em cima, ficando assim vermelhos e emplumados como pombos recém-nascidos. Isso talvez tenha levado alguns observadores apressados a propalarem o boato de serem os selvagens cabeludos; não o são entretanto como acima ficou dito. Já se escreveu que também os cumaneses (179) se untam com certa resina e depois se cobrem de penas de diversas côres, à semelhança do que fazem os tupinambás. Quanto ao ornato da cabeça, além da coroa de frade e da guedelha na nuca a que me referí, os tupinambás amarram penas encarnadas ou de outras côres, tiradas das asas de certas aves, em frontais muito semelhantes aos que costumam as senhoras usar em França, parecendo até que se tenham inspirado nesta invenção, cujo nome entre os selvagens é *jempenambi* (180). Também usam nas ore-

(177) Sem dúvida o que Hans Staden chama de Bogessy. *** Gaffarel confundiu *Bogessy* de Hans Staden com *boüre*, de Léry. O *boüre* descrito é um colar de fragmentos de conchas ou de contas. Restaurado o termo, teremos *mboýr*. O "Vocabulário na Língua Brasileira" dá: colar, como de ouro, *boýra* ou *itajúboýra*. É provável contração de *mboyrysý*, enfiada de conchas, de contas, fieira de missangas, rosário. Batista Caetano registra também *mboý* = *poý*, com o significado de contas, sementes, colar, bracelete, liga, etc. (P. A.).

(178) Thévét (*Cosmog.* p. 926): "Depois de se pintar assim, enfeitam-se com finíssimas plumas de pássaros, aplicadas sôbre essa goma da cabeça aos pés. E então é um prazer contemplar êsses verdadeiros papagaios selvagens, revestidos de vermelho".

(179) Gomara. *Hist. Gen. de las Indias*, § LXXIX.

(180) Provavelmente de *ye-pen-nambí*. Sôbre êsse curioso diadema e sôbre os demais de penas e plumas, acima referidos por Léry, convém ler o excelente capítulo XVII da obra de Métraux (*La Civilisation Matérielle des Tribus Tupi-guarani*, París, 1928). Largas e curiosas descrições a respeito dos adornos dos tupinambás encontram-se em quase todos os cronistas antigos, a começar por Pero Vaas Caminha. O *jempenambi* de Léry é, como faz notar Métraux, o mesmo assim descrito por Hans Staden: "Weiter haben sie eyn ding von roten feddern gemacht heysset Kannitare

lhas ornatos de osso branco quase da mesma forma que os dos rapazes acima descritos. Existe no país uma ave, o tucano, que tem a plumagem negra como a do corvo, à exceção do papo, de quase quatro dedos de comprimento por três de largura, todo coberto de penas miúdas, amarelas e orladas de preto na parte inferior. Esfolam êsse papo, a que denominam tucano como a ave, e depois de sêco pregam-no com uma cera chamada *iraiti* (181) nas faces, abaixo das orelhas (182) de modo que lembram as chapas de cobre usadas nas cambas dos freios dos cavalos.

Quando vão à guerra, ou quando matam com solenidade um prisioneiro para comê-lo, os selvagens brasileiros enfeitam-se com vestes, máscaras, braceletes e outros ornatos de penas verdes, encarnadas ou azues, de incomparável beleza natural, afim de mostrar-se mais belos e mais bravos. Muito bem mescladas, combinadas e atadas umas às outras sôbre taliscas de madeira (183) formam vestuários que parecem de pelúcia e que podem rivalizar com os dos melhores artífices de França. Do mesmo modo enfeitam as guarnições de seus dardos e clavas de madeira, os quais, assim decorados produzem um efeito deslumbrante.

No preparo de seu vestuário utilizam-se de grandes penas de avestruz, obtidas com seus vizinhos. Isso prova a existência, em alguma região do país dessas enormes aves (184); mas não posso dizer que as tenha visto. As plumas, que são pardas, ligam-se pela haste central, ficando sôltas as pontas que se encurvam à maneira de uma rosa e formam grandes penachos denominados *araroye* (185) os quais são usa-

das binde sie umb den Kopff", ou, por Marcgrav: "Viri corollas factas ex pennis Guará vel Canindé, capiti circumligant; dependent à posteriore parte corollae aliquot longiores pennae è cauda Arára aut Canindé. Angulos itaque factos cum capiliis adprimé firmant ne corollae circumligate sese ipsas deligent. Quidam etiam solum funiculum è gossypio capiti circumligant, è quo postica parte aliquot pennae longae rubrae vel coeruleae propendent, vocant *Acanbuaçába*". Simão de Vasconcelos diz também, pitorescamente: "Vem a cabeça coroada com um diadema vermelho aceso, côr de guerra" (P. A.).

(181) *Iraití*, de *eíraitý*, é o designativo genérico da cera, no tupí (P. A.).

(182) P. Marcoy, *Tour du Monde*, ns. 221 e 244.

(183) Cf. Ferdinand Denis, *De arte plumaria*, passim.

(184) O Avestruz americano, casuar, se encontra com efeito em tôda a região dos pampas. Cf. Guimard, *Voyage en Palagonie, Tour du Monde*, n.º 94.

(185) Cf. Yves d'Evreux (*Voyage au nord du Brésil*, p. 23): "Em torno dos rins usam um pendente de penas da cauda do avestruz, suspenso por duas cordas de algodão vermelho cruzadas nas costas. De modo que ao vê-los assim emplumados na cabeça, nos braços e nos rins, tem-se a impressão de avestruzes com penas unicamente

dos amarrados à cintura por um cordel de algodão. E como a parte larga fica para fora e a estreita junto da carne, parece que, assim adornados, carregam à cinta uma capoeira de frangos. Mais adiante direi com minúcias como os seus maiores guerreiros, afim de mostrar valentia e indicar quantos inimigos mataram e quantos prisioneiros comeram, retalham o peito, os braços e as coxas, esfregando as incisões com certo pó preto e indelével; e dir-se-ia que usam calções e jibões suíços riscados (186).

Para dançar, beber e *cauinar* (187), o que constitue sua ocupação ordinária, procuram algo que os anime, além do canto com que em geral acompanham as danças; para isso colhem certo fruto do tamanho da castanha d'água e com ela parecido. Depois de secá-lo, tiram-lhe os ca-

nessas partes". *** *Arasoái*, ou *araçoáia*, significa, no tupí da costa, rabo de ave ou de pássaro qualquer. No guaraní dir-se-ia *araruguái*. E' com êsse sentido que Léry emprega o termo; Claude d'Abbeville, dando-o como nome de um chefe indígena, diz: ... "Signifie la queue d'un *Ará*, oyseau rouge meslé de diverses couleurs". Êste autor toma o vocábulo como se fôsse designativo da *Arara* quando, em verdade, genêricamente êle lembra os *psittacus*. Pela descrição de Léry e de outros cronistas, subentende-se que a *arasoáia* era adorno da parte traseira do corpo, prêso à cintura por meio de cordéis; Hans Staden, entretanto (op. cit. 70-71) diz: "na nuca colocaram-me uma coisa feita de penas de pássaros, que excedia à cabeça, e que se chama na língua dêles *arasoyá*". Teodoro Sampaio, estudando essa palavra informa: "espécie de turbante feito de penas multicôres. Era o chapéu do selvagem em ocasiões solenes." Parece-nos que a confusão provém de certa similitude fonética das palavras *asoíaba* (*ahoihá*b), substantivo participial de *asoí* (*ahoi*), cobrir, tapar, encobrir, e *arasoái* (*ará-soái*), rabo de ave. Gabriel Soares (op. cit., 337); Yves d'Evreux (*Voyage dans le nord du Brésil*, Paris, 1864, 23); Simão de Vasconcelos (op. cit. cap. LXXX); Barléu, Gaspar (*Brasilianische Geschichte*, etc. 1659, 700) e numerosos outros autores fazem referências interessantes a êste adorno. Claude d'Abbeville (*Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'isle de Maragnan et terres circonvoisines*, fl. 274) em outro passo de sua obra fala de *Assoyau*, "man-teaux, etc., tissus de divers plumages". *Açoyába*, acrescenta Rodolfo Garcia, é espécie de turbante feito de penas, usado nas solenidades". Em Marcgrav está *aragoya*, ornatum (P. A.).

(186) Quicheret, *Histoire du costume*, p. 414, 391, 392, etc.

(187) Pelos termos do original não se percebe bem o sentido em que Léry empregou o verbo *cauinar*, evidentemente formado do substantivo tupí *cauim*. Sendo o *cauim* um líquido, os tupinambás só o poderiam beber... logo, segundo sua expressão: beber e beber cauim... Além disso, *cauim* é denominação mais ou menos genérica das bebidas fermentadas: cauim de mandioca doce, cauim de ananás, de cajú, de milho, etc. Dentre os cronistas que fazem referências especiais ao cauim podem ser consultados: Piso e Marcgrav, Nieuhofs, Gabriel Soares, Claude d'Abbeville, Hans Staden, Simão de Vasconcelos, Fernão Cardim, etc. Métraux (op. cit. 112) dá excelente nota sobre as bebidas fermentadas dos tupinambás (P. A.).

roços e colocam no lugar algumas pedrinhas; amarram-nos então aos tornozelos, pois assim dispostos fazem tanto barulho quanto os guizos dos europeus, dos quais aliás se mostram muito cobiçosos. Existe também no país uma árvore que dá frutos do tamanho e da forma do ovo de avestruz. Os selvagens os furam no centro como as crianças francesas furam as nozes grandes para fazer molinetes; esvasiam-nos depois, colocando dentro pedrinhas redondas ou grãos de milho, e atravessam-nos com um pau de pé e meio de comprimento. Têm assim o instrumento a que chamam *maracá* (188) e que faz mais barulho do que uma bexiga de porco cheia de ervilhas. Os brasileiros os trazem em geral na mão e quando me referir à sua religião (189) direi qual a sua opinião acêrca do *maracá* e da sua sonoridade, sobretudo depois de enfeitado com lindas plumas e empregados em determinada cerimônia (190).

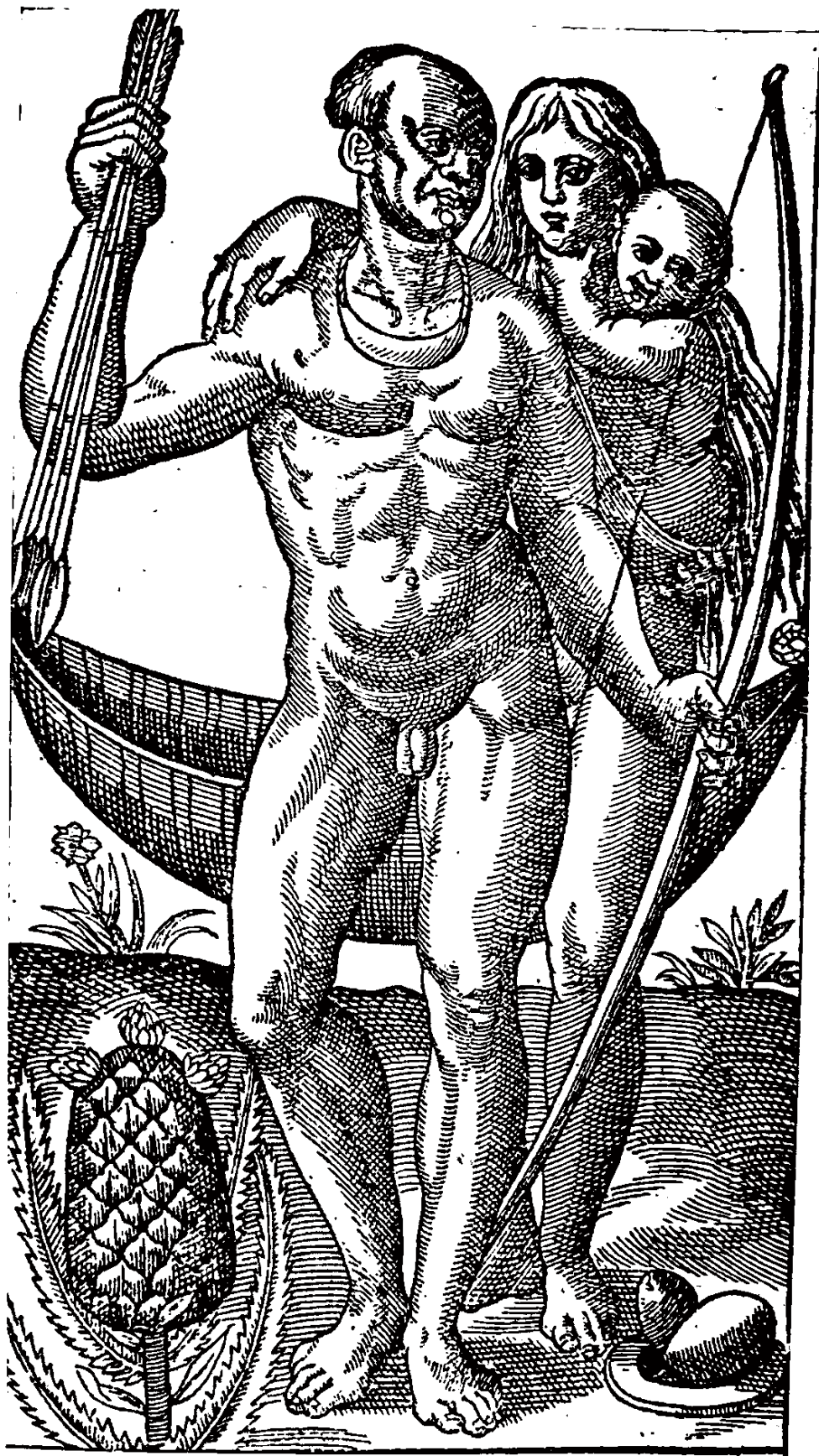
Eis em suma o que sei com referência à índole, vestuário e ornatos dos nossos tupinambás. Além disso como trouxemos em nossos navios grande quantidade de fazendas vermelhas, verdes, amarelas, etc. e mandamos fazer casacos e calções sarapintados para trocá-los com víveres, bugios, papagaios, pau Brasil, algodão, pimenta e outras coisas do país que carregam em geral os nossos navios, vestem êles às vêzes calças de marujo, outros sòmente casacos que lhes chegam às nádegas (191). Em geral, depois de se contemplar um pouco e passear com a vestimenta,

(188) *Maracá*, de *mbaraká*, é o denominativo tupí de um dos instrumentos de "música" mais comuns nas culturas primitivas. Simples chocalho, exige apenas uma cabaça e sementes ou pedrinhas para funcionar. Os maracás apresentam-se, às vêzes, caprichosamente decorados, encabados e enfeitados com penas de várias côres. As decorações, principalmente, oferecem grande interêsse etnográfico (P. A.).

(189) Ver capítulo XVI.

(190) São os tupí-guaranís litorâneos, de tôdas as gentes que povoaram o Brasil, os que melhor conhecemos sob os aspectos antropológico, lingüístico e cultural. Raros os detalhes de sua cultura material ou espiritual que escaparam à argúcia e ao estudo de cronistas, cientistas e colonizadores. De certos pontos de vista há verdadeira superabundância de informes, fato êsse que permitiu a Métraux a publicação de três ótimos volumes, exclusivamente dedicados aos tupí-guaranís, e, conseqüentemente aos tupinambás. O autor antigo, entretanto, que melhores informações nos dá, com verdadeiro luxo de detalhes, é o notável Gabriel Soares de Souza, no seu livro basilar — Tratado descritivo do Brasil em 1587. Os capítulos CXLVII e seguintes dessa obra, são realmente um tratado etnográfico a respeito dos tupinambás e demais grupos do médio litoral brasileiro (P. A.).

(191) Ver os selvagens do Zabon e do Senegal nos relatórios (com gravuras) do Dr. G. Du Bellay (*Tour de Monde*, ns. 304-306) e do Almirante Fleuriot de Langle (idem ns. 593-595).



ÍNDIOS TUPINAMBÁS

o que não deixava de ser cômico, despiam-se e largavam os trajes em casa até que lhes desse de novo na veneta vestí-los. O mesmo faziam com os chapéus e as camisas.

Se quiserdes agora figurar um índio, bastará imaginardes um homem nu, bem conformado e proporcionado de membros, inteiramente depilado, de cabelos tosqueados como já expliquei, com lábios e faces fendidos e enfeitados de ossos e pedras verdes, com orelhas perfuradas e igualmente adornadas, de corpo pintado, coxas e pernas riscadas de preto com o suco do genipapo, e com colares de fragmentos de conchas pendurados ao pescoço. Colocai-lhe na mão seu arco e suas flexas e o vereis retratado bem garboso ao vosso lado. Em verdade, para completar o quadro deveréis colocar junto a êsses tupinambás uma de suas mulheres, com o filho prêso a uma cinta de algodão e abraçando-lhe as ilhargas com as pernas. Ao lado dêles ponde ainda um leito de algodão feito como rêde de pescaria e suspensa no ar. E acrescentai o fruto chamado ananás, que mais tarde descreverei e que é um dos melhores da terra.

Êsse o aspecto comum dos selvagens. Para imaginá-lo sob outro aspecto, tirai-lhe todos êsses adornos, untai-o com resina e cobrí-lhe todo o corpo, braços e pernas, com pequenas plumas picadas, à maneira de uma crina pintada de vermelho, e vereis como fica lindo assim, todo coberto de penugem.

Finalmente sob um novo aspecto ainda podemos dizer que, deixando-o semi-nu, calçado e vestido com as nossas frisas de côres, com uma das mangas verde e outra amarela, apenas lhe falta o cetro de palhaço.

Acrescentai-lhe agora na mão o *maracá* (192), colocai-lhe na cintura o penacho de plumas denominado *araroyé* (193) e ao redor das pernas os guizos feitos de frutos e o vereis trajado para a cerimônia da dança, do salto, da bebida e da cabriola como adiante o mostrarei.

Para dar uma justa idéia dos artifícios, já descritos, de que usam os selvagens para adornar e enfeitar o corpo, seriam necessárias muitas figuras a côres, o que exigiria um livro especial. Todavia, afora o que já disse, ainda os descreverei na guerra, furibundos, a manejarem a clava de madeira, o arco e a flecha (194).

(192) Vide nota 188 (P. A.).

(193) Vide nota 185 (P. A.).

(194) Vejam-se os magníficos albuns de Rugendas, Debret, Spix e Martius e Neuwied (T.).

Entretanto, antes disso vejamos se as suas mulheres e filhas, a que chamam *cunhãs* (195) *Marias* em certos lugares onde os portugueses tomaram pé andam mais bem ornadas e ataviadas. Já contei, no início dêste capítulo, que as mulheres andam nuas como os homens; devo acrescentar que, como êles, arrancam totalmente os pêlos, inclusive pestanas e sobrancelhas. É verdade que não fazem o mesmo com os cabelos, pois não os tosquam na frente nem os aparam na nuca, deixando-os, ao contrário, crescerem à vontade. Mas, tal qual as mulheres de cá, lavam-nos cuidadosamente e os penteiam, entrançando-os algumas vezes com cordéis de algodão tintos de vermelho. O mais das vezes, porém, estão desgrenhadas com os cabelos soltos sôbre os ombros.

Diferem também dos homens pelo fato de não furarem os lábios nem as faces, não usando, por conseguinte, pedras no rosto. Mas furam de um modo horrível as orelhas para nelas colocarem arrecadas (196) e quando as retiram podem fâcilmente meter os dedos nos buracos. Êsses brincos são feitos com grandes conchas marinhas, brancas, roliças e do tamanho de uma vela de sebo meã, à qual chamam *vinhol*; e quando se penteiam, os pendurucalhos caem-lhes sôbre os ombros e o peito e de longe parecem orelhas de cão perdigueiro.

Quanto ao rosto eis como o embelezam. Com um pequeno pincel traçam uma roda no centro da face e a prolongam em espiral, azul, amarela ou verde, mosqueando e sarapintando o rosto inteiro. Também pintam as sobrancelhas e pálpebras como o fazem, ao que se diz, as mulheres impudicas de França.

(195) *Cunhã*, ou *kuñã* na ortografia peculiar à língua, é o designativo da fêmea, da mulher ou do animal do sexo feminino. De maneira vaga, mulheres, filhas, sobrinhas, etc., obviamente são *cunhãs*, como são fêmeas em português. Daí não se deve concluir que êsse designativo serve para indicar laços de parentesco; muito ao contrário, o tupí-guaraní é das línguas conhecidas uma das que maior número de expressões possui para indicar tais relações. Basta lembrar que o homem e a mulher, isto é, pai e mãe devem usar têrmos diversos para dizer meu filho, meu filho maior, meu filho menor, etc. O pai dirá, por exemplo, *che raýra*, meu filho, e a mãe *che membýra*, meu filho. Consulte-se Montoya (Tesoro y Vocabulário de la lengua guaraní) e, por curiosidade, Tenório de Albuquerque (Apontamentos para a Gramática Avañeê, in Revista do Museu Paulista, t. XVI, pág. 331-443) (P. A.).

(196) Hans Staden (p. 270): "Êsses pendentês têm um palmo de comprimento e a espessura de uma polegada. Chamam-se *nambibeya*". Thévet (Cosmog. p. 931): "É semelhante a uma vela de tostão, tanto no comprimento como na grossura". Êsse hábito repugnante conservou-se entre algumas tribus brasileiras". Ver Marcoy, *Du Pacifique à l'Atlantique, Tour du Monde*, n.º 272 — Cf. Plínio, H. N. IV,

Fabricam braceletes de quase pé e meio, só comparáveis aos que usamos no jogo da pela. São êles compostos de várias peças de osso branco, talhados à maneira de grossas escamas e reúnidas muito hábilmente uma às outras com ceras e resinas colantes. Também usam colares brancos chamados *boýra* (197) mas não no pescoço como os homens porém enrolados no braço. Por isso achavam lindas as pequenas contas multicôres de vidro que havíamos levado em grande quantidade para traficar; chamavam-nas *moruhí* (198) e com elas faziam colares. Quando íamos a suas aldeias ou vinham elas ao nosso fortim, apresentavam-nos frutas e outros produtos da terra propondo trocá-los por tais missangas e nos lisonjeavam dizendo: *Mair, deagotoren amabé morubí* (199) o que quer dizer: francês, tú és bom, dá-me os braceletes de conta de vidro. O mesmo faziam para obter pentes, a que chamavam *guyap* ou *kyap* (200), espelhos, que denominavam *aruá* (201) e outras mercadorias que lhes agradavam.

Mas o que mais nos maravilhava nessas brasileiras era o fato de que, não obstante não pintarem o corpo, braços, coxas e pernas como os homens, nem se cobrirem de penas, nunca pudemos conseguir que se vestissem, embora muitas vezes lhes déssemos vestidos de chita e camisas. Os homens, como já dissemos, ainda se vestiam por vezes mas elas não queriam nada sôbre o corpo e creio que não mudaram de idéia. Em verdade, alegavam, para justificar sua nudez, que não podiam dispensar os banhos (202) e lhes era difícil despir-se tão a-miúde, pois em quanta fonte ou rio encontravam, metiam-se nágua, molhavam a cabeça e mergulhavam o corpo todo como caniços, não raro mais de

(197) Vide nota 177 (P. A.).

(198) Provavelmente adulteração de *mbohorý*, isto é, coisa bonita, que alegra, que satisfaz (P. A.).

(199) A frase restaurada deve ser: *Mair, nde angaturã, emeen abé morubí*. *Mair* era o apelido dado pelos tupís aos franceses, tal como *Perô* o era dos portugueses (P. A.).

(200) O "Vocabulário na Língua Brasília" traz *guygoába*. Outros vocabulários registram: *kyuába*, *kybába*, etc. Os guaranís do Paraguai dizem *kyguá* (P. A.).

(201) No tupí costeiro eram correntes as expressões: *guaruá*, *guaruguá* e *aru-guá*. No guaraní aparece a forma *jeechakába*, isto é, lugar de ver-se, da gente se ver (P. A.).

(202) Entretanto Hans Staden (p. 272) alude à sujeira dos brasileiros: "Catam seus piolhos uns aos outros e os comem. Perguntei-lhes muitas vezes por que o faziam e me responderam que os tratavam como inimigos que eram". Thévet (*Cosmog.* p. 947): "Via algumas vezes mulheres catando piolhos aos filhos e quantos encontravam comiam e caçoavam de mim quando eu me punha a rir".

doze vêzes por dia. Suas razões eram plausíveis e quaisquer esforços para convencê-las do contrário foram aliás inúteis. E tão forte era êsse hábito e tanto se deleitavam com a nudez que não só se obstinavam em não se vestir as mulheres dos tupinambás, que viviam no Continente em plena liberdade, com seus maridos e parentes, mas ainda as próprias prisioneiras de guerra, que compráramos, e conservávamos no forte para trabalhar; embora as cobríssemos à fôrça, despiam-se às escondidas ao cair da noite e passeavam nuas pela ilha, por mero prazer. E se não fôsem obrigadas a chicote, prefeririam sofrer o calor do sol e esfolar o corpo na condução contínua de terra e pedras a suportar sôbre a pele o mais simples objeto.

Eis em resumo os adornos, anéis e jóias comuns às mulheres americanas. Quando adiante tratar do casamento dos selvagens, direi como se vestem os filhos na infância. Tinha eu grande prazer em ver os meninos acima de três ou quatro anos, a que chamam *curumimirim* (203) gorduchos e mais bem fornidos do que os meninos europeus e já enfeitados com suas arrecadas de osso nos beijos furados e com os cabelos tosqueados a seu modo. Tinham não raro o corpo pintado e nunca deixavam de vir dançar diante de nós, em grupos, quando nos viam chegar às suas aldeias. Rodeavam-nos, na esperança de uma recompensa, afagando-nos e pedindo repetidamente na sua gíria: *cutuassá, amabé pindá* (meu amigo e aliado dá-me anzóis para pescar). E se para satisfazer o pedido, como o fiz muitas vêzes, fincávamos na areia ou na terra dez a doze anzóis pequenos, era de ver-se com que rapidez a turba de fedelhos nus se lançava ao solo e esgaravatava como láparos de coelheira. Durante um ano que passei nesse país, contemplei com curiosidade adultos e crianças e quando me recordo agora dêsses garotos parece-me tê-los diante dos olhos; mas não se me afigura possível descrevê-los com exatidão nem pintá-los com fidelidade. É preciso vê-los em seu país. Em verdade é a viagem bem longa e difícil, porisso quem não tiver bom olho e bom pé ou se sentir temeroso de tropeços, que não se arrisque. Veremos ainda, oportunamente, como são as casas, utensílios domésticos e outros costumes dos selvagens.

Antes porém de encerrar êste capítulo, quero responder aos que dizem que a convivência com êsses selvagens nus (204), principalmente

(203) Vide Nota 172 (P. A.).

(204) Comparar com uma curiosa dissertação de Thévet, na sua *Cosmografia*, p. 928, acêrca da nudez dos Tupinambás. Montaigne parece partilhar da opinião de Léry. Termina humoristicamente seu capítulo sôbre os canibais com estas palavras: "Isso tudo não vai tão mal assim, mas o diabo é que não usam cuecas".

entre as mulheres, incita à lascívia e à luxúria. Mas direi que, em que pesem opiniões em contrário, acêrca da concupiscência provocada pela presença de mulheres nuas, a nudez grosseira das mulheres é muito menos atraente do que comumente imaginam. Os atavios, arrebiques, postigos, cabelos encrespados, golas de rendas, anquinhas, sobressaias e outras bagatelas com que as mulheres de cá se enfeitam e de que jàmais se fartam, são causas de males incomparavelmente maiores do que a nudez habitual das índias, as quais, entretanto, nada devem às outras quanto à formosura. Se a decência me permitisse dizer mais, tenho certeza de que responderia a quaisquer objeções com vantagem. Limito-me a apelar para os que estiveram no Brasil e como eu viram essas coisas.

Não é de meu intento, entretanto, aprovar a nudez contrariamente ao que dizem as Escrituras, pois Adão e Eva, após o pecado, reconhecendo estarem nus se envergonharam; sou contra os que a querem introduzir entre nós contra a lei natural, embora deva confessar que, neste ponto, não a observam os selvagens americanos. O que disse é apenas para mostrar que não merecemos louvor por condená-los austera-mente, só porquê sem pudor andam desnudos, pois os excedemos no vício oposto, no da superfluidade de vestuário. Praza a Deus que cada um de nós se vista modestamente, mais por decência e honestidade do que por vanglória e mundanismo.

CAPÍTULO IX

DAS GROSSAS RAÍZES E DO MILHO COM QUE OS SELVAGENS FABRICAM A FARINHA, COMIDA EM LUGAR DO PÃO; DA BE- BIDA A QUE CHAMAM CAUIM

Depois de ter exposto como os nossos selvagens se vestem e se enfeitam, não me parece fora de propósito tratar agora de seus alimentos habituais. Cumpre notar, antes de mais nada, que embora não tenham trigo nem vinhas nas suas terras, tratam-se bem, conforme pude ver e experimentar.

Os americanos têm duas espécies de raízes, a que chamam *aypi* (205) e *maniot* (206) que crescem dentro da terra em três ou quatro meses, tornando-se tão grossas como a coxa de um homem e longas de pé e meio mais ou menos. Depois de arrancá-las, as mulheres (os homens não

(205) Vide "Têrmos tupís no português do Brasil", de Plínio Ayrosa, Ed. Departamento de Cultura. São Paulo, 1937 (P. A.).

(206) Hans Staden (p. 251) dá-lhe o nome de *mandioca* e acrescenta curiosos pormenores sobre a técnica de seu cultivo. "Começam arrancando as plantas e deixando-as secar durante dois ou três meses; queimam-nas em seguida e tornam a enterrar as raízes que lhes servem de alimento". Gandavo dá-lhe nome idêntico, p. 52: "Essa planta não é muito grossa e tem muitos nós; quando a querem plantar em alguma roça, cortam-na e fazem-na em pedaços, os quais metem debaixo da terra, ..." Thévet (*Cosmog.* p. 948 e prancha) traz pormenores curiosos acerca do cultivo da mandioca. Ver também Osório, *De Rebus Emmanuele*, p. 49. *** Trata-se, evidentemente, da mandioca, raiz da *Jatropha manihot*. Se o nome fôr de origem tupí-guaraní, o que é de duvidar-se, poderá provir de *manýb* + *óg*, tirada da *manýb*, arbusto da mandioca. O notável a respeito dêste nome, faz notar Batista Caetano (Vocabulário, 217) é que, sendo um dos vocábulos mais espalhados e usados, não venha no geral nos vocabulários, os quais o dão como se fôra português (P. A.).

se ocupam disso) secam-nas ao fogo no *bucan* (207) tal como o descreverei adiante; ou então as ralam ainda frescas sôbre uma prancha de madeira, cravejada de pedrinhas pontudas (como o fazemos ao queijo e à noz moscada), e as reduzem a uma farinha alva como a neve. Essa farinha ainda crua, bem como o farelo branco que dela sai apresentam um cheiro de amido diluído durante muito tempo na água, a ponto de por ocasião do meu regresso, ao encontrar-me certo dia em lugar onde se preparava o amido, o cheiro da preparação me recordar logo o das choças quando os indígenas lidavam com a farinha de mandioca.

Para preparar essa farinha usam as mulheres brasileiras grandes e amplas frigideiras de barro, com capacidade de mais de um alqueire e que elas mesmas fabricam com muito jeito, põem-na ao fogo com certa porção de farinha dentro e não cessam de mexê-la com cabaças de que se servem como nos servimos das escudelas, até que a farinha assim cozida tome a forma de granizos ou confeitos.

Fazem farinha de duas espécies: uma muito cozida e dura, a que os selvagens chamam *uhi antan* (208), usada nas expedições guerreiras por se conservar melhor; outra menos cozida e mais tenra a que chamam *uhi pon* (209), muito mais agradável do que a primeira porquê dá à bôca a sensação do miolo de pão branco ainda quente. Ambas, depois de cozidas, mudam de sabor, tornando-se mais agradáveis e delicadas. Embora essas farinhas, principalmente quando frescas, constituam um bom alimento, saboroso e fâcilmente digestível (210) não se prestam em absoluto ao fabrico do pão como pude verificar. A massa incha como a do trigo levedado e, como esta, é branca e macia; ao assar, porém, a crosta superior queima e a parte interna se resseca permanecendo farinhosa. Creio pois que quem afirmou que os índios dentre os graus 22 e 23 além da linha equinocial, e que certamente são os nossos tupi-

(207) Do verbo *mbokaẽ*, *mokaẽ*, tornar sêco, enxuto, etc. Vide "Têrmos tupís no português do Brasil", de Plínio Ayrosa (Ed. Departamento de Cultura, S. Paulo, 1937 (P. A.).

(208) *Ui-antã*, farinha dura, farinha comprimida, farinha de guerra. *Ui* é a farinha. É essa expressão tupí uma das primeiras registradas por europeus, pois aparece na obra de Pigafetta (*Relazione del primo viaggio intorno al mondo*), em 1520 (P. A.).

(209) *Ui-púb*, farinha *púba*, amolecida na água durante dias, fermentada (P. A.).

(210) Montaigne — Liv. I. § XXX: "Em vez de pão usam certa substância branca, espécie de coentro cristalizado; experimentei-a; é de paladar adocicado e levemente insípido.

nambás, viviam de pão feito de pau ralado (211) observou mal e se equivocou. Todavia essas farinhas prestam-se para papas a que os selvagens dão o nome de mingau (212) e quando dissolvidas em caldo gordo tornam-se granuladas como o arroz e são de ótimo paladar. Os tupi-nambás, tanto os homens como as mulheres, acostumados desde a infância a comê-la sêca em lugar do pão, tomam-na com os quatro dedos na vasilha de barro ou em qualquer outro recipiente e a atiram, mesmo de longe, com tal destreza na bôca que não perdem um só farelo. E se nós franceses os quiséssemos imitar, não estando como êles acostumados, sujaríamos todo o rosto, ventas, bochechas e barbas. Porisso só a comíamos com colher. Algumas vêzes as mulheres, depois de raladas essas raízes de aipim e de mandica, e enquanto ainda se acham frescas, fazem com elas grandes bolas que espremem entre as mãos; o caldo côr de leite que sai é recolhido em pratos ou em vasilhas de barro e exposta ao sol, cujo calor o condensa e coagula como coalhada. Quando querem comer, derramam-no em outros alguidares de barro e o cozinham ao fogo como fazemos com as fritadas de ovos; assim preparado torna-se excelente manjar (213). Quanto à raiz do aipim, não só se presta para ser transformada em farinha, mas ainda para ser assada inteira na brasa ou ao fogo; fica assim mais tenra e torna-se farinácea como a castanha assada no borralho e cujo gôsto é muito semelhante. O mesmo não se pode fazer com a raiz da mandioca, que só serve para farinha, sendo venenosa quando preparada de outro modo.

Essas plantas pouco diferem entre si; crescem ambas à altura de pequenos zimbros e têm fôlhas semelhantes às de peônia. O mais admirável, porém, nessas raízes, é o modo de se reproduzirem no Brasil. O caule é mole e frágil como o do cânhamo e basta quebrar e enterrar um pedaço dêle para que, sem maiores cuidados três meses depois estejam formadas sob a terra as grossas raízes. As mulheres também plantam duas espécies de milho, branco e vermelho, fincando no chão um bastão

(211) Gomara (*Hist. Gen. de las Indias* § XCI, p. 118). "Comenlos de alli pan de maderá ralada, y carne humana".

(212) Segundo Hans Staden (256): "Quando cozinham carne ou peixe, fazem-no com pimentas. Estando a carne suficientemente cozida despejam o caldo em cabaças para bebê-lo e chamam ao mesmo *mingau*. *** *Mingau* alimento moído, picado, desfeito, etc. É a papa ou sopa. Na vernaculização dêsse termo houve deslocamento da tônica, dando *mingáu* (P. A.).

(213) Léry, pela descrição, faz lembrar os *bejús* ou *mbejú* de que longamente tratamos em nosso trabalho — "Têrmos tupís no português do Brasil," já citado (P. A.).



INDIOS

pontudo e enterrando o grão no buraco. O nome indígena do milho, a que em França se chama trigo sarraceno, é *avatí* (214); com êles fazem farinha, que se coze e se come como as outras. E creio, contrariamente ao que afirmei na primeira edição desta narrativa, que êsse *avatí* dos americanos é aquilo que o historiador das Índias denomina *maïs* e que diz servir de trigo para os índios do Perú. Eis de resto como o descreve: “O talo do *maïs* (215) cresce à altura de um homem e mais; é bastante grosso e lança fôlhas como as da cana das lagoas; a espiga é como uma glande de pinho silvestre, o grão não é grosso, nem redondo, nem quadrado, nem tão comprido como a nossa baga; amadurece em três ou quatro meses e nas terras bem banhadas em mês e meio. Cada grão produz de cem a quinhentos e às vêzes seiscentos, o que também demonstra a fertilidade dessa terra ora em mãos dos espanhóis. Alguém já escreveu que em certos lugares da Índia Oriental a terra é tão boa que o trigo, o centeio e o milho excedem a quinze côvados de altura, conforme contam os que o viram”.

O que acima ficou dito é o resumo do que vi ser usado como pão pelos selvagens do Brasil. Entretanto, os espanhóis e portugueses atualmente estabelecidos em diversos pontos das Índias Ocidentais provaram que não é por defeito da terra que os selvagens não possuem trigo e vinha (216). Êsses colonos os têm plantado com muito bom resultado.

(214) É muito interessante para a geografia linguística, e mesmo para a filologia, o registro de palavras tupís com *v* em lugar de *b*. Léry, no texto da sua obra e no “Colóquio”, fornece excelentes exemplos dessa ocorrência, aliás notada por Anchieta, que muita luz traz à questão do uso do *b*, do *v* e do *u*. *Avatí*, ou *abatí* como está averbado em quase todos os vocabulários antigos, é o milho. No *nheengatú* amazônico diz-se *auatí* (P.A.).

(215) Gomara (*Hist. Gen. de las Indias*, CCXVI, p. 276) — “Siembram el maiz como nosotros las havas, remoiado, pero echo quatro granos por lo menos en cada aguiero... La espiga es como pina en la hechura, y tamano, el grano es grande ma ni es redondo, ni largo como trigo, ni quadrado. Viene a sazon en quatro meses, y en algunas tierras en tres, y a mes y medio en regadio, mas non es tan bueno. Liembram-lo dos y tres vezes por año en muchos cabos, y en algunos riende trezientas, y aun quinientas por una”. A respeito da origem do milho ver Roulin (*Hist. Nat. et Souvenirs de voyage*, p. 101 — 118).

(216) A observação de Léry é justa. Com efeito, nessa época já se plantava trigo, e com resultados satisfatórios, em S. Vicente, como se vê das Atas, vol. I, 40. — Luiz da Grã, em 1555 (Serafim Leite, *Hist. da Cia. de Jesús*) afirma que em S. Vicente se colhe trigo “mui formoso”. — Baltazar Fernandes (Afonso de Taunay) extasia-se: “Dá pão como lá”. — Ver sôbre o assunto, além de Alcântara Machado (Vida e Morte do Bandeirante) e dos autores citados, Sérgio Milliet in “Roteiro do Café e outros ensaios”, o estudo intitulado *Trigais de S. Paulo* (T.).

Nós franceses, por ocasião de nossa viagem também levamos trigo em grão e cepas de vinha e verificamos, por experiência, que uma e outra coisa se dariam bem se os campos fôsem tratados à moda da Europa. De fato a vinha que plantamos pegou, cresceu e enfolhou, evidenciando claramente a excelência do solo. É verdade que durante um ano quase que lá estivemos só produziu agraços que não chegaram a amadurecer, empedrando e secando; mas sei agora, por vinhateiros que em geral as plantas novas só produzem no primeiro e segundo ano frutos secos e chochos; sou portanto de opinião que se os franceses ou os que nos continuarem, cuidarem da videira deixada, colherão boas e belas uvas nos anos próximos (217). Quanto ao trigo e ao centeio que semeámos, embora crescessem viçosos as espigas não tinham grãos. Como entretanto a cevada granou e amadureceu multiplicando bastante, é de supor que a terra por ser muito forte tivesse apressado em excesso o trigo e o centeio (os quais pedem maior demora na terra para produzir, como vemos na Europa) o que não teria dado tempo à planta para formar o grão (218). Em França adubam-se os campos para torná-los mais férteis; nesta terra nova sou de opinião que seria necessário cansá-la e enfraquecê-la com alguns anos de cultura para que venha a produzir melhor trigo e outros cereais semelhantes.

Como êste país dos nossos tupinambás tem capacidade para alimentar dez vezes mais gente do que atualmente, posso gabar-me de ter tido às minhas ordens mais de mil geiras de terras melhores que as de Beauce. Pois se os franceses tivessem permanecido alí teriam sem dúvida tirado o mesmo proveito que colhem os portugueses; e isso o teríamos conseguido, e nela estariam talvez agora mais de dez mil pessoas se Villegagnon não se houvesse rebelado contra a religião reformada. Diga-se isso de passagem para satisfazer aos que perguntam se o trigo e o vinho podem prosperar no Brasil.

Voltando ao meu assunto, antes de falar nas carnes, peixes, frutas e outros mantimentos bem diversos dos da Europa, direi qual a bebida que usam os selvagens e o modo de fazê-la. Cumpre, desde logo, notar que os homens não se envolvem de maneira nenhuma na preparação da bebida, a qual, como a da farinha, está a cargo das mulheres. As raí-

(217) A previsão de Léry não se realizou, pois a vinha só deu até agora resultados, ainda assim medíocres, na Califórnia. *** Gaffarel desconhecia os resultados conseguidos na Argentina, no Chile e nos Estados de Rio Grande do Sul, S. Paulo e Minas Gerais (T.).

(218) Outra observação muito curiosa de Léry e facilmente verificável na cultura, entre nós, de inúmeras plantas européias (T.).



zes de aipim e mandioca, que servem de principal alimento aos selvagens, são também utilizadas no preparo de sua bebida usual. Depois de as cortarem em rodela finas, como fazemos com os rabanetes, as mulheres as fervem em grandes vasilhas de barro cheias d'água, até que amoleçam; tiram-nas então do fogo e as deixam esfriar. Feito isso aco-ram-se em tórno das vasilhas e mastigam as rodela jogando-as depois em outra vasilha, em vez de as engulir (219), para uma nova fervura (220), mexendo-as com um pau até que tudo esteja bem cozido. Feito isso, tiram do fogo a pasta e a põem a fermentar em vasos de barro de capacidade igual a uma meia pipa de vinho de Borgonha. Quando tudo fermenta e espuma, cobrem os vasos e fica a bebida pronta para o uso. Êsses vasos têm o feitio das grandes cubas de barro nas quais vi fazer-se a lixívia em alguns lugares do Bourbonais e da Auvergne; são entretanto mais estreitos no alto que no bôjo.

Fazem o mesmo com a *avati* (221), afim de preparar uma bebida de milho. São as mulheres (222) como já disse, que tudo fazem nessa preparação, tendo os homens a firme opinião de que se êles mastigarem as raízes ou o milho a bebida não sairá boa. Consideram tão indecente ao seu sexo meter-se neste trabalho quanto nós consideraríamos inde-

(219) A respeito do processo de obter fácil fermentação por meio da saliva, e sôbre a técnica do preparo do *cauim* ver Hans Staden (op. cit. part. II, cap. XV); Claude d'Abbeville (op. cit. 302-303) e Gabriel Soares (op. cit. pg. 318). Soares, em certo passo da página referida diz, pitorescamente: Êste gentio (tupinambá) é muito amigo do vinho, assim machos, como fêmeas, o qual fazem de todos os legumes, até da farinha que comem; mas o seu vinho principal (*cauim*) é de uma raiz a que chamam *aipim*, que se coze, e depois pisam-na e tornam-na a cozer, e como é bem cozida, buscam as mais formosas moças da aldeia para espremerem estes aipins com as mãos, e alguns mastigado com a bôca, e depois espremido na vasilha, que é o que dizem que lhe põe a virtude, segundo a sua gentilidade; a esta água e sumo destas raízes lançam em grandes potes, que para isso têm, onde êste vinho se coze e está até que se faz azêdo; e como o está bem, o bebem com grandes cantares, e cantam tôda uma noite, etc. (P. A.).

(220) P. Marcoy, *Tour du Monde*, n.º 171 — p. 233, preparo da "chicha" nos Andes. Cf. Basanief e de Gourenes: *Relations sur la Floride française...* Thévet (*Cosmog.* p. 916 — 17 com belas e expressivas pranchas) denomina essa bebida *cauin*.

(221) Vide nota 214 (P. A.).

(222) Thévet (*Cosmog.* p. 916): "Depois de fervida a bebida em grandes recipientes, algumas virgens vêm mascar o milho cozido... quando as mulheres são chamadas a participar dêsse mister, devem abster-se de relações com seus maridos durante alguns dias, sem o que essa bebida não poderá adquirir tôda perfeição". Ver *Singularités*, § 24. Segundo Hans Staden mulheres e virgens participam indiferentemente da fabricação da bebida.

cente que os camponeses semi-nus da Bresse ou de outras regiões pegassem na roca para fiar. Os selvagens chamam essa bebida *cauim* (223); é turva e espessa como bôrra e tem como que o gôsto do leite azêdo. Há *cauim* branco e tinto (224) tal qual o vinho.

Como tais raízes e o milho crescem durante o ano todo no país, os selvagens fazem a sua bebida em qualquer estação e às vêzes em grande quantidade, tendo eu visto em certa ocasião mais de trinta potes grandes cheios, dispostos em fila à espera do momento de *cauinar*. Antes porém de entrar no assunto, seja-me permitido à guisa de prefácio, embora não aprove o vício, dizer que nem alemães (225) nem flamengos, nem soldados, nem suíços, todos enfim que se dedicam à bebedeira em França, nada sabem do ofício em comparação com os nossos americanos aos quais têm que ceder a primazia.

Quando querem divertir-se e principalmente quando matam com solenidade um prisioneiro de guerra para o comer, é seu costume (ao contrário do que fazemos com o vinho que desejamos fresco e límpido) beber o *cauim* amornado e a primeira coisa que fazem as mulheres é um pequeno fogo em tórno dos potes de barro para aquecer a bebida. Começam então por uma das extremidades a descobrir o primeiro pote e a remexer e turvar a bebida de que vão tirando cuias cheias, algumas de três quartilhos de París (226); os homens passam dançando, uns após outros, junto das mulheres que entregam a cada um a sua cuia cheia; (227) e enquanto os homens as bebem de um trago elas, no desempenho do ofício de despenseiras, não se esquecem de bebericar sofrivelmente e isso tantas vêzes quantas necessárias para que na centena de potes alí enfileirados não fique uma só gota de *cauim*. Com efeito, eu os vi não

(223) Vide nota 187 (P. A.).

(224) Montaigne 1, XXX: "Sua bebida é feita com certa raiz e tem a côr dos nossos claretes; só a bebem morna. A bebida conserva-se apenas durante dois a três dias, é um pouco àcida, não embriaga e é saúdável ao estômago e laxativa para os que a ela não estão habituados".

(225) A reputação é antiga entre os alemães. Cf. Montaigne, *Essais*, II, 11: "Vemos os alemães afogados no vinho, etc." ... Os alemães bebem igualmente qualquer vinho; seu objetivo é antes engulí-lo que apreciá-lo".

(226) O quartilho comum é equivalente a 0,665 litro. Mas existe também um quartilho de 0,350 litro (T.).

(227) Ainda hoje, nos arredores de São Paulo, é fácil verificar, em festas de caipiras, o mesmo hábito de ingerir bebidas alcoólicas aquecidas — o quentão, por exemplo — servidas pelas moças do lugar (P. A.).

só beberem três dias e três noites consecutivas, mas ainda, depois de saciados e bêbados a mais não poder, vomitarem quanto tinham bebido e recomeçarem mais bem dispostos do que antes (228); deixar a função fôra em verdade expor-se a ser considerado efeminado, peor que *schelm* (229) entre os alemães. O curioso é que os tupinambás nada comem durante as bebedeiras do mesmo modo porquê não bebem às refeições (230) muito estranhando ver-nos entremear uma e outra coisa à nossa moda. Dirão que eles fazem como os cavalos; mas, como dizia um indivíduo galhofeiro de nossa companhia, além de não ser preciso conduzí-los ao rio para beber não correm o perigo de romper o rabicho.

Cumpre notar que embora não observem horas de jantar, merendar ou ceiar, como o fazemos, nem trepidem em comer à meia noite ou ao meio dia, só o fazem quando têm fome e pode-se dizer que são tão sóbrios no comer quanto excessivos no beber. Alguns têm o bom hábito de lavar as mãos e a bôca antes e depois da comida; quanto à bôca creio que o fazem porquê do contrário a teriam sempre viscosa em razão das farinhas de raízes e de milho que consomem em lugar de pão. Quando comem observam admirável silêncio (231) e se têm alguma coisa para dizer esperam até acabar a comida. E quando nos ouviam tagarelar alegremente às refeições, como entre franceses é costume, punham-se a motejar.

Prosseguindo no assunto, direi que enquanto dura a *cauinagem* (232) os nossos brejeiros americanos, para melhor esquentar o cérebro, cantam, assobiam e se incitam uns aos outros a portarem-se valentemente e a fazerem muitos prisioneiros na guerra; enfileiram-se, como grous e não cessam de dançar, de entrar e sair da casa em que se reúnem, até que tudo se conclua, isto é, que se tenha esgotado tôda a bebida. E como são refinados bebedores, alguns há que em uma reunião sorvem mais de vinte potes de *cauim*....

(228) Hans Staden acrescenta um detalhe pitoresco: "Satisfazem as suas necessidades no próprio bocal em que bebem".

(229) Sujeito atoa (T.).

(230) Thévet (*Cosmog.* p. 930): "Têm um hábito estranho que não poderíamos imitar de bom grado: não bebem nunca durante a refeição e quando bebem não comem nada". Cf. Montaigne: "Não bebem então, ao contrário de certos povos do Oriente que, segundo Suydas, bebem nas refeições".

(231) Thévet (*Cosmog.* p. 930): "Durante a refeição observam rigoroso silêncio e caçoam de nós por conversarmos à mesa".

(232) Evidentemente de *cauim*, bebida fermentada. Vide notas precedentes (P. A.).

Mais é principalmente quando emplumados e enfeitados que matam e comem um prisioneiro de guerra (233) em bacanais à moda pagã, de que são sacerdotes ébrios, que se faz interessante vê-los rolar os olhos nas órbitas. Mas também acontece sentarem-se em rêdes de algodão e uns em frente dos outros beberem modestamente; mas como o seu costume é de se reünirem todos, de uma aldeia ou de muitas para beber (o que nunca fazem para comer) êsses beberetes especiais são muito raros. Bebam pouco ou muito porém, como não sofrem de melancolia congregam-se todos os dias para dançar e folgar em sua aldeia (234). Os moços casadoiros adornam-se com um dêsses grandes penachos a que chamam *araroye* (235) e que são atados à cintura; empunhando às vezes o *maracá* (236) e dispondo nas pernas os chocalhos de frutos secos de que acima falei, não fazem outra coisa tôdas as noites senão entrar e sair de casa em casa dançando e saltando. Ao vê-los assim fazerem tantas vezes a mesma coisa vinham-me à lembrança aquêles sujeitos que em certas aldeias nossas são conhecidos por *valets de la fête*, os quais nos dias de festa ao padroeiro das paróquias andam vestidos de bobos com cetro em punho e guizos nas pernas, brincando e dançando à mourisca pelas casas e praças. Cumpre notar que em tôdas essas danças, quaisquer que sejam, nunca as mulheres se misturam aos homens; se querem fazem-no em grupo separado.

Antes de terminar êste assunto, e afim de que os leitores se convençam de que se tivessem vinho à vontade enxugariam galhardamente o copo, vou contar uma história tragi-cômica que em sua aldeia me contou um *mussacá* (237), isto é um bom e hospitaleiro pai de família.

“Surpreendemos uma vez, disse êle na sua rude linguagem, uma caravela de *perôs* (isto é portugueses, que como já referí são inimigos mortais dos nossos tupinambás) na qual, depois de mortos e comidos

(233) O ato de “matar e comer” o prisioneiro de guerra foi sempre essencialmente simbólico. Salvo um ou outro caso raro de exo-canibalismo, não é procedente a afirmação de que “comessem” os inimigos por gula. O próprio Léry em várias passagens de sua obra confirma essa asserção (P. A.).

(234) Exagêro de Montaigne, I, XXX; “O dia inteiro se passa a dançar”.

(235) Vide nota 185 (P. A.).

(236) Vide nota 188 (P. A.).

(237) Léry escreve *Moussacat*, que é, sem dúvida alguma, a expressão tupí *mbosaká* (*mboçaká*) ou *mosaká*. Como verbo ela significa: estimar, apreciar, prezar; como adjetivo: estimado, prezado, querido e, como substantivo: amigo. Foi com êsse sentido que Léry a empregou. A propósito dessa palavra lembra Batista Caetano (Vocabulário cit. 245): “dizendo-se *che mbosaká* — *mbo-sá-ka* — (meu querido), diz-se literalmente: “me faz os olhos quebrar, quebra-me os olhos”, que até é trôpo também em português...” (P. A.).



todos os homens e recolhida a mercadoria existente, encontramos grandes *caramemos* (238) (tonéis e outras vasilhas de madeira) cheias de bebida que logo tratamos de provar. Não sei que qualidade de *cauim* era, nem se o tendes no vosso país; só sei dizer que depois de bebermos ficamos por três dias de tal forma prostrados e adormecidos que não podíamos despertar". É verossímil que fôsem tonéis de bom vinho da Espanha, com os quais os selvagens, sem o saber, festejaram a Baco. Não é pois de admirar que o nosso homem ao acordar se sentisse com fôrças dobradas.

No que nos diz respeito, ao chegarmos a êsse país procuramos evitar a mastigação no preparo do *cauim* e fazê-lo de modo mais limpo. Porisso pilamos raízes de aipim e mandioca (239) com milho, mas, para dizer a verdade a experiência não provou bem. Pouco a pouco nos habituamos a beber o *cauim* da outra espécie embora não o fizéssemos comumente, pois tendo cana à vontade punhamo-la de infusão por alguns dias na água depois de refrescá-la um pouco por causa do grande calor; e assim açucarada bebíamos a água com grande prazer. Quanto à água das fontes e rios, incomparavelmente melhor e mais sadia que as nossas, nós a bebíamos sem mistura. Os selvagens chamam a água doce *uh-ete* (240) e a água salgada *uh-een* (241); esta dicção obtém-na com a garganta, como os hebreus fazem com as guturais e porisso era para nós a mais penosa de reproduzir entre tôdas as do idioma indígena (242).

(238) Léry grafa *caramemô* e, como tal encontramos em alguns vocabulários do tupí costeiro. Mais corrente, porém, é *karamemoã*, cêsto, baú, caixa arqueada, etc. No guaraní é de mais uso a variante *karamenguá*, (P. A.).

(239) Vide notas 206 e 207 (P. A.).

(240) Trata-se de *yetê* ou *yeté*, água potável, água boa, água pura (P. A.).

(241) *Yeén*, água salgada, água que tem gosto, água diversa da boa, da *yeté* (P. A.).

(242) A propósito da dificuldade de pronúncia do *y* tupí, há muito de excessivo e de falso na afirmação dos que tentaram aprender o idioma brasílico. O *y* é apenas um *i* gutural, que se emite com os lábios quase cerrados e com a ponta da língua levemente apoiada sôbre a arcada dentária inferior. Não é mais difícil do que a pronúncia do *th* inglês, do *ch* alemão, do *j* castelhano, e incomparavelmente mais fácil do que numerosos fonemas do árabe, do polaco, do irlandês antigo, etc. A lenda da dificuldade de pronúncia do *y* tupí, originou-se do fato de alguns recém-chegados ao Brasil, "duros de ouvido", não conseguirem desde logo falar a língua que muitos outros falavam com elegância e perfeição. Um dêles (Pe. Pedro Lozano, I, 258), depois dos mais rasgados elogios à língua indígena que afirma ser "sin controversia, de las mas copiosas y elegantes que reconoce el orbe y que con razón puede competir con las que tienen más fama", sôbre a pronúncia do *y* diz "que provocou uma

As pessoas que, em vista do que disse acima acêrca da mastigação das raízes e do milho no preparo da bebida, enjoem e engulhem (243), lembro o modo pelo qual entre nós se fabrica o vinho. Pois se tivermos em vista que nos lugares onde crescem os bons vinhedos os vinhateiros, no tempo da vindima, metem-se dentro das tinas e das cubas e com os lindos pés, às vêzes calçados de sapatões, machucam as uvas e ainda as enxovalham na lagariça, veremos que nesse mister se passam muitas coisas talvez menos aprazíveis do que a mastigação das mulheres americanas. Pode-se dizer que o vinho ao azedar e fermentar lança fora de si tôda a impureza; em verdade o *cauim* também se purga...

ferida na língua de certa pessoa que quis pronunciar um só vocábulo de cinco letras"... em que figurava o tal fonema... A ferida provavelmente não foi causada pela pronúncia da letra malsinada, mas pelo ardor da frutinha que ela denomina — e que o bom padre quis provar imprudentemente — *Kyyí*, pimenta. (P. A.).

(243) Thévet (*Cosmog.* p. 97): "Não podia ver fabricarem essa bebida sem enjoô; mas afinal, cansado de beber água, e doente, experimentei-a a instâncias de amigos; e achei-a boa".

CAPÍTULO X

DOS ANIMAIS, VEAÇÃO, LAGARTOS, SERPENTES E OUTROS ANIMAIS MONSTRUOSOS DA AMÉRICA

Direi desde logo, ao iniciar êste capítulo, que não existe no Brasil nenhum quadrúpede em tudo e por tudo semelhante aos nossos. Por outro lado convém acrescentar que os tupinambás só muito raramente se alimentam com animais domésticos (244). Na descrição dos animais silvestres do país, chamados genêricamente *sóo* (245) começarei pelos que lhes servem de alimentação. O primeiro e mais comum é o *tapi-russú* (246) de pêlo avermelhado e assaz comprido, do tamanho mais ou menos de uma vaca, mas sem chifres, com pescoço mais curto, orelhas mais longas e pendentes, pernas mais finas e pé inteiriço com forma de casco de asno. Pode-se dizer que, participando de um e outro animal, é semi-vaca e semi-asno. Difere entretanto de ambos pela cauda, que é muito curta (há aquí na América inúmeras alimarias sem cauda), pelos dentes que são cortantes e aguçados; não é entretanto animal perigoso, pois só se defende fugindo. Os selvagens o matam a flexadas como fazem a muitos outros ou o apanham com armadilhas astuciosas.

(244) Não é mais verdade, após a aclimação dos animais domésticos europeus. Ver Roulin, *Causeries sur l'histoire naturelle*, p. 41-79. Segundo Montaigne, I, XXX: "O primeiro cavalo que viram... lhes causou tal horror que o mataram a frechadas".

(245) *Sóo*, apenas por força de idéias de extensão pode referir-se a animais silvestres. Como verbo significa: dar de comer, dar sustento, alimentar; como substantivo: carne, polpa e, de modo geral, animais que dão carne para alimentação, caça, etc. Essa palavra, conforme demonstrou Oiticica (Boletim do Museu Nacional, Vol. IX, n.º 1, 64) nada tem a ver com ζῷο que, com o sentido de "ser vivo, animal", é post-homérico e só apareceu em grego, segundo Curtius, no tempo de Platão. Todavia provém do verbo ζάω por δjáω, e filia-se à raiz "gi" "viver" (P. A.).

(246) *Description et histoire du tapir*, em Roulin, p. 261-262. *Gandavo* (p. 108): "Também há uns animais na terra a que chamam antas, que são de feição de mulas,

Esse animal é muito estimado entre os indígenas por causa da pele (247); depois de esfolado cortam-lhe o couro do dorso e põem-no a secar, fazendo rodela de tamanho de um tampo de tonel médio, que lhe servem de escudos contra as setas inimigas na guerra. Com efeito, a pele assim seca e preparada é tão rija que não há flexa, creio, por mais violentamente lançada que possa furá-la. A título de curiosidade trazia eu para a França dois desses broquéis, mas assaltando-nos a fome no mar, vimos-nos obrigados, na falta de víveres e depois de comermos os bugios, papagaios e outros animais, a consumir as nossas rodela tostadas na brasa, bem como todos os couros e peles que tínhamos a bordo.

A carne do *tapirussú* tem quase o mesmo gosto da do boi; os selvagens a preparam à sua moda moqueando-a. Consiste esse sistema, que pretendo desde já descrever, para que não fique suspenso à curiosidade do leitor, no seguinte: os americanos enterram profundamente no chão quatro forquilha de pau, enquadradas à distância de três pés e à altura de dois pés e meio; sobre elas assentam varas com uma polegada ou dois dedos de distância uma da outra, formando uma grelha de madeira a que chamam *boucan* (248). Têm-no todos em suas casas e nêle colocam a carne cortada em pedaços, acendendo um fogo lento por baixo, com lenha seca que não faça muita fumaça, voltando a carne e revirando de quarto em quarto de hora até que esteja bem assada. Como não salgamos suas viandas para guardá-las, como nós fazemos, esse é o único meio de conservá-las. Se em um dia apanham trinta animais ferozes ou outros dos que aquí descrevemos, para evitar a putrefação, cortam-nos logo em pedaços e os moqueiam durante mais de vinte e quatro horas às vezes até que as partes internas fiquem tão assadas quanto as externas. O mesmo fazem com os peixes quando os pescam em grande

mas não tão grandes e têm o focinho mais delgado e um beijo comprido à maneira de tromba. As orelhas são redondas e o rabo não muito comprido; e são cinzentas pelo corpo e brancas pela barriga... A carne desses animais tem o sabor como o da vaca, da qual parece que se não diferença coisa alguma". Thévet (*Cosmog.* p. 937 *** *Tapiir-usú*, anta (*Tapirus*) grande. Por essa palavra, *tapiirusú*, seguida de algum qualificativo, foram designados o boi, a vaca, etc. (P. A.).

(247) Thévet, *Singularités*, etc. § 38.

(248) Trad. latina de Bry, prancha p. 935 *** — Léry escreve *boucan*, *boucaner*, o que prova como era corrente a permuta dos labiais *b* e *m*. *Boucan* provém de *mo* + *kaë*, fazer seco, ressecar, tornar enxuto. Dêsse verbo tiramos, em português: *moquém*, *moquear*, *moqueador*, *moqueação*, etc. como também *bucaneiro*, por intermédio do termo vernaculizado pelos franceses. Na língua francesa existem hoje os vocábulos *boucan*, *boucanage*, *boucannerie*, *boucané*, *boucaner*, *boucanière*, provenientes do tupi *mokaë*, tal como os vocábulos ingleses: *bucaneer*, *bucaneering*, *bucaneers* ou *bucaniers*. Esta descrição do *moquém*, que Léry nos dá, é das mais perfeitas e completas (P. A.).



MOQUÈM

quantidade, principalmente com os da espécie denominada *piraparatí* (249) que são verdadeiros sargos. Depois de os secar bem, reduzem-nos a farinha. Em suma êsses *moquem* (boucan) lhes servem de salgadeira, aparador e guarda-comida ; e entrando em suas aldeias vêmo-los sempre carregados não só de veações ou peixes mas ainda de coxas, braços, pernas e postas de carne humana dos prisioneiros que matam e costumam comer, como veremos adiante. Eis o que tinha a dizer acêrca do moquém e da moqueação (boucannerie) (250) dos americanos, os quais em que pesem os opiniões em contrário, não deixam de cozinhar as suas viandas quando lhes apraz.

Voltando aos animais direi que os maiores, depois do asno-vaca de que acabo de falar, são certas espécies de veados e corças a que chamam *soo-uassús* (251) os quais, além de ser bem menores do que os nossos e ter chifres menos desenvolvidos, dêstes ainda se diferenciam pelos pêlos compridos como os das cabras da Europa.

Quanto ao javalí do país, que os selvagens denominam *taiassú* (252), embora semelhante aos das nossas florestas pela cabeça, pelas orelhas, pernas e pés, tem os dentes muito compridos, curvos e ponteagudos, o que os torna perigosíssimos. E' mais magro, descarnado; tem um grunhido espantoso e apresenta nas costas uma deformidade notável (253), uma abertura natural, como a do golfinho na cabeça, por onde sopra, respira e aspira quando quer. E para que não se imagine ser isso uma coisa extraordinária direi que o autor da "História Geral das Índias" (254) afirma existirem na Nicarágua, perto do reino da Nova

(249) *Pirá - paratí*, peixe *paratí*, chamado *paratí*. A propósito desta denominação é altamente instrutiva a leitura do excelente, belo e exhaustivo estudo de Artur Neiva, in Estudos da Língua Nacional, S. Paulo, 1940 (P. A.).

(250) Idem. — Thévet, *Cosmographie*, prancha p. 926.

(251) No tupí da costa o designativo genérico dos veados era realmente *suassú* ou *suasú*, na ortografia da língua. No nheengatú amazônico atual, diz-se ainda *suasú* ou *sooasú*. Cf. Stradelli, Vocabulário Nheengatú, in Rev. Inst. Histórico Brasileiro, vol. 104. No guaraní antigo usava-se da expressão *soasú* e hoje, no Paraguai emprega-se *guasú*. Martius (*Nomina animalium in lingua tupí*, in *Wörterammlung Brasilianischer Sprachen*, Leipzig, 1867) diz: "*Suasú*, rectius *suusú*, *susú* — cervus, a verbo *suú*, mordere, *suúsuú*, (repetito mordere) rodere. Guaranice scribitur *Guazú* et tupice plerumque *çuazú*". Cita depois onze variedades de cervos, todos designados pelo nome geral — *suasú* — seguidos dos qualificativos especiais (P. A.).

(252) *Taiassú*, *taiasú*, *tajasú*, designativo genérico do porco, do porco montês ou do mato. Essa expressão provém provavelmente de *tâi-asú*, dente ou dentes grandes (P. A.).

(253) Capivaras. Gandavo (p. 67) — Thévet, *Cosmog.* p. 935.

(254) Gomara. *Hist. Gen. de las Indias*, § CCV, p. 262.

Espanha, porcos com o umbigo no espinhaço (255), os quais devem ser da mesma espécie dos que acabo de descrever.

Êsses três animais: o *tapirassú*, o *soouassú* e o *taíassú* são os maiores dessa terra do Brasil.

Passando a outros animais bravios dos nossos americanos, notarei um bicho vermelho chamado *agutí* (256); é do tamanho de um leitão de mês, tem o pé fendido, a cauda muito curta, o focinho e as orelhas como os da lebre e é de sabor agradabilíssimo.

Outros, de duas ou três espécies diferentes, chamados *tapitís* (257), parecem-se muito com as nossas lebres e têm quase o mesmo gosto, embora o seu pêlo seja mais avermelhado. Também apanham nas florestas certos ratos (258) do tamanho dos esquilos, com pêlo quase idêntico e de carne tão delicada quanto a do coelho.

O *pag* (259) ou *pague* (não pudemos distinguir a pronúncia), é um animal do porte do cão perdigueiro médio; tem a cabeça felpuda e mal feita e a carne com o gosto da vitela; a pele é muito bonita, manchada de branco, pardo e preto e se o tivéssemos seria muito apreciado no vestuário. Existe outro animal do feitio de uma doninha e de pêlo parda-cento, ao qual os selvagens chamam *sariguá* (260); tem mau cheiro, e

(255) Gabriel Soares (op. cit. pág. 249) diz: "Criam-se no mato da Baía porcos monteses, a que os índios chamam *tajaçú*, que são de côr parda e pequenos; tudo tem semelhante com o porco, senão o rabo, que não tem mais comprido que uma polegada; e tem umbigo nas costas; as fêmeas parem muitos no mato, por onde andam em bandos, comendo as frutas dêle", etc. (P. A.).

(256) *Agutí* ou *akutí* é o roedor (Dasyprocta) a que chamamos vulgarmente *cotia*. Gabriel Soares (op. cit. 253) dedica um capítulo de sua obra às pacas e cotias. Vários outros cronistas referem-se também a êsse animal (P. A.).

(257) Trata-se do *tapetí*, coelho silvestre. Batista Caetano (Vocabulário in Anais Biblioteca Nacional, t. VII) anota *tapiiti*, coelho. Marcgrav grafa *tapeti*, mas Gabriel Soares (op. cit.) fala em *tapotim*, menores que os coelhos da Espanha, "com tôdas as feições de coelhos, senão o rabo, porquê o não tem; os quais se criam em covas, e as fêmeas parem muitos; cuja carne é como a de coelhos, e muito saborosa" (P. A.).

(258) Thévet, *Singularités*, etc. § 67.

(259) É o que chamamos *paca*. Vide Gabriel Soares (op. cit. 253). *Páka* pode ser gerúndio do verbo *pág*, e adjetivo com o sentido de esperto, vivo, alertado, etc. Talvez daí o nome do animal (P. A.).

(260) Gandavo (p. 73) denomina-os *cerigoês*. Descreve minuciosamente as características esquecidas por Léry, que os classificou entre os marsupiais. *** Trata-se com efeito do gambá (T.) *** Gandavo grafa *cerigoê*; Simão de Vasconcelos (op. cit. Livro 2.º not. 101) *çarigué* e Gabriel Soares (op. cit., 248), que a descreve cuidadosamente, dá *serigoé*. No Rio da Prata chamam a esta espécie de *Didelphis*, Lin., ou *gambá*, de *micuré*. A etimologia dêsses nomes revela a sua identidade

não o comem os índios de boa vontade. Esfolamos alguns dêsses animais verificando estar na gordura dos rins o mau odor; tirando-lhe essa víscera a carne é tenra e boa.

O *tatú* (261) da terra do Brasil, tal qual os nossos ouriços, não pode correr tão rapidamente quanto os outros; porisso arrasta-se pelas moitas; em compensação está bem armado, coberto de escamas fortes e duras, capazes de resistirem a um golpe de espada. Com essa carapaça, fazem os selvagens cestinhos chamados *caramemo* (262); encurvada parece manopla de armadura. A carne do *tatú* é branca e muito saborosa. Não vi porém, nesse país, nenhum quadrúpede semelhante, na altura das pernas, ao que Belon representou no fim do terceiro livro de suas observações com o nome de *tatú do Brasil*.

Além dêsses animais, que constituem a alimentação habitual dos americanos, comem êles crocodilos, chamados *Jacarés* (263), os quais têm a grossura da coxa de um homem e comprimento proporcional; não são perigosos pois, como me foi dado ver muitas vêzes, os selvagens os trazem vivos para as suas casas e as crianças brincam em redor dêles sem mal algum. Entretanto ouvi contar aos velhos das aldeias que, nas matas, são às vêzes assaltados e encontram dificuldades em se defender a flexadas contra uma espécie de *Jacarés* monstruosos que, ao pressentir gente, deixam os caniçais aquáticos onde fazem o seu covil. A êsse respeito, além do que Plínio (264) e outros referem dos crocodilos do Nilo, no Egito, diz o autor da "História Geral das Índias" (265) que matou crocodilos perto da cidade de Panamá, com mais de cem pés de com-

em relação à bolsa em que criam os filhos; *gambá*, de *guá-mbá*, diz: ventre aberto, barriga ôca, e *sarigué* de *soó-r-igué* (apud. Sampaio. op. cit. 3.^a ed., 89), animal de saco. Ocorrem ainda as seguintes variantes do nome: *sarué*, *sarigueia* e *sorí-ghe*. Hans Staden (op. cit. 72) dá *Serwoy* (P. A.).

(261) Hans Staden (p. 308): "O *tatú* tem mais ou menos 6 polegadas de altura por nove de comprimento. Cobre-lhe o corpo todo, exceto o ventre, uma espécie de armadura. Esta consiste em chapas de osso dispostas umas por cima das outras. O animal tem o focinho muito comprido; alimenta-se de formigas". Ver também *Description et histoire des tatous*, em Roulin, *Souvenirs*, etc. p. 217 - 224. — Gaudavo p. 69. *** Gabriel Soares (op. cit. 251) dedica um capítulo inteiro aos *tatús*, citando as diferentes variedades com os nomes indígenas. Êsse designativo diz: casca dura, carapaça encorpada ou densa (P. A.).

(262) Vide nota 238 (P.A.).

(263) Vide Gabriel Soares (op. cit. 265).

(264) Plínio H. N. Livro V, § 196.

(265) Gomara (*Hist. Gen. de las Indias*, § 196, p. 255): "...aunque alli cerca los han muerto de mas de cien pies en largo"...

primento, o que é coisa quase incrível. Observei os Jacarés medianos e vi que têm a bôca muito rasgada, as pernas altas, a cauda chata e aguda na extremidade. Confesso que não verifiquei se êsses anfíbios conservam imóvel a mandíbula superior como geralmente se acredita.

Os nossos americanos também apanham *tuús* (266), lagartos que não são verdes, como os nossos, mas cinzentos, de pele áspera como a das lagartixas. Embora tenham de quatro a cinco pés de comprimento, e sejam proporcionalmente grossos e repugnantes à vista, conservam-se em geral nas margens dos rios e nos lugares pantanosos, tal qual as rãs, e não são em absoluto perigosos. Direi ainda que, destripados, lavados e bem cozidos, apresentam uma carne branca, delicada, tenra e saborosa como o peito do capão, constituindo uma das boas viandas que comí na América. A princípio, em verdade, repugnava-me êsse manjar, mas depois que o provei não cessei de pedir lagarto.

Também costumam os tupinambás comer certos sapos grandes, moqueados com o couro e os intestinos, donde concluo que ao contrário dos nossos sapos cuja carne e sangue são geralmente mortíferos, os do Brasil em virtude talvez do clima, não são venenosos. Os selvagens também comem serpentes grossas como um braço de homem e longas de uma vara; mas vi-os entretanto trazerem certas serpentes rajadas de preto e vermelho para casa; uivavam entre as mulheres e as crianças que, em vez de se atemorizar, as acariciavam com as mãos. Preparam as serpentes em pedaços e as cozinham, mas a carne é insípida e adocicada. Não faltam aí cobras de variada espécie, sobretudo nos rios, onde se encontram algumas compridas e delgadas, verdes como a acelga e cuja mordedura é muito venenosa. Pela narração seguinte pode-se ver que, além dos *tuús* a que me referí, existem no mato lagartos grandes e perigosos (267).

Certa ocasião dois franceses e eu cometemos o êrro de visitar o país sem guias selvagens; perdemo-nos na mata e, quando ladeávamos pro-

(266) *Tuú*, *teíú*, *tejú* ou *teijú*. Martius (op. cit. 481) diz "*Teíú*, *tiú*, Piso II, 283, in genere *Lacerta*, praecipue *Teius* Ameiva Merr", e cita as várias espécies conhecidas. Batista Caetano (Vocabulário cit.) dá certa etimologia, não muito razoável, fazendo menção das seguintes denominações compostas: *tejú* - *guasú*, *tejú-tará*, *tejú-guasú-tará* (cameleão), *tejú-obý*, (verde ou azulado), *tejú-tinga* (branco) *tejú-pytã* ou *piranga* (vermelho) *tejú-kuatiá* (pintado) e *tejú-pará*. Vide Gabriel Soares (op. cit. 265) onde se encontram referências a outros lagartos. Léry grafa *Touous* e *Toiious* (P. A.).

(267) Talvez a *sucurí*, que ainda se encontra nas florestas do Brasil. Ver Biard, *Voyage au Brasil, Tour du Monde*, n.º 81, prancha 40. Segundo Gandavo, p. 77, "e os há tão grandes que engolem um veado inteiro ou qualquer outro animal do mesmo tamanho".

fundo vale, ouvimos o rumor de um bruto que vinha em nossa direção mas, pensando que fôsse algum selvagem não paramos nem demos importância ao caso. De repente, a trinta passos de distância, à direita, vimos na encosta da montanha um enorme lagarto maior do que um homem e com um comprimento de seis a sete pés. Parecia revestido de escamas esbranquiçadas, ásperas e escabrosas como cascas de ostras; ergueu uma pata dianteira e com a cabeça levantada e os olhos cintilantes encarou-nos fixamente. Como nenhum de nós trazia arcabuz ou pistola, mas somente espadas e arco e flexas na mão, armas inúteis contra animal tão bem armado, ficamos quedos e imóveis, pois temíamos que, fugindo, o bruto viesse contra nós e nos devorasse. O monstruoso e medonho lagarto, abrindo a bôca por causa do grande calor que fazia e soprando tão fortemente que o ouvíamos muito bem, contemplou-nos durante um quarto de hora; voltou-se depois, de repente, e fugiu morro acima fazendo maior barulho nas fôlhas e ramos varejados do que um veado correndo na floresta. O susto nos tirou a lembrança de perseguí-lo e, louvando a Deus por ter-nos livrado do perigo prosseguimos no passeio. E como dizem que o lagarto se deleita ao aspecto do rosto humano, é certo que êsse teve tanto prazer em olhar para nós quanto nós tivemos pavor em contemplá-lo (268).

Existe nesse país um animal chamado *Ian-u-are* (269) pelos selvagens, o qual tem pernas quase tão altas e é tão veloz na carreira quanto o galgo; muito se parece porém com a onça, com pêlos no mento e a pele lindamente manchada. Os selvagens temem essa fera, pois vive de prêsa como o leão e quando pode agarrar algum índio o mata, despedaça e devora. E como os selvagens são cruéis e vingativos contra tudo o que os prejudica, quando pilham nas suas armadilhas (270) uma dessas feras, o que não raro conseguem, flexam-na e a golpeiam e a deixam nos fossos durante muito tempo antes de acabar de matá-la.

Para que melhor se compreenda como êsse animal os maltrata, contarei o seguinte: certa vez em que eu e cinco ou seis franceses passamos para a grande ilha, advertiram-nos os selvagens do lugar de que nos

(268) Gandavo, p. 73. — Yves d'Evreux, *Voyage au Nord du Bresil*, § XLVI, p. 196.

(269) Léry escreve *Ian-ou-are*. *Jaguára*, *jagoára*, *iaguára*, *iaúdra*, *yaguára*, etc., são algumas das variantes fonéticas e ortográficas do nome da onça, do cão ou do tigre. Segundo Martius (op. cit.) "in genere est canis, felis major, tigris. In lingua kechua *yahuár* significat sanguinem" (P. A.).

(270) Ver armadilhas para pegar onças na *Description du Paraguay em 1877*, de Forgues, *Tour du Monde*, n.º 703, prancha p. 412.

acautelássemos contra a *ian-u-are* pois naquela semana comera ela três pessoas numa aldeia indígena (271).

Há também nessa terra do Brasil grande número de pequenos macacos pretos a que os selvagens chamam *cay* (272); como entretanto já se encontram muitos por aqui, parece-me inútil descrevê-los. Direi todavia que vivem nas matas dêsse país, trepados em certas árvores produtoras de um fruto com caroços semelhantes às nossas grandes favas e que lhes serve de alimento. Reunidos geralmente em bandos, sobretudo no tempo das chuvas, é grande prazer ouvi-los gritar e celebrar o seu *sabbat* nas árvores, tal como o fazem os nossos gatos nos telhados. Esse animal só traz no ventre um feto, o qual ao nascer logo se agarra ao pescoço do pai ou da mãe; perseguido pelos caçadores, salta de galho em galho e assim se salva. Porisso não conseguem os selvagens facilmente apanhar nem indivíduos novos nem velhos e só os chegam a pegar derrubando-os das árvores a flexadas, donde caem atordoados e algumas vezes feridos. Depois de curados e domesticados em casa, trocam-nos os selvagens com os estrangeiros que por aí viajam por quaisquer mercadorias. Digo depois de domesticados, porquê, quando recém-apanhados, são êsses macacos ferozes; mordem e dilaceram os dedos e as mãos dos apreensores, causando-lhes tamanha dor que os pacientes os matam a pancadas para se livrarem da agressão.

Também existe na terra do Brasil outra espécie de macacos a que os selvagens chamam *saguim* (273). Têm o tamanho e o pêlo do esquilo, mas o focinho, e o pescoço e a cara parecidos com os do leão; a-pesar-de bravio é o mais lindo animalzinho que já vi. Se resistisse como o mono

(271) Na tradução latina de Bry (p. 182-183) foi interpolada uma apreciação acêrca dos cães na América.

(272) Hans Staden (p. 308). Cf. Yves d'Evreux — Voyage au nord du Bresil, p. 199-201. — Thévet, *Singularités*, etc. § 54. ****Kaí*, como adjetivo do tupí-guaraní significa envergonhado, medroso, encolhido, etc. Daí naturalmente o seu emprêgo para nomear êste macaquinho (P. A.).

(273) Gandavo, p. 77: "Chama-se saguís. Há uns louros e outros pardos; os louros têm o cabelo muito fino, e na semelhança do vulto e feição do corpo quase se querem parecer com leão". *** Sôbre o *saguim* diz Gabriel Soares (op. cit. 254): "Saguins são bogios pequeninos muito felpudos e de cabelo macio, raiados de pardo, preto e branco; têm o rabo comprido e muita felpa no pescoço, a qual trazem sempre arrepiada, o que os faz muito formosos; e criam-se em casa, se os tomam novos, onde se fazem muito domésticos. Do Rio de Janeiro vêm outros saguins da feição dêstes de cima, que têm o pelo amarelo muito macio, que pheiram muito bem; os quais são muito mimosos e morrem em casa, de qualquer frio e das aranhas da casa; que são mais peçonhentas que as das árvores, onde andam sempre saltando de ramo em ramo" (P. A.).

à travessia seria aquí muito apreciado; mas é delicadíssimo, não suporta o balanço do navio e é tão melindroso que qualquer contrariedade o mata de desgosto. Entretanto já se vêem na Europa alguns dêsses animaizinhos a que Marot (274) alude quando assim se exprime fazendo falar seu servo Fripelipes, com um certo Sagon:

Conbien que Sagon soit un mot,
Est le non d'un petit marmot (275).

Embora eu confesse que a-pesar-de minha curiosidade não notei todos os animais dessa terra da América como o desejara, descreverei para terminar dois outros de forma extraordinária e singular.

O maior, chamado *hay* (276) pelos selvagens é do tamanho de um cão d'água grande e sua cara de bugio se assemelha a um rosto humano; tem o ventre pendurado como o da porca prenhe, o pêlo pardo escuro como a lã do carneiro preto, a cauda curtíssima, as pernas cabeludas como as do urso e as unhas muito longas. Embora seja muito feroz, no mato, fàcilmente se amansa. Mas é verdade que, por causa das unhas, nossos tupinambás, que andam sempre nus não gostam de folgar com êle. O que parece fabuloso, mas é referido não só por moradores da terra mas ainda por adventícios com longa residência no país, é não ter jàmais ninguém visto êsse bicho comer, nem no campo nem em casa e julgam muitos que êle vive do vento (277).

(274) Cf. Marot, et. Jannet, 1862, T. I. p. 242 epístola IV.

(275) Embora Sagon seja um nome é o nome de um macaquinho (T.).

(276) Sem dúvida a *preguiça*, de Gandavo, p. 74: "... e assim se move com passos tão vagarosos que ainda que ande quinze dias aturados não vencerá distância de um tiro de pedra. O seu mantimento é fôlhas de árvores e em cima delas anda o mais do tempo, aonde há pelo menos mister dois dias para subir e dois para descer". São exageros que a ciência moderna retificou. Cf. observações de Ruoy e Gaymard no "*Volage autour du Monde*", de Freycinet. — Ver também a curiosa descrição de Thévet (Cosmog. p. 940 e prancha p. 941). *** Os cronistas grafam êsse nome de várias maneiras: *ahý*, *ahí*, *hay*, *aíh*, *aýg*. Todos, porém, dão-no como designativo da preguiça (*Bradypus*, Lin.) Deve ser de origem onomatopaica, pois *aí* é uma interjeição semelhante ao do grito da preguiça, e corresponde ao nosso *ai*, interjeição de dor. Gabriel Soares (op. cit. p. 257) dá minuciosas informações sôbre a "*ahý*" ou preguiça. Simão de Vasconcelos (op. cit. Livro 2.º n.º 100) descreve a *aýg*. Thévet grafa *haüt* (P. A.).

(277) Tamanduás. Ver Gandavo, p. 75. — Roulin (*Souvenirs de voyage*) p. 237-251 *** Confusão nestas notas de Gaffarel pois Léry se refere ao mesmo animal (T.).

O outro animal a que me refiro e ao qual os selvagens chamam *coatí* (278) é do porte de uma lebre grande, tem pêlo curto, reluzente e mosqueado, orelhas pequenas, erectas, pontudas; a cabeça é pouco volumosa e o focinho, que começa nos olhos, tem mais de um pé de comprimento; redondo como um bastão afina de repente conservando a mesma grossura desde cima até perto da bôca, a qual é tão pequena que nela cabe apenas a ponta do dedo mínimo. Não me parece que exista algo mais extravagante ou monstruoso do que êsse focinho semelhante a um canudo de gaita de foles. Quando apanhado, conserva os quatro pés juntos, caindo sempre para um ou para outro lado ou se esparramando no chão, de sorte que ninguém pode mantê-lo de pé; só se alimenta de formigas (279).

Quase oito meses depois de chegarmos à ilha em que se encontrava Villegagnon, os selvagens trouxeram-nos um dêsses *coatís* o qual, como é de imaginar foi muito apreciado pela novidade. Por ser tão estranho, em comparação com os animais da Europa, mais de uma vez pedí a um tal João Gardien, perito desenhista da nossa comitiva, que mo desenhasse juntamente com outros animais desconhecidos na Europa; infelizmente êle nunca me atendeu.

(278) *Coati*, *coatim*, *coatý*, *cuatí*, *quatí*, *akuatí*, etc., são variantes do nome que ocorre em Gabriel Soares, (op. cit. cap. 98); Marcgrav, (I, 228) Piso (II, 38), etc. É a *Nasua socialis* Neuw. Stradelli (Voc. Nheengatú, 420) dá alguns informes curiosos sôbre o coatí. Em notas à obra de Claude d'Abbeville, in Rev. Inst. Hist. vol. 94) Rodolfo Garcia sugere a etimologia *aquá* + *tí*, nariz de ponta ou nariz pontudo (P. A.).

(279) Também aquí regista-se certa confusão, porquanto o coatí não se alimenta de formigas. É ao tamanduá sem dúvida que se refere Léry (T.).

CAPÍTULO XI (280)

DA VARIEDADE DE AVES DA AMÉRICA, TÔDAS DIFERENTES
DAS NOSSAS; DOS BANDOS DE GRANDES MORCEGOS, DAS
ABELHAS, MÔSCAS VAREJEIRAS E OUTROS VERMES SIN-
GULARES DÊSSE PAÍS

Começarei também êste capítulo das aves, a que os tupinambás chamam de um modo geral *urá* (281), pelas que servem de alimento. Antes de mais nada direi que êles posuem em grande abundância essas galinhas grandes, ditas da Índia e que êles denominam *arinhan-assú* (282); os portugueses introduziram no país as galinhas comuns, antes desconhecidas e a que os selvagens chamam *arinhan-mirim*. Como já disse, embora apreciem as galinhas brancas, por causa das penas que tingem de vermelho e com as quais se enfeitam, não as comem. E como pensam que os ovos, *arinhan-ropiá* (283) são venenosos, não

(280) Comparar com o capítulo XLVII, de Yves d'Evreux (*Voyage au Nord du Brésil*).

(281) *Urá* é corruptela de *uyrá* ou *guyrá*, indicativo genérico de pássaros. Dentre as numerosas alterações sofridas por essa palavra, principalmente na vernalização de zoónimos, notam-se *oyrá*, *oirá*, *uirá*, *virá*, *vyrá*, *hurá*, *huyrá*, *oerá*, *birá*, *ará*, *ourá*, *guará*, *gará*, *grá*, etc. Vide: "Nomes de Aves em língua tupí", de Rodolfo Garcia, in Boletim do Museu Nacional, vol. v. n.º 3, setembro de 1929 (P. A.).

(282) Os antigos vocabulários, quase sem exceção, registram *Sapukái* ou *guyrá-sapukái* como designativo da galinha. Parece-nos difícil a etimologia de *arinham* ou *ariñã*. Se admitirmos que ela representa mais ou menos a pronúncia do índio, será *uyrá* + *ñã*, ave que corre ou também *guyrá* + *ñã*, como se vê em Sampaio (op. cit. 214). Não nos sendo dado restaurar a expressão, nada podemos afirmar a seu respeito. É curioso notar que ela aparece com a mesma grafia e sentido em Thévet (P. A.).

(283) Cf. Thévet, *Singularités*, § 44. ****Ropiá*, de *hopiá*, (*çopiá* nos vocabulários do tupí da costa) significa, de fato, ovo, ovas. No guaraní dizia-se *hupiá*, *rupiá*, etc. (P. A.).

só ficavam muito admirados em nos ver sorvê-los, mas ainda diziam que por falta de paciência para deixá-los chocar praticávamos a gulodice de comer uma galinha inteira num ovo. Não dão importância a suas galinhas, tal qual se tratasse de aves silvestres; deixam-nas andar por onde querem e elas chocam nos matos e moitas de sorte que as mulheres selvagens não têm o trabalho de criar os pintos com gema de ovo como se faz entre nós. E as galinhas se multiplicam entretanto de tal forma nesse país que há localidades ou aldeias pouco frequentadas pelos estrangeiros, onde, por uma faca do valor de um *carolus* (284) se tem uma galinha da Índia; e por uma de dois *liards* (285), ou por cinco ou seis anzóis se obtêm três a quatro galinhas pequenas comuns.

Além dessas duas espécies de aves domésticas, criam os nossos selvagens patos, a que chamam *ypec* (286). Como, porém, êsses pobres tupinambás acreditam estupidamente (287) que se comessem dêsse animal de andar vagaroso não poderiam correr quando perseguidos por seus inimigos, muito hábil será quem os persuadir do contrário. Pela mesma razão se abstêm de todos os animais lentos, inclusive de certos peixes, como a arraia, que não nadam com rapidez.

(284) Moeda antiga (T.).

(285) Moeda divisionária antiga (T.).

(286) *Ypéc* ou *ypéka*, de *ypég*, significa o nadador, e designa não só o pato, mas outras aves nadadoras. Essa palavra aparece em todos os vocabulários tupís (P. A.).

(287) Essa opinião é muito comum. Os caraíbas se recusam a comer corvos e tartarugas de medo de ficarem com olhos tão pequenos quanto os dêsses animais (Muller, *Geschichte der Americanischen urreligionen* p. 221). Os Dacotá comem fígado de cão afim de adquirirem a sagacidade e a coragem dêsse animal (*Schorlcraft, Indian tribes*, II, p. 80. Os nativos da Nova Zelândia obrigam seus filhos a engulirem pedras para que fiquem com o coração duro (Yate, *New Zeland*, p. 82). Os esquimós acreditam que as qualidades físicas dos europeus se transmitem às suas vestes e êles recolhem os sapatos velhos dos marujos noruegueses e dinamarqueses para que suas próprias mulheres os usem (Egede, *Greeland*, p. 198). Talvez não tenha outra origem o canibalismo (Lubbock, *Les origines de la civilisation*, p. 18). — Ver Brett (*Indians tribes of Guiana*, p. 355): “Entre os Acawoio e os Caraíbas, os homens, quando esperam o parto de suas mulheres, abstêm-se de certas carnes, afim de que a criança não sofra, misteriosamente, seus efeitos. Assim é que recusam a cotia para que a criança não seja magra; o “haimara” para que não seja cega, pois os olhos dêsse peixe cobrem-se de uma espécie de catarata; o “lobba”, de medo que a bôca da criança se alongue como os beiços dêsse bicho e se recubra de manchas que se transformem em úlceras, etc.” *** Ver em Von den Steinen e outros etnógrafos as diversas interpretações da *couvade* ou *chôco*, a que se refere aquí o autor citado (T.).

Quanto às aves silvestres, apanham-se algumas no mato, do tamanho de capões, de três espécies: *Iacutin* (288), *Iacupem* (289) e *Iacu-assú* (290), tôdas de plumagem escura ou negra; parecem-me da família dos faisões e posso assegurar que não há melhor carne. Existe outra espécie excelente, a dos *muton* (291), que são do tamanho dos pavões e têm a plumagem igual à dos *Iacus* (292); mas são raros. O *mocacouá* (293) e o *inambú-uassú* (294) são espécies do tamanho de um ganso e têm o mesmo gosto que as precedentes. E assim ocorre com o *inambú-mirim* (295), do tamanho das nossas perdizes, o *pegassú* (296) semelhante a um pombo trocáz e o *paiacacú* (297) que vale uma rôla. Abreviando a descrição dessa caça que se encontra em grande abundância nas matas, nas praias e às margens dos rios e lagoas, tratarei

(288) *Iacutin*, *jakutin* ou *jacutinga* (*Cumana jacutinga*, Spix. Família *Cracidae*) também chamada *jacupará*. O nome se compõe de *jakú* + *ting*, jacú branco, alvo (P. A.).

(289) *Iacupém*, *jacupém* ou *jacupéma* (*Penelope superciliaris*, Temm. Família *Cracidae*) é também conhecida por *jacupemba*. O nome pode provir de *jakú* + *pem* por *jacú* + *peb*, jacú chato (apud Rodolfo Garcia, "Nomes de aves", cit.) ou de *jakú* + *pen*, jacú vergado, encurvado, etc. (P. A.).

(290) *Iacú-uassú*, *jacú-assú* ou *jacú-guaçú* (*Penelope obscura* Ill. Família *Cracidae*) é o jacú grande, como o nome indica (P. A.).

(291) Provavelmente *Mutum*, de que há no Brasil inúmeras variedades cujos nomes são empregados, pelo povo, confusamente: *mutum-cavalo*, *mutum-docú-branco*, *mutum-eté*, *mutum-piríma*, *mutum-poránga*, *mutum-vulgar*, etc., todos da Família *Cracidae* (apud Rodolfo Garcia in "Nomes de aves", cit., 36-37). O nome parece significar escuro, preto, etc. Segovia (*Dicionário de argentinismos*, Buenos Aires, 1912) sugere *mi* + *tum*, pele ou plumagem escura (P. A.).

(292) *Iacú*, ou *jakú*, é designativo genérico das aves da Família *Cracidae* especialmente das do gênero *Penelope*. Etimologia: "i, demonstrativo (que, aquêlê que), a, fruto, grão, e ku, comer, tragar, engulir: o que come grão". (Apud Rodolfo Garcia, "Nomes de aves", cit.) Vide Batista Caetano, Vocabulário, cit. 565. (P. A.).

(293) *Mocacouá* deve ser adulteração de *macucaguá* (Cf. Beaufort Rohan, Dicionário de Vocábulos Brasileiros, Rio, 1889) de onde teria vindo o designativo vulgar *macuco* ou *macuca*, nome de diversas aves da Família *Tinamidae* (P. A.).

(294) *Macuco-guassú* — Ver Gandavo (p. 82). *** *Inambú-guassú* ou *guaçú*, *Crypturus obsoletus*, Temm. Família *Tinamidae*, (apud Garcia, in "Nomes de Aves", cit., 27). É o *inambú* grande. Também se diz vulgarmente *Inhambú* (P. A.).

(295) Por certo é a mesma *inambú*, também chamada codorniz, ou *inambú* pequena (P. A.).

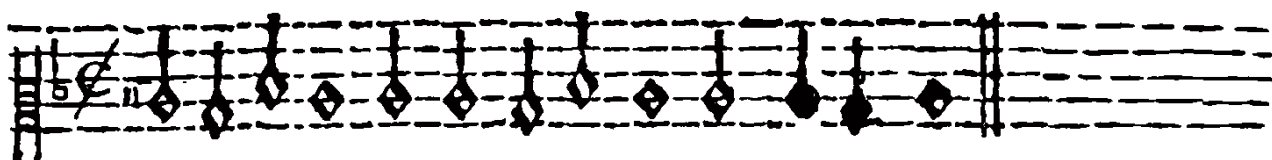
(296) Sem dúvida deve ser o *Picassú* ou *Pikasú* (*Columba plumbea*, Vieill. Família *Columbidae*) também chamada Pomba-legítima e Pomba-preta. Ocorre em Gabriel Soares (op. cit. 228). Dão-lhe o nome, também, de *Pucaçú*. (Apud Rodolfo Garcia, op. cit. 38) Vide Gabriel Soares, (op. cit., 228) (P. A.).

(297) *Paiacacú*, como escreve Léry, ou *paicacú*, *pecaçú*, *pecacú* ou *pekasú*, como poderíamos supor em tupí, é nome de difícil restauração. A-pesar-de encontrarmos diversos designativos de aves, foneticamente assemelháveis a êsse, pensamos

das aves que não são comuns na alimentação. Entre outras duas existem, do mesmo tamanho ou pouco mais ou menos, isto é, maiores do que o corvo e de garras e bicos aduncos como os papagaios, entre os quais poderíamos incluí-las. Quanto à plumagem, como o vereis pela descrição, não creio que se encontre no mundo coisa mais deslumbrante; contemplando-as somos forçados a exaltar não a natureza, com fazem os profanos mas o admirável criador dessas maravilhas. A primeira, a que os selvagens chamam *ará* (298), tem as penas das asas e da cauda longas de pé e meio, metade vermelho escarlata metade azul celeste do mais brilhante que possa existir; o resto do corpo é também azul, separando sempre a nervura de cada pena as cores opostas lado a lado. Quando essa ave se expõe ao sol, como sempre acontece, não se fartam os olhos humanos de contemplá-la.

A outra ave, dita *canidé* (299) tem a plumagem do peito amarela como o ouro fino; o dorso, as asas e a cauda são de um bellissimo azul, e pasmamos ante tanta formosura ao vê-la como que vestida de ouro e por cima tôda sombreada de roxo.

Os selvagens em suas canções aludem freqüentemente a essa ave, dizendo e repetindo muitas vezes: *canidé-iune, canidé-iune heýra-ueh* (300), isto é, ave-amarela, ave-amarela, etc., pois na sua lingua-



Canidé-iouue, canidé-iouue heura-ueh

que seria arriscado qualquer afirmação do ponto de vista ornitológico. Vide o anterior (P. A.).

(298) *Ará*, provavelmente *arára*, é nome comum a várias aves da Família *Psittacidae*, dos gêneros *Ará* e *Anodorhynchus*. Foi Amérigo Vespucci, diz Rodolfo Garcia, quem em uma das suas cartas a Soderini, primeiro o assinalou (P. A.).

(299) Cf. Gandavo (*Santa Cruz*, p. 85); Thévet (*Cosmog.* p. 939) denomina-o *canindé*. "Do ventre ao papo tem as penas mais finamente douradas que eu conheço. As asas e a cauda são azuladas e o resto da plumagem diferente dessas cores". Id. *Singularités*, § 18. *** No texto está *Canidé*, mas deve ser *canindé*. (*Ará ararauna*, Linn. Família *Psittacidae*). Gabriel Soares (op. cit., 225) descreve o pássaro *canindé*. Azara (*Apuntamientos para la Historia Natural de los pájaros de Paraguay y Rio de la Plata*, 3 vols. Madrid, 1803) descreve-a à página 400, do II volume (P. A.).

(300) Deve ser *iúb, júba*. *Canindé-júba* dirá: *canindé amarelo*. Esse estribilho talvez possa ser assim entendido: *canindé amarelo, canindé amarelo, tal qual o mel (canindé júb, canindé jub, eýra oaê)*. Nada podemos afirmar, está claro, em face da maneira por que se acha grafada a última palavra (P. A.).

gem *june* ou *jup* (301) quer dizer amarelo. Embora essas duas aves não sejam domésticas, encontram-se mais comumente nas grandes árvores existentes nas aldeias do que na mata; os nossos tupinambás as depenam cuidadosamente três e quatro vezes ao ano e fazem com as penas cocares, braceletes, guarnições de clavas e outros enfeites com que adornam o corpo (302). Trouxe comigo para a França muitas dessas penas, principalmente as vermelhas e azues da cauda; no meu regresso, porém, ao passar por Paris um indivíduo (303) da Côte, a quem as mostrei, não cessou de importunar-me enquanto não as obteve.

Os papagaios nessa terra do Brasil são de três ou quatro espécies: os maiores e mais bonitos, a que os selvagens chamam *ajurús* (304), têm a cabeça rajada de amarelo, vermelho e roxo, as pontas das asas encarnadas, a cauda comprida e amarela e o resto do corpo verde; poucos chegam até cá. Entretanto são notáveis pela beleza da plumagem e como, quando ensinados, são os que melhor falam, apreciam-nos mais do que os outros. Com efeito, um intérprete presenteou-me com uma dessas aves que há três anos conservava em seu poder. Pronunciava ela tão perfeitamente as palavras da língua selvagem e da francesa, que não era possível distinguir a sua voz da de um homem.

Maior maravilha ainda me pareceu, porém, um papagaio dessa espécie pertencente a certa índia de uma aldeia distante duas léguas da nossa ilha. Dir-se-ia que essa ave entendia o que lhe falava a sua dona. Quando por alí passávamos esta nos interpelava: "dai-me um pente ou um espelho e eu farei com que o meu papagaio cante e dance em vossa presença". Se dávamos o que pedia, bastava-lhe uma palavra para que o pássaro comesse a saltar na vara em que pousava, a conversar, asso-biar e arremedar os selvagens de partida para a guerra, de um modo incrível. E quando a dona dizia para cantar êle cantava; e também dançava quando ela lho ordenava. Se porém não lhe dávamos nada,

(301) Na edição latina da obra de Léry, comentada por Batista Caetano, vem *júb*, corretamente (P. A.).

(302) Não indica Léry o modo de pegar êsses belos pássaros sem estragá-los. Di-lo Belon (*Histoire de la nature des oiseaux*, liv. VI, § XII, p. 297): "Os selvagens do Brasil, muito hábeis no manejo do arco, têm flechas compridas em cuja ponta colocam um chumaço de algodão. Assim os papagaios atingidos caem apenas estonteados, sarando logo depois". Cf. Yves d'Evreux, *Voyage au Nord du Brésil*, p. 204.

(303) Esse indivíduo talvez seja Thévet, conservador dos museus do rei, e que procurava com efeito melhorar as coleções. Ver prefácio de *Singularités*.

(304) *Ajurú*, de *a* + *jurú*, bôca da gente, alusão talvez ao modo de "falar" do papagaio, como gente. Segundo Rodolfo Garcia (op. cit. 10) o *ajurú* (*Amazona aestiva*, Linn.) pertence à Família *Psittacidae*, cujo nome se estende às espécies afins (P. A.).

ela se limitava a dizer àsperamente ao papagaio: *augé* (305), isto é, “pára”, e êle se aquietava sem proferir palavra e por mais que lhe disséssemos não movia nem o pé nem a língua. Se os antigos romanos foram bastante sábios para fazer suntuosos funerais ao corvo que, em seus palácios os saúdava por seus próprios nomes, tirando mesmo a vida a quem o matara, como nos refere Plínio (306), imagine-se o que não teriam feito se tivessem possuído um papagaio tão perfeitamente ensinado!

A índia chamava-o *cherimbané* (307) o que quer dizer: coisa muito amada. E o apreciava tanto, em verdade, que se lhe perguntávamos quanto queria por êle, para vender, respondia: *mocauassú* (308) isto é, *canhão grande*, de modo que nunca o pudemos obter (309).

A segunda espécie de papagaios é a dos chamados *marganaz* (310). Trazem-no para cá os viajantes comumente e não são de grande estimação entre os selvagens por existirem em tamanha abundância quanto os pombos em França. A carne é um tanto dura, mas como sabe a perdiz nós a comíamos sempre.

A terceira espécie, a dos chamados *toys* (311) pelos selvagens, e *moissons* pelos marujos normandos, não é maior que o estorninho; tem

(305) *Augé* significa: basta! ora basta já! (P. A.).

(306) Plínio H. N. liv. X, § XLIII.

(307) Na edição Gaffarel está *cherimbaré*; em outras *cherimbabé*, mas deve ser *che remimbáb*. *Mimbáb*, como substantivo, significa: animal caseiro, cria, criação, etc. A frase *che remimbába* dirá: minha criação, meu animal doméstico, animal que eu estimo (P. A.).

(308) *Mokáb*, ou *mbokáb*, foi o nome dado ao arcabuz, à arma de fogo dos colonizadores; *moká-uasú*, portanto: arcabuz grande, peça de artilharia, canhão (P. A.).

(309) Os brasileiros os apreciavam muito. Gandavo (*Santa Cruz*, p. 85) conta que os preferiam a dois ou três escravos. Thévet (*Cosmog.* p. 939): “Os nativos os apreciam muito e com dificuldade e sòmente mediante boa compensação permitem que os tenham os estrangeiros”.

(310) Marcanós, diz Gandavo (p. 87). *** Léry, por certo, se refere ao *Maracanã* (*Ara maracana*, Vieill. Fam. *Psittacidae*). Sampaio (op. cit., 261) sugere a seguinte etimologia dêsse nome: *maraká* + *nã* semelhante ao *maraká*, que imita o *maraká*, barulhento, etc. (P. A.).

(311) Tuins, segundo Gandavo (p. 87): “pouco maiores que os pardais... aos quais vestiu a natureza de uma pena verde muito fina sem nenhuma outra mistura, e têm o bico e as pernas brancas e um rabo muito comprido. E também falam etc”. *** Na edição Gaffarel aparece grafado — *Toüs*, o que faz crer seja *tu* ou *toý* o nome do pássaro. Pensamos, entretanto, tratar-se de *toüs*, ou *toís* na transcrição portuguesa. *Toí* ou *tuí*, de fato, é designativo genérico dos *Psittacidae* pequenos. No

o corpo todo verde, côr de pera, à exceção da cauda, muito comprida e entremeada de amarelo.

Lembrando-me de ter alguém escrito na "*Cosmografia*" (312) que os papagaios fazem seus ninhos pendentes das árvores afim de evitar que as serpentes lhes comam os ovos, cumpre-me dizer, antes de terminar com êste assunto, que vi o contrário no Brasil. Os papagaios fazem seus ninhos redondos e rígidos no oco das árvores; considero portanto uma bobagem a asserção do autor daquele livro (313).

E' o *tucan* (314), a que já aludí, outra bela ave do país dos americanos. E' do tamanho de um pombo trocaz e, com exceção do papo, tem a plumagem negra como a da gralha. O papo, de quatro dedos de comprimento por três de largura, é mais amarelo do que o açafraão e orlado de vermelho por baixo. Os selvagens utilizam-se de suas penas para cobrir o corpo e o rosto quando dançam e, porisso, o denominam *tucantaburacé* (315), o que quer dizer pena de dançar. Todavia, como possuem grande quantidade dessas penas, embora as apreciem muitíssimo não hesitam em trocá-las com portugueses e franceses contra quaisquer mercadorias. O bico do tucano (*tucan*) é maior do que o corpo em comprimento e com grossura proporcional; não é possível compará-lo ao bico do grou, com o qual não se assemelha em coisa alguma, mas pode-se dizer que é não só o bico dos bicos, mas ainda o mais singular e monstruoso que existe no mundo das aves. Não é sem razão, portanto, que Belon o desenhou no fim de sua obra sôbre as aves, embora não lhe dê o seu nome exato.

Vive no Brasil outra espécie de pássaro, que é do tamanho de um melro, também preto como êste, salvo no peito, que é vermelho como sangue de boi. Esfolam-no os selvagens como o precedente e o deno-

Paraguai, segundo Rodolfo Garcia (op. cit., 50) refere-se especialmente ao *Myiopsittacus monacus*, de *Boddaert*, e, no Brasil, abrange todo o gênero *Brotogeris* (P. A.).

(312) Alusão a um trecho de Thévet (*Cosmog.* p. 939): "Êsses papagaios fazem seus ninhos no cimo das mais altas árvores, afim de que as cobras e outros bichos não lhes prejudiquem a geração".

(313) Cf. Thévet. *Cosmog.* p. 938-939, prancha 938 — *Singularités*, § XLVII.

(314) Embora algumas edições de Léry registrem *toucou*, que poderia nos levar a sugerir outros nomes de pássaros, queremos crer que Léry escreveu *toucan*, isto é, *tucano*, como se vê na palavra composta que anota logo abaixo: *toucanta bouracé*. *Tucano* é nome comum a várias aves da Família *Rhamphastidae*, e se compõe, segundo Batista Caetano, de *tĩ + kã*, bico ósseo (P. A.). } f

(315) Provavelmente *tukã-borasé*, como se diria no tupí da costa, isto é, dança do tucano. (P. A.).

minam panon (316). Há outro pássaro ainda, semelhante ao tordo, a que chamam *quiampian* (317) e é inteiramente escarlata. Mas a obra prima de pequenez e maravilha é o pequeno pássaro denominado *gonambych* (318) pelos selvagens. Tem as penas esbranquiçadas e brilhantes e embora não seja maior do que um bezouro prima no canto. Esse pequeníssimo passarinho quase não se arreda de cima dos pés de milho, o *avati* dos índios, ou de outros arbustos, e está sempre de bico aberto. Se o não víssemos e ouvíssemos não poderíamos acreditar que de tão miúdo corpo pudesse sair canto tão alto, claro, nítido como o do rouxinol.

Como não me seria possível especificar minuciosamente tôdas as aves existentes no Brasil, tão diversas das nossas nas côres que lhes são peculiares, isto é, encarnado, branco, roxo, cinzento, púrpura, etc. finalizarei pela descrição de uma, entre as demais, que os selvagens têm em grande estima. Muito se penalizariam se alguém lhe fizesse mal e aí de quem a matasse! E' cinzenta e maior do que o pombo e tem a voz mais aguda e plangente ainda do que a coruja (319). Os nossos

(316) Belon (Hist. de la nature des viseaux, liv. III, § XXVIII, p. 184). "Ora há nesse país um pássaro de bico longo de meio pé, grosso como um braço de criança, aguçado e preto na ponta, mas branco no restante. E' oco e tão fino que parece pergaminho e, portanto, muito leve".

(317) Será o *guyrá-pirã* (*Fregata aquila*) ou Ará + *pirã*, nome comum a duas aves da Família *Psittacidae*? (P. A.).

(318) Thévet (Cosmog. p. 939): "Não deixarei de mencionar um passarinho que penso seja o menor existente no mundo, apenas do tamanho de um escaravelho, mas maravilhosamente lindo na sua pequenez. Tem o bico fino e comprido e canta tão suavemente que hesito em compará-lo ao próprio rouxinol, parecendo incrível que tão gostoso som saia de corpo tão miúdo". *** As variantes dêste nome são numerosas: *guanumbí*, *guainumbí*, *gainambí*, *mainumbí*, *goanambí*, etc. E' nome comum às aves da Família *Trochilidae* ou dos *Beija-flores*. A etimologia é incerta. Quase todos os cronistas referem-se a esta "obra prima de pequenez", como diz Léry. Vide Rodolfo Garcia, (op. cit., 23) e Olivério Pinto (Catálogo das Aves do Brasil, in Revista do Museu Paulista, tomo XXII). Gonçalves Dias (Poesias, II, in Notas finais) registra ainda *Cuaracyába*, raio do sol, cabelo do sol, como nome desta ave (P. A.).

(319) Thévet (Cosmog. p. 927 e 939): "Acreditam que o canto triste dêsse pássaro seja uma comunicação de seus parentes para lhes trazerem boa sorte e desgraça aos inimigos". Yves d'Evreux, *Voyage dans le nord du Bresil*, p. 281: "Há também pássaros noturnos que não cantam, mas se lamentam num grito desagradável de ouvir-se. Não saem das selvas e são chamados pelos índios *Oyra giropary*, pássaros do diabo, etc.". "Essa fé nos pássaros proféticos é comum também aos guaicurús. Mas em sua maioria os indígenas crêem apenas que tais pássaros anunciam a chegada de um hóspede. São denominados *cauan*". (Cf. Accioli, *Corografia paraense*).

tupinambás imaginam entretanto ao ouvirem-na clamar à noite, principalmente, serem seus parentes e amigos mortos que a enviam em sinal de boa fortuna, para animá-los na guerra; crêem firmemente que observando o que lhe indica o augúrio não só vencerão os inimigos nesta terra, mas ainda, depois da morte, o que é mais importante, irão dançar com seus ancestrais além das montanhas.

Certa noite em que dormi numa aldeia chamada *Ypec* (320) pelos franceses, ouvi à tarde cantarem êsses pássaros um canto melancólico e vi os selvagens quedarem silenciosos e atentos. Conhecendo a causa de tal atitude, quis convencê-los de seu erro. Mas apenas toquei no assunto e me pus a rir juntamente com outro francês que me acompanhava, um ancião ali presente exclamou com rudeza: “— Cala-te e não nos impeças de ouvir as boas novas que nos enviam nossos avós; quando ouvimos essas aves ficamos todos contentes e nos sentimos com novas fôrças”. Pareceu-me inútil replicar mas lembrei-me dos que acreditam e ensinam que as almas dos mortos vêm do purgatório advertir-nos dos nossos deveres e julguei que, a êsse respeito, não estavam os selvagens tão longe da verdade. Confessam a imortalidade da alma, como explicarei oportunamente, mas estão longe de crer que volte depois da morte separada do corpo; apenas admitem que mande mensageiros alados.

Dito tudo o que tinha a dizer acêrca das aves da América, falarei agora dos morcegos.

Nesse país existem morcegos (321) do tamanho das nossas pequenas gralhas. Entram dentro das casas e se encontram alguém dormindo com o pé descoberto atacam logo o dedão e sugam não raro um púcaro de sangue sem que a vítima o perceba. Porisso quando despertávamos pela manhã muito nos admirávamos de ver sangue nas roupas de cama e nas adjacências. Mas os selvagens não se incomodam em absoluto com isso e ainda caçoam dos que são mordidos. Deu-se o caso comigo e, além do motejo de que fui vítima, durante dois ou três dias sentí dificuldade em calçar-me por ter ofendida a extremidade do dedão, embora não fôsse grande a dor. Os moradores da costa de Cumana, terra situada a quase dez graus aquém da linha equinocial, são do mesmo modo molestados por êsses grandes e maléficos morcegos. O autor da

(320) Vide nota 286 (P. A.).

(321) Hans Staden (p. 313): “Enquanto eu me encontrava entre os selvagens, êsses morcegos me morderam muitas vêzes o artelho, o qual, no dia seguinte, se achava todo ensangüentado. Mas é em geral na frente que mordem os nativos”. Marcoy, *Voyage aux vallées des quinquinas*. *Tour du Monde*, n.º 579, p. 85.

História Geral das Índias conta mesmo um episódio jocoso a êsse respeito (322).

Achava-se doente em Santa Fé de Caribici, vítima de um pleuriz, o criado de um frade. Como não encontrassem a veia para sangrá-lo foi deixado por morto; mas à noite apareceu um morcêgo que o mordeu no calcanhar descoberto, fartando-se de sangue; e como deixasse a veia aberta tanto sangue perdeu a vítima que sarou. Foi o morcêgo, digo-o eu com o historiador, o benemérito cirurgião do pobre doente.

Assim, não obstante o mal que fazem os morcegos da América, longe estão de ser nocivos como essas aves sinistras a que os gregos chamavam estrígias e que, segundo Ovídio (323), sugavam os meninos no berço, razão pela qual êsse nome foi dado mais tarde às feiticeiras.

As abelhas (324) da América não se parecem com as nossas; antes se assemelham às pequenas môscas pretas que temos no estio e, principalmente, no tempo das uvas. Fazem seu mel e sua cera, produtos que os selvagens sabem aproveitar, em paus ocos das florestas. Às colmeias chamam os selvagens *ira-ietíc*, de *ira* mel e *ietíc* (325) cera. Comem o mel como o fazemos e reúnem a cera em rolos pretos da grossura de um braço. Não o empregam em archotes ou velas, pois só usam para iluminar certas madeiras que dão luz claríssima, mas utilizam-na para betumar grossos canudos de taquara afim de preservar de certas borboletas as plumas que nêles guardam. A êsses animaizinhos chamam os selvagens *aravers* (326); são do tamanho dos nossos grilos e saem à

(322) Gomara (*Hist. gen. de las Indias*, § LXXX, p. 104: "En Santa Fé de Chiribichi acaecio a un criado de los fraylos que tenien do mal de costado, no le hallaron vena para sangrar, y dejaron lo por muerto. Vino un morcielago, y mordiole aquella noche el tovillo que topô descubierto. Hartoso, dejo abierta la vena y salio tanta sangre por alli que sanó el doente. Caso gracioso, y que los frayles constaban por milagro").

(323) Ovídio. *Fastes*, liv. VI, v. 133. Cf. Virgílio, *Eneida*, III, 212. Plínio H. N. XI, 95.

(324) Segundo Hans Staden (p. 315) havia três espécies de abelhas. "A primeira parece com a de nosso país; a segunda é preta e de tamanho de uma môsca; a terceira do do mosquito... suas picadas não são dolorosas pois vi muitas vêzes os selvagens cobrir-se delas ao lhes roubarem o mel. E eu próprio o fiz embora estivesse nu". Yves d'Evreux, *Voyage dans le Nord du Brésil*, p. 193.

(325) *Ira*, alteração de *eíra*, cera, mel, açúcar, doce; *ietic*, *jetyg*, pegado, fixado, etc. Fixado ao mel. Alguns vocabulários antigos, do tupí costeiro, dão à cera a denominação simples de *iraití*. A colmeia, no guaraní, era *eíretáma* (P. A.).

(326) *Aravers*, naturalmente por *aravé* ou *arabê*, designativo genérico de vários insetos, tais como: barata, bezouro, escaravelho, etc. (P. A.).

noite em bandos à procura da luz e roem tudo o que encontram. Lançam-se aos cabeções e sapatos com tal gana que seus donos os acham brancos e roídos no dia seguinte; o mesmo acontecia com as galinhas e outras aves assadas que deixássemos mal guardadas durante a noite. Podíamos ter certeza de não as encontrar pela manhã.

Os selvagens também são perseguidos pelos *tú* (327), pequenos insetos que vivem na terra e não são maiores do que as pulgas. Entretanto, depois que penetram na carne, em geral sob as unhas do pé e da mão, provocam forte comichão e faz-se mister extirpá-los imediatamente. Sem o que, entram mais profundamente e se tornam do tamanho de uma ervilha que não pode ser tirada sem dor. E não são somente os selvagens nus e descalços as suas vítimas; também os franceses, por melhor vestidos e calçados que andem precisam tomar cuidado. Assim, por mais cauteloso que eu fôsse, não conseguí evitá-los e tiraram-me certo dia mais de vinte de diversas partes do corpo.

Vi pessoas desleixadas que ficaram com o corpo singularmente comido por essas traças-pulgas. Não só tinham estragados as mãos e os pés, mais ainda o sovaco e outras partes moles cobertos de pequenas verrugas causadas por êsses insetos.

Tenho a convicção de que o *tú* é o que o historiador das Índias chama a *nigua* (328) da ilha espanhola. Eis o que a respeito escreve: “A *nigua*

(327) Hans Staden (*Moeurs et costumes des tupinambas*, § XXX, p. 311): “Os selvagens denominam *atun*, uma espécie de inseto menor do que a pulga, que a sujeira engendra nos casebres. Êsses insetos entram nos pés, provocam leve comichão, e se introduzem nas carnes sem que se pressintam. Se não se lhes presta atenção e não são extraídos, depositam uma carga de ovos, do tamanho de uma ervilha. Quando se retiram fica um buraco do mesmo tamanho... Pude ver alguns de meus companheiros perder o pé por não se terem incomodado”. — Biard. *Voyage au Brésil, Tour du Monde*, n.º 81. Cf. Ulrich Schmidel (*Voyages curieux*), p. 220. *** *Tu*, evidentemente em lugar de *tun* ou *tung*, bicho de pé, *nigua*, *pulex penetrans*. E’ o *túnga* chamado *attum* por Hans Staden (op. cit., cap. XXXII). E’ indispensável, a quem deseje informes sobre êste curioso bichinho, cujo nome foi fixado na nomenclatura científica por Jaroki, em 1838, ler as magníficas páginas que Artur Neiva escreveu sobre *Tunga*, in “Estudos da Língua Nacional”, S. Paulo, 1940, 230-240 (P. A.).

(328) Gomara (o. c. § XXX, p. 37): “La *nigua* es como una pequenita pulga, saltadera y amiga de polvo, no pica sino en los piés, metese entre cuero y carne, para luego sus liendres en mayor cantidad, que cuerpo tiene, las quales en breve engendran otras, y si las dejan, multiplican tanto, que ni las puede agotar, ni mediar sino con fuego, o con fierro pero si de presto las sacan; para que no piquen es dormir los pies calçados, o bien cubiertos. Algunos españoles perdieran desto los dedos de los pies, y otros todo el pie”. Thévet (*Cosmog.*, p. 935) chama êsse inseto *tom*.

é como uma pequena pulga saltadeira; gosta da poeira; só morde nos pés onde se mete entre a pele e a carne e logo põe lêndeas em maior quantidade de que o poderíamos pensar em razão da sua pequenez. Essas lêndeas engendram outras e se as deixam sem combatê-las, multiplicam-se de tal modo que não é possível extirpá-las ou tratá-las a não ser com ferro ou fogo; mas se as tiram logo, causam pequeno mal.” Alguns espanhóis, acrescenta o autor, perderam os dedos do pé, e outros todo o pé.

Afim de prevenir o mal, os nossos americanos esfregam a ponta dos dedos dos pés e outras partes do corpo, em que êsses vermes procuram aninhar-se, com certo óleo avermelhado e espesso tirado de um fruto, *curoc* (329), semelhante à castanha encascada. Assim o fazíamos também nós. Aliás êsse unguento é excelente na cura de chagas, fraturas e outras dores do corpo humano; os selvagens, conhecedores de sua eficácia o reputam tão precioso quanto alguns indivíduos de França ao chamado óleo santo (330). Porisso o barbeiro do navio em que regressámos trouxe consigo dez ou doze potes dêsse óleo bem como outros tantos de gordura humana que recolhera quando os selvagens cozinhavam e assavam seus prisioneiros de guerra, como o descreverei oportunamente.

O ar dessa terra do Brasil produz ainda certa espécie de mosquitos pequeninos, chamados *jetim* (331) que picam como pontas de agulha através das roupas leves. Pode-se imaginar quanto é divertido ver os selvagens nus perseguidos por êsses insetos; com palmadas nas nádegas, coxas, braços e espáduas, parecem cocheiros açoitando os cavalos com os seus chicotes.

Acrescentarei ainda que sob as pedras encontram-se no Brasil escorpiões, os quais embora menores que os da Provença são venenosos e mesmo mortais como verifiquei. Costuma êsse animal procurar os objetos claros e aconteceu que tendo eu mandado lavar a minha rêde e es-

(329) Sérias dificuldades encontramos na busca de informes sôbre essa denominação. Verificando tratar-se de *coróc*, e não *curoc*, de acôrdo com a grafia de Léry, encontramos na obra de Hoehne (Botânica e Agricultura no Brasil no século XVI, S. Paulo, 1937) notas a respeito, baseadas no trabalho de Frei Vicente do Salvador (História do Brasil), embora sem indicação de página ou mesmo de capítulo. Pesquisando, achamos a citação seguinte: “*Gyitis* é fruto de outras árvores, o qual, pôsto que feio à vista, e por isto lhe chamam *coróe* (sic), que quer dizer nodoso e sarabulhento, contudo é de tanto sabor e cheiro que não parece simples, senão composto de açúcar, ovos e almíscar. (Ed. Weiszflog Irmãos, S. Paulo, 1918, 31). Vide Hoehne, (op. cit., 316-317) (P. A.).

(330) Santos óleos. Ataque protestante.

(331) Essa denominação provém, por certo, do verbo *jetý* ou *jetýg*, enterrar-se, plantar-se, fixar-se, etc. (P. A.).

tendê-la à moda dos selvagens, apareceu um escorpião que se ocultara em uma dobra. Ao deitar-me, sem o ter visto, enfiou-me o ferrão no dedo grande da mão esquerda e êste inchou tão rapidamente que se não tivesse recorrido logo a um dos nossos boticários, que possuía alguns dêsses animais em conserva de azeite (332) em uma garrafinha, o veneno se teria espalhado rapidamente por todo o corpo. Não obstante êsse remédio, considerado o mais poderoso para o mal, fiquei em tal aflição durante vinte e quatro horas que não podia suportar a violência da dor. Os selvagens, quando mordidos, usam da mesma receita, isto é, matam o escorpião e o esmagam sôbre a parte ofendida, imediatamente.

Os selvagens como já disse são muito vingativos (333) e se enfurecem contra tudo o que os ofende; se dão uma topada, mordem a pedra a dentadas como cães enraivecidos. Porisso perseguindo os animais daninhos libertam dêles o país.

Existem ainda caranguejos terrestres a que os tupinambás chamam *ussa* (334), e surgem aos bandos nas praias e outros lugares pantanosos. Quando alguém se aproxima, fogem de costas e se salvam com celeridade nos buracos abertos nos troncos e raízes das árvores, donde não podem ser tirados sem perigo por causa de seus ferrões, embora possa a pessoa chegar facilmente até o buraco visível. Mais magros do que os caranguejos marinhos, quase não têm carne e exalam cheiro de raiz de cânhamo, não sendo de bom paladar.

(332) Do mesmo remédio se utilizam ainda os campônios da Provença.

(333) Thévet, nas *Singularités* (§ 41), cita um vestígio dêsse espírito vingativo: "Para vingar-se dos piolhos e pulgas, mordem-nos sem cerimônia, coisa mais estúpida do que razoável".

(334) *Ussá*, ou *usá* na ortografia atual do tupí, é designativo genérico dos caranguejos, cujo significado pode ser o de *podophthalmos*, ou olhos das pernas, segundo Batista Caetano (Vocabulário cit., 552) (P. A.).

CAPÍTULO XII

DOS PEIXES MAIS COMUNS E DO MODO DE PESCA-LOS

Afim de evitar repetições, remeto o leitor aos capítulos III, V e VII desta narrativa, nos quais mencionei as baleias, verdadeiros monstros marinhos, os peixes voadores e outros de várias espécies, e só tratarei aqui dos não citados ainda.

Começarei dizendo que os selvagens chamam ao peixe, genêricamente, *pirá* (336) dando nomes particulares às diversas espécies. Denominam *kyremá* (337) e *paratí* (338) certos sargos que, assados ou cozidos, são muito saborosos, principalmente os segundos. Esses peixes andam em geral em cardumes, tal qual ocorre na Europa, onde os vi no Loire e em outros rios de França subirem do mar. Quando os vêem assim em bandos, aproximam-se os selvagens de repente e com flexas certeiras (339) em poucos momentos fischem muitos peixes. Como, feridos, não podem ir ao fundo os flexadores os apanham a nado. A carne

(335) Sobre peixes, crustáceos, moluscos, etc., convém ler: Gabriel Soares (op. cit. 278 e segs.); Fernão Cardim, Simão de Vasconcelos, Hans Staden, Claude d'Abbeville e demais cronistas dos sécs. XVI e XVII. Sobre a nomenclatura popular e científica dos peixes fluviais do Brasil, prestará bons serviços a obra de Agenor Couto de Magalhães, "Monografia Brasileira de Peixes fluviais", S. Paulo, 1931 (P. A.).

(336) Realmente o designativo geral dos peixes, de couro ou de pele, era *pirá*; os de escama, também de modo geral, eram chamados *kará* ou *akará* (P. A.).

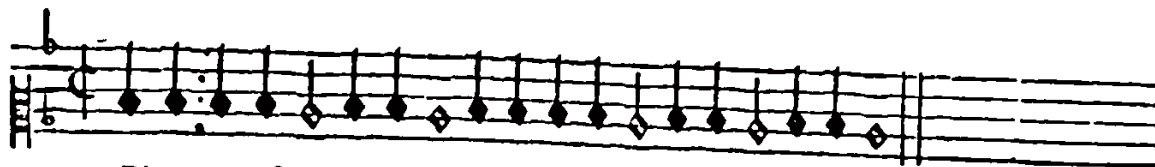
(337) Léry escreve *kyremá* e Hans Staden (op. cit. 86) dá *kenrimá*. Deve ser *kurimã*. Dêsse peixe, e de outros, costumavam os tupís preparar uma espécie de farinha-de-peixe, por meio da moqueação. *Farinha-de-peixe*, entretanto, era o apelido de um "rei" indígena, citado por Staden — *Kenrimakuí* (P. A.).

(338) Vide nota 249 (P. A.).

(339) Hans Staden (p. 244): "Têm tão boa vista que raramente erram o golpe. Ferido o peixe, saltam na água para ir buscá-lo e, embora sejam muitas vezes obrigados a mergulhar até dez braças de profundidade, nunca deixam de trazê-lo".

dêsses peixes é muito friável, porisso costumam os selvagens, quando os pescam em grande quantidade moqueá-los e reduzi-los a farinha.

O *camuroponí-uassú* (340) é um peixe muito grande a que os tupinambás fazem menção, em suas danças e cantos, repetindo muitas vezes: *pirá-uassú a uéh, camurupuí-uassú* etc. (341), o que quer dizer “bom de comer”.



Pira- ouaffou a-ouch, Camou roupou y- ouaffou a-ouch.

Existem outros peixes, *uará* e *acará-uassú* (342) quase do mesmo tamanho, mas bem melhores, não me parecendo que o *uará* seja menos delicado do que a nossa truta.

Há outro peixe a que chamam *acarapeh* (343); é chato e, quando cozido, desprende uma gordura amarela que pode servir de mólho. A carne é ótima. Também se encontra o *acará-buta* (344), peixe viscoso de côr escura ou avermelhada, muito menor do que os precedentes e menos agradável ao paladar.

Outro peixe, de nome *pirá-ypochí* (345), do comprimento da enguia, não vale grande coisa; *ypochí* na língua indígena quer dizer “ruim.”

— Esse processo primitivo é ainda usado na região do Amazonas. Ver Marcoy. *Du Pacifique à l'Atlantique, Tour du Monde*, n.º 245-298).

(340) Talvez o *camboropin*, de Gandavo (p. 93). *** Parece-nos que Léry devesse ter escrito *Camouroupouy* como, aliás, aparece linhas abaixo, e tal como encontramos em Claude d'Abbeville (*Histoire*, fl. 244). E' o *camurupí* ou *camurupim*, (*Megalops Hirissoides*, Bl. et Sch.) Em certos lugares é conhecido por *camboropí*. *Uassú* ou *uasú*, vale: grande, encorpado, grosso, etc. (P. A.).

(341) As palavras dêste estribilho dizem apenas: “Peixe grande, estou com fome! Camurupim, estou com fome!”

(342) *Uará*, se não fôr o mesmo *Pirarára*, conhecido também por *Uarará* (*Phractocephalus hemiliopterus*, Bl. et Sch.), deve ser alteração do nome *akará*, que, de fato, dá *guará* ou *uará*. Em Claude d'Abbeville vem *Ouará*. Léry, referindo-se a *acará-uassú*, logo a seguir, como que dá a entender tratar-se de *acará* e *acará-uassú*. Pelo menos vinte variedades de *acarás* aparecem no registro dos nomes de peixes brasileiros. *Akará-uasú* é o *acará* grande (*Hydrogonus ocellatus*, de Günther) (P. A.).

(343) Evidentemente *akarapéb*, *akarapéba* ou *akarapéva*, variedade do *akaratinga*, caracterizado por ser chato (*peb*). E', segundo Agenor Couto de Magalhães, o *Cichlasoma Severum*, de Heckel (P. A.).

(344) Deve ser *akará-pytã*, o *carapitanga* descrito por Gabriel Soares (op. cit. 284). O nome diz: *acará* vermelho ou avermelhado (P. A.).

(345) Deve ser *pirá-ipochý*, peixe mau, ruim. *IPOCHÝ* significa: é mau, é ruim, pois o *i*, da 3.ª pessoa, tem funções do verbo ser junto aos adjetivos (P. A.).

As arraias, que os selvagens pescam no Rio de Janeiro e nos mares vizinhos, são maiores que as da Normândia, da Bretanha e de outros lugares da Europa. Têm dois chifres compridos, cinco ou seis gretas que parecem artificiais, no ventre, e a cauda longa e fina. São temíveis e venenosas. Um dia apanhamos uma e ao colocá-la na embarcação aconteceu picar-se um companheiro nosso na perna; esta logo se tornou vermelha e inchada.

Eis em resumo o que me cabe dizer a respeito de alguns peixes de água salgada da América, os quais são entretanto inumeráveis.

Os rios dêsse país estão cheios de uma infinidade de peixes medianos e pequenos aos quais chamam os selvagens *pirá-mirím* (345), de um modo genérico. Entretanto descreverei apenas aqui duas espécies características pela sua deformidade.

A primeira, a que os selvagens denominam *tamuatá* (346), mede comumente meio pé de comprimento apenas; tem a cabeça muito grande, mostruosa, em verdade, em relação ao resto do corpo, duas barbatanas debaixo das guelras, dentes mais aguçados que os dos lúcios, espinhas penetrantes, e são armados de escamas tão resistentes que não creio lhes faça mozza uma cutilada; nisso se assemelha a um tatú, como já disse alhures. A carne é tenra e muito saborosa. Os selvagens dão o nome de *paná-paná* (347) a outro peixe de tamanho médio; tem corpo e cauda semelhantes aos do precedente e a pele áspera como a do tubarão. A cabeça é chata, sarapintada e mal conformada, a ponto de parecer, fora d'água, separada em duas, o que oferece um aspecto horrendo.

Quanto ao modo de pescar, usam os selvagens flexas como para os sargos. Aliás assim fazem com todos os peixes visíveis dentro d'água. Cabe observar que na América tanto os homens como as mulheres sabem nadar e são capazes de ir buscar a caça ou a pesca dentro d'água como um cão. Também os meninos apenas começam a caminhar já se metem pelos rios e pelas praias, mergulhando como patinhos. Basta dizer que certo domingo pela manhã, quando passeávamos na plataforma de nosso fortim, vimos virar uma canoa que se dirigia para o nosso lado, com mais de trinta selvagens entre homens e meninos. Pressurosos fomos em

(346) E' o peixe conhecido por *Tamboatá* e *Tamoatá* (*Callichthys callichthys*, Linn.). Há várias espécies. O sentido dêsse nome provavelmente encontra-se na variante *camboatá*, de *kaábo-atá*, o que anda pelo mato (apud Rodolfo Garcia, in. Revist. Inst. Hist. Brasil, vol. 94, 75), "porquê êsses peixes dotados de fachos papi-losos ricamente vasculares, que lhes servem para a respiração, podem perambular livremente por terra, quando pretendem mudar de águas" (P. A.).

(347) *Panapaná* ocorre em Gabriel Soares e em Claude d'Abbeville, grafado *panapan*. Parece provir, o nome, do verbo *pã* bater. Há uma borboleta com nome semelhante: *panan-panan* ou *panamã* (P. A.).

socorro dos naufragos com um escalor, mas encontramos todos risonhos nadando. E disse-nos um dêles: “para onde ides tão apressados, *mair*? (assim chamam os franceses); — Vínhamos salvar-vos e tirar-vos da água, respondemos”.

Mas o selvagem replicou: “agradecemos a vossa boa vontade, mas pensáveis que por têmos caído no mar estávamos em perigo de afogar-nos? Ora, sem tomar pé nem chegar à terra ficaríamos oito dias em cima d’água. Temos muito mais mêdo de sermos pegados por um peixe grande que nos puxe para o fundo do que de afogar-nos.”

E os demais selvagens que, todos, nadavam como verdadeiros peixes, advertidos pelo companheiro da causa de nossa vinda, puseram-se a zombar e tanto riam que nos davam a impressão de um bando de golfinhos a soprar e roncar em cima d’água. E com efeito, embora estivéssemos ainda a mais de um quarto de légua do forte sòmente quatro ou cinco quizeram entrar no bote, assim mesmo mais para conversar que de temor. Verifiquei que os outros, nadando às vêzes mais depressa do que o barco, não só o faziam galhardamente mas ainda sabiam descansar sôbre as águas quando lhes aprazia. Quanto às rêdes de algodão, víveres e outros objetos que traziam na canoa, sua perda não os incomodava mais do que a nós a de uma maçã; aliás afirmavam que em terra tinham outras coisas iguais.

Não quero omitir a narração que ouví de um dêles de um episódio de pesca. Disse-me êle que, estando certa vez com outros em uma de suas canoas de pau, por tempo calmo em alto mar, surgiu um grande peixe que segurou a embarcação com as garras (348) procurando virá-la ou meter-se dentro dela. Vendo isso, continuou o selvagem, decepei-lhe a mão com uma foice e a mão caiu dentro do barco; e vimos que ela tinha cinco dedos como a de um homem. E o monstro excitado pela dor pôs a cabeça fora d’água e a cabeça, que era de forma humana, soltou um pequeno gemido. Resolva o leitor sôbre se se tratava de um tritão, de uma sereia ou de um bugio marinho, atendendo a opinião de certos autores que admitem existirem no mar tôdas as espécies de animais terrestres (349). Quanto a mim, embora não desminta a existência de tais coisas, direi francamente que durante nove meses de navegação em alto mar sem pôr o pé em terra senão uma vez, e ainda por ocasião das viagens costeiras que fiz, nada vi semelhante. Entre a infinidade de peixes

(348) Trata-se sem dúvida de uma foca ou de um peixe-boi, cetáceos muito comuns em águas brasileiras. Cf. Marcoy. *Tour du Monde*, n.º 298. Agassiz, n.º 461.

(349) Gabriel Soares (op. cit., 280) no capítulo em que trata “dos homens marinhos”, faz referência assemelhável a esta, de Léry (P. A.).

que apanhamos nunca deparei com nenhum que tivesse fisionomia humana.

Terminando, direi, ainda, a respeito do modo de pescar dos tupinambás, que além das flexas usam também espinhas à feição de anzóis, prêsas a linhas feitas de uma planta chamada *tucom* (350) a qual se desfia como cânhamo e é muito mais forte. Com êsse apetrêcho pescam de cima das ribanceiras e à margem dos rios. Também penetram no mar e nos rios em jangadas, a que chamam *piperis*; são feitas de cinco ou seis paus redondos, mais grossos que o braço de um homem, e bem amarrados com cipós retorcidos. Sentados nessas jangadas, com as pernas estendidas dirigem-nas para onde querem com um bastão chato que lhes serve de remo. Como êsses *piperis* (351) têm apenas uma braça de comprimento e dois pés mais ou menos de largura, resistem mal às tormentas e mal podem sustentar um homem. Quando o tempo está bom e os selvagens pescam separadamente, parecem de longe, tão pequenos se vêem, macacos ou melhor rãs, aquecendo-se ao sol em achas de lenha sôltas nas águas. Como essas jangadas, feitas à feição de órgãos, flutuam como pranchas grossas, penso que se as construíssemos em França teríamos um bom meio de atravessar os rios, e pântanos, e lagos de águas paradas ou de fraca correnteza, diante dos quais nos vemos muitas vêzes embaraçados.

Acrescentarei ainda que quando os selvagens nos viam pescar com as rêdes que trouxéramos e a que êles chamavam *pyissa-uassú* (352), mostravam-se solícitos em ajudar-nos, espantados com ver-nos apanhar tanto peixe de uma só vez. Se por ventura os deixávamos manejar as rêdes, revelavam grande habilidade.

Depois que os franceses começaram a traficar com o Brasil, os selvagens colheram vantagens das mercadorias que começaram a receber. Porisso louvam os traficantes; pois outrora eram obrigados a se servir de espinhas em vez de anzóis e agora gozam das vantagens dessa bela invenção que é o anzol de ferro. Daí, como já disse, terem os rapazes dessa terra aprendido a dizer aos estrangeiros que encontram: *de agatorem*

(350) Segundo Hans Staden, faziam com o tucum verdadeiras rêdes *** *Tukum*, ou *tukû*, nome de várias palmeiras espinhosas cujas fibras longas e resistentes eram empregadas na confecção de fios e cordéis (P. A.).

(351) À jangada, segundo os vocabulários antigos no tupí da costa, era dado o nome de *Ygápéba*, isto é, canoa chata (P. A.).

(352) Léry escrevendo *puíssá*, em francês, deixou bem claro que na pronúncia desse vocábulo entrava o *y*, isto é, que era *pysá* e não *pusá*, como ocorre em alguns vocabulários. *Pysá-uassú* significa rêde grande de pescar. A rêde de dormir davam o nome de *inín* (P. A.).

amabe pindá (353), isto é, dá-me anzóis, pois *agatorem* (354) no seu idioma quer dizer bom, *amabe* (355) dá-me, e *pinda* (356) anzol. Se não lhe dão o que pedem, a canalha repete com insistência: *de angaipá ajucá* (357), isto é: tú não prestas, devemos matar-te". } F

Portanto, quem quiser ser amigo, tanto dos velhos como das crianças, nada deve negar-lhes. Verdade é que não são ingratos, principalmente os velhos, pois quando menos pensamos no obséquio, êles se lembram do donativo e o retribuem com qualquer coisa.

Observei que os selvagens amam as pessoas alegres, galhofeiras e liberais, aborrecendo os taciturnos, os avaros e os neurastênicos. Posso pois assegurar aos sovinas, e aos avarentos, aos que comem dentro da gaveta, que não serão bem-vindos entre os tupinambás, porquanto detestam tal espécie de gente. } F

(353) *Nde angaturã, emee abé pindá*, tu que és bom, dá-me também anzóis (P. A.). }

(354) De acôrdo com a pronúncia francesa deve ler-se *agatoram*, próxima da verdadeira, *angaturã*, de *angatú*, alma boa, boa pessoa, homem pacífico, e sufixo *rã* (P. A.).

(355) Aquí houve engano de Léry. Supomos, pela tradução dada, que deva ser *emeē*, imperativo de *meē* ou *meéng*, dar; a terminação pode ser *abé*, também, ou *bé*, mais (P. A.).

(356) *Pindá* era o gancho, a fiska, o anzol; provavelmente de *pindó* + *á*, proveniente da *pindó*, da palmeira assim chamada (P. A.).

(357) *Nde angaipá, ajuká*: tu és mau, eu mato. Para que obtivéssemos a tradução de Léry seria necessário que a frase tupí fôsse alterada (P. A.).

CAPÍTULO XIII

DAS ARVORES, ERVAS, RAÍZES E FRUTOS DELICIOSOS QUE A TERRA DO BRASIL PRODUZ

Tendo falado dos animais quadrúpedes, das aves, dos peixes, dos répteis e outras coisas com vida e movimento existentes na América, quero, antes de descrever os costumes dos nossos selvagens a que ainda não me referí, falar das plantas, frutos e raízes que se encontram nesse país.

Devo começar pela descrição de uma das árvores mais notáveis e apreciadas entre nós por causa da tinta que dela se extrai: o pau Brasil (358) que deu nome a essa região. Essa árvore, a que os selvagens chamam *arabutan* (359) engalha como o carvalho das nossas florestas e al-

(358) O vocábulo *brasil* de há muito vinha sendo empregado na designação do pau vermelho aproveitado na tinturaria. Cf. Marco Polo: "Têm *brasil* em abundância e do melhor do mundo". — *Livre des metiers*, p. 104. "Os tanoeiros podem fazer barrís de tamarindo e de brasil". Idem, p. 177. Segundo Du Gange, *brasil* teria a mesma raiz que *brasa*, da qual teria surgido pela analogia da cor vermelho fogo. A derivação teria seguido o caminho dos verbos alemães *brazelen*, *brasseln*, "assar crepitando". *** Esta nota de Gaffarel tem interêsse puramente pitoresco, pois a questão já foi por demais debatida entre nós (T.).

(359) Thévet (*Cosmog.* p. 950) chama essa árvore *arabutá*. Descreve-a de modo diverso e ataca Léry: "Não posso deixar passar o êrro de um indivíduo que a propósito do Brasil afirmou não ser essa árvore nem grande nem reta, mas que se assemelha uma espécie de carvalho... Sua descrição tanto corresponde à árvore brasileira quanto à de uma macieira". Deve-se ainda observar que é principalmente o cerne da árvore que se procura. *** *Arabutan* é uma das muitas alterações sofridas pelo nome tupí do pau brasil (*Caesalpinia echinata*, Linn. *Ará* por *ybyrá*, *butan* por *pytã*, isto é, pau vermelho, madeira rubra. Em Claude d'Abbeville (op. cit. fl. 183) lê-se *ouyrapouitan*. Yves d'Evreux escreve *Ybouira Pouitan*. Ambos se referem a um chefe indígena dêsse nome. Ocorrem ainda as variantes: *mira-pitan*, *imirapitan*, *ibirapuitã*, *birapitã*, etc. (P. A.).

gumas há tão grossas que três homens não bastam para abraçar-lhes o tronco.

A respeito de árvores grossas, diz o autor da "História Geral das Índias Ocidentais" (360) que nessas regiões lhe foi dado ver duas árvores com troncos de extraordinária grossura; um media mais de oito braças de circunferência e outro além de dezesseis. Conta ainda que a primeira era tão alta que ninguém lhe podia alcançar o cimo com uma pedrada (361) e nela um cacique, por segurança, armara a sua choça. Disso se riam os espanhóis, pois parecia pousar-se ali como uma cegonha. A segunda árvore era também maravilhosa, mas o autor refere ainda que no país de Nicarágua existe uma árvore chamada *cerba* (362) que engrossa a ponto de quinze homens não poderem abraçá-la (363).

Voltando ao pau Brasil, direi que tem fôlhas semelhantes às do buxo embora de um verde mais claro, e não dá frutos. Quanto ao modo de carregar os navios com essa mercadoria, direi que tanto por causa da dureza, e conseqüente dificuldade em derrubá-la, como por não existirem cavalos, asnos nem outros animais de tiro para transportá-la (364) é ela arrastada por meio de muitos homens; e se os estrangeiros que por aí viajam não fôsem ajudados pelos selvagens não poderiam nem sequer em um ano carregar um navio de tamanho médio. Os selvagens em troca de algumas roupas, camisas de linho, chapéus, facas, machados, cunhas de ferro e demais ferramentas trazidas por franceses e outros europeus, cortam, serram, racham, atoram e desbastam o pau Brasil trans-

(360) Gomara (Hist. Gen. de las Indias, § LXI, p. 75): "Eram tan altos los arboles que un buen bracero tenia que passarlos com una piedra, y tan gordos que apenas los abarcavan ocho ombres, asidos de las manos".

(361) Thévet, *Cosmog.* p. 954.

(362) Gomara (Hist. Gen. de las Indias, § CCV, p. 262): "Crecen mucho los arboles, y el que llaman ceyba engorda tanto, que quinze hombres asidos de las manos no lo pueden abarcar".

(363) As sequóias da Califórnia são ainda maiores. Ver Simonin, *Tour du Monde*, n.º 692, p. 231-234. Ver também em Marcot, *idem.* n.º 299, p. 198, o que diz das nínfeas do lago Nuna: "A fôlha pesava treze e meia libras, a circunferência era de vinte e quatro pés, nove polegadas e três linhas, e a flor, que media dois pés e quatro polegadas de contôrno, tendo as pétalas externas nove polegadas de comprimento, pesava três e meia libras. O pêso do brôto era de duas libras e um quarto". Quanto à *Rafflessia Arnoldi*, de Sumatra, atinge um metro de diâmetro, três de circunferência, e o cálice pode conter mais de oito litros de água.

(364) Todos êsses animais são com efeito importados da Europa. Cf. Ganda-vo, p. 66.

portando-os nos ombros nus (365) às vêzes de duas ou três léguas de distância, por montes e sítios escabrosos até a costa junto aos navios ancorados, onde os marinheiros o recebem. Em verdade só cortam o pau Brasil depois que os franceses e portugueses começaram a freqüentar o país; anteriormente, como me foi dito por um ancião, derrubavam as árvores deitando-lhes fogo (366). Na Europa imaginam muitos que os toros redondos encontrados nos armazéns são da grossura natural das árvores; já observei que estas são muito grossas, porisso os selvagens desbastam os troncos e os arredondam afim de facilitar o transporte e o manejo nos navios. Como durante a nossa estada nesse país fizemos muitas fogueiras com o pau Brasil observei que a madeira não é úmida, mas naturalmente sêca e queima com pouca, ou quase nenhuma fumaça.

f { Um dos nossos companheiros indo lavar camisas deitou por ignorância cinzas dessa madeira na lixívia; em vez de alvejá-las esta as tornou tão vermelhas que não achamos meio de tirar-lhes a coloração embora as tivéssemos lavado e ensaboado logo em seguida; e tivemos de usá-las assim com essa tintura. Se aquêles que mandam branquear suas camisas ou outras roupas engomadas nas Flandres duvidam do que digo, façam a experiência.

f { Os nossos tupinambás muito se admiram dos franceses e outros estrangeiros se darem ao trabalho de ir buscar o seu *arabutan*. Uma vez um velho perguntou-me (367): Por que vindes vós outros, *maírs*

(365) Ver prancha de "*Une fête brésilienne à Rouen en 1550*", ed. F. Denis, 1851. — E uma das pranchas da *Cosmographie*, de Thévet, p. 950. "Tão penosa é a tarefa que após algumas viagens até o navio seus ombros já se acham machucados e esfolados pelo pêso da madeira".

(366) Segundo Hans Staden, p. 249: "Tomam uma pedra azul escuro a que dão a forma de uma cunha; afiam em seguida a extremidade mais larga e amarram a pedra à ponta de um bastão por meio de uma corda".

(367) Talvez tenha a leitura dêste trecho inspirado a Montaigne as curiosas reflexões de seu capítulo sôbre os Canibais (*Essais*, § 30): "Sou de parecer que nada há de bárbaro e selvagem nessa gente; cada qual chama barbárie ao que não está nos seus costumes... São selvagens assim como os frutos a que chamamos selvagens por tê-los a natureza produzido sôzinha e na sua evolução natural; no entanto os que deveríamos assim denominar são os que alteramos por meio de artifícios e os que desviamos de seu caminho normal. Naqueles se acham vivas e vigorosas as verdadeiras, úteis e naturais virtudes". Poder-se-ia ainda comparar com o trecho em questão aquêle em que Ronsard elogia a virtude inocente dos brasileiros (*Les poèmes*, liv. II. *Discours contre fortune*, ed. elziviriana, t. VI, p. 166). Imaginava êle, erroneamente, que nunca haviam os homens estado mais próximos da perfeição do que quando viviam nessa época denominada *idade de ouro*. A seu ver os brasileiros ainda se encontravam nessa época feliz de paz e inocência, e Ronsard censurava a Villegagnon ter-lhes retirado tôdas as ilusões, iniciando-os na civilização européia.

e *perôs* (368) (franceses e portugueses) buscar lenha de tão longe para vos aquecer? Não tendes madeira em vossa terra? Respondi que tínhamos muita mas não daquela qualidade, e que não a queimávamos, como êle o supunha, mas dela extraíamos tinta para tingir, tal qual o faziam êles com os seus cordões de algodão e suas plumas.

Retrucou o velho imediatamente: “e por ventura precisais de muito? — Sim, respondi-lhe, pois no nosso país existem negociantes que possuem mais panos, facas, tesouras, espelhos e outras mercadorias do que podeis imaginar e um só dêles compra todo o pau Brasil com que muitos navios voltam carregados. — Ah!, retrucou o selvagem, tu me contas maravilhas, acrescentando depois de bem compreender o que eu lhe dissera: Mas êsse homem tão rico de que me falas não morre? — Sim, disse eu, morre como os outros.

Mas os selvagens são grandes discursadores e costumam ir em qualquer assunto até o fim, porisso perguntou-me de novo: “e quando morrem para quem fica o que deixa? — Para seus filhos se os têm, respondi; na falta dêstes para os irmãos ou parentes mais próximos. — Na verdade continuou o velho, que, como vereis, não era nenhum tolo, agora vejo que vós outros *mairs* sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos, como dizeis quando aquí chegais, e trabalhais tanto para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aquêles que vos sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos; mas estamos certos de que depois da nossa morte a terra que nos nutriu também os nutrirá, porisso descansamos sem maiores cuidados”.

Êste discurso, aquí resumido (369), mostra como êsses pobres selvagens americanos, que reputamos bárbaros, desprezam àqueles que com perigo de vida atravessam os mares em busca de pau Brasil e de riquezas. Por mais obtusos que sejam, atribuem êsses selvagens maior importância à natureza e à fertilidade da terra do que nós ao poder e à providência divina; insurgem-se contra êsses piratas que se dizem cristãos e abundam na Europa tanto quanto escasseiam entre os nativos. Os tupinambás, como já disse, odeiam mortalmente os avarentos e prouvera a Deus que estes fôssem todos lançados entre os selvagens para serem atormentados como por demônios, já que só cuidam de sugar o sangue e a substância alheia. Era necessário que eu fizesse esta digres-

(368) Vide nota 52 (P. A.).

(369) Na tradução latina de Bry (p. 196), há uma digressão sobre Sócrates, Agesilas e outros personagens que assim falaram. Tal digressão parece ter sido interpolada pelo tradutor.

são, com vergonha nossa, afim de justificar os selvagens pouco cuidadosos nas coisas dêste mundo. E, a propósito, poderia acrescentar o que o autor da "História das Índias Ocidentais" (370) escreveu acêrca de certa nação que habita o Perú. Diz êle que quando os espanhóis principiaram a colonizar êsse país os selvagens vendo-os barbados, delicados e mimosos, receiaram que êles lhes corrompessem os antigos costumes: não queriam porisso receber essa gente a que chamavam *espuma do mar*, isto é, gente sem país, homens sem descanso, que não param em parte alguma para cultivar a terra.

Continuando a falar das árvores dessa terra da América, mencionarei a existência de quatro ou cinco espécies de palmeiras das quais as mais comuns são as chamadas *geray* e *iri* (371). Creio que nenhuma dela produz tâmaras. E' verdade que a *iri* dá frutos redondos como abrunhos pequenos e reünidos, como uvas, em cachos que um homem pode carregar facilmente; só o caroço presta, entretanto, e não é maior do que o da cereja. As fôlhas superiores de renôvo servem para comer e dizia o senhor Du Pont, que sofria de hemorróidas, que êsse palmito lhe era remédio; reporto-me aos médicos quanto a isso.

Outra árvore existe, de nome *airi* (372) a qual tem as fôlhas como as da palmeira, o caule cravejado de espinhos penetrantes como agulhas e dá uns frutos de tamanho médio que contêm um caroço não comestível e branco como neve. No meu entender, essa árvore é uma espécie de ébano, pois além de ser preta e servir aos selvagens para a fabricação de clavas e pontas de flexas, é muito polida e luzidia quando trabalhada e tão pesada que não flutua.

Existem na terra muitas espécies de madeira de côr, cujos nomes ignoro. Entre elas vi algumas tão amarelas quanto o buxo; outras natu-

(370) Gomara (Hist. Gen. de las Indias, § CVIII, p. 141): "... Llamando los hijos de la espuma del mar, sobre que andaban, o que no tenian padres".

(371) E' o número dado por Thévet (*Cosmog.* p. 943) mas os nomes são diferentes. Ademais êle se contradiz nas *Singularités* ao enumerar sete espécies de palmeiras na América. *** Hoehne (op. cit., 385) dá a palmeira *geraú*, (*geraý* nos parece melhor, em face da ortografia de Léry) como a mesma *brejaúba*, e *irí* como a *airý*, citada em separado pelo cronista. Se assim fôr, sendo *brejaúba* a própria *irí* ou *airý* (vide Huascar, Dicionário das Plantas úteis do Estado de S. Paulo, 286) é de concluir-se que Léry, descrevendo três palmeiras, sempre se referiu a uma apenas, à *Astrocaryum Ayri*, Mart., o que não deixa de ser estranho... (P. A.).

(372) Thévet (*Cosmog.* p. 943) dá a essa árvore o nome de *Hairé*. Não a considera em absoluto parecida com o ébano e pensa mesmo que se trate de uma palmeira. Cremos que esta é que é a *Astrocaryum Ayri*, Mart. Vide nota precedente (P. A.).



ralmente roxas das quais trouxe para a França algumas amostras; outras brancas como papel; outras tão vermelhas quanto o pau Brasil (373) e com elas os selvagens fabricam arcos e clavas. Há ainda uma árvore denominada *copaý* (374) que tem a forma da nogueira embora não dê nozes; como observei, as tábuas dessa madeira, empregadas na marcenaria, apresentam os mesmos veios da nogueira. Algumas árvores têm as folhas mais espessas do que uma moeda; outras as têm de um pé e meio de largura, mas existem tantas variedades que seria fastidioso mencioná-las tôdas minuciosamente.

Não deixarei porém de dizer que se encontra nesse país uma árvore que dá bonita madeira, e a qual rescende verdadeiro aroma de rosas frescas quando lavrada ou trabalhada pelos marceneiros. Os próprios cavacos e fitilhas assim cheiram. Outra, ao contrário, denominada *auoi* (375) tem um cheiro de alho tão ativo que quando a cortam e põem no fogo ninguém pode ficar perto; suas folhas são muito parecidas com as das nossas macieiras e seus frutos muito semelhantes à castanha, mas o caroço é venenosíssimo. Todavia é com êsse fruto que os selvagens fazem os chocalhos a que já me referí e os adornos das pernas, razão pela qual o tem em grande estima. Cumpre observar que embora

(373) Thévet (*Cosmog.* p. 949): "E os há tão vermelhos que o brasil não lhes chega aos pés... mas não são tão eficazes porquê por demais sutís, evaporando-se a côr ao ferver-se, etc..."

(374) Curiosa descrição de Gandavo (p. 61): "Chamam-se *capaíbas* de que se tira um bálsamo mui salúífero e proveitoso em extremo, para enfermidades de muitas maneiras, principalmente das que procedem de frialdade: causa grandes efeitos e tira tôdas as dores por graves que sejam em muito breve espaço. Para feridas ou quaisquer outras chagas, têm a mesma virtude, as quais tanto que com êle lhe acodem, saram mui depressa, e tira os sinais de maneira que de maravilha não se enxerga onde estiveram e nisto faz vantagem a tôdas as outras medicinas... As mais delas se acham roçadas dos animais, que por instinto natural quando se sentem feridos ou mordidos de alguma fera as vão buscar para remédio de suas enfermidades". *** *Copaý* ou *copaíba*, de *kupáb* + *yba*, árvore da jazida ou do depósito, segundo Sampaio (op. cit. 190). Em alusão, diz êsse autor, à capacidade que possui o tronco desta árvore de guardar, no seu interior, abundância de óleo balsâmico, medicinal, para cuja extração, em época própria, a dos grandes calores, se procede como se o tronco fôsse um barril, praticando-se-lhe um pequeno furo, a certa altura, para a introdução do ar, e sangrando-se a árvore, que dá de si, sem mais trabalho, o óleo que tiver (P. A.).

(375) Thévet (*Cosmog.* p. 922): "A árvore é do tamanho das nossas pereiras, com folhas de dois dedos de largura e de três ou quatro de comprimento... A árvore cheira mal; tem ao ser cortada um odor tão fétido que não a empregam sequer para fazer fogo". *** E' a *Thevetia ahouai*, referida por Hoehne (op. cit., 148), e a mesma que aparece nos dicionários de plantas com a denominação de *Ahoay* (P. A.).

essa terra do Brasil produza grande quantidade de excelentes frutos, muitos, a-pesar-de belíssimos, são inaceitáveis ao paladar. Nas praias, principalmente, crescem arbustos que dão frutos semelhantes às nossas nêspas, porém perigosos de comer. Os selvagens ao ver os franceses e outros estrangeiros se aproximarem dessas árvores para colhê-las, dizem-lhes: *ypahí* (376) isto é, “não é bom”.

O *hiyuaré* (377) tem a casca espessa de meio dedo e é muito agradável ao paladar principalmente quando recém-colhido; os botânicos que vieram conosco afirmaram-me que se tratava de uma espécie de guaiaco. Os selvagens o empregam contra o *pian* (378), doença tão perigosa entre eles quanto entre nós a varíola.

A árvore a que os selvagens chamam *choyne* (379) é do tamanho médio; tem folhas verdes semelhantes às do loureiro; dá um fruto volumoso como uma cabeça de menino e com a forma de um ovo de avestruz; não é comestível. Como esse fruto tem a casca dura, os tupinambás o conservam inteiro. Perfuram-no ao comprido, com ele fazendo o instrumento chamado *maracá*, já mencionado. Cortados ao meio, servem para outros usos, na qualidade de cuias ou pequenas vasilhas.

Continuando a descrição das árvores do Brasil, mencionarei a *sabucáie* (380) que dá um fruto do tamanho de dois punhos juntos; formado

(376) Evidentemente *ibai*, é mau, é ruim, etc. (P. A.).

(377) Thévet (*Cosmog.* p. 935): “O Hinuraé é muito alto, tem a casca branca, cor de prata, e é vermelho por dentro. O gosto é levemente salgado como o alcaçuz, a raiz é grossa e as folhas se parecem com as da faia negra. A casca tem maravilhosas propriedades, não somente na cura das moléstias venéreas, tal qual o guaiaco, mas ainda na de muitas outras doenças”. — Idem, *Singularités*, § L. *** É interessante notar as variantes do nome dessa árvore; *hiyuaré* ou *hivuaré* (Léry); *ibiraé* (Marcgrav); *ymiraeém* (Martius); *hivurahé* (Thévet); *buranhém* e *guaranhém* (Huascar) e *Ubiraém* (Gabriel Soares). Tudo isso provém de *ybyrá-heê*, pau doce, madeira de bom sabor. Segundo Hoehne (op. cit., 283) trata-se da *Pradosia glycyphoca* (P. A.).

(378) Capítulo XIX. *** *Pian* ou *piã* é termo que significa mancha, nódoa, boubas, espinhas, isto é, pele marcada, pele empolada. E' designativo de moléstia de mau caráter, que deixa a pele empolada e marcada. Informes detalhados sobre *Piã* encontram-se em “Diálogos das grandezas do Brasil” (Ed. da Academia Brasileira de Letras, pág. 121, nota 12) e em “La Civilizacion Guaraní”, de Moisés Bertoni, págs. 255 e segs. (Puerto-Bertoni, Alto Paraná, Paraguai, 1927) (P. A.).

(379) Thévet (*Cosmog.* p. 953). Prancha e descrição. *** Segundo se induz da descrição e dos usos da “*choyne*”, deve haver erro de impressão desse nome, pois é de supor-se que Léry escrevesse *choyte* ou *choyté*, que se pronunciará *koité*, isto é *kuieté*, a cuia verdadeira, a cuia útil. Como designativo da árvore diríamos hoje cuieira, cientificamente conhecida por *Crescentia cujete*, Linn. (P. A.).

(380) *Sapucáia* é denominativo comum às diversas espécies de *Lecythidaceas*. Gandavo escreve *zabucaes* e Gabriel Soares, tal como Léry, dá *sabucái*, com *b*. O nome do fruto — *sapucaia* — parece provir de *esápuká-i-á*, fruto que faz os olhos saltados, segundo Batista Caetano. Cardim (op. cit.) escreve *jaçapucaya* (P. A.).

à feição de uma taça, nêles se encerram pequenos caroços como amêndoas e quase com o mesmo gosto. A casca dêsse fruto, que julgo ser o coco da Índia, é utilizada para fazer vasos que, torneados e bem trabalhados, são encastoados de prata cá na Europa. Um certo Pedro Bourdon, excelente torneiro, fêz, quando estávamos no Brasil, lindos vasos e outros utensílios tanto com os frutos da *sabucaíé* como com madeiras de côr, tendo presenteado a Villegagnon com alguns dêles; Villegagnon muito os apreciava, mas nem porisso foi o pobre homem recompensado pois o verdugo o mandou afogar por causa do Evangelho (381) como o contarei oportunamente.

Existe também no país uma árvore tão alta como a sorveira da Europa; dá um fruto chamado *acaiú* (382) que tem a forma e o tamanho de um ovo de galinha. Quando madura, a fruta se torna mais amarela do que o marmelo e não só tem bom gosto mas ainda dá um caldo acidulado agradável ao paladar. No calor êsse refrêscó é excelente, mas as frutas são muito difíceis de colhêr por causa da altura das árvores e só as podíamos obter quando os macacos ao comê-las derrubavam grande quantidade.

A *pacoére* (383) é um arbusto que tem em geral de dez a doze pés de altura; o tronco, embora às vêzes da grossura de uma coxa de homem é tão mole que com uma espada bem afiada pode ser cortado de um só golpe. O fruto, a que os selvagens chamam *pacó* (384), tem mais de meio pé de comprimento e se assemelha ao pepino, sendo como êste amarelo, quando maduro. Crescem de vinte a vinte e cinco unidos em

(381) Crespin, *Histoire des Martyrs*, p. 465, Léry, § XXII.

(382) Gandavo (p. 58): "A esta fruita chamam cajú: tem muito sumo, e come-se pela calma para refrescar, porquê é ela de sua natureza muito fria, e de maravilha faz mal ainda que se desmandem nela". Thévet, *Cosmog.* p. 917. *** Há evidente engano nessa citação. Deve ser *não faz mal*, etc. Entretanto na edição "Anuário do Brasil" o mesmo êrro se repete. Basta porém o complemento *ainda que se desmandem nela*, para entender que Gandavo terá escrito na realidade "*não faz mal, ainda, etc.*" (T.) *** *Acaiú*, *acajú* ou *cajú*, fruto e árvore da Família das *Anacardiaceas* (*Anacardium occidentale*, Linn). O nome provém de *akã*, caroço e *jú*, sufixo, ou *jú*, amarelo. Do *cajú* faziam a conhecida bebida cauim, e pela floração dos cajueiros contavam os anos (P. A.).

(383) *Pacoére*, de Léry, é a *pacobeira* de Gabriel Soares, isto é, a planta que produz a *pakó* ou *pakóba*. Conforme êsses mesmos autores, fruto das *Musaceas* ou bananeiras. O nome, segundo nos parece, provém de *opá* + *óba*, tudo fôlha, em alusão ao fato de constituir-se o caule todo, dêsses vegetais, de fôlhas enroladas, o que é positivamente digno de notar-se. O fruto era chamado *pakobá* (P. A.).

(384) Vide nota precedente (P. A.).

um só cacho (385) e os nossos americanos colhem tantas pencas quantas podem carregar nas mãos para as suas casas. A fruta é boa; quando chega a maturidade tira-se-lhe a casca como o figo fresco e sendo gomosa como êste parece que se saboreia um figo. Por essa razão nós franceses dávamos às pacovas o nome de figo; é verdade que são mais doces e mais saborosos do que os melhores figos de Marselha. Deve portanto a pacova figurar entre as frutas melhores e mais lindas do Brasil... Conta a história que Catão (386) de volta de Cartago para Rom, trouxe figos de espantosa grandeza mas como os antigos não mencionam êsses a que me refiro, é provável que não fôsem tão grandes. Quanto à forma, as fôlhas da pacoveira se assemelham às do *lapathum aquaticum* (387); são porém tão grandes que têm em geral seis pés de comprimento por mais de dois de largura e creio que nem na Europa, nem na Ásia, nem na África se encontram fôlhas maiores. A um boticário ouvi dizer ter visto uma fôlha de tussilagem, com auna e um quarto de largura, ou três aunas e três quartos de circunferência porquanto a fôlha é redonda; ainda assim não se aproxima da da pacoveira. E' verdade que as fôlhas da pacoveira não são espêssas na proporção do tamanho; ao contrário, são delgadas e sempre eretas, e quando o vento é um pouco mais violento, como acontece freqüentemente na América, só o talo central oferece resistência; as partes laterais despedaçam-se por tal forma que, vistas de longe, parecem as fôlhas grandes penas de avestruz revestindo o arbusto (388).

O arbusto do algodão cresce em muitos lugares do Brasil (389); a flor é uma campânula amarela semelhante à flor das abóboras na Europa; quando o fruto está formado tem a configuração da nossa "*feinte des coteaux*" (390) e quando maduro fende-se em quatro partes, saindo o algodão (*ameni-ju*) (391) em flocos ou capulhos no meio dos quais

(385) Thévet (*Cosmog.* p. 934) diz 30 a 40.

(386) Plínio, H. N., XV, 20.

(387) Comparar com as fôlhas desenhadas por Paul Marcoy, *Tour du Monde*, n.º 299.

(388) Na tradução latina de Bry (p. 199) acha-se inserta uma dissertação sobre um fruto semelhante que se encontra no Egito e em Chipre e chamado *Musa*. O autor da dissertação limitou-se a citar Mathiolus (*Commentaire sur Dioscoride, de palma et dactylis*).

(389) Descrição análoga em Hans Staden, p. 321.

(390) Não encontrei essa planta em nenhum dos dicionários consultados, nem na enciclopédia Larousse (T.).

(391) Diversas são as maneiras de grafar o nome do algodão. O mais correto, parece-nos, é *amandyjú*, o que dá em pelotas, em novelos, em flocos (P. A.).

se abrigam caroços pretos muito unidos em forma de rim, da grossura e comprimento de uma fava. As mulheres selvagens preparam e fiam o algodão para fazer as rêdes já descritas.

Embora antigamente não existissem laranjeiras nem limoeiros nessa terra da América, como ouvi dizer, depois que os portugueses as plantaram (392) perto da costa, essas plantas se multiplicaram de modo admirável e produzem laranjas, a que os selvagens chamam *morgonia* (393), do tamanho de dois punhos e limões ainda maiores, em grande abundância (394).

A cana de açúcar cresce muito bem e em grande quantidade nesse país. Entretanto nós franceses não tínhamos nem a gente nem as coisas necessárias para dela extrair o açúcar, como fazem os portugueses em suas possessões. Porisso, como ficou dito, no capítulo IX, acêrca das bebidas dos selvagens, só a usávamos em infusão para fazer água açucarada ou lhe chupávamos simplesmente o caldo. A propósito observei uma coisa de que talvez muitos se admirem. Não obstante ser o açúcar de natureza extremamente doce, como todos sabem, quando deixávamos deteriorar-se a cana cortada e a púnhamos de mólho na água por algum tempo, o caldo azedava-se a ponto de nos servir de vinagre. Em certos lugares crescem canaranas e taquaras grossas como a perna de um homem, mas tal como a pacoveira têm o tronco tão mole que podem ser decepadas com um só golpe de espada. Depois de sêcas tornam-se rijas e os selvagens as lascam em pedaços, da forma de línguas de serpentes, e armam as pontas de suas flexas Chalcondyle (395), na sua História da Guerra dos Turcos, refere que na Índia Oriental existem plantas dessa espécie, mas tão grandes e grossas que delas fazem, para atravessarem os rios, barcos com capacidade para carregar cêrca de quarenta moios de trigo de seis alqueires segundo a medida dos gregos.

O mastique é tirado de pequenos arbustos indígenas, os quais juntamente com uma infinidade de outras ervas e flores odoríferas espalham pela terra suaves aromas.

(392) Detalhe confirmado por Thévet (*Cosmog.* p. 953): "Bem o perceberam os portugueses ao escolherem êsse lugar para sua instalação, pois plantaram laranjeiras, limoeiros e outras plantas da Europa, as quais deram excelentes resultados".

(393) Em outras obras vem *morgoniba*, parecendo que a expressão provém de *morgon* + *yba*, quando se refere à planta, e *morgon* + *yba* quando se refere ao fruto (P. A.).

(394) Ainda existem em abundância. Ver Forgues, *Le Paraguay, Tour du Monde*, n.º 702.

(395) Chalcondyle, *De Rebus Turcicis*, L. III, § 14, p. 86, ed. 1650.

Na zona em que nos encontrávamos, debaixo do Capricórnio, a-pesar-das trovoadas, a que os selvagens chamam *tupan* (396), das chuvas torrenciais e das fortes ventanias, não gela nem neva, nem graniza, e as árvores, não sendo deterioradas pelo frio como na Europa, se conservam sempre verdes, e assim as florestas, tal como em França o loureiro. E já que toco neste assunto direi que quando, no mês de Dezembro, temos aqui os dias mais curtos e sopramos os dedos transidos de frio, os americanos vivem os dias mais longos e mais quentes. Porisso nos banhávamos ao Natal para refrescar-nos. Entretanto os dias não são nos trópicos nem tão longos nem tão curtos como no nosso clima, conforme o podem compreender os entendidos na esfera. E assim não só os dias são mais iguais debaixo dos trópicos mas ainda as estações incomparavelmente mais temperadas, embora os antigos pensassem o contrário.

Eis o que tinha a dizer acêrca das árvores do Brasil. Quanto às plantas e ervas que agora quero mencionar, começarei por aquelas cujos frutos e efeitos me parecem mais úteis. Em primeiro lugar vou assinalar a planta que produz o fruto chamado *ananá* (397). Assemelha-se à espadana (398), tendo as fôlhas um pouco côncavas, estriadas nos bordos e muito parecidas com as do aloés. Cresce em touceiras, como grandes cordas, e o fruto, do tamanho de um melão mediano e do feitio da pinha, são da planta como as alcachôfras, sem pender para os lados. Ao amadurecer torna-se amarelo azulado e rescende tão ativamente a framboesa que de longe o sentíamos nas matas onde crescem; é muito doce e o reputo o fruto mais saboroso da América. Quando aí estive, expremi um ananás que deu cêrca de um copo de suco e êste me pareceu saúdável. As mulheres selvagens nos traziam grandes cêstos (pa-

(396) *Tupã* como designativo de raio, trovão, etc., reporta-se a *tu* golpe, golpear, bater, e *pã*. Ao trovão, prôpriamente, davam o nome de *tupãsunũ* isto é, ronco ou ruído de raio. Vide "Conquista Espiritual", de Montoya (*in* Anais da Biblioteca Nacional, vol. VI, 107) (P. A.).

(397) Thévet (*Cosmog.* p. 936 e prancha correspondente) dá uma descrição semelhante à de Léry e acrescenta: "Não seria possível importá-lo a não ser cristalizado, porquanto o fruto maduro não se conserva muito tempo". Ver descrição do ananás em Gandavo (p. 57): "A êste fruto chamam ananases e nascem como alcachôfras, os quais parecem naturalmente pinhas, e são do mesmo tamanho, e alguns maiores. Depois de maduros têm um cheiro mui suave e comem-se aparados em talhadas. São tão saborosos que, a juízo de todos, não há fruta dêste reino que no gôsto lhes faça vantagem"... *** Vide *in* "Têrmos tupís no português do Brasil", de Plínio Ayrosa, estudo sôbre *abacaxi* (P. A.).

(398) Também chamada lírio roxo (T.).

nacú) (399) cheios de ananases, pacovas e outras frutas e os trocavam por um simples alfinete ou um espelho.

A respeito das ervas medicinais encontráveis no Brasil, uma existe a que os nossos tupinambás chamam *petyn* (400). Tem a forma da azedeira, embora seja um pouco maior, e fôlhas muito parecidas com as da *consólida maior*.

Em vista das virtudes que lhes são atribuídas goza essa erva de grande estima entre os selvagens; colhem-na e a preparam em pequenas porções que secam em casa. Tomam depois quatro ou cinco fôlhas que enrolam em uma palma como se fôsse um cartucho de especiaria; chegam ao fogo a ponta mais fina, acendem e põem a outra na bôca para tirar a fumaça que a-pesar-de sôlta de novo pelas ventas e pela bôca os sustenta a ponto de passarem três ou quatro dias sem se alimentar (401), principalmente na guerra ou quando a necessidade os obriga à abstinência. Mas os selvagens também usam o *petyn* para destilar os humores supérfluos do cérebro, razão pela qual nunca se encontram sem o respectivo cartucho pendurado ao pescoço. Enquanto conversam costumam sorver a fumaça, soltando-a pelas ventas e lábios como já disse, o que lembra um turíbulo. O cheiro não é desagradável. Não vi porém mulheres usá-la e não sei qual seja a razão disso mas direi que experimentei a fumaça do *petyn* e verifiquei que ela sacia e mitiga a fome.

Atualmente na Europa chamam *petun* à *nicotiana*, ou erva da Rainha. E' esta porém bem diferente (402) daquela de que falo, tanto na forma como na essência. Afirma o autor da *Maison Rustique* (403) (Liv. 2, cap. 79) que a *nicotiana*, cujo nome diz provir do senhor Nicot, que primeiro a remeteu de Portugal para a França, é oriunda da Flórida, distante mais de mil léguas do Brasil, com tôda a zona tórrida de per-meio entre ambos. Entretanto, por mais que investigasse não consegui

(399) No texto vem *panacons* por *panacous* ou *panakú*, designativo do cêsto cônico, de talas. É expressão corrente ainda hoje na Amazonia (P. A.).

(400) Sôbre o fumo veja-se um curioso artigo da *Revue Americaine*, T. II, n.º 6, de Lucien Rosny. — Ver também Thévet, *Singularités*, ed. Gaffarel, prefácio. *** Léry grafando *petun*, sugere a verdadeira pronúncia do designativo genérico da *Nicotiana tabacum*, Linn. De fato, deve dizer-se *petym*, embora ocorra em vocabulários diversos, *petim*, *petun*, *betun* e *pitim*. Quase todos os cronistas antigos fazem referência a êsse vegetal (P. A.).

(401) Thévet (*Cosmog.* prancha p. 927) confirma êsses pormenores, mas observa que as propriedades do *petun* foram exageradas.

(402) Mas a semelhança é perfeita; é verdade que existem várias espécies de fumo.

(403) Liebault, *Maison rustique*.

descobrir o *petyn* em nenhum jardim de França. Não pense aquêle que nos presenteou com o seu *angoumoise* (404), dizendo ser o verdadeiro *petyn*, que ignoro o que êle escreveu. Se o original da planta por êle mencionada se assemelha ao desenho anexo à sua Cosmografia direi dêsse *petyn* o mesmo que afirmei da *nicotiana*. Nego ainda que êle tenha sido o primeiro portador da semente do *petyn* em França onde, julgo eu, difficilmente poderia vingar por causa do frio.

Também vi, além mar, uma espécie de couve a que os índios chamam *cajúá* (405) e que serve às vêzes para sopa; tem fôlhas largas, semelhantes às do nenúfar das nossas lagoas.

Além da mandioca e do aipim, com que as mulheres selvagens fabricam a farinha, como já disse no capítulo IX, existem outras raízes bulbosas chamadas *hetich* (406) e que crescem tão fâcilmente no Brasil como os nabos na Sabóia e no Limousin; e não é raro se encontrarem do tamanho de dois punhos juntos e com pé e meio mais ou menos de comprimento. Fora da terra parecem à primeira vista tôdas da mesma espécie; existe porém grande diferença entre elas, pois, cozidas, arrocheiam umas, amarelecem outras como os marmelos e outras ainda se tornam esbranquiçadas; donde a meu ver existirem três espécies. Como quer que seja, posso assegurar que, assadas no borralho, não são menos saborosas do que as nossas melhores peras, principalmente as que amarelecem. As fôlhas alastram pelo chão como a *hedera terestris* e se pa-

(404) Alusão a um trecho de Thévet (*Cosmog.* p. 926), de resto curioso, em que êle reivindica a prioridade na introdução do fumo: "Posso vangloriar-me de ter sido o primeiro a trazer para a França sementes dessa planta que semeiei e à qual dei o nome de "herbe anzoumoise". Mais tarde um indivíduo que nunca fêz a travessia, dez anos após o meu regresso, lhe deu seu nome". Sôbre as origens do *petun* e a introdução do fumo em França, ver a carta de F. Denis a Alfred Demersay. *Etudes économiques sur l'Amerique méridionale*. Du tabac du Paraguay.

(405) Como denominação de "uma espécie de couve", Hoehne (op. cit. 155) identifica *cajúá* ou *caiuá* com a *taióba* (*Colocasia antiquorum*, Schott) (P. A.).

(406) Será a batata? Não se deve esquecer de que é de origem americana. Walter Raleigh passa por ter trazido para a Inglaterra, no século XVIII, os primeiros tubérculos; mas êle vinha da Virgínia. Thévet (*Cosmog.* p. 921) apresenta um desenho muito semelhante à batata. "Há, diz êle, duas espécies dessas raízes, embora de idêntico tamanho. Uma delas amarelece ao cozer-se, tornando-se semelhante a um marmelo. A outra é esbranquiçada, mas não difere da primeira quanto ao sabor e à utilidade. Ambas têm fôlhas parecidas com as da malva; não tendo sementes, porém, plantam os selvagens a própria raiz, cortadas em rodela, de cada uma das quais nascem outras raízes em grande abundância". *** Léry escreve *hetich*; o correto, entretanto, é *jetý*, a indicar, de modo geral, a batata, a fincada, a enterrada. Segundo o texto, parece tratar-se da batata doce. (*Ipomoea batatas*, L.) (P. A.).

recem muito com as do pepino ou do espinafre, embora não sejam tão verdes; sua côr puxa mais para a da *vitis alba*. *Como são plantas que não dão sementes, as mulheres selvagens, no empenho de propagá-las cortam-nas em pequenos pedaços como fazemos com a cenoura para fazer salada, e os semeiam, obtendo assim no fim de algum tempo (coisa maravilhosa na agricultura) tantas raízes quantos pedaços se plantaram. Constitue a *hetich* o melhor maná dessa terra do Brasil. Não se vê outra coisa por tôda a parte e creio, porisso mesmo, que na maior parte nasce sem intervenção do homem.

Os selvagens também possuem frutos chamados *manobi* (407). Crescem dentro da terra como as trufas, ligando-se entre si por meio de filamentos delgados. A vagem tem caroço do tamanho de uma avela cujo sabor imita; é de côr parda e a casca tem a dureza da ervilha. Embora tenha comido muitas vêzes êsse fruto não posso dizer, por não ter observado e nem me recordar, se a planta tem fôlhas e pevides.

Também existe em abundância o pimentão de que os nossos negociantes só se servem para a tinturaria. Os selvagens entretanto o pilam com sal, que sabem fabricar retendo a água do mar em valos. A essa mistura chamam *ionquet* (408) e a empregam como empregamos o sal; entretanto não salgam os alimentos, carne, peixe, etc. antes de pô-los na bôca. Tomam primeiro o bocado e engolem em seguida uma pitada de *ionquet* para dar sabor à comida.

Cresce ainda nesse país uma espécie de favas de uma polegada de comprimento a que os selvagens denominam *comandá-uassú* (409). Também certas abóboras redondas denominadas *morugans* (410) são doces ao paladar.

Eis tudo o que pude observar acêrca das árvores, plantas e frutas do Brasil durante um ano quase de estadia. Não existem na América

(407) *Manobí* é uma das variantes do designativo do *mandubí* (*Arachishypogaea*, Linn.), correntemente chamado *amendoim*, *mendobi*, *mendoim*, etc. Há quem duvide da origem tupí do nome dêsse vegetal (P. A.).

(408) Thévet (*Cosmog.* p. 949) chama-o *juncure*; observa que os brasileiros da costa fazem grande comércio dêsse *juncure* com as tribus do interior; acrescenta que se desconhece no Brasil o uso das carnes salgadas. *** Na edição Gaffarel vem *ionquet*, mas consoante outros enganos tipográficos, deve ler-se *iuquet*, que não pode deixar de ser *yjuki*, água salgada, salmoura, etc. (P. A.).

(409) *Comandá*, *comaná*, *cumaná*, etc. são variantes de *kumandá*, frutos ou sementes de vagem. Por êsse nome é conhecido o feijão. *Uassú*, ou *uasú*, significa grande, volumoso; *mirí*, pequeno, de reduzido tamanho (P. A.).

(410) Léry escreve *Maurougans*. Deve ser *moráng* ou *moránga* (*Cucurbita máxima*, Duchtr) (P. A.).

quadrúpedes, aves, peixes ou outros animais completamente idênticos aos da Europa; não vi tão pouco árvores, ervas ou frutas que não divergissem das nossas, à exceção da beldroega, do mangericão e do feto que vive em vários lugares, como pude observar nas excursões que fiz pelas matas e campos do país. Porisso, quando a imagem dêsse novo mundo, que Deus me permitiu ver, se apresenta a meus olhos, quando revejo assim a bondade do ar, a abundância de animais, a variedade de aves, a formosura das árvores e das plantas, a excelência das frutas e em geral as riquezas que embelezam essa terra do Brasil, logo me acode a exclamação do profeta no salmo 104 (411):

Ó seigneur Dieu, que tes oeuvres divers
Sont merveilleux par le monde univers:
Ó que tu as tout fait par grande sagesse!
Bref, la terre est pleine de ta largesse (412).

Felizes seriam os povos dessa terra se conhecessem o Criador de tôdas essas coisas. Como porém isso não acontece, vou tratar das matérias que nos provarão quão longe estão êles ainda disso.

(411) Salmo 104. Ver Marot, ed. Jaunet (1868, T. IV, p. 143).

(412) Senhor Deus, como tuas obras diversas são maravilhosas em todo o Universo; Como tudo fizeste com grande sabedoria! Em suma a terra está cheia de tua magnificência (T.).

CAPÍTULO XIV (413)

DA GUERRA, COMBATE E BRAVURA DOS SELVAGENS

Os nossos tupinambás tupiniquins (414) seguem o costume de todos os selvagens que habitam esta quarta parte do mundo, que se estende por mais de duas mil léguas desde o estreito de Magalhães, a cinquenta graus na direção do Polo Ártico. Sustentam uma guerra sem tréguas contra várias nações dêsse país porém seus mais encarniçados inimigos são os indígenas chamados *margaiá* (415) e os portugueses, a êles aliados e a que denominam *perôs*. Do mesmo modo não se limitam os margaiás a retribuir-lhes êsse sentimento, mas odeiam ainda os franceses, amigos dos tupinambás. Os selvagens se guerreiam para conquistar países e terras uns aos outros, porquanto sobejam terras para todos; não pretendem tão pouco enriquecer-se com os despojos dos vencidos ou o

(413) Comparar êste capítulo ao capítulo XXI, § 14, da *Cosmog.* Univ. de Thévet.

(414) E' constante em Léry essa confusão entre tupinambás e tupiniquins (T.). *** O designativo *tupinambá* é o mais geral, sendo tupiniquim o de uma de suas parcialidades. É como se disséssemos hoje paulistas campineiros, pernambucanos recifenses ou fluminenses cariocas. Demais, é preciso ter presente que cada grupo tupí-guaraní poderia sempre ser indicado por dois, três ou mais nomes, isto é: um próprio que os mesmos indivíduos do grupo se atribuíam ou conservavam por tradição, e outros, em geral pejorativos ou laudativos, dados pelos vizinhos quando inimigos ou amigos. Daí o êrro de supor-se a existência de grande número de tribus tupís, em função apenas de simples alcunha que se multiplicaram, como 'é fácil imaginar-se, com o correr do tempo e em consequência dos movimentos migratórios. Vide nota 120 (P. A.).

(415) Thévet (*Cosmog.* p. 909): "Entram a-miúde em conflito e a hostilidade entre as duas nações é tão inveterada que parece mais fácil misturar água com fogo, sem que uma altere o outro, do que juntar tupinambás e maracajás sem terríveis disputas".

resgate dos prisioneiros. Nada disso os move. Confessam êles próprios serem impelidos por outro motivo: o de vingar pais e amigos presos e comidos, no passado, do modo que contarei no capítulo seguinte. E são tão encarniçados uns contra os outros que quem cai no poder do inimigo não pode esperar remissão (416).

Declarada a guerra entre quaisquer dessas nações, alegam todos que ressentindo-se o inimigo eternamente da injúria seria absurdo deixar o prêso escapar; o ódio entre êles é tão inveterado que se conservam perpétuamente irreconciliáveis. Donde nos parece possível concluir que Machiavel e seus discípulos, de que a França por infelicidade anda cheia nestes tempos, não passam de imitadores dêsses bárbaros cruéis. Êsses ateus ensinam, e praticam, contrariamente à doutrina cristã que os novos serviços nunca devem apagar as antigas injúrias. Os homens, insuflados naturalmente pelo diabo, não podem perdoar-se uns aos outros e êles bem o demonstram, revelando terem o coração mais falso e feroz que os próprios tigres.

Eis, conforme pude observar, o modo por que os tupinambás procedem para ir à guerra. Embora não tenham reis nem príncipes, e sejam iguais entre si, a natureza lhes ensinou o mesmo que aos lacedemônios, isto é, que os velhos a quem chamam *peorerupiché* (417), em virtude da experiência, devem ser respeitados e obedecidos nas aldeias quando se oferece ocasião (418). Perambulando, ou sentados em suas rêdes, os velhos exortam os companheiros da seguinte maneira: “Nossos predecesores, dizem falando sem interrupção uns após outros, não só combateram valentemente mas ainda subjugaram, mataram e comeram muitos inimigos, deixando-nos assim honrosos exemplos; como pois podemos permanecer em nossas casas como fracos e covardes? Será preciso, para vergonha e confusão nossa, que os nossos inimigos venham buscar-nos em nosso lar, quando outrora a nossa nação era tão temida e respeitada das outras que a ela ninguém resistia? Deixará a nossa

(416) Hans Staden (p. 291): “Devoram o corpo do inimigo, não por carecerem de víveres, mas de ódio.” Montaigne, I, XXX: “Não é como imaginam para se alimentarem mas como vingança; e tanto é assim que tendo percebido usarem os portugueses outros métodos para supliciar os selvagens inimigos prisioneiros, adotaram-nos na idéia de que a gente destas bandas devia se vingar melhor. E daí por diante passaram a enterrar seus prisioneiros até a cintura, enforcando-os em seguida após despedir-lhes inúmeras flechadas”.

(417) Deve ser *pororubichá* ou *mborubichá*, grande, principal, chefe; em geral os velhos. A troca de *b* por *p*, e vice-versa, é corrente em Léry (P. A.).

(418) A gerontocracia espartana. Segundo Osório (De Rebus Emmanuelis, liv. II, p. 49) os brasileiros escolhiam para chefes não o mais velho mas o mais bravo.

covardia que os *margaiá* e os *pero-ungaipá* (419) que nada valem, invistam contra nós?"

Em seguida, o orador bate com as mãos nos ombros e nas nádegas e exclama: — *Eríma, eríma, tupinambá conomi-nassú, tã, tã, etc.* (420), o que quer dizer: "não, não gente de minha nação, poderosos e rijos mancebos não é assim que devemos proceder; devemos ir procurar o inimigo ainda que morramos todos e sejamos devorados, mas vingaremos os nossos pais!"

Depois dessa arenga, que às vezes dura mais de seis horas, os ouvintes que ouvem com atenção e não perdem uma palavra, sentem-se animados, fazem das tripas coração e depois de percorrer trêfegamente as aldeias congregam-se em grande número em lugar previamente designado (421). Antes porém de lançar os nossos tupinambás ao combate vejamos quais as suas armas.

Mencionarei primeiramente o tacape (422), isto é, espada ou clava de madeira vermelha ou preta, ordinariamente de cinco a seis pés de comprimento; é chata, redonda ou oval na extremidade, com uma largura de quase dois palmos. O tacape tem uma espessura de mais de uma polegada no centro e é afiado como um machado, cortando como este por ser de madeira dura e pesada como o buxo. E são tão hábeis, quando enraivecidos, no manejo do tacape, que dois de nossos mais destros espadachins teriam dificuldade em havir-se com um tupinambá.

Em segundo lugar indicarei o arco, ou *orapá* (423) feito das mesmas madeiras pretas; é mais comprido e grosso do que os que conhecemos. Um europeu não o poderia vergar e muito menos atirar com ele mas tão somente o conseguiria com um arco desses que usam os meninos indígenas de nove ou dez anos de idade. As cordas dos arcos são feitas de uma planta chamada *tucum* (424); a-pesar-de muito finas, são tão fortes que um cavalo com elas poderia tirar um veículo. As

(419) *Perô* era o designativo dado pelos tupís aos portugueses; *angaipá* vale por mau, ruim, desalmado, cruel. Logo: portugueses cruéis, *perôs* desalmados (P. A.).

(420) A frase: *Eríma! eríma! Tupinambá kurumiasú tantã*, etc., diz apenas: Não! não! Os tupinambás são rapazes rijos, etc. (P. A.).

(421) Hans Staden (p. 292) acrescenta curiosos detalhes: "Para fixar o momento da partida dizem: quando tal espécie de fruta estiver madura... escolhem em geral a época da desova de certa espécie de peixe a que chamam *paratí*. E à estação, ao momento da desova, denominam *pirakaen*".

(422) Osório, *De Rebus Emmanuelis*, liv. II, p. 50.

(423) Idem, o. c. L. II, p. 49 *** Adulteração de *ybyrá-apár*, ou *ybyrá-apára*, pau arcado, madeira encurvada (P. A.).

(424) Vide nota 350 (P. A.).

flexas têm quase uma braça de comprimento e se compõem de três peças: a parte média, de caniço, e as duas outras, de madeira preta ajustadas e ligadas muito habilidosamente com fitas de cascas de árvores. Cada qual comporta duas penas de um pé de comprimento perfeitamente acertadas e amarradas com fio de algodão; nas pontas colocam ossos ponteados ou pedaços de taquara seca, dura e acerada como uma lanceta ou ainda ferrões de caudas de arraia que, como já disse são muito venenosos (425). Depois que os franceses e portugueses chegaram a esse país passaram os selvagens, na falta de fisgas apropriadas, a usar uma ponta de prego nas flexas.

Já disse a que ponto os indígenas manejam destramente os seus tacapes; quanto ao arco dirão comigo os que o viram em exercício que embora com os braços nus o envergam com tanta desenvoltura e atiram com tanta rapidez que não desagradariam aos ingleses, considerados ótimos flexeiros (426); pois um índio, com molhos de flexas na mão lançaria uma dúzia de setas mais depressa do que um inglês meia dúzia delas.

Usam ainda rodela ou escudos de couro seco, feitas com a parte mais espessa da pele do *tapirussú* (427); são largas, chatas e redondas como um fundo de tamboril da Alemanha. Entretanto não as usam no combate de perto como os nossos soldados, utilizam-nas apenas para resguardo contra as flexadas inimigas. Em suma, são essas as armas que possuem os nossos americanos; não cobrem o corpo de modo nenhum, afora os enfeites de pena, braceletes e outros adornos. E mesmo se tivessem no corpo uma simples camisa a jogariam fora ao entrarem em combate, convictos de que os embarçaria. Se lhes damos espadas afiadas, como dei uma das minhas a um bom velho, logo as tiram das bainhas o que fazem também com as facas que recebem, e comprazem-se mais em fazê-las reluzir ao sol ou cortar ramos das árvores do que em conservá-las para os combates. No entanto se as manejassem como sabem manejar seus tacapes seriam elas em suas mãos bem perigosas.

Também para lá levamos certa quantidade de arcabuzes baratos no intuito de negociá-los com os selvagens; e pude verificar que eles sabem servir-se dessas armas muito bem. Enquanto um segura a arma outro aponta e um terceiro põe fogo. Assim o vi fazer a um grupo de sel-

(425) Segundo Hans Staden (p. 297) as flechas também são guarnecidas de dentes de tubarão. Cf. Osório, cit. sup.

(426) Demasiado número de vezes nos foi dado verificar, a nossas expensas, em Crécy, Poitiers e alhures, essa habilidade dos archeiros ingleses.

(427) *Tapirusú*, o tapir grande, a anta grande (P. A.).

vagens e como houvessem carregado e enchido o cano até a bôca, se a pólvora que lhe démos não tivesse grande quantidade de carvão moído por certo a arma lhes teria arreventado nas mãos. A princípio os selvagens se espantavam com o troar de nossa artilharia (428) ou dos nossos arcabuzes e quando viam derrubar uma ave de uma árvore ou matar algum animal silvestre ainda se embasbacavam mais por não perceberem a saída da bala nem o trajeto percorrido; entretanto, depois de conhecido o artifício, começaram a perder o medo e diziam, aliás com razão, que atiravam mais depressa seis flexas do que nós um tiro de arcabuz. E' verdade, como poderão objetar que o arcabuz ocasiona maior estrago. Mas eu direi que por mais que nos resguardemos com cabeções de búfalo, saias de malha ou outras armaduras ainda mais resistentes, robustos como são e impetuosos no tiro, os nossos selvagens nos transpassariam o corpo com as suas flexas tão bem como nós o faríamos com um tiro de arcabuz. Deixemos entretanto êste assunto para quando falarmos de seus combates e vejamos como os nossos tupinambás se põem em marcha contra o inimigo.

Reünem-se em número de oito ou dez mil, aos quais se agregam muitas mulheres, não para combater mas para carregar as rêdes, a farinha e os demais víveres e, depois de nomeados os chefes entre os velhos que já mataram e comeram maior número de inimigos, põem-se todos a caminho. Não observam ordem de marcha (429), nem categoria; os mais valentes, porém, vão na frente e marcham todos juntos, parecendo incrível que tanta gente se possa acomodar espontâneamente e se erguer ao primeiro sinal para uma nova marcha. Tanto no momento da partida como ao levantarem acampamento nos lugares onde pousam, surgem indivíduos armados de cornetas da grossura de um oboé e de quase um pé e meio de largura na extremidade inferior, a que chamam *inybia* (430). Êsses indivíduos tocam no meio das tropas para

(428) Outros selvagens, os de Flórida, nunca se acostumaram com o ruído da artilharia. Ver a curiosa história relatada por Basanier (*Relation de la Floride*, p. 106, ed. Elzevir) de um cacique que confunde o trovão com a artilharia francesa.

(429) Comparar com a ordem de marcha dos índios da Flórida, em Basanier (*Relation de la Floride*).

(430) Em obediência à prosódia francesa deveríamos grafar, com mais correção, *inybiá*. A corneta, tal como a referida por Léry, era chamada *mimbyapá*, isto é, instrumento de sôpro, torto, encurvado; nos vocabulários do tupí da costa aparece a forma *membý*, evidente alteração de *mimby*. A pronúncia dessa palavra, vulgar no Brasil, parece-nos errônea. Os franceses escrevendo *inubia* indicavam claramente a pronúncia *inybiá* e não *inúbia* e *janúbia*. Gonçalves Dias (Poesias Americanas, ed. Garnier, t. II, 113.) fala em cantos da *janúbia*... (P. A.).

lhes dar coragem e excitação. Outros carregam pífanos e flautas feitas de ossos dos braços e pernas dos inimigos devorados e não cessam tão pouco de tocar durante todo o caminho, incitando o bando guerreiro a matar e devorar os adversários contra os quais se atiram.

Se vão por água, como fazem muitas vezes, beiram sempre a costa nas suas *Igát* (431) feitas de uma casca de árvore, propositalmente arrancada de cima para baixo e que são tão grandes que comportam cada uma de quarenta a cinquenta pessoas. Permanecem todos de pé empunhando um remo achatado nas pontas e que seguram pelo meio. As barcas, chatas como são, calam pouca água, tal qual uma tábua, e são muito fáceis de dirigir e manejar. Verdade é que não suportam o mar alto e agitado e muito menos as tormentas, mas por tempo calmo vêem-se algumas vezes mais de sessenta canoas formando como que uma pequena frota e tôdas navegam próximas umas das outras e tão rapidamente que em poucos momentos se perdem de vista.

Vão assim em busca do inimigo por mar ou por terra a vinte e cinco a trinta léguas de distância e ao aproximar-se dêle iniciam uma série de estratagemas para surpreendê-lo. Deixando os companheiros com as mulheres uma ou duas jornadas atrás, aproximam-se cautelosa-mente os mais valentes, emboscando-se nas florestas. E assim ficam escondidos mais de vinte e quatro horas às vezes. Surpreendendo o adversário, agarram homens, mulheres e meninos e levam-nos de regresso a suas tabas onde são os prisioneiros executados, moqueados e finalmente devorados. Essas surpresas são tanto mais fáceis quanto êles não têm as aldeias fechadas nem portas nas casas. Estas medem, em sua maioria, de oitenta a cento e vinte passos, comportando apenas algumas folhas de palmeira ou da planta chamada *pindá* (432) à guisa de entradas. E' verdade que em tôrno de algumas aldeias fronteiriças e portanto mais ameaçadas pelo inimigo os selvagens costumam fincar troncos de palmeiras de cinco a seis pés de altura; também à entrada dos caminhos difíceis colocam estrepes (433) agudos de modo a que se

(431) Deve ser *ygá* ou *ygára*, canoa, barco (P. A.).

(432) Deve ser *pindó* ou *pindób*, folha da palmeira, ou a própria palmeira, conhecida vulgarmente por *pindóba* (P. A.).

(433) Hans Staden (p. 237): "Tôda aldeia é cercada por uma espécie de paliçada de troncos de palmeiras; tem ela em geral uma toeza e meia de altura e são os troncos tão próximos uns dos outros que as flechas não a podem atravessar. Abrem nela seteiras. Em tôrno dessa primeira paliçada há outra de grossos troncos mais espaçados." Thévet (*Cosmog.* p. 941): "Não raro os que assim se acham como que assediados... plantam tacos de madeira pontudos e duros ao redor de suas choças — pouco visíveis como nas nossas armadilhas. Assim os inimigos furam nelas os seus pés descalços."



os assaltantes tentarem entrar de noite, como é do seu hábito, os da aldeia possam sair por atalhos que só êles conhecem e rechaçar os agressores; estes, se tentarem fugir ou combater, ferem os pés e caem, sendo aproveitados no moquém.

Quando porém os inimigos pressentem os adversários, os exércitos se encontram e o combate é cruel. Posso falar com exatidão por já ter sido espectador de uma luta. Eu e outro francês, arrostando o perigo de sermos agarrados e devorados pelos margaiá, mas levados pela curiosidade, acompanhamos certa vez os nossos selvagens em número de quase quatro mil homens e assistimos a uma escaramuça ocorrida na praia. E vímo-los combater com tal fúria como nem a gente mais insana e alucinada o faria. Logo que os nossos tupinambás avistaram os inimigos, a quase um quarto de légua de distância, principiaram a urrar (434) como não o fariam os nossos caçadores de lobos; e tão alto berravam que nessa hora não poderíamos ouvir o trovão. À proporção que se aproximavam redobravam os gritos, soavam as cornetas, levantando os adversários os braços em sinal de ameaça e mostrando-se mutuamente os ossos dos prisioneiros que haviam comido e os colares de dentes de mais de duas braças de comprimento que alguns traziam pendentes do pescoço; e o espetáculo dessa gente era horrível. Ao se enfrentarem, porém, foi ainda peor (435). A trezentos passos uns dos outros saúdaram-se a flexadas e desde o início da escaramuça voaram as setas como môscas. Se alguém era ferido, como vimos muitos, depois de arrancá-las corajosamente do corpo quebrava as setas, e como cão raivoso mordia-lhes os pedaços; nem porisso deixava entretanto de voltar ao combate. Êsses americanos são tão ferozes e encarniçados em suas guerras que, enquanto podem mover braços e pernas, combatem sem recuar nem voltar as costas. Finalmente, quando chegaram ao alcance das mãos alçaram as clavas descarregando-as com tal violência que quando acertavam na cabeça do inimigo o derrubavam morto como entre nós os magarefes abatem os bois.

Não direi se os combatentes estavam bem ou mal montados, porque suponho que o leitor se lembre de eu ter escrito não possuírem os

(434) Thévet. *Cosmog.* p. e prancha 943.

(435) Thévet. (*Cosmog.* p. 942): "E horrível se torna ver êsses selvagens, na luta, se entremorderem e arranharem, mesmo quando são derrubados ao chão. E quando podem dão fortes dentadas nas pernas dos inimigos e até nas partes pudendas. Outros enfiam o dedo no buraco dos lábios do adversário feito prisioneiro e o puxam assim." Cf. prancha 942 em que se expressam com trágica ingenuidade os diversos episódios de uma luta entre selvagens.

selvagens cavalos ou outras montarias; andam todos sempre a pé e sem lança. Sempre desejei que êles vissem êsses animais (436) mas nessa ocasião ainda maior era o meu desejo de ter um cavalo debaixo das pernas; e acredito que se deparassem com um de nossos gendarmes bem montado, de pistola em punho, gineteando e despejando fogo de todos os lados, pensariam tratar-se de algum *ainhan* (437) isto é, diabo na sua língua.

A propósito escreveu (438) alguém que embora Atabalipa, rei do Perú, submetido ao jugo espanhol por Francisco Pizarro, nunca tivesse visto cavalos, quando o capitão espanhol fêz, por gentileza e para causar admiração aos índios, voltear o seu ginete até bem perto do rei, êste permaneceu tranqüilo a-pesar-da espuma do freio lhe ter respingado no rosto. Não deu demonstrações de medo mas mandou matar os vasallos que haviam fugido diante do cavalo, coisa, diz o historiador, que “espantou aos seus e maravilhou aos nossos.”

Voltando ao meu assunto responderei à possível pergunta do leitor: “que fizestes, tu e teu companheiro, durante essa peleja; não combatíeis com os selvagens?”

— Confessarei que nos limitamos a assistir ao combate da retaguarda, apreciando as peripécias da luta. Devo acrescentar que embora tenha visto muitas vêzes regimentos de infantaria e cavalaria nos países europeus, com seus elmos dourados e suas armas reluzentes, nunca espetáculo de combate me deu tanto prazer aos olhos. Mas além da diversão de vê-los saltar, assobiar e manobrar com destreza para todos os lados, causava encanto o espetáculo de tantas flexas emplumadas de vermelho, azul, verde e outras côres, brilhando aos raios do sol; e não era menos agradável ver os adornos feitos dessas penas naturais com que se vestiam os selvagens.

O combate durou quase três horas e houve de parte a parte muitos mortos e feridos, mas os nossos tupinambás foram afinal vencedores, fazendo mais de trinta prisioneiros entre homens e mulheres, que trouxeram para suas aldeias. Nós, franceses, nada mais fizemos do que

(436) Cf. trecho de Montaigne já citado no cap. X, primeira nota.

(437) Léry escreve *aignan*. *Anhã* ou *Añáng* é o vulto que passa, a sombra ou visão que corre, o espírito ou gênio mau (P. A.).

(438) Gomara (*Hist. Gen. de las Indias* § CX, p. 148): “Llego Soto haciendo cornetas con su caballo, por gentileza o admiracion de los indios, hasta junto a la silla de Atabaliba, que no hizo mudança ninguna, aunque le resollo cola cara el caballo, y mando matar a muchos de los que hugero de la carrera, y vezindad de los caballos, cosa de que los suyos escarmentaron, y los nuestros se maravillaron”.

empunhar as nossas espadas e dar alguns tiros de pistola para o ar para estimular a nossa gente, mas nada podia causar maior prazer aos nossos aliados do que irmos à guerra com eles e isso nos engrandeceu perante os velhos das aldeias que freqüentávamos.

Os prisioneiros foram colocados no meio dos vencedores, sendo amarrados, para maior segurança, os homens mais robustos; quanto a nós, voltamos para o Rio de Janeiro em cujos arredores habitavam os selvagens. Estávamos, entretanto, a doze ou quinze léguas de distância, porisso à nossa passagem pelas aldeias de nossos aliados vinham os moradores ao nosso encontro dançando, pulando e batendo palmas. Festejavam o sucesso (439). Quando chegamos em frente de nossa ilha eu e meu companheiro tomamos uma barca para o fortim e os selvagens foram para as suas aldeias.

Entretanto, passados alguns dias vieram visitar-nos alguns tupinambás que tinham prisioneiros em suas choças. Por mais esforços que fizéssemos, porém, nossos intérpretes só conseguiram resgatar parte dos prisioneiros. Que isso não era do agrado dos vencedores percebi-o pela compra de uma mulher com seu filho de dois anos, que me custaram quase três francos em mercadorias. Disse-me então o vendedor: “Não sei o que vai acontecer no futuro, depois que pai Colá (440) chegou aqui já não comemos nem a metade de nossos prisioneiros.”

Pretendia conservar o menino comigo, porém Villegagnon mandou restituir-me a mercadoria e ficou com os escravos. Enquanto eu dizia à mulher essa minha intenção de trazê-lo comigo para a Europa ela me respondeu que esperava que o filho crescesse e dali fugisse para se reunir aos maracajás e vingá-los; preferia portanto vê-lo comido pelos tupinambás a levado para longe de si. Essa gente tem arraigado no coração o sentimento da vingança.

Como já disse, quatro meses após a nossa chegada a êsse país, escolhemos entre os quarenta ou cinquenta escravos comprados aos selvagens e empregados nos trabalhos do forte dez meninos que foram enviados para a França ao Rei Henrique II, então reinante.

(439) Thévét (Cosmog. p. 944): “E’ prazer ver nossos selvagens voltarem para suas choças, alegremente, tocando seus instrumentos de conchas e frutos secos, e tirando deles tal harmonia que diríamos as trombetas de nossos cocheiros acrescidas de cantos”.

(440) *Pai* é expressão que aparece nos textos do tempo da catequese para designar o padre, o catequista, etc. *Colá*, de *Nicolas*, lembra Villegagnon (Nicolás de). Não é possível, porém, que os índios dissessem *Colá*; diriam *Corá*, pois a não existência do *l*, na língua, obrigou a permuta regular de *l* por *r* brando (P. A.).

CAPÍTULO XV (441)

DE COMO OS AMERICANOS TRATAM OS PRISIONEIRO DE GUERRA E DAS CEREMÔNIAS OBSERVADAS AO MATÁ-LOS E DEVORÁ-LOS

Resta saber agora como são tratados os prisioneiros. Logo depois de chegarem são não sòmente bem alimentados (442) mas ainda lhes concedem mulheres (mas não maridos às prisioneiras), não hesitando os vencedores em oferecer a própria filha ou irmã em casamento. Tratam bem o prisioneiro e satisfazem-lhe tôdas as necessidades. Não marcam antecipadamente o dia do sacrifício; se os reconhecem como bons caçadores e pescadores e consideram as mulheres boas para tratar das roças ou apanhar ostras conservam-nos durante certo tempo; depois de os engordarem matam-nos afinal e os devoram em obediência ao seguinte ceremonial.

Tôdas as aldeias circunvizinhas são avisadas do dia da execução e breve começam a chegar de todos os lados homens, mulheres e meninos. Dançam então e *cauinam*. O próprio prisioneiro, a-pesar-de não ignorar F (que a assembléia se reúne para seu sacrifício dentro de poucas horas,

(441) Comparar com o cáp XIII da *História da Província de Santa Cruz*, de Gandavo (p. 133-146) e Ulrich Schmidel, *Voyages Curieux*, p. 240. Thévet, *Cosmog.* cáp. XV do liv. XXI, p. 944 e sgs. — Lafitan, *Moeurs des sauvages américains*, vol. II, p. 294.

(442) Thévet narra que os prisioneiros entram nas aldeias de seus vencedores enfeitados com penas e são obrigados a renovar as sepulturas dos mortos a serem vingados. Acrescenta ainda o autor um pormenor interessante (*Cosmog.* p. 945): “Colocam-lhes ao pescoço um colar cujo comprimento indica o tempo que lhes resta viver. Esse colar é feito de pequenos frutos enfiados em um cordel de algodão, ou de ossos de peixe, e o número dêsses objetos varia de conformidade com as luas que viverão. As vêzes o número de luas é marcado pelo número de colares”.





longe de mostrar-se pesaroso (443) enfeita-se todo de penas e salta e bebe com um dos mais alegres convivas. Depois de ter comido e cantado durante seis ou sete horas com os outros, é êle agarrado por dois ou três dos personagens mais importantes do bando e sem que oponha a menor resistência, é amarrado pela cintura com cordas de algodão (444) ou de fibra de uma árvore a que chamam *vyire* (445), semelhante à nossa tília. Deixam-lhe os braços livres e o fazem passear assim pela aldeia, em procissão, durante alguns momentos.

Não se imagine porém que o prisioneiro com isso se deprima (446). Ao contrário, com audácia e incrível segurança jacta-se das suas proezas passadas e diz aos que o mantêm amarrado: “Também eu, valente que sou, já amarrei e matei vossos maiores”.

Cada vez mais feroz volta-se para ambos os lados exclamando para uns e outros: “Comí teu pai, matei e moquei a teus irmãos; comí tantos homens e mulheres, filhos de vós outros tupinambás, a que capturei na guerra, que nem posso dizer-lhes os nomes; e fiquem certos de que para vingar a minha morte os maracajás da nação a que pertenço hão de comer ainda tantos de vós quantos possam agarrar”.

Em seguida, após ter estado assim exposto às vistas de todos, os dois selvagens que o conservam amarrado afastam-se dêle umas três

(443) Montaigne I, XXX: “Muito ao contrário de se abater, com tudo o que lhes fazem, durante os dois ou três meses em que são conservados presos, os prisioneiros mostram-se alegres, incitam seus adversários a abreviar-lhes a prova da prisão, desafiam-nos, injuriam-nos e lhes censuram a covardia lembrando-lhes as batalhas perdidas contra os de sua tribo”. — Ver também Osório, ob. cit.

(444) Segundo Hans Staden (p. 300) a corda com que amarram o prisioneiro chama-se *massarana*. Ver os horríveis pormenores dados por Osório, de Rebus Emmanueli liv. II, p. 51.

(445) Deve ser a *embira*, à qual Gabriel Soares se refere no capítulo LXVIII de sua obra, sob a denominação de *envira*. Esse designativo provém de *ybi* = *ybir* = *ypir* = *ymir*, que diz: “pele de árvore, alburno, fibra; filamento, fio, etc., é a vulgarmente chamada *imbira* ou *embira*; corda, liame. É mais regular com o prefixo pronominal, pois que *ybir*, pele de árvore, também é o nome das árvores de cuja entrecasca se tira a *hybir*, aquilo que é pele de árvore. Também pode ocorrer *ybin*, onde se vê *in*, fio, mormente aplicado aos fios do *caraguatá* também chamado *ybirá*”. (Batista Caetano — Vocabulário cit., 188) (P. A.).

(446) Montaigne, I, XXV: “Tenho uma canção de prisioneiro assim concebida: — Que venham logo todos devorar-me, pois comerão assim seus pais e avós que servirão de alimento a meu corpo; ignoram que nestes músculos, nesta carne e nestas veias, a substância de seus antepassados ainda se encontra; saboreiem-na pois que nisso tudo ainda acharão o sabor de sua própria carne”.

braças de ambos os lados e esticam fortemente as cordas de modo a que o prisioneiro fique imobilizado. Trazem-lhe então pedras e cacos de potes (447); e os dois guardas, receiosos de serem feridos, protegem-se com rodela de couro de *tapirussú* e dizem-lhe: “Vinga-te, antes de morreres”. Começa o prisioneiro a atirar projéteis com tôdas as suas fôrças contra os que ali se reúnem em tórno dêle, algumas vêzes em número de três a quatro mil. E é desnecessário dizer que não escolhe suas vítimas.

Com efeito, estando eu numa aldeia chamada *Sariguá* (448), vi um prisioneiro lançar uma pedra com tanta violência na perna de uma mulher que supús havê-la quebrado. Esgotadas as provisões de pedras e cacos e de tudo que o prisioneiro pôde apanhar junto de si, o guerreiro designado para dar o golpe, e que permanecera longe da festa, sai de sua casa, ricamente enfeitado com lindas plumas, barrete e outros adornos; e armado de um enorme tacape (449) aproxima-se do prisioneiro e lhe dirige as seguintes palavras: “Não és tu da nação dos maracajás, que é nossa inimiga? Não tens morto e devorado aos nossos pais e amigos?”

O prisioneiro, mais altivo do que nunca, responde no seu idioma, (margaiás e tupiniquins se entendem reciprocamente) *pa, che tan tan ajucá atupavé* — “Sim, sou muito valente e realmente matei e comí muitos” (450).

Em seguida, para excitar ainda mais a indignação do inimigo, leva as mãos à cabeça e exclama: “Eu não estou a fingir, fui com efeito valente e assaltei e vencí os vossos pais e os comí.” E assim continua até que seu adversário, prestes a matá-lo, exclama: “Agora estás em nosso poder e serás morto por mim e moqueado e devorado por todos.” Mas

(447) Segundo Gandavo (p. 136): “e lhe chegam uns pomos duros que têm entre si à maneira de laranjas com que possa tirar e ofender a quem quiser”. — Cf. Osório o. c. p. 51.

(448) *Sariguá*, *sarigué*, *sarué*, *mucúra* e *gambá* são nomes pelos quais vulgarmente se designam as espécies maiores de *Marsupios*, da Família dos *Didelphiideos*. (P. A.).

(449) Hans Staden (p. 301) reduz curiosos pormenores acêrca da preparação da maça ou *iwera pemme*: “Esfregam-na com uma matéria viscosa; tomam em seguida cascas de ovos de um pássaro chamado *mackukawa*, que são de côr cinza escuro, e os reduzem a pó com o qual salpicam a praça. Uma mulher logo após vem raspar o pó e enquanto o faz cantam os outros em redor dela. Quando a *iwera pemme* se acha preparada e enfeitada de tufo de penas, suspendem-na numa choça inhabitada e cantam em tórno dela a noite toda”.

(450) A frase correta é: *Pa, che tantã, ajuká ha aú pavé (pabén)*, e diz apenas: Sim, sou forte, matei e comí todos (P. A.).

tão resoluto quanto Atílio Régulo ao morrer pela República Romana, a vítima ainda responde: “Meus parentes me vingarão”.

Embora os selvagens tenham a morte natural, os prisioneiros julgam-se felizes por morrerem assim publicamente no meio de seus inimigos, não revelando nunca o mínimo pesar como se verá do exemplo seguinte.

Achando-me certo dia em uma aldeia da grande ilha chamada *Piranijú* (451) deparei com uma mulher prisioneira prestes a ser morta pelo modo por que descreví. Aproximei-me e disse-lhe que se recomendasse a *Tupan*, o que não quer dizer Deus entre eles mas sim trovão. Eu me adaptava porém ao seu falar e lhe disse que orasse como eu lhe ia ensinar. Em resposta ela meneou a cabeça e motejando: “O que me darás para que eu faça o que dizes?” — “Pobre coitada, repliquei, já não precisas de nada neste mundo, mas como crês na alma imortal (o que os selvagens confessam como direi adiante) pensa no que lhe vai suceder depois de tua morte”. Mas ela riu-se de novo e foi morta de acordo com o ritual.

Voltando ao assunto direi que o colóquio continua, falando muitas vezes vítima e algoz. O selvagem encarregado da execução levanta então o tacape com ambas as mãos (452) e desfecha tal pancada na cabeça do pobre prisioneiro que ele cai redondamente morto sem sequer mover braço ou perna. E dir-se-ia um magarefe abatendo um boi. Em verdade muitas vezes as vítimas estrebucham no chão, mas isso por causa do sangue e dos nervos que se contraem. O executor costuma bater com tal destreza na testa ou na nuca que não se faz necessário repetir o golpe e nem a vítima perde muito sangue.

E’ comum dizer-se nesse país: *Quebro-te a cabeça* e os franceses empregavam habitualmente essa frase em substituição do “Je te crèverai” que os nossos soldados e os nossos rixentos costumam usar.

Imediatamente depois de morto o prisioneiro, a mulher (já disse) que a concedem a alguns) coloca-se junto do cadáver e levanta curto

(451) Deve ser adulteração de algum designativo em que entra o elemento peixe (*pirá*). Talvez *piraijú*, dourado pequeno, *piraijú*, farinha de peixe amarelada, *pirayjú*, azeite de peixe, etc. (P. A.).

(452) Ver Thévet. *Cosmog.*, prancha p. 945. — Segundo Gandavo (p. 138) o prisioneiro se defendia: “Acontece algumas vezes virem a braços, e o padecente tratar mal ao matador com a mesma espada. Mas isto raramente, porquê correm logo com muita presteza os circunstantes a livrá-lo de suas mãos”.

pranto (453); digo propositadamente curto pranto porquê essa mulher, tal qual o crocodilo que mata o homem e chora junto dêle antes de comê-lo, lamenta-se e derrama fingidas lágrimas sôbre o marido morto mas sempre na esperança de comer-lhe um pedaço. Em seguida, as outras mulheres, sobretudo as velhas, que são mais gulosas de carne humana e anseiam pela morte dos prisioneiros, chegam com água fervendo, esfregam e escaldam o corpo afim de arrancar-lhe a epiderme; e o tornam tão branco como na mão dos cozinheiros os leitões que vão para o forno. Logo depois o dono da vítima e alguns ajudantes abrem o corpo e o espostejam com tal rapidez que não faria melhor um carnicheiro de nossa terra ao esquartejar um carneiro (454). E então, incrível crueldade, assim como os nossos caçadores jogam a carniça aos cães para torná-los mais ferozes, êsses selvagens pegam os filhos uns após outros e lhes esfregam o corpo, os braços, e as pernas com o sangue inimigo afim de torná-los mais valentes (455).

Depois da chegada dos cristãos a êsse país, principiaram os selvagens a cortar e retalhar o corpo dos prisioneiros, animais e outras prêsas, com facas e ferramentas dadas pelos estrangeiros, o que faziam antes com pedras aguçadas como me foi dito por um ancião (456).

Tôdas as partes do corpo, inclusive as tripas depois de bem lavadas, são colocadas no moquém, em tórno do qual as mulheres, principalmente as gulosas velhas, se reúnem para recolher a gordura (457) que escorre pelas varas dessas grandes e altas grelhas de madeira; e exortando os homens a procederem de modo a que elas tenham sempre tais petiscos, lambem os dedos e dizem: *iguatú* (458), o que quer dizer “está muito bom”.

(453) Vê-se na prancha da página 213, da tradução latina a mulher chorando de um lado; junto dela cinco ou seis companheiros decepam o cadáver. Thévet (*Cosmog.* p. 945): “Depois da morte do prisioneiro a mulher que lhe fôra dada chora e berra durante certo tempo, mas em seguida vai participar da festa em meio à alegria de seus parentes e amigos”.

(454) Segundo Hans Staden (p. 303) “as mulheres apossam-se então do corpo, arastando-o para junto do fogo onde raspam-lhe a pele para clareá-la... Um homem corta os braços e pernas acima dos joelhos. Quatro mulheres apoderam-se dêsses membros e se põem a correr em redor das choças com grandes gritos de alegria. Abrem-no, depois, pelas costas e distribuem-se os pedaços”. — Cf. Osório o. c. p. 51.

(455) Na tradução latina intercala-se aquí uma digressão acêrca dos judeus

(456) Está nos costumes de todos os povos primitivos. Ver Lubbock, *L'Homme devant l'histoire*; S. Nilson, *Les habitants primitifs de la Scandinavie*, Evans, *L'âge de pierre*, etc.

(457) Thévet, *cosmog.* prancha da página 946.

(458) Deve ser *ikatú*, isto é, *katú*, bom, útil, agradável, precedido do *i* da 3.^a pessoa, com funções de verbo ser: é bom, é útil, etc. (P. A.).

Eis como os selvagens moqueiam a carne dos prisioneiros de guerra, processo de assar que nos é desconhecido. Quanto à forma do moqué, lembro aos leitores que já a expliquei no capítulo X. Limitar-me-ei a refutar o êrro daqueles que, como se pode ver de seus mapas universais (459), não sòmente nos representaram os selvagens do Brasil assando carne humana em espetos como fazemos com a de carneiro e outras, mas ainda no-los pintaram a cortá-la sôbre bancas, com grandes cutelos, como entre nós os carnicheiros fazem com a carne de vaca. Em verdade tais fantasias são tão verdadeiras quanto a história que conta Rabelais a respeito de Panurge, o qual teria escapulado do espêto lardeado e semicozido. Quem tais coisas escreveu dos selvagens do Brasil era pessoa ignorante do assunto que tratava. Tanto os brasileiros desconheciam o nosso modo de assar que certo dia ao nos verem em uma aldeia assando aves no espêto zombaram de nós e se recusaram a acreditar que uma ave assim continuamente volteada viesse a cozer, só o admitindo afinal pela comprovação do fato.

Quando a carne do prisioneiro, ou dos prisioneiros, pois às vêzes matam dois ou três num só dia, está bem cozida, todos os que assistem ao fúnebre sacrifício se reúnem em tôrno dos moquéns, contemplando-os com ferozes esgares; e por maior que seja o número de convidados nenhum dalí sai sem o seu pedaço (460). Mas não comem a carne, como poderíamos pensar, por simples gulodice, pois embora confessem ser a carne humana saporosíssima, seu principal intuito é causar temor aos vivos (461). Move-os a vingança, salvo no que diz respeito às velhas, como já observei. Por isso, para satisfazer o seu sentimento de ódio, devoram tudo do prisioneiro, desde os dedos dos pés até o nariz e a cabeça, com exceção porém dos miolos em que não tocam.

As caveiras conservam-nas os nossos tupinambás em tulhas nas aldeias, como conservamos nos cemitérios os restos dos finados. E a primeira coisa que fazem quando os franceses os vão visitar é contar-lhes as suas proezas e mostrar-lhes êsses troféus descarnados, dizendo que o mesmo farão a todos os seus inimigos. Guardam muito cuidadosamente os ossos das coxas e dos braços para fazer flautas e pífanos, e os dentes para seus colares, como já expliquei no precedente capítulo. O autor da "História Geral das Índias" refere que os habitantes da Ilha de Zamba pregam às portas de suas casas as cabeças das vítimas que ma-

(459) Thévet. Mapas insertos na *Cosmog. Univ.* — Ver Jomard. *Monuments de la Géographie du Moyen Age*, "Mappa-mundi" mandado levantar por Henrique II.

(460) Thévet, *Singularités*, § XL: "O corpo assim decepado e cozido à sua moda, é em seguida repartido entre todos, igualmente".

(461) Thévet, o. c. § XLI.

taram e sacrificaram e também usam os dentes delas pendurados ao pescoço (462).

Os executores dêsses sacrifícios humanos reputam o seu ato grandemente honroso; depois de praticada a façanha retiram-se em suas choças (463) e fazem no peito, nos braços, nas coxas e na barriga das pernas sangrentas incisões. E para que perdurem tôda vida, esfregam-nas com um pó negro que as torna indeléveis. O número de incisões indica o número de vítimas sacrificadas e lhes aumenta a consideração dos companheiros. E se após essa horrível tragédia a mulher concedida ao prisioneiro engravida, os matadores do pai, alegando que o filho procede da semente inimiga, cometem o ato incrível de comê-lo logo ao nascer (464) ou, se lhes apraz melhor, quando já taludinho. Mas êsses bárbaros não só se deleitam no extermínio de seus inimigos, mas ainda exultam vendo os seus aliados europeus fazerem o mesmo. Porisso, quando nos convidavam a compartilhar de seus banquetes, duvidavam de nossa lealdade se o recusávamos, o que sempre nos aconteceu (465), a mim e a outros, que graças a Deus não esquecemos a nossa crença. Com pesar sou, porém, forçado a reconhecer aquí que alguns intérpretes normandos, residentes há vários anos no país, tanto se adaptaram aos costumes bestiais dos selvagens que, vivendo como ateus, não só se poluíam em tôda espécie de impudicícias com as mulheres selvagens mas ainda

(462) Gomara (*Hist. gen. de las Indias*, § LXXI, p. 92): "Hincan las cabezas de los que matan y sacrifican a las puertas por memoria y traen los dientes al cuello... por bravosidad".

(463) Thévet (*Singularités*, § XL): "Aquêl que procede ao massacre logo em seguida se retira para sua choça e permanece em jejum na sua rêde durante todo o dia; deve abster-se também de relações e não pôr o pé em terra por três dias".

(464) Gandavo (p. 140): "E se a mulher que foi do cativo acerta de ficar prenhe, aquela criança que pare, depois de criada matam-na, e comem-na sem haver entre êles pessoa alguma que se compadeça de tão injusta morte. Antes seus próprios avós, a quem mais devia chegar esta mágoa, são aquêles que com maior gôsto o ajudam a comer, e dizem que como filho de seu pai se vingam dêle". Segundo Afonso de Saintonge, manuscrito citado por P. Margny nas suas *Navigations françaises du XIV au XVI^e siècle*, p. 305: "Se a mulher emprenha e tem um filho macho, é êle comido depois de crescido e engordado, pois dizem que vem do pai; se a criança é fêmea, matam-na tão sòmente pois acreditam que vem da mãe, a qual não deve ser comida".

(465) Não gostavam os brasileiros que alguém lamentasse a sorte de seus prisioneiros. Thévet tendo manifestado o desejo de salvar uma rapariga quase foi trucidado pelos selvagens. "Por pouco, diz êle, não me aconteceu o mesmo que aos massacrados diante de mim (*Cosmog.* p. 916)." — Cf. *Singularités*, § XLI. "E como moqueiam os seus, censuram-nos acerbamente libertar os nossos prisioneiros por dinheiro ou outros motivos. E consideram isso indigno de guerreiros".

excediam os nativos em deshumanidade, vangloriando-se mesmo de haver morto e comido prisioneiros. E conheci um rapazote de treze anos que já copulava com mulheres.

Continuemos entretanto a descrever a crueldade dos nossos tupinambás para com seus inimigos. Durante a nossa estadia no Brasil aconteceu-lhes lembrarem-se de que na Ilha Grande, de que já falei, residia um grupo de margaiás que, no comêço da guerra, isto é cêrca de vinte anos antes, se rendera aos nossos aliados tendo sido deixado em paz. Entretanto, certa vez, após beberem cauim os tupinambás, muito excitados, resolveram saqueá-lo, alegando tratar-se de descendentes de inimigos mortais. Para lá se dirigiram à noite, apanhando a pobre gente desprevenida, e tal carnificina fizeram que causava dó ouvir clamarem as vítimas. Avisados, já quase à meia noite, alguns franceses bem armados embarcaram às pressas para a dita aldeia que distava quatro ou cinco léguas de nosso fortim. Antes de chegarem, porém, já tudo se consumara. Enfurecidos e encarniçados os nossos selvagens já haviam incendiado as choças para desalojar os moradores e a muitos já haviam morto. Segundo me foi dito só se viam homens e mulheres espotejados nos moquéns e até crianças de peito assadas inteiras. Valendo-se da escuridão da noite, alguns indivíduos mais corajosos se lançaram ao mar e escaparam a nado, vindo asilar-se em nossa ilha. Souberam-no os tupinambás e se mostraram descontentes com o fato de abrigarmos êsses infelizes e, para acalmá-los foi preciso não só muita energia como donativos em mercadorias. Deixaram-nos finalmente conosco como escravos.

Doutra feita eu e mais quatro ou cinco franceses encontramos em uma aldeia dessa mesma Ilha Grande, chamada *Piranijú* (466), um prisioneiro belo e robusto, metido em ferros adquiridos pelos selvagens aos cristãos. Aproximando-se de nós, disse-nos em português (pois dois da nossa comitiva, que falavam espanhol, o compreenderam) que estivera em Portugal, era cristão e se chamava António. Embora margaiá, sua estada em outro país lhe fizera perder o barbarismo e, porisso desejava que o libertássemos das mãos de seus inimigos. Era nosso dever salvá-lo, tanto mais quanto nos moviam à compaixão a sua qualidade de cristão e o seu nome António. Um companheiro nosso que entendia o espanhol e era serralheiro de profissão disse-lhe que na manhã seguinte lhe traria uma lima para limar os ferros. Que se escondesse em seguida em certas moitas perto da praia, enquanto distraíssemos os seus algo-

(466) No "Vocabulário na Língua Brasileira" (ed. de Plínio Ayrosa, S. Paulo, 1938) aparece o nome de uma Ilha-Grande — *Ypaũ-guasú* (P. A.).

zes, e lá esperasse que a nossa barca de regresso o pudesse tomar. E depois combinaríamos com os seus detentores um modo de conservá-lo no nosso fortim. Satisfeitíssimo e agradecido, o pobre moço prometeu fazer tudo o que lhe aconselhávamos. A turba dos selvagens, porém, embora não compreendesse o que dizíamos, desconfiou de que lhe queríamos arrancar das mãos o prisioneiro e apenas deixamos a aldeia chamaram os vizinhos mais próximos e sacrificaram o coitado. E, quando, no dia seguinte, a pretêxto de buscar farinha e outros víveres, voltámos à aldeia com a lima e perguntámos pelo prisioneiro, levaram-nos os tupinambás a uma casa onde vimos os pedaços do pobre António postos no moquém; e como sabiam que nos tinham enganado mostravam-nos a cabeça com grandes gargalhadas.

✓ Certo dia os nossos selvagens surpreenderam dois portugueses em um casebre de barro em que viviam, dentro da mata, próximo à fortaleza chamada *Morpion* (467). Defenderam-se os assaltados valentemente desde a manhã até a tarde e depois de esgotada as munições de arcabuz e as setas das bestas, saíram com espadas de duas mãos e ainda mataram e feriram muitos dos assaltantes; mas os selvagens queriam pegá-los vivos e o conseguiram afinal, levando-os prisioneiros, e de seus despojos vendeu-me um selvagem algumas vestimentas de couro, tendo também um dos intérpretes trocado por duas facas apenas uma salva de prata cujo valor os assaltantes ignoravam.

Na aldeia os selvagens arrancaram as barbas aos dois portugueses e depois os mataram cruelmente. E como êsses pobres homens assim flagelados se lamentassem, os bárbaros vencedores, zombando perguntavam: — “Como depois de vos terdes tão valentemente defendido mostrais menos coragem do que mulheres, agora que devíeis morrer com honra?”

Poderia aduzir outros exemplos da crueldade dos selvagens para com seus inimigos, mas creio que o que disse já basta para arrepiar os cabelos de horror (468). E’ útil, entretanto, que ao ler semelhantes barbaridades, não se esqueçam os leitores do que se pratica entre nós. Em boa e sã consciência tenho que excedem em crueldade aos selvagens os nossos usurários, que, sugando o sangue e o tutano, comem vivos

(467) Sôbre essa denominação indígena, que Hans Staden (op. cit. cap. XII e XIV) grafa *Urbioneme* e *Orbioneme* (Ilha de S. Vicente) e que Léry atribue ao Forte da Bertioiga, sérias dúvidas etimológicas surgiram. Alguns estudiosos consideram-na estranha ao idioma tupí-guaraní. Vide Teodoro Sampaio (op. cit. étimo *Morpion*) (P. A.).

(468) Na tradução latina de Bry há inúmeros exemplos de suplícios semelhantes infligidos aos prisioneiros inimigos, todos tirados da história turca.

viúvas, órfãos e mais criaturas miseráveis, que prefeririam sem dúvida morrer de uma vez a definhar assim lentamente. Por isso dêles disse o profeta (469) que esfolam a pele, comem a carne e quebram os ossos do povo de Deus. Entretanto, mesmo não falando por metáforas (470), não encontramos aqui, nem na Itália e alhures, pessoas, condecoradas com o título de cristãos, que não satisfeitas com trucidar seu inimigo ainda lhes devoram fígado e coração? E que vimos em França durante a sangrenta tragédia iniciada a 24 de agosto de 1572? Sou francês e pesa-me dizê-lo. Entre outros atos de horrenda recordação não foi a gordura das vítimas trucidadas em Lyon, muito mais bárbaramente do que pelos selvagens, públicamente vendida em leilão e adjudicada ao maior lançador (471)? O fígado e o coração e outras partes do corpo de alguns indivíduos não foram comidos por furiosos assassinos de que se horrorizam os infernos? Depois de miseravelmente morto não picaram o coração a *Coeur de Roi*, confessor da religião reformada em Auxerre, não lhe puseram os pedaços à venda e não os comeram afinal, para saciar a raiva, como mastins? Milhares de testemunhas dêsses horrores, nunca dantes vistos em qualquer povo, ainda vivem, e livros já impressos o atestam à posteridade.

Depois dessa horrível carnificina, alguém cujo nome declaro ignorar, reconhecendo que a crueldade ultrapassava todos os limites, compôs os seguintes versos:

Riez Pharaon
Achab, Néron,
Herodes aussi;
Votre barbarie
Est ensevelie
Par ce fait ici (472).

Não abominemos portanto demasiado a crueldade dos selvagens antropófagos. Existem entre nós criaturas tão abomináveis, senão mais, e mais detestáveis do que aquelas que só investem contra nações inimigas de que têm vingança a tomar. Não é preciso ir à América, nem mesmo sair de nosso país, para ver coisas tão monstruosas.

(469) Michée, III, 3.

(470) Falta o parágrafo inteiro na tradução latina.

(471) Cf. *Extraits de la correspondance de Mandelot*, governador de Lyon, publicados por Paulin Paris, *Mémoires de l'état de la France*. — Papyre Masson, *Vie de Charles IX*. — Crespin o. c. — *Bulletin de la Société d'histoire du Protestantisme français*, etc.

(472) Ride Faraó/ Achab, Nero/ e também Heródes;/ vosso barbarismo/ se olvida/ ante o fato presente (T.).

CAPÍTULO XVI (473)

RELIGIÃO DOS SELVAGENS DA AMÉRICA; ERROS EM QUE SÃO MANTIDOS POR CERTOS TRAPACEIROS CHAMADOS CA- RAÍBAS; IGNORÂNCIA DE DEUS (474)

Embora seja aceita universalmente a sentença de Cícero (475), de que não há povo, por mais bruto, bárbaro ou selvagem que não tenha idéia da existência de Deus, quando considero os nossos tupinambás vejo-me algo embaraçado em lhe dar razão. Pois além de não ter conhecimento algum do verdadeiro Deus, não adoram quaisquer divindades terrestres ou celestes, como os antigos pagãos, nem como os idólatras de hoje, tais os índios do Perú, que, a 500 léguas do Brasil, veneram o sol e a lua (476). Não têm nenhum ritual nem lugar determi-

(473) Thévet (*Cosmog.* p. 910) assim se refere a êste capítulo: "Aqui é que me cabe motejar alguém bastante temerário para se vangloriar de escrever um tratado acêrca da religião dos selvagens. Se fôsse o único a ter estado nesse país, não lhe seria difícil impingir o que bem entendesse; mas eu sei com segurança que êsse povo não tem religião, nem escrituras, nem práticas rituais, nem conhecimento das coisas divinas".

(474) Quanto a êste capítulo, consultar a excelente obra de Lubbock, *Origines de la Civilisation*, §V, p. 199 - 382. — D'Orbigny, *l'Homme américain*, t. I, p. 230. — Cf. Yves d'Evreux, *Voyage dans le Nord du Bresil*, § VIII e IX, p. 277 e 284. *** Sôbre o assunto é altamente aconselhável a leitura da obra de Alfred Métraux — *La religion des tupinambá et ses rapports avec celle des autres tribus tupi-guarani*. — París, 1928. (P. A.).

(475) Cícero, *De Legibus* I.

(476) N. Perrot (p. 12) reconhece-o em relação aos americanos do Canadá: "Não é possível afirmar que os selvagens tivessem qualquer doutrina: é evidente que não seguem, por assim dizer, nenhuma religião". — Cf. Champlain, p. 126: "Não há nenhuma lei entre êles; não sabem o que seja orar e vivem como feras". Marest, *Lettres*, VI, 330: "Seria dizer qual a religião dos selvagens; consiste apenas em

nado de reunião para a prática de serviços religiosos, nem oram em público ou em particular. Ignorantes da criação do mundo (477) não distinguem os dias por nomes específicos, nem contam semanas, meses e anos, apenas calculando ou assinalando o tempo por lunações (478). Não só desconhecem a escrita sagrada ou profana, mas ainda, o que é peor, ignoram quaisquer caracteres capazes de designarem o que quer que seja (479—480).

Quando cheguei ao país e me pus a aprender-lhes a língua, escrevia sentenças e depois as lia diante dêles; e julgavam que era feitiçaria, e diziam uns aos outros: “— Não é maravilhoso que quem ontem não sabia uma palavra de nosso idioma possa hoje ser entendido com um pedaço de papel?” Essa é também a opinião dos selvagens das ilhas espanholas, que foram os primeiros a emití-la, pois diz o autor de sua história que vendo os espanhóis se entenderem de longe por meio de cartas os imaginaram dotados do dom de profecia, ou que as missivas falassem. E acrescenta êle que os selvagens, temerosos de ser descobertos, não mais mentiam aos espanhóis e lhes obedeciam cegamente. Eis portanto aí um tema de dissertação suscetível de mostrar que os habitantes da Europa, da Ásia e da África devem louvar a Deus pela sua superioridade sôbre os dessa quarta parte do mundo. Ao passo que os selvagens nada podem comunicar-se entre si a não ser pela palavra, nós, ao contrário, podemos nos entender e dizer os nossos segredos, por

umas tantas superstições”. Algumas tribus não tinham sequer uma palavra para exprimir a idéia de Deus. — Ver o padre Dobritzhofer, *Historia de Abiponibas*, II, 69. *** No pé em que se encontravam os estudos de antropologia cultural, em 1878, quando Gaffarel escrevia estas notas, não eram de estranhar tais observações. Muito menos o seriam as dos viajantes do século XVI. Hoje, porém, temos por certo que as culturas primitivas, ou melhor de “folk”, são essencialmente religiosas em tôdas as suas manifestações. É mesmo êsse aspecto que melhor as diferencia das “civilizações”, que são complexas e profanas (T.).

(477) Ver em N. Perrot, o. c. p. 3-5-, 159-160, as curiosas lendas acêrca da criação do mundo.

(478) Gomara (*Hist. Gen. de las Indias*, § XXXIV, p. 41): “Hichieron tambien mucho al caso las letras y cartas, que unos españoles a otros se escribian, ca pensaban los indios que tenian espirito de profecia pues sin verse ni hablarse se entendiam, ó que hablaba el papel”...

(479) Exagêro de Léry, pois os mexicanos, peruanos e ainda outros índios conheciam a escrita. Ver na *Revue Americaine*, uma interessante dissertação acêrca dos Ruipos. Cf. Lubbock, *Origines de la Civilisation*, p. 42

(480) Na tradução latina de Bry, p. 222, se intercala aquí uma digressão a respeito da origem da escrita.

meio da escrita, pelas cartas que enviamos de um a outro extremo da terra. Além da invenção da escrita, os conhecimentos de ciência que aprendemos pelos livros e que êles ignoram, devem ser tidos como dons singulares que Deus nos concedeu.

Quando conversávamos com os selvagens e calhava lhe dizermos que acreditávamos em um só Deus soberano, criador do mundo, que fêz o céu e a terra com tôdas as coisas nêles contidas e delas dispunha como lhe aprazia, olhavam uns aos outros com espanto e pronunciavam o seu vocábulo designativo de admiração: *Teh* (481). E quando ribombava o trovão (482) e nos valíamos da oportunidade para afirmar-lhes que era Deus quem assim fazia tremer o céu e a terra afim de mostrar sua grandeza e seu poder, logo respondiam que se precisava intimidar-nos não valia nada. Eis o deplorável estado em que vive essa mísera gente.

Em verdade penso que êsses selvagens pouco diferem dos brutos e que no mundo não existem homens mais afastados de quaisquer idéias religiosas. Entretanto, ainda alguma luz atravessa as trevas de sua ignorância. Acreditam não só na imortalidade da alma, mas ainda que, depois da morte, as que viveram dentro das normas consideradas certas, que são as de matarem e comerem muitos inimigos, vão para além das altas montanhas dançar em lindos jardins com as almas de seus avós (483). Ao contrário as almas dos covardes vão ter com *Ainhân* (484), nome do diabo, que as atormenta sem cessar. Cumpre notar que essa pobre gente é afligida durante a vida por êsse espírito maligno a que também chamam *Kaagerre* (485). Muitas vêzes, como pude presenciar, sentindo-se atormentados, exclamavam súbitamente enraive-

(481) *Teh! Tho!* são, de fato, interjeições de espanto (P. A.).

(482) Lubbock, *Les origines de la civilisation*, p. 218-222: "Certa noite o cacique Piqueto, apavorado com a violência da tempestade, ofereceu fumo ao trovão pedindo-lhe que se calasse". — Ainda hoje os coroados "não reconhecem nenhum deus da bondade, mas tão somente um princípio daninho que os atormenta, os tortura, os conduz ao perigo e mesmo os mata", Spix e Martius, T. II, p. 243 — Os americanos do norte também o veneram como uma divindade. Ver N. Perrot, p. 13, 276, 277.

(483) Cf. Cartier, *Relations du 2.^o Voyage*: "Acreditam que depois da morte vão ter às estrêlas onde encontram lindos prados verdes cheios de belas árvores e frutos magníficos". Tal crença seria universal. *Lettres édifiantes*, relat. de 1634 (IV, 16), 1636 (II, 104), 1637 (XI, 53), 1639 (X, 43; VII, 11) — Thévet (*Cosmog.* p. 923) — Cf. Montaigne (*Des cannibales*): "Acreditam que as almas são eternas, encontrando-se as que agradaram aos deuses do lado em que se levanta o sol e as outras no ocidente".

(484) *Anhân, anhã, anhâng, anháng* ou *añã*, era o gênio mau. Vide nota 448 (P. A.).



cidos: "Defendei-nos de Ainhan que nos espanca". E afirmavam que o viam realmente ou sob a forma de um quadrúpede, ou de uma ave ou de qualquer outra estranha figura. Admiravam-se muito quando lhe dizíamos que não éramos atormentados pelo espírito maligno e que isso devíamos ao Deus de quem tanto lhe falávamos, pois, sendo muito mais forte do que *Ainhan*, lhe proibia fazer-nos mal. E acontecia que, sentindo-se amedrontados, prometiam crer em Deus. Mas passado o perigo zombavam do santo, como se diz no provérbio, e não se recordavam mais de suas promessas.

No entanto tal temor ao espírito maligno não era irrisório. Pude vê-los mais de uma vez apreensivos, batendo com as mãos nas coxas, aflitos e em suores. E nesses transe nos diziam: "*Mair atu-assap, acequeei Ainhan atupané* (486), o que vem a ser em nossa língua: "Francês, meu amigo, temo ao diabo mais do que tudo". E se lhes respondíamos: "*Nacequeiei ainhan* (487), isto é, "nós não o tememos", deplojavam sua sorte e retrucavam: "Seríamos tão felizes se fôssemos preservados do mal como vós". Replicávamos então: "É preciso que confieis, como nós, naquele que é mais forte e poderoso que *Ainhan*". Mas a-pesar-de tôdas as suas promessas de nada valia a lição. Logo a esqueciam (488).

A respeito da crença dos nossos brasileiros na imortalidade da alma direi, antes de passar adiante, que o historiador das Índias ocidentais escreve também a professarem os índios da cidade de Cusco, capital do Perú. Mais ainda: crêem na ressurreição dos corpos, não obstante a

(485) Quase todos os selvagens acreditam nos espíritos malignos. Ver Lubbock, *Origines de la Civilisation*, p. 218. Acêrca das superstições dos selvagens consultar a coleção das *Lettres édifiantes*, especialmente IV, 12-27; V, 11-13; VI, 173 e 350; IX, 72; XIII, 24; X, 81; II, 58; IV, 48. Thévet, *Cosmog.*, p. 920-921 e *Singularités* § XXXV — XXXVI. *** *Kaagerre* deve ser *Kaaguára* ou, mais corretamente, *kaaiguára*, o morador do mato, o mateiro, o silvestre, a modos do *kaapóra*, nosso conhecido *caapóra* (P. A.).

(486) A frase restaurada é: *Maír mbosaká, esekyjé, añã katú pabé*. Vide nota 237 (P. A.).

(487) Deve ser: *Nasekyjéi añã*, não temo o espírito maligno, não temo o Diabo.

(488) Sôbre a possessão dos brasileiros e outros selvagens ver *Christien Bizard* e outros autores de trabalhos de ciências ocultas. Segundo Thévet (*Cosmog.* p. 921): "Os pobres selvagens não ousam sair de suas choças à noite sem fogo; sentem-se atormentados mas o fogo é remédio soberano contra o inimigo. Também me disseram êsses selvagens que vêem o Anhangá sob diversas formas nos riachos e rios". Cf. Dobritzhofer, *De Abiponibus*, II, 35-64; Spix e Martius, II, 243. Segundo Lubbock (*Origines de la Civilisation*) "o temor mais do que a gratidão preside tais devoções; elas visam antes desviar a cólera dos espíritos malignos que assegurar a proteção dos bons".

teoria geralmente aceita por todos os teólogos de que os filósofos pagãos a ignoram ou negam. “Os índios, diz êle, ao verem os espanhóis profanarem os sepulcros para tirar o ouro, espalhando os ossos dos mortos, pediam-lhes que não o fizessem porquanto assim os impediam de ressuscitar”. “Êles crêem, conclue, referindo-se aos selvagens dêsse país, na immortalidade da alma e na ressurreição dos mortos”. Outro autor profano (489) também afirma que em tempos idos certa nação pagã acreditava nessa ressurreição. “Então, escreve êle, César venceu Ariovisto e os Germanos, que eram homens grandes e valentes e combatiam com coragem sem temer a morte porquanto acreditavam na ressurreição”.

Narro isso tudo afim de que saibam os endiabrados ateus de que nossa terra anda cheia e, como os tupinambás, embora de um modo muito mais bestial, procuram fazer crer que Deus não existe, que nos selvagens encontraram pelo menos a prova da existência do diabo nos seus tormentos ainda neste mundo (490). E se replicarem, como o fazem alguns, que o diabo não passa dos sentimentos maus dos homens e portanto é absurdo persuadirem-se os selvagens de coisas fantásticas, responderei que os americanos são realmente atormentados por espíritos malignos, pois nunca seria possível que paixões humanas, por mais violentas que fôsem pudessem afligí-los a tal ponto, aliás, se não fôsse prègar no deserto poderia citar aquí o que diz o Evangelho, dos endemoninhados que foram curados pelo filho de Deus. A êsses ateus que negam todos os princípios e porisso mesmo são indignos de ouvir falar nas Santas Escrituras apontarei os nossos pobres brasileiros que, apesar de sua cegueira, admitem não só existir no homem um espírito que não morre com o corpo mas ainda a felicidade ou a desgraça no outro mundo.

Quanto à ressurreição da carne, embora êsses cães aleguem que o corpo morto jâmais se levanta, eu lhes oporei os índios do Perú, os quais, pelo seu simples bom senso, mesmo em meio à sua falsa religião, os desmentem. E ainda faço muito em citar o exemplo dos bárbaros, pois os próprios diabos, como afirma São Tiago (491), crêem na existência de um Deus e o temem. Tão abomináveis criaturas eu as envio directamente ao inferno para que aí colham o fruto de seus monstruosos erros.

(489) Appien, *Guerre des Gaules*, § I, 3.

(490) A respeito das superstições do século XVI, relativas ao demônio, consultar: *La dimonomanie*, de Bodin, o *Malleus maleficorum*, etc.

(491) Jacques, II, 19.



Voltemos porém ao assunto da religião entre os selvagens da América. Verificando que quando ouvem o trovão são levados por uma força irresistível a temê-lo, podemos deduzir que não só se verifica assim a verdade do axioma de Cícero de que nenhum povo existe sem alguma noção de divindade mas ainda que não há desculpa para aquêles que não querem conhecer o Todo Poderoso. Quando o apóstolo (492) disse que Deus permitiu aos gentios seguirem o caminho que bem entendessem, a todos beneficiando entretanto com a chuva do céu e a fertilidade das estações, observou que os homens só não conhecem o Criador em virtude de sua própria malícia. Aliás o que é invisível em Deus encontra-se visível na criação do mundo (493).

Embora os nossos americanos não o confessem francamente, estão na verdade convencidos da existência de alguma divindade; portanto, não podendo alegar ignorância não estarão isentos de pecados.

Além do que já disse acêrca da imortalidade da alma, em que acreditam, do trovão a que temem e dos espíritos malignos que os atormentam, mostrarei como essa semente de religião (se é que as práticas dos selvagens possam merecer tal nome) brota e não se extingue nêles, não obstante as trevas em que vivem.

Os selvagens admitem certos falsos profetas chamados *caraíbas* (494) que andam de aldeia em aldeia como os tiradores de ladainhas (495) e fazem crer não sòmente que se comunicam com os espíritos e assim dão força a quem lhes apraz, para vencer e suplantar os inimigos na guerra, mas ainda persuadem terem a virtude de fazer com que cresçam e engrossem as raízes e frutos da terra do Brasil. Certos intérpretes normandos, há muito residentes no país, disseram-me que os nossos tupinambás costumavam reùnir-se com grande solenidade de três em três ou de quatro em quatro anos; achei-me por acaso em uma dessas reuniões e eis o que me foi dado observar.

Certa vez ao percorrermos o país, eu, outro francês chamado Tiago Rousseau e um intérprete, dormimos uma noite na aldeia de *Cotina* (496);

(492) Atos, XIV, 16.

(493) Pauli epistola ad Rom., I, 20.

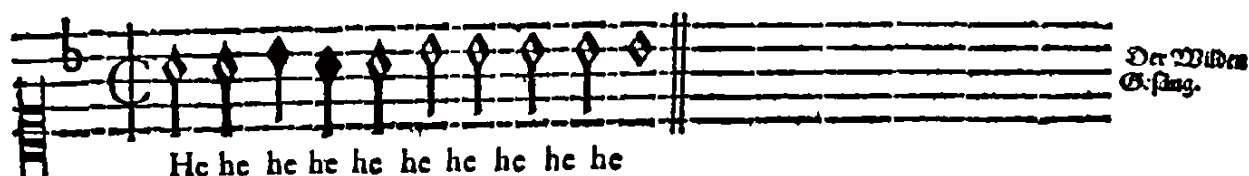
(494) Hans Staden (p. 284) denomina-os *pagé*. Refere-se com indignação às suas imposturas. Thévet (*Cosmog.* p. 915-916) conta suas crenças e superstições. Cf. trecho curioso de Osório, *De rebus Emmanuelis*, liv. II, p. 50. e capítulo de Yves d'Evreux, *Voyage dans le nord du Brésil*, "De como o diabo fala aos feiticeiros do Brasil; suas falsas profecias, seus ídolos e sacrifícios."

(495) Sem dúvida quer referir-se aos frades pedintes.

(496) Embora seja impossível identificar tal aldeia, é interessante confrontar êsse topônimo com as expressões: *koty*, *kotyguá*, *kotyjár*, etc. (P. A.).

pela madrugada, ao retomarmos a marcha, vimos chegarem de todos os lados os selvagens das vizinhanças, os quais foram reúnir-se em número de quinhentos a seiscentos numa grande praça. Paramos então e voltamos para saber o objetivo da assembléia (497); nisto os selvícolas se separaram súbitamente em três bandos. Os homens recolheram-se a uma casa, as mulheres entraram noutra e as crianças numa terceira. Como vi dez ou doze caraíbas entre eles, suspeitei algum acontecimento extraordinário e convenci meus companheiros a permanecerem ali até averiguá-lo.

Antes de se separarem das mulheres e meninos, os caraíbas proibiram-lhes severamente de sair das casas em que se encontravam; aí também nos encerraram. Já havíamos começado a almoçar sem nada perceber ainda do que pretendiam os selvagens quando principiamos a ouvir na casa dos homens, a qual distava talvez trinta passos daquela em que estávamos, um murmúrio surdo de rezas; imediatamente as mulheres, em número de quase duzentas, se puseram tôdas de pé e muito perto umas das outras. Os homens pouco a pouco erguiam a voz e os ouvíamos distintamente repetir uma interjeição de encorajamento: — *He, he, he, he* (498). Mais ainda nos espantamos, porém, quando as mulheres, por seu turno, a repetiram com voz trêmula: — *He, he, he, he*.

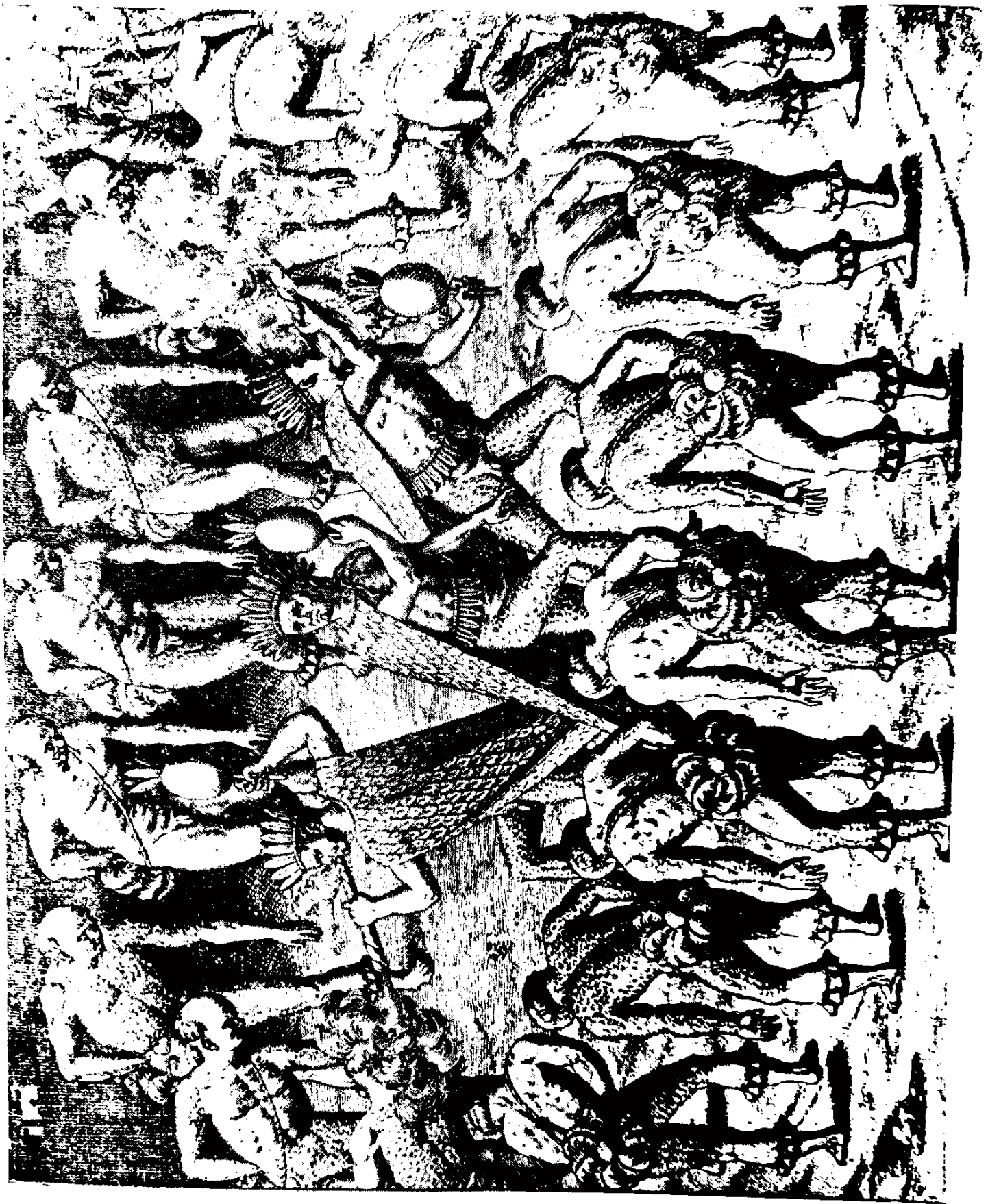


Assim aconteceu durante um quarto de hora e nós não sabíamos o que fazer. Ao mesmo tempo urravam, saltavam com violência, agitavam os seios e espumejavam pela bôca até desmaiar como vítimas de ataques epiléticos; porisso não me era possível deixar de acreditar que se tivessem tornado repentinamente possuídas do Diabo (499). Também os meninos se agitavam e torturavam, no aposento em que se achavam encerrados e, embora já frequêntasse os selvagens há mais de seis meses e estivesse até certo ponto acostumado com seus costumes, confessarei

(497) Ver Laudonnière, *Voyage en Floride* (ed. Elzeviriana), p. 43. E *Tour du Monde* n.º 479 - 480, festas sagradas dos Mandans.

(498) Esses cantos, perfeitamente autênticos, eram conhecidos de todos os brasileiros e constituíam uma espécie de ritual familiar.

(499) Na tradução latina de Bry intercala-se uma dissertação acêrca dos possuídos segundo a *Démonomanie* de Bodin (liv. III, § 1 e 3) e o *Deuteronomio* (XII, 6 - 7). Comparar a cena com a dos *pilus-pilus* dos Néo-caledonianos, segundo Garnier, *Voyage en Nouvelle Calédonie*.



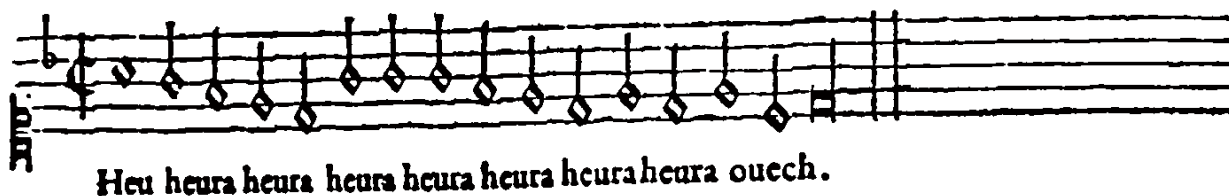
que tive mêdo; ignorando o fim disso tudo, desejei achar-me longe dali. Ao cessarem o ruído e os urros confusos dos homens, calaram-se também as mulheres e os meninos; mas voltaram todos a cantar, mas dessa feita de um modo tão harmonioso que o mêdo passou e tive o desejo de tudo ver de perto. Quando quis porém sair, para aproximar-me do lugar do festim, não só me obstaram as mulheres, mas ainda o nosso intérprete, o qual, vivendo embora nesse país há seis ou sete anos, nunca se atrevera a meter-se entre os índios durante tais cerimônias e considerava que se eu o fizesse correria grande risco. Hesitei por um instante, mas como não me pareciam suficientes as razões do intérprete e eu confiava na amizade dos bons velhos da aldeia em que habitara durante quatro a cinco meses, arrisquei-me a sair, aproximando-me do lugar de onde vinha a cantilena. Como as casas dos selvagens são em geral compridas, abaúladas no teto e cobertas de ramos cujas pontas tocam o solo, abrí com as mãos um buraco para ver a coisa à vontade. Ao mesmo tempo fiz sinal com os dedos aos meus companheiros, que se animaram a virem ter comigo e os três entramos na habitação. Ao contrário do que afirmara o intérprete, não se incomodaram os selvagens conosco; conservaram-se em seus lugares e continuaram as suas cantorias, em vista do que eu e meus companheiros nos acomodamos em um canto afim de contemplar sossegadamente a cena.

Ao falar das danças por ocasião das *cauinagens* prometi descrever também suas outras espécies de danças. Unidos uns aos outros, mas de mãos sôltas e fixos no lugar, formam roda, curvados para a frente e movendo apenas a perna e o pé direito; cada qual com a mão direita na cintura e o braço e a mão esquerda pendentes, suspendem um tanto o corpo e assim cantam e dançam. Como eram numerosos, formavam três rodas no meio das quais se mantinham três ou quatro caraíbas ricamente adornados de plumas, cocares, máscaras e braceletes de diversas cores, cada qual com um maracá (500) em cada mão. E faziam ressoar essas espécies de guizos feitos de certo fruto maior do que um ovo de

(500) Hans Staden (p. 283) denomina-os indiferentemente, *maracás*, *tamera-cás* e *tamaracás*. Sua descrição confere com a de Léry. Os maracás são ainda usados na América Meridional. Spix e Martius os encontraram entre os Carapó, os co-roads e outros. Mas não passam hoje em dia de pedaços de *écaille* cheios de milho e que produzem um som semelhante ao das castanholas. Os selvagens da Louisiana chamavam-nos *chichicoás* e os usavam no século XVIII. "Trata-se de uma cabça furada de ambos os lados. Atravessam-na com uma vareta cuja ponta externa serve de cabo. Dentro põe-se pedregulho ou favas ou ainda feijões secos, para o barulho". Lepage du Pratz, *Histoire de la Louisiane* I, 108 *** *Maraká*, de *mbará*, forte e *kã*, casca, envólucro. É o instrumento de música assemelhável a um chocalho (P. A.).

avestruz. Só poderia dar uma idéia exata dêsses caraíbas comparando-os aos frades pedintes que enganam a nossa pobre gente e andam de lugar em lugar com relicários de Santo António e de São Bernardo ou outros objetos de idolatria. Os caraíbas não se mantinham sempre no mesmo lugar como os outros assistentes; avançavam saltando ou recuavam do mesmo modo e pude observar que, de quando em quando, tomavam uma vara de madeira de quatro a cinco pés de comprimento em cuja extremidade ardia um chumaço de *petun* (501) e voltavam-na acesa para todos os lados soprando a fumaça contra os selvagens e dizendo: “— Para que vençais os vossos inimigos recebei o espírito da fôrça”. E repetiam-na por várias vêzes os astuciosos caraíbas.

Essas cerimônias duraram cêrca de duas horas e durante êsse tempo os quinhentos ou seiscentos selvagens não cessaram de dançar e cantar de um modo tão harmonioso que ninguém diria não conhecerem música (502). Se, como disse, no início dessa algazarra, me assustei, já agora me mantinha absorto em côro ouvindo os acordes dessa imensa multidão e sobretudo a cadência e o estribilho repetido a cada copla: *Hê, he ayre, heyrá, heyrayre, heyra, heyre, uêh* (503). E ainda hoje quando recordo essa cena sinto palpar o coração e parece-me a estar ouvindo.



(501) Os índios ainda praticam essas cenas de feitiçarias. Ver Lubbock, *Origines de la civilisation*, p. 235. — Basanier, *Histoire Notable de la Floride*, er. Elzvir, p. 98. — Benzoni trad. de Chauveton, § XVI, p. 311: “Os caraíbas do Brasil, nas suas danças solenes, tomam um caniço preparado propositalmente com *petun* aceso na ponta e giram soprando o fumo nos outros selvagens como se procurassem insuflar-lhes o espírito de satã, e lhes dizem: Recebei o espírito da fôrça afim de dominardes os vossos inimigos”. — Ver Yves d’Evreux, *Voyage au Nord du Brésil*, p. 137: “Soprava a fumaça nos selvagens e lhes dizia: tomai a fôrça de meu espírito”.

(502) Tais cerimônias, ou cerimônias análogas estão ainda em vigor nas matas do interior. D’Orbigny assistiu a uma dessas festas. Um ancião entoava hinos a Deus e o côro repetia os estribilhos, tal qual na época de Léry. “Essas vozes masculinas, escreve o viajante, êsses sons desafinados dos tambores, a atitude imponente dos cantores, seu aspecto, tudo nessa cerimônia me surpreendeu e espantou. Em verdade eu não sabia para onde fôra transportado, mas não teria cedido meu lugar nem por muito dinheiro”. *Voyage*, parte histórica, t III, p. 13.

(503) Os cânticos foram anotados na edição latina de Bry.

Para terminar bateram com o pé direito no chão com mais fôrça e depois de cuspirem para a frente, unânimemente, pronunciaram duas ou três vêzes com voz rouca: *Hê, hyá, hyá, hyá* (504).



Como eu ainda não entendia bem a língua dos selvagens pedi ao intérprete que me esclarecesse sôbre o sentido das frases pronunciadas. Disse-me êle que haviam insistido em lamentar seus antepassados mortos e em celebrar-lhes a valentia; consolavam-se entretanto na esperança de ir ter com êles, depois da morte, para além das altas montanhas onde todos juntos dançariam e se regozijariam. Haviam em seguida ameaçado os goitacazes, proclamando, de acôrdo com os caraíbas, que haveriam de devorá-los, embora êsses selvagens sejam tão valentes que nunca os tupinambás os puderam submeter, como já ficou dito (505). Celebravam ainda em suas canções o fato das águas terem transbordado por tal forma em certa época, que cobriram tôda a terra, afogando todos os homens do mundo, à exceção de seus antepassados que se salvaram trepando nas árvores mais altas do país. Êste último ponto, que muito se aproxima das Santas Escrituras, tive a oportunidade de ouvir inúmeras vêzes. É verossímil que de pais a filhos ouvissem contar alguma coisa do dilúvio universal (506) e do tempo de Noé e tivessem

(504) Comparar com êsses cânticos certas poesias em tupí, de Cristobal Valente, citadas por F. Denis. *Une fête brésilienne célébrée à Rowen en 1550*. Spix e Martius colheram também alguns cânticos brasileiros (*Reise in Brasilien*). Na grande obra de D'Orbigny também se encontram melodias índias. *** Não há relação alguma entre estas toadas indígenas com os poematos do Padre Cristóvão Valente. As poesias dêste catequista são orações cristãs postas em tupí, metrificadas e rimadas rigorosamente (P. A.).

(505) A propósito das palavras dos cânticos brasileiros, Cf. F. Denis, o. c. p. 40 - 51. Cf. trecho curioso de Montaigne, liv. I, XXX: "Além dêsse canto guerreiro que acabo de citar, conheço uma canção amorosa com êsse sentido: — Ó víbora pára, ó víbora pára, afim de que minha irmã possa copiar o teu padrão para fazer um rico cordel que eu dê à minha amiga; e que tua beleza e tua disposição estejam sempre acima das outras cobras". O primeiro *couplet* passa a estribilho da canção".

(506) A respeito da noção de dilúvio entre os americanos, ver *Revue Américaine* Segunda série, n.º 2, p. 89. — Brasseur de Bourbourg, *Le popol vuh*. passim. — Prescott, *Conquête du Mexique*, t. III, 272. — N. Perrot, *Moeurs et religion des sauvages de l'Amérique septentrionale*, p. 161, 164. Hans Staden (p. 286): "Dizem que hou-

deturpado a verdade como é hábito dos homens; e isso é tanto mais natural, quanto, como vimos, não tendo nenhuma espécie de escrita, difícil se lhes torna conservar a pureza dos fatos ao transmití-los; daí terem adicionado a fábula das árvores, tal qual o fariam os poetas.

Voltando aos caraíbas, devo dizer que nesse dia foram muito bem recebidos pelos selvagens, os quais os trataram magnificamente dando-lhes as melhores iguarias e também, como de costume, bastante *cauim*. Nós, franceses, casualmente envolvidos na bacanal, também aproveitamos o banquete junto dos *mussucás*, isto é dos bons pais de família que dão comida aos viandantes. Além dessas cerimônias, realizadas de três em três ou de quatro em quatro anos, e às vezes mais, e durante as quais os tupinambás praticam essas macaquices, os caraíbas vão de aldeia em aldeia e enfeitam com as mais bonitas penas que encontram os seus *maracás* (507); fincam-nos em seguida no chão, do lado maior, entre as casas, e ordenam que lhes seja dado comida e bebida. Êsses embusteiros fazem crer aos pobres idiotas dos selvagens que essas espécies de cabaças assim consagradas comem e bebem realmente à noite. E como os habitantes acreditam nisso não deixam de pôr farinha, carne e peixe ao lado dos *maracás* e nem esquecem o *cauim*. Em geral deixam assim os *maracás* no chão durante quinze dias a três semanas, após o que lhes atribuem santidade e os trazem sempre nas mãos dizendo que ao soarem os espíritos lhes vêm falar. Viviam de tal modo compenetrados dêsse êrro que se ao passarmos por suas casas tomávamos dos alimentos oferecidos a êsses *maracás*, o que muitas vezes nos aconteceu, julgavam os nossos americanos que isso nos causaria desgraças e se mostravam tão ofendidos quanto os sacerdotes Baal (508) ao ver tomarem as oferendas consagradas aos seus ídolos com as quais entretanto se alimentam fartamente com suas marafonas e bastardos. E se aproveitávamos a oportunidade para advertí-los de seus erros e lhes dizíamos que os caraíbas não só os iludiam, quando os faziam acreditar que os *maracás* comiam e bebiam, mas ainda os enganavam gabando-se

ve outrora uma grande inundação; que seus antepassados se afogaram, à exceção de alguns que conseguiram escapar em suas barcas ou subindo nas árvores mais altas". Muito curiosa a teogonia dos brasileiros em Thévet (*Cosmog.* p. 913-914). Conta êle a criação do mundo, a punição e a redenção de nossos primeiros pais, tudo entremeadado de absurdas fábulas e sem a menor crítica. O trecho mais interessante é o relativo ao dilúvio. Sômente dois irmãos inimigos, Temendonare e Ariconte, escapam com suas famílias; o primeiro trepando numa árvore chamada *peridona* e o segundo fazendo o mesmo num *genipapeiro*, do cimo das quais jogam os frutos para ver se as águas baixaram. Ver também p. 918-920.

(507) Thévet (*Cosmog.* p. 919).

(508) Daniel, XII, 9-13.

de fazer crescer frutos e raízes; e se lhes afirmávamos que quem fazia tudo isso era o Deus em que acreditávamos e que prêgávamos (509), era o mesmo que entre nós falar contra o Papa ou dizer que a relíquia de Santa Genoveva em Paris não faz chover. Êsses trapaceiros, em suma, nos aborreciam tanto quanto os falsos profetas de Jesabel que odiavam ao profeta Elias, denunciador de seus abusos; aliás ocultavam-se de nós, evitando aparecer nas aldeias por onde andávamos ou nelas dormir.

Os nossos tupinambás, conforme já disse no princípio dêste capítulo, não adoram os caraíbas com genuflexões ou outros ritos exteriores; tão pouco veneram dêsse modo os seus maracás ou quaisquer outras criaturas e muito menos ainda os suplicam ou invocam.

Achava-me ceiando certa ocasião com alguns patrícios em uma aldeia chamada *Ocarantin* (510), a duas léguas de *Cotiná*, quando surgiram os selvagens do lugar, não para comer mas para contemplar-nos, pois não costumam comer em companhia das pessoas a que querem honrar. Orgulhosos de ver-nos na aldeia, demonstravam-nos por todos os modos a sua amizade e com os ossos de peixe em forma de serra, que traziam, afugentavam os meninos dizendo: — “retirai-vos, criançalha, não sois dignos de chegar perto dessa gente”.

A turba não nos interrompeu com uma só palavra durante tôda a refeição. Um ancião, entretanto, que nos observara cuidadosamente, e nos vira orar a Deus antes e depois da comida, perguntou-nos: “Que significa isso que acabais de fazer tirando o chapéu por duas vêzes, em silêncio, enquanto um só fala? Essas palavras eram dirigidas a vós ou a alguém ausente?”

Como essa aldeia de *Ocarantin* é das maiores e mais povoadas do país, aproveitamos a oportunidade para falar a êsses selvagens do Deus verdadeiro, e como parecessem mais atentos que de costume e mais dispostos a ouvir-me pedi ao intérprete que me ajudasse a comunicar-lhes o que desejava. Depois de responder ao velho que era a Deus que dirigíamos as nossas preces, o qual, embora não seja visto por ninguém a todos ouve perfeitamente e conhece o que têm no coração, falei-lhe da criação do mundo; e disse-lhe que se Deus havia feito o homem superior aos demais sêres era para que pudesse glorificar o Criador; e acrescentei que como o servíamos êle nos preservava do perigo quando atra-

(509) Livro dos Reis, cap. XVIII.

(510) Léry grafa *Ocarantin*, que de acôrdo com a prosódia francesa dará, em português: *Ocarantin*. Se dermos por exata a reprodução do nome, teremos, entre outras hipóteses, *okára + tin*, isto é, o pátio ou terreiro cercado, empalissado, etc. (P. A.).

vessávamos os mares em viagens de quatro a cinco meses sem por pé em terra. Declarei-lhe ainda que por êsse motivo não temíamos os tormentos de Anhangá (aygnon) nem nesta vida nem na outra e que se êles, selvagens, quisessem libertar-se dos erros em que os mantinham os caraíbas mentirosos e trapaceiros, gozariam das mesmas graças que nós. E para que bem compreendessem os motivos da perdição do homem, tanto quanto para prepará-los para receberem Jesús Cristo, falei-lhes numa linguagem chã durante mais de duas horas, com exemplos e expressões tirados de seu conhecimento cotidiano.

Ouviram-me todos com grande admiração e muito atentos e, ao terminar, apareceu outro ancião que tomou a palavra e disse: — “É certo que dissestes coisas maravilhosas e bonitas que nunca ouvimos; a vossa arenga entretanto nos lembra o que muitas vêzes ouvimos de nossos avós, isto é, que há muito tempo, já não sei mais quantas luas, um *mair* como vós, e como vós vestido e barbado, veio a êste país e com as mesmas palavras procurou persuadir-nos a obedecer a vosso Deus (511); porém, conforme ouvimos de nossos antepassados nêle não o acreditaram. Depois dêste veio outro e em sinal de maldição doou-nos o tacape com o qual nos matamos uns aos outros; e há tanto tempo já o usamos que se agora desistíssemos dêsse costume as outras nações vizinhas zombariam de nós.”

Replicamos-lhe com veemência que não deviam importar-se com os motejos dos outros, pois se adorassem, como nós, o Deus verdadeiro, venceriam todos os inimigos que os viessem atacar. E graças à autoridade que Deus emprestou às minhas palavras, ficaram os nossos tupinambás tão abalados que não só prometeram seguir os nossos ensinamentos e não mais comer carne humana mas ainda se ajoelharam conosco enquanto rezamos. E um intérprete lhes explicou o sentido de nossas preces.

Depois dessa cena levaram-nos os selvagens para que repousássemos em rêdes de algodão, mas antes de começarmos a dormir já os ouvíamos cantar todos juntos que para se vingarem de seus inimigos deviam aprisionar e comer o maior número possível (512). Eis um belo exemplo da inconstância dêsse povo e da natureza corrupta do homem. Entretanto sou de opinião que se Villegagnon não houvesse abjurado a religião reformada e tivéssemos podido permanecer por mais tempo no país teríamos chamado alguns dêles a Jesús.

(511) Ver Prescott, *Conquête du Mexique*, passim, a respeito da universalidade dessa tradição em toda a América.

(512) Acêrca da facilidade com que os americanos se convertiam e esqueciam a nova religião, ver *Lettres édifiantes*.

Matutei mais tarde sôbre o que me haviam dito acêrca do francês que, centenas de anos antes, lhes anunciara o verdadeiro Deus e imagino que se trate de algum dos apóstolos. Embora não aprove os livros fabulosos, devo ponderar que além da palavra de Deus e de tudo o que se escreveu acêrca de suas viagens e peregrinações, Nicéforo refere, a propósito de S. Mateus, ter êsse apóstolo prêgado o Evangelho no país dos canibais, povo muito semelhante a estes brasileiros da América. Considero com melhor fundamento a passagem de S. Paulo sôbre as apóstolos, no salmo 19: — “A sua voz percorreu tôda a terra e suas palavras chegaram às extremidades do mundo” (513). Ora, se perlustraram realmente países longínquos e desconhecidos, qual a inconveniência de acreditar-se que algum dêles tenha estado na terra dêsses bárbaros? Isso seria até um esclarecimento para as palavras com que Cristo declarou que o Evangelho seria prêgado em todo o mundo (514). Se não é possível confirmá-lo em relação à época dos apóstolos, devo entretanto declarar que em nosso tempo já vi proclamar-se a palavra de Deus até nos antípodas, donde resulta que além de se responder assim às objeções erguidas contra tal trecho mais culpados serão ainda os selvagens ante o Juízo Final. Quanto à afirmação dos nossos americanos de que por não terem seus antepassados acreditado na palavra de quem lhes procurou mostrar o bom caminho outro missionário veio depois e os amaldiçoou, dando-lhes o maça com que se matam ainda em nossos dias, lemos no Apocalipse que ao cavaleiro do cavalo branco, que na opinião de certos exegetas significa perseguição a ferro e fogo, foi dado, com a grande espada, o poder de tirar a paz da terra e fazer com que os homens se matem uns aos outros (515). O texto muito se aproxima, na letra, do que dizem e praticam os nossos tupinambás; com receio, porém, de mal interpretar o verdadeiro sentido deixarei a outrem o cuidado de fazê-lo.

Recordo entretanto, um exemplo, que aquí apresento, de como fôra fácil a catequese dos selvagens do Brasil se houvéssemos insistido na sua doutrinação. Com o fim de abastecer-me de víveres e outras coisas necessárias passei um dia no continente com dois tupiniquins e outro selvagem da nação *Oneanan* (516), que lhes é aliada, o qual, com

(513) Salmo XIX, 5.

(514) Mateus, XXIV, 14.

(515) Apocalipse, VI, 4.

(516) Cardim (op. cit. 205) faz referência a uns índios chamados *Nonhã* ou *Nhonhã*, os quais, diz Batista Caetano, não figuram nos relatos dos autores. É possível que haja alguma ligação entre êste nome e o que vem em Léry grafado *Onceanen*. (P. A.).

sua mulher, viera visitar os seus amigos e voltava para sua terra. Atravessávamos uma grande floresta de árvores variegadas, tôda verde de ervas e cheirosa de flores, ouvindo o canto de infinidade de aves que gorgeariam no meio da mata banhada de sol. De coração alegre, senti-me levado a louvar a Deus por tôdas essas coisas e comecei a cantar em voz alta o salmo 104: "Exulta, exulta, minha alma, etc."

Os três selvagens e a mulher, que vinham atrás de mim, tiveram tamanho prazer na música de minhas palavras, pois o sentido não entendiam, que ao terminar eu o cântico, o *Oneanan* todo comovido e embevecido exclamou: "Na verdade cantaste maravilhosamente bem e fiquei muito contente em ouvir o teu canto que me recorda o de uma nação aliada, nossa vizinha. Mas nós não entendemos a tua língua, porisso explica-nos o teu canto".

Como eu era o único francês alí presente e só ia encontrar intérpretes no lugar onde pretendíamos dormir, expliquei como pude que não só havia louvado a Deus em geral, pela beleza e govêrno de suas criaturas, mas ainda o havia particularmente aplaudido como único criador dos homens e de todos os animais, frutos e plantas espalhados pelo mundo inteiro. Expliquei mais que a minha canção fôra ditada pelo espírito dêsse Deus magnífico, cujo nome eu celebrava; que fôra já contada há cêrca de 10.000 luas por um dos nossos grandes profetas o qual a legara à posteridade.

Lembro mais uma vez que os selvagens não costumam interromper os discursos de ninguém; porisso me ouviram atentos pelo espaço de meia hora proferindo apenas de quando em quando sua habitual interjeição: *Teh*. E afinal disseram-me: — "Como vós os *mairs* sois felizes por saberdes tantos segredos ocultos a nós, entes mesquinhos, pobres miseráveis!" E para agradar-me deram-me um pequeno *aguti* (517), que traziam, dizendo: "Toma lá, já que cantas tão bem".

Entendí dever contar êsse episódio por entender que, por mais bárbaros que sejam com seus inimigos êsses selvagens me parecem de melhor índole que a maioria dos campônios da Europa. E com efeito decorrem melhor do que estes que, no entanto, se reputam inteligentes.

Resta-me agora tocar na questão que poderia ser aquí aventada de saber qual a origem dêsses selvagens (518). — É evidente que descendem

(517) *Aguti*, *akuti* ou *kuti*, roedor a que chamamos hoje *cotia*. Foi Thévet (*Singularités*) quem primeiro descreveu êsse animal, chamando-o *agoutin*. Em Hans Staden (op. cit.) vem *acuttia* (P. A.).

(518) Sôbre a origem dos índios ver as obras especializadas de Horn, *De originibus americanis*. — Garcia, *Origen de los indios del Nuevo Mundo y Indias Occidentals*.

de um dos três filhos de Noé (519), mas acho difícil dizer de qual, baseando-me nas Santas Escrituras ou nos doutores profanos. Verdade é que Moisés, fazendo menção dos filhos de Jafé, diz que as ilhas foram habitadas por êles; mas, como é natural, o hebreu se referia às terras da Grécia, Gália, Itália e outras regiões separadas da Judéia pelo mar e consideradas ilhas por êle; não há pois base para que nelas se compreendam a América e adjacências. Dizer que são oriundos de Sem, pai da geração bendita dos judeus, mais tarde corrompida a ponto de a rejeitar o Criador, não me parece lógico. No que concerne à beatitude eterna em que cremos e na qual esperamos depois de Cristo, são os selvagens um povo maldito e desamparado de Deus, não obstante as noções muito imperfeitas que possuem da vida futura, e embora com respeito à vida terrena não exista, como já demonstrei, povo menos apegado aos bens humanos. Parece-me pois mais provável que descendam de Cam.

Atestam as Santas Escrituras que quando Josué chegou à terra de Canaan (520) e começou a ocupá-la, de acôrdo com a promessa de Deus e em obediência a uma ordem precisa, os povos da região se acovardaram por completo. É verossímil que os avós e antepassados de nossos americanos, expulsos de Canaan pelos filhos de Israel, tivessem embarcado e se deixado levar ao léu até aportar em terras da América. Com efeito o historiador espanhol da "História Geral das Índias" (521), varão mui versado na ciência, é de opinião que os índios do Perú, terra limítrofe do Brasil, são descendentes de Cam e trazem o estigma da maldição de Deus, idéia que já me era familiar dezesseis anos antes de ler a sua obra. Mas como não quero discutir o assunto, deixarei que cada qual tenha a sua crença a êsse respeito. Por mim reputo certo descender essa pobre gente da raça maldita de Adão (522) mas isso não basta para abalar a minha fé, graças a Deus firme e segura. E não concluo, com os epicuristas que não existe Deus, porém ao contrário que há grande diferença entre as pessoas iluminadas pelo Espírito Santo e as Santas Escrituras e os indivíduos abandonados à cegueira de seus sentidos. E confio cada vez mais na verdade de Deus.

(519) Gênese, § X.

(520) Josué, II, 9. Cf. Livro dos Reis, IV, 17. Comparar com Procópio, *De bello vandalico*, II, 10. — E artigo de M. de Rivero na *Revue des langues latines* (abril 1859).

(521) Gomara, *Hist. Gen. de las Indias*, § CCXVII, p. 277 - 278, *passim*.

(522) Erro de impressão. Embora o original de 1878 dê Adam não pode deixar de ser Cham (T).

CAPÍTULO XVII

DO CASAMENTO, POLIGAMIA E GRAUS DE PARENTESCO ENTRE OS SELVAGENS BEM COMO O MODO DE TRATAR OS FILHOS

Devo dizer com relação ao casamento dos nossos americanos que eles observam tão somente três graus de parentesco (523); ninguém toma por espôsa a própria mãe, a irmã ou a filha, mas o tio casa com a sobrinha e em todos os demais graus de parentesco não existe impedimento. A cerimônia matrimonial é a seguinte: quem quer ter mulher, seja viúva ou donzela, indaga de sua vontade e em seguida dirige-se ao pai ou na falta dêste, ao parente mais próximo, para pedi-la em casamento. Se lhes respondem afirmativamente leva consigo a noiva como legítima mulher sem que se lavre nenhum contrato. Se porém recebe um não o pretendente desterra-se sem se sentir humilhado.

Note-se que sendo a poligamia permitida podem os homens ter quantas mulheres lhes apraz e quanto maior o número de espôsas mais valentes são considerados, o que transforma portanto o vício em virtude (524). Vi alguns com oito mulheres, cuja enumeração era feita com

(523) Thévet, *Cosmog.* p. 932. Não somente o tio desposa a sobrinha; é seu dever desposá-la. "Ao nascer já o tio materno a ergue nos braços e a toma para sua futura mulher". A respeito da consangüinidade ver Yves d'Evreux, cap. XXIII, p. 91-95.

(524) Segundo Hans Staden (p. 274): "Vi chefes que tinham treze a catorze. Abati Bossange, meu último senhor possuía inúmeras, mas a que desposara em primeiro lugar conservava sua preeminência". Thévet, *Cosmog.* p. 933: "Foi o que vi com um chamado Cunhambebe, o qual tinha consigo oito e mais cinco fora da casa. Um outro, por nome Amen-duna, possuía trinta e quatro e cerca de oitenta e seis filhos entre machos e fêmeas". Cf. d'Orbigny, *L'Homme Américain*, t. I, p. 193.

a intenção de homenageá-los. O que me parece admirável é que havendo sempre uma, entre elas, mais amada do marido, não se revoltam as outras e nem sequer demonstrem ciúmes; vivem em paz, ocupadas no arranjo das casas, em tecer rêdes, limpar a horta e plantar suas raízes (525). E deixo aos meus leitores considerarem se, ainda que não fôsse proibido por Deus ter mais de uma mulher, se acomodariam as européias com êsse regime matrimonial (526). Melhor seria condenar um homem às galés do que metê-lo no meio de tanta intriga e ciúmeira; acontecer-lhe-ia sem dúvida o que ocorreu a Jacob por ter tomado por espôsas a Lia e Raquel, não obstante serem irmãs (527). Como poderiam as nossas damas viver unidas se o simples preceito, imposto por Deus à mulher, de ajudar e socorrer ao marido, já as torna o demônio familiar das próprias casas? Minha censura entretanto não visa àquelas que fazem o contrário e obedecem como de direito aos seus maridos; embora não façam mais do que cumprir o seu dever, eu as julgo tão dignas de louvor quanto as outras merecedoras de vitupérios.

Voltando ao casamento dos nossos americanos, devo dizer que o adultério feminino lhes causa tal horror que o homem enganado pode repudiar a mulher faltosa, despedí-la ignominiosamente ou mesmo matá-la regendo-se pela lei natural (528). É certo que antes de casá-las os pais não hesitam em prostituí-las a qualquer varão (529). Antes de nossa chegada ao Brasil os intérpretes normandos abusavam das rapa-

(525) Não é assim que os Mormons atuais entendem a vida em comum. Ver o livro de Miss Stephenson a respeito dos Hárens da Nova Jerusalém.

(526) Thévet (*Cosmog.* p. 933 e segs.) confirma o fato: "Vivem tranqüilamente juntas, sem se mostrarem ciumentas umas das outras, ajudando-se mutuamente no cuidado de seus maridos e filhos". Cf. Montaigne (*Des cannibales*): "É coisa admirável em seus casamentos que ao contrário das nossas mulheres, cujo ciúme impede a amizade e a tolerância, as dêles, preocupadas principalmente com as honras do marido, mostram-se solícitas em conseguir para o mesmo o maior número possível de companheiras, como testemunhos de suas virtudes e de seu valor".

(527) Gênese. Todo o capítulo XXX.

(528) Thévet (*Cosmog.* p. 934: "Se uma mulher vem a pecar e engravida, a criança ao nascer é enterrada viva e a mãe ou trucidada ou abandonada aos rapazes". Depois de casada não pode a mulher ter relações com outras pessoas e quando surpreendida em adultério é assassinada sem contemplação pelo marido". Cf. Osório (*De Rebus Emmanuelis* liv. II, p. 50).

(529) Costume comum entre os povos selvagens. Cf. Thévet (*Cosmog.* p. 933): "O mais incrível é que entre essa gente o pai prostitue a filha aos estrangeiros sem a menor cerimônia e por qualquer ninharia". Cf. Osório (*De Rebus Emmanuelis*, liv. II, p. 50) — Também foi costume na antiguidade Camítica. Cf. Herodoto, I, 196 - 199.

rigas em muitas aldeias, mas nem porisso elas ficavam difamadas e quando se casavam procuravam não mais claudicar de medo de serem mortas ou repudiadas como já disse. Direi mais que a-pesar-do clima da região em que habitam e não obstante serem orientais, nem os mancebos nem as donzelas núbeis da terra se entregam à devassidão como fôra de supor; e prouvera a Deus que o mesmo acontecesse por aquí (530). Todavia para não apresentá-los melhores do que são, direi que quando se disputam se insultam de *tivira* (531), o que quer dizer sodomita. Isso me leva a crer, embora não o possa afirmar, que entre êles existe êsse abominável vício.

Mesmo grávida a mulher não deixa de cuidar de seu trabalho cotidiano e apenas evita carregar fardos pesados. Na verdade as mulheres dos nossos tupinambás trabalham muito mais do que os homens, pois estes, à exceção de roçar o mato para as suas culturas, o que fazem sempre de manhã exclusivamente, nada mais lhes importa a não ser a guerra, a caça e a pesca e a fabricação de tacapes, arcos, flexas e adornos de penas para enfeites.

Quanto ao parto, eis o que presenciei. Pernoitando com outro francês em uma aldeia, certa ocasião, ouvimos, quase à meia noite, gritos de mulher, e pensamos que estivesse sendo atacada pelo Jaguar, essa fera carniceira que já descreví. Acudimos imediatamente e verificamos que se tratava apenas de uma mulher em dores de parto (532). O pai recebeu a criança nos braços, depois de cortar com os dentes o cordão umbelical e amarrá-lo. Em seguida, continuando no seu ofício de parteira, esmagou com o polegar o nariz do filho como é de praxe entre os selvagens do país. Note-se que as nossas parteiras, ao contrário, apertam o nariz aos recém-nascidos para dar maior beleza afilando-o. Apenas sai do ventre materno, é o menino bem lavado e pintado de preto e vermelho pelo pai, o qual, sem enfaixá-lo, deita-o em uma rêde de algodão. Se é macho dá-lhe logo um pequenino tacape e um arco miúdo com flexas curtas de penas de papagaio; depois de colocar tudo isso

(530) Montaigne, *Des cannibales*, passim.

(531) Léry grafa *tyvire* a expressão *tebira* ou *tebiró* do tupí costeiro. No guaraní dizia-se *tebirón*, de *ebirón*, vil, corrupto, infame, sodomita. À prostituta, à mulher devassa, também é aplicável essa denominação (P. A.).

(532) Thévet (*Cosmog.* p. 916) descreve outro costume: "Quando seca e cai o cordão umbelical, toma-o o pai, corta-o em pequenos pedaços e os amarra à testa da criança em número igual ao das estacas da casa, afim de que se torne avô e mantenha casa e lar". Mas confirma os demais pormenores. — "Não há entre êles parteiras. Quando uma índia se dispõe a parir acode o primeiro passante em seu socorro".

junto do menino, beija-o risonho e diz: "Meu filho, quando cresceres serás (533) destro nas armas, forte, valente e belicoso para te vingares dos teus inimigos". } F

Quanto ao nome, o pai da criança que eu vi nascer o denominou *oropacan* (534), isto é, "arco e corda", pois a palavra se compõe de *oropá* (arco) e *can* (corda). Tal como fazemos com os nossos cachorros e outros animais dão êles às crianças nomes de coisas ou bichos; assim *sarigué* quer dizer quadrúpede, *arinhan*, galinha, *arabutan*, pau brasil, *pindóba*, certa árvore grande, etc. (535).

A alimentação da criança consiste em certas farinhas mastigadas e carnes tenras (536) juntamente com o leite materno; a mãe fica de resguardo um dia ou dois; em seguida pendura o filho ao pescoço por uma cinta de algodão e vai tratar da horta como de costume. Não digo isso com o fito de censurar as nossas mulheres que, por causa dos maus ares do país guardam o leite de quinze dias a três semanas e são tão delicadas que embora nada as impessa de amamentar os filhos, como as mulheres americanas, cometem a deshumanidade de entregá-los a pessoas estranhas mandando-os para longe, onde muitas vêzes morrem sem que o saibam as mães, as quais só os querem juntos de si quando, já bem grandinhos, podem divertí-las (537). E se alguma dessas melindrosas julgar que a ofendo comparando-a com as mulheres selvagens cujo trato rural (como poderão alegar) nada tem de semelhante ao seu corpo franzino e delicado, dir-lhe-ei para adoçar o amargor da censura, que todos os animais a começar pelos passarinhos ensinam essa lição e revelam o cuidado que têm em criar seus filhos. E afim de evitar quaisquer outras objeções possíveis, direi ainda que tais damas não serão mais delicadas de corpo do que outrora certa rainha de França, a qual ao saber que seu filho mamara em outra mulher ficou tão enciumada que só teve sossêgo depois de fazer a criança vomitar o leite estranho (538).

(533) O uso existia entre os canadenses. Ver N. Perrot, p. 31 o. c.

(534) *Ybirá-apár* deu, de fato, por modificações diversas, *urupá* e *oropá*, isto é, madeira ou pau arqueado, o arco. *Çã* ou *sã* é a corda, o liame, etc. (P. A.).

(535) As mulheres, segundo Hans Staden (p. 272): "Tomam em geral nomes de pássaros, de peixes e de frutos. Dão-lhe apenas um nome ao nascerem, mas a cada vez que os homens sacrificam um prisioneiro as mulheres adotam um nome a mais".

(536) Thévet, *Cosmog.* p. 916.

(537) Rousseau talvez tivesse lido Léry quando escreveu o *Emile*. — Comparar com o belo trecho de Favorinus conservado por Aulu-Gelle, XII, I.

(538) Cf. Rousseau, *Emile*.

Voltando ao assunto, cumpre-me observar que na Europa consideramos, em geral, que se as crianças não forem bem apertadas em sua primeira infância, e bem enfaixadas, terão pernas tortas ou ficarão aleijadas. Isso não se verifica em absoluto com os filhos dos nossos americanos; desde cedo se conservam sem faixas de pé ou deitados e não há por certo crianças mais desempenadas do que essas no andar.

Admitindo entretanto que em parte isso se deva à temperatura e à benignidade do clima dêsse país, concordo em que no inverno conservemos os meninos enroupados, bem cobertos e aconchegados em seus berços, pois do contrário não resistiriam ao clima. Mas no verão e nas estações temperadas parece, pela experiência que tenho, que melhor seria deixá-los espernearem à vontade em leitos de que não pudessem sair. Com efeito, creio que muito prejudica a essas pequenas e tenras criaturas ficarem constantemente aquecidas e semi-assadas nesses cueiros que servem tanto no inverno como no verão. Todavia afim de que não se diga que estou a meter-me no que não é da minha conta, deixo aos pais e amas de nossa terra que governem os filhos como bem entenderem. Acrescentarei entretanto que embora as mulheres dêsse país não tenham fraldas para limpar o traseiro dos filhos e que nem sequer se sirvam de fôlhas de árvores, que possuem em abundância, são tão caprichosas que com pauzinhos em forma de pequenas cavilhas os limpam com muito asseio; e tão bem o fazem que jâmais os vereis emporcalhados.

Já que estou a discorrer sôbre essa matéria suja, direi ainda que os meninos selvagens, depois de crescidos, urinam em geral no meio das casas e se estas não exalam mau cheiro isso se deve ao fato de serem areadas e às fogueiras que acendem por tôda parte; quanto aos excrementos, costumam as crianças deitá-los longe das casas.

Os selvagens cuidam de todos os filhos, aliás numerosos, embora entre os brasileiros não se encontre nenhum pai com seiscentos como se escreveu de um rei das Molucas (539), o que reputo realmente prodigioso. Os filhos varões são mais estimados do que as fêmeas por causa da guerra, pois entre os selvagens só os homens combatem e só a êles cabe a vingança contra o inimigo.

Se me perguntarem ainda o que ensinam os selvagens aos filhos, quando grandes, responderei que nos capítulos VIII, XIV e XV e noutros trechos desta narrativa já me referí à índole guerreira dessa gente e a

(539) Gomara (Hist. Gen. de las Indias, § XCV, p. 127): "Vino tambien Lufz, rey de Gilolo, amigo de Almançor, que tenia seycientos hijos."

seus costumes em relação aos inimigos. Como é fácil de imaginar, não possuem colégios nem escolas de ciências ou artes liberais; a ocupação ordinária de todos, grandes e pequenos, é a caça e a guerra, no que se mostram verdadeiros sucessores de Lamech, Nemrod e Esaú; mas também se ocupam em matar e comer gente.

Ainda com relação ao casamento dos tupinambás, afirmarei, dentro da possível decência, que, ao contrário do que se imagina, os homens conservam sua honestidade natural e nunca copulam com suas mulheres em público, no que se mostram bem superiores ao filósofo cínico (540) que, apanhado em flagrante, não se envergonhou e disse apenas que estava plantando um homem. Também são incomparavelmente mais infames do que os nossos selvagens êsses bodes fedorentos que em nossos dias não se ocultam para praticar as suas obcenidades.

Permanecemos quase um ano nesse país, visitando a-miúde os selvagens e suas aldeias, mas nunca percebemos nas mulheres sinais de menstruação. Penso que os afastam ou empregam modos de sangrar diversos das européias, pois vi meninas de doze a catorze anos cujas mães ou parentas as punham de pés juntos sobre uma pedra e com um dente afiado de animal lhes faziam incisões no corpo desde o sovaco até as coxas e os joelhos; e as raparigas, com grandes dores, sangravam assim por certo espaço de tempo. Creio que procedem dêste modo desde o início para que não lhes vejam as impurezas (541).

Se me objetarem os médicos, ou outros mais sábios do que eu em tais matérias, que não podem ser tão prolíficas as mulheres casadas, como disse que eram, já que sem menstruação não é possível conceber nem procriar, responderei que não é minha intenção resolver o problema nem discutí-lo.

No fim do capítulo VIII refutei o que escreveram alguns acêrca da nudez das mulheres selvagens, alegando que dêsse modo excitam mais os homens à concupiscência do que vestidas; também aí e em outros trechos me referí à alimentação e aos costumes dos meninos americanos; portanto o leitor que desejar maiores informações a êsse respeito recorrerá a êsse capítulo.

(540) Diógenes Laerce, *Vie de Diogene*.

(541) Longa e curiosa dissertação de Thévet (*Cosmog.* p. 946) acêrca dêsse costume singular dos brasileiros. — Cf. d'Orbigny, *L'Homme Américain*, t. I, p. 193. — O padre Guevara (*História del Paraguay* p. 16) relata outros pormenores: "Costuravam-nas em suas rêdes, deixando uma péquena abertura diante da bôca para que respirassem e assim conservavam durante dois ou três dias, obrigando-as a um jejum rigoroso". — Cf. Thévet, *Singularités* § XL.

CAPÍTULO XVIII

O QUE PODEMOS CHAMAR LEIS E POLICIAMENTO ENTRE OS SELVAGENS; MODO POR QUE TRATAM OS VISITANTES AMIGOS; PRANTOS E DISCURSOS FESTIVOS DAS MULHE- RES POR OCASIÃO DAS BOAS VINDAS

E' coisa quase incrível e de envergonhar os que consideram as leis divinas e humanas como simples meios de satisfazer sua índole corrupta, que os selvagens, guiados apenas pelo seu natural, vivam com tanta paz e sossêgo. E' evidente que me refiro a cada nação de per si ou às que vivem como aliadas, pois aos inimigos já sabemos como tratam.

Se acontece brigarem dois indivíduos (o que é tão raro que durante a minha permanência de quase um ano entre êles só me foi dado presenciar duas vêzes) não procuram os outros separá-los ou apaziguá-los; deixam-nos até se furarem os olhos mutuamente sem dar palavra. Entretanto se um dêles é ferido prendem o ofensor que recebe dos parentes próximos do ofendido ofensa igual e no mesmo lugar do corpo; e ocorrendo morrer a vítima, os parentes do defunto tiram a vida ao assassino. Em resumo é vida por vida, olho por olho, dente por dente, etc. (542).

(542) E' a pena de Talião. Ver as leis bárbaras. — Hans Staden (p. 260): “Quando um índio é morto por outro, os parentes da vítima se apressam em vingá-la. Entre os índios parece ter sido, em geral, o objeto da lei não propriamente punir o criminoso mas atenuar a vingança dos parentes da vítima; os crimes só são punidos se prejudicam os interesses diretos da tribu.” — Ver Lubbock, *Origines de la Civilisation*, p. 459. — Ver também curioso trecho de N. Perrot (p. 73) acêrca da justiça entre os selvagens. — Gandavo (*Santa Cruz*, p. 112: “...quando tal caso acontece de um matar a outro, os mesmos parentes do matador fazem justiça dêle e logo à vista de todos o afogam”. *** A citação traduzida de Gandavo vem errada e foi aquí corrigida. O texto francês diz “les parents du Mort”; ora Gandavo fala em “parentes do matador” (T.).

E' verdade que isso succede muito raramente entre os selvagens, como já ficou dito.

Consistem os imóveis dêste povo em choças e terras excelentes muito mais amplas do que as necessárias à sua subsistência. Em algumas aldeias moram, na mesma casa, de quinhentas a seiscentas pessoas e não raro mais; em verdade cada família, composta de marido, mulher e filhos, ocupa lugar especial, embora as casas, que têm em geral mais de sessenta passos de comprimento, não possuam tabiques de separação que impeçam verem-se uns aos outros. A propósito cabe dizer (coisa estranha nesse povo) que os brasileiros não se demoram em geral mais de cinco a seis meses no mesmo lugar. Carregam grossos pedaços de madeira e grandes palmas de pindoba para a construção e cobertura de suas casas e mudam as aldeias sem lhes mudarem os nomes o que faz que às vêzes os encontramos a um quarto de légua ou mesmo meia légua de distância do lugar em que antes habitavam (543). Como seus tabernáculos são de fácil transporte, não precisam naturalmente de palácios altaneiros, como dizem que os têm os índios do Perú, bem edificadas com salas de cento e cinqüenta passos de comprimento e oitenta de largura (544). E não há tupinambá que comece um edifício que não possa terminar, fazer e refazer vinte vêzes na vida se por ventura chegar à idade viril. E se lhes perguntamos por que mudam tão freqüentemente, respondem apenas que passam melhor trocando de ares e que se fizessem o contrário de seus avós morreriam depressa.

No que diz respeito à propriedade das terras e campos, cada chefe de família escolhe em verdade algumas jeiras onde lhe apraz, afim de fazer suas roças e plantar mandioca e outras raízes; mas quanto a heranças e pleitos divisórios deixam aos herdeiros avarentos e demandistas cá da Europa tais cuidados.

Já em vários lugares desta narrativa afirmei que poucos são os seus trastes, mas, para não deixar de mencionar tudo que sei a respeito da economia de nossos selvagens, quero descrever aquí o método observado pelas mulheres na fiação do algodão. Igualmente direi como com êle fazem cordões e sobretudo rêdes. Depois de tirar o algodão dos capulhos, estendem-no com os dedos sem o cardar e o amontoam no chão ou sôbre qualquer objeto; como não usam rocas semelhantes às européias

(543) Hans Staden (p. 236): "Tudo consumido transportam sua habitação para outro lugar, sob a chefia de um cacique que tem, em geral, a seu mando de trinta a quarenta famílias."

(544) Gomara (*Hist. Gen. de las Indias*, § LX, p. 73). "Uma casa de maderas grandes bien entretejidas, con una sala de ochenta pasos, ancha y larga ciento y cincuenta, y con el techo que parecia de artesones".

prendem os fios à parte mais comprida de um pau redondo (fuso) da grossura de um dedo e de um pé de comprimento mais ou menos com uma espécie de pino de madeira da mesma grossura colocado de través; rolam depois êsse pau sôbre as coxas e torcem, soltando-o da mão como fazem as fiandeiras com as massarocas, e o volteiam no meio da casa ou em qualquer outro lugar, obtendo dêsse modo não só fios grosseiros para rêde mas também delgadíssimos e bem trabalhados. Trouxe eu para a França certa porção dêsse fio, de tão boa qualidade que a todos parecia de sêda o gibão branco que mandei fazer com êle. Para a fabricação das rêdes, a que os selvagens chamam *inis* (545), usam as mulheres teares de madeira, que não são horizontais nem tão complicados quanto os dos nossos tecelões, mas perpendiculares e da altura delas; depois de as urdirem a seu modo tecem as rêdes a começar pela parte inferior do tear. Certas rêdes são feitas à maneira de rendas ou de rêdes de pescar, outras têm as malhas serradas como o brim grosso. Têm elas em geral quatro, cinco ou seis pés de comprimento por uma braça mais ou menos de largura; trazem nas pontas argolas por onde passam as cordas com que os selvagens as amarram a dois postes fronteiros, expressamente fincados no chão para êsse fim. E carregam os selvagens consigo essas rêdes tanto nas guerras como nas caçadas ou pescarias à beira mar ou nos rios, suspendendo-as aos troncos das árvores para dormirem. Quando sujas pela fumaça dos fogos que acendem dentro de suas casas, ou por qualquer outro motivo, colhem as mulheres americanas certo fruto silvestre semelhante a uma abóbora, porém muito mais volumoso; cortam-no em pedaços, esmagam-no dentro d'água em qualquer vasilha de barro e batem-no com pauzinhos; assim se forma grande quantidade de espuma que lhes serve de sabão e que deixa as rêdes alvas como neve (546). Que tais rêdes são cômodas o dirão todos os que as experimentaram, principalmente no verão. E não foi sem razão que na minha história de Sancerre eu as preconizei para os soldados de guarda, porquê são muito melhores do que os enxergões nos quais sujam a roupa, se enchem de piolhos e de onde se erguem com as costelas magoadas pelas armas que trazem sempre à cinta. Com efeito adotamos êsse tipo de rêdes em Sancerre, fazendo-as com os nossos lençóis, durante todo o cêrco que durou quase um ano (547).

(545) *Iní*, ou *inín*, é a rêde de dormir, o lugar de se estar pousado. A rêde de pescar chama-se *pysá* ou *pusá* (P. A.).

(546) Hans Staden, p. 241, descrição análoga. — Thévet, *Cosmog.* p. 929.

(547) Léry (*Histoire de Sancerre*, § VII): “Nessa época, logo que começou a troar o canhão, fazendo-se necessário que todos ficassem de atalaia, lembrei-me de

Vejamos entretanto os demais trastes dos nossos americanos. As mulheres, a quem cabe todo o trabalho doméstico, fabricam muitos potes e vasilhas de barro para conservar o *cauim*; fazem ainda panelas redondas ovais, frigideiras e pratos de diversos tamanhos e ainda certa espécie de vaso de barro que não é muito liso por fora mas tão completamente polido por dentro e tão bem vidrado que não fazem melhor os nossos oleiros (548). Para êsse serviço usam um certo licor branco que logo endurece. Preparam também tintas pardacentas com as quais pintam a pincel pequenos enfeites, como ramagens, labores eróticos, etc. principalmente nas vasilhas de barro em que se guarda a farinha; são assim os mantimentos servidos com muito asseio e mais decentemente do que se faz entre nós com vasilhas de madeira. Infelizmente, como seguem a fantasia do momento, nunca se encontram duas pinturas iguais pois os pintores não usam modelo e apenas utilizam a sua própria imaginação.

Os selvagens usam também cabaças e outros frutos grandes e ocos para fazer taças a que chamam *cui* (549), bem como outros pequenos vasos para diversos fins que já mencionei atrás; possuem ainda cestas grandes e pequenas, tecidas com muita delicadeza, de junco ou outros caniços, ou ainda de vime ou palha de milho (550). A estas cestas chamam *panacú* e nelas guardam a farinha e outros mantimentos.

Não menciono aqui as armas nem seus ornatos de plumas e seus maracás porquê já os descrevi em outro lugar. Vejamos agora, após as casas e a mobília, como vivem os selvagens dentro delas.

fazer um leito à moda dos índios americanos, pendurando um lençol amarrado em ambas as extremidades. Nêle dormi dez meses, o que aliás foi logo imitado pelos soldados”...

(548) Hans Staden (p. 261): “As mulheres... fazem do barro uma espécie de massa à qual dão a forma que entendem e que sabem colorir muito bem. Deixam secarem êsses recipientes durante certo lapso de tempo e em seguida os colocam sôbre pedras e entre a madeira sêca a que põem fogo e mantêm os vasos assim até ficarem como ferro em brasa”.

(549) *Cúi*, ou *kúi*, é o vaso de beber, a vasilha, a cuia, feita de meio fruto da cuieira (*Crescentiae kujete*, Linn) (P. A.).

(550) O autor escreve de *trigo* (froment). Ou há engano, o que é provável e se trata de milho, ou existiam realmente plantações dêsse cereal, o que esclareceria seriamente o problema do trigo colonial. A hipótese do *lapsus linguae* me parece entretanto mais certa. Observe-se que não se refere Léry ao “blé de Turquie” ou “blé mauresque” ou ainda “blé sarrasin”, diversas denominações usadas no francês dessa época para o milho, mas diz *froment* que quer dizer trigo e da melhor qualidade (T.).

Os nossos tupinambás recebem com muita cordialidade os estrangeiros que os vão visitar; como estes porém não lhes entendem a língua ficam a princípio meio esquerdos entre êles (551). Visitei êsses selvagens pela primeira vez três semanas depois de nossa chegada à ilha de Villegagnon e fui em companhia de um intérprete a três ou quatro aldeias do Continente. Visitamos em primeiro lugar a aldeia de *Jaburací* (552) chamada pelos franceses *Pépin* por causa de um navio que alí carregara outrora e cujo mestre tinha êsse nome. Essa aldeia distava apenas duas léguas de nossa fortaleza e quando alí entrei vi-me logo rodeado por inúmeros selvagens que me perguntavam: — *Marapê-dererê, marapê-dererê* (553), isto é, “como te chamas?” Mas eu entendia isso como entendo grego e fiquei na mesma. Um dêles tomou então o meu chapéu e o pôs na cabeça; outro pegou da minha espada e cinto e os cingiu; outro tirou-me o casaco e o vestiu; e todos me aturdiavam com seus gritos enquanto corriam pela aldeia com os meus trajes e no meio dessa confusão eu já nem sabia onde me encontrava. Meu enleio provinha entretanto de ignorar que assim fazem com todos os estrangeiros, o que pude verificar posteriormente, sobretudo com aquêles a que nunca viram. Mas depois de se divertirem bastante com os objetos alheios êles os restituem a seus donos (554).

O intérprete me avisara de que os selvagens iriam principalmente querer saber o meu nome. Dizer-lhes que me chamava Pedro, Guilherme ou João parecia-me inútil pois não conseguiram reter o nome na memória nem pronunciá-lo corretamente; e assim de fato ocorreu quando trocaram o *Jean* por *Nian* (555). Fazia-se necessário portanto dar um nome que êles conhecessem e como *Léry* em sua língua quer dizer ostra, disse chamar-se *Léry-assú*, isto é ostra grande. Mostraram-se os selvagens muito satisfeitos, rindo-se entre exclamações e dizendo: Em verdade eis um bonito nome e ainda não vimos nenhum *mair* com nome igual. Posso garantir que nunca Circe metamorfoseou em homem tão linda ostra e que Ulisses não discreateou com ela mais sutilmente do que eu fiz com os selvagens desde então. E note-se que os selvagens têm tão

(551) Acêrca da hospitalidade dos Americanos, v. N. Perrot, p. 69, 70, 71 e 203.

(552) Várias interpretações admite essa expressão. Provavelmente trata-se de *Japurasý* (P. A.).

(553) As palavras corretas são: *marápe* (*marã-pe*) *nde réra*, qual o teu nome? (P. A.).

(554) Pormenores confirmados por Thévet, *Cosmog.* p. 929.

(555) É da índole da língua tupí-guaraní a permuta do *j* ou *í* por *n* ou *ñ* ante som nasal (P. A.).

boa memória que nunca mais esquecem o nome dado nem que fiquem cem anos sem rever a pessoa (556).

Mais adiante descreverei as cerimônias observadas na recepção dos amigos, mas por ora prosseguirei na narrativa dessa minha primeira visita aos tupinambás. Nesse mesmo dia eu e o intérprete tocamos para diante e fomos dormir na segunda aldeia chamada *Eyramiri* (557) e que os nossos denominam *Goset* por causa do trugimão aí residente. Ao chegarmos, pouco antes do pôr do sol, encontramos os selvagens dançando e bebendo *cauim* em homenagem a um prisioneiro morto seis horas antes e cujos restos ainda pudemos ver no moquém. Naturalmente fiquei estarecido diante de semelhante tragédia, mas isso não foi nada em comparação com o medo por que logo depois passei. Entramos numa casa da aldeia onde, de acordo com o costume da terra, nos sentamos cada qual em sua rede. Logo depois puseram-se as mulheres a carpir enquanto o dono da casa nos dava as boas vindas. Entrementes o intérprete a quem tais costumes não eram estranhos e que apreciava *cauinar* com os selvagens retirou-se para o grupo dos dançarinos e me deixou ali em companhia de algumas pessoas, sem nenhuma instrução especial. Como eu estava cansado, depois de ter comido alguma farinha de raízes e outros mantimentos, inclinei-me e deitei na rede em que estava sentado. Com a bulha que faziam os selvagens dançando e assobiando e festejando a matança do prisioneiro não me foi possível dormir; eis que de repente um dos convivas traz-me na mão um pé assado e moqueado da vítima e se aproxima de mim perguntando se desejava comer, o que vim a saber depois pois naquela época não o entendera. Isso causou-me tal pavor que parece desnecessário dizer que perdi toda a vontade de dormir. Pensei com efeito que a apresentação da carne humana pelo selvagem significava uma ameaça e que se pretendia com isso dar-me a entender que muito breve seria eu também preparado para o festim; e como uma suspeita acarreta outra, imaginei que o intérprete me traíra

(556) Gandavo (Santa Cruz, p. 113): "Quando alguém os vai visitar em suas aldeias depois que se assenta costumam chegarem-se a êle algumas moças escabeladas e recebem-no com grande pranto derramando muitas lágrimas, perguntando-lhe (se é seu natural) onde andou, que trabalhos foram os que passou depois que daí se foi". Tal hábito é confirmado por todos os historiadores. Thévet, *Cosmog.* p. 929, atribue essas lágrimas ao prazer experimentado pelos selvagens. Ver prancha da p. 929 de sua obra, representando a recepção de dois franceses numa família de Tupinambás. D'Orbigny (*L'Homme américain*, t. II, p. 309): "A visita começa sempre por choros em homenagem aos parentes mortos".

(557) Provavelmente *eíra-mirim*, a abelhinha ou melzinho (P. A.).

deliberadamente entregando-me a êsses bárbaros. Assim, se alguma abertura houvesse por onde eu pudesse fugir, teria escapulado. Vendome, porém, cercado de todos os lados por indivíduos cujas intenções eu ignorava (embora não me quisessem mal algum) acreditava que seria realmente comido e porisso rezei a noite inteira com todo o fervor do coração. Coloque-se o leitor em meu lugar e avaliará sem dificuldades tudo o que padecí nessa noite.

Ao amanhecer, o trugimão que passara a noite na patuscada com os selvagens, veio ter comigo e vendo-me tão pálido e desfigurado e mesmo febril perguntou se me achava incomodado e se não descansara bem; respondi encolerizado que não pregara o ôlho e que êle era um homem mau pois me deixara no meio de gente que eu não entendia; e ainda muito assustado pedi-lhe para sairmos dali sem demora. Disse-me então o intérprete que não tivesse mêdo pois os selvagens nada tinham contra nós, e contou-lhes o que me passara pela cabeça. E os índios que, satisfeitos com a minha vinda e querendo agradar-me não haviam arredado o pé, declararam que não haviam percebido o meu mêdo mas lastimavam o que me sucedera. E como são galhofeiros, desataram a rir de minhas atribulações.

Dalí seguimos para outra aldeia, mas deixarei de referir o que nos aconteceu por considerar suficiente o exemplo dado.

São as seguintes as cerimônias que os tupinambás observam ao receber seus amigos. Apenas chega o viajante à casa do *mussucá*, a quem escolheu para hospedeiro, senta-se numa rêde e permanece algum tempo sem dizer palavra. E' costume escolher o visitante um amigo em cada aldeia e para a sua casa deve dirigir-se sob pena de descontentá-lo. Em seguida reúnem-se as mulheres em tôrno da rêde e acoradas no chão põem as mãos nos olhos e pranteiam as boas vindas ao hóspede dizendo mil coisas em seu lovour, como por exemplo: "Tiveste tanto trabalho em vir ver-nos. És bom. És valente". — Se o estrangeiro é francês ou europeu acrescenta: — "Trouxeste coisas muito bonitas que não temos em nossa terra". Para responder deve o recém-chegado mostrar-se choroso também; senão quer fazê-lo de verdade, deve pelo menos fingí-lo com profundos suspiros como me foi dado observar de alguns de nossa nação que com muito jeito imitavam a lamúria dessas mulheres.

Terminada a primeira saudação festiva das mulheres americanas, o *mussacá*, que durante todo êsse tempo permaneceu sossegado num canto da casa a fazer flexas, dirá sem parecer avistar-nos (costume bem diverso dos nossos, cheios de medidas, abraços, beijos e apertos de mão): —



SAUDAÇÃO LACRIMOSA DOS ÍNDIOS TUPINAMBÁS

Erêjubê (558) isto é, “vieste, como estás, que desejas, etc.”. A isto se responderá de acôrdo com o colóquio formulado em língua brasílica e que se encontra no capítulo XX (559).

Depois disso o *mussacá* perguntará se queremos comer. Se respondermos afirmativamente, mandará depressa aprontar e trazer numa bonita vasilha de barro um pouco da farinha que comem, veações, aves, peixes, e outros manjares; como, porém, os selvagens não têm mesas, nem bancos, nem cadeiras, servem-no no chão raso. Quanto à bebida, dão-nos *cauim* que costumam ter preparado.

Em seguida voltam as mulheres com frutos e objetos da terra, afim de trocá-los por espelhos, pentes ou missangas para enfeites de braços. Quando alguém quer dormir na aldeia onde se encontra, o velho manda armar uma bonita rêde branca, e, embora não faça frio nessa terra, manda acender três ou quatro fogueiras em tôrno da rêde, já por causa da umidade, já por ser de tradição. As fogueiras são avivadas durante a noite repetidas vêzes com pequenos abanos chamados *tatapecuá* (560), parecidos com os leques de nossas mulheres.

Já me referí ao fogo, a que os selvagens chamam *tatá* (561), e à fumaça denominada *tatatim* (562); cabe-me agora dizer que o acendem quando lhes apraz de uma maneira maravilhosa e desconhecida de nós e não menos incrível do que a famosa pedra de Escóssia que, segundo o testemunho do autor das singularidades (563) da América, têm a propriedade de inflamar a estopa ou a palha pelo simples contacto.

São os selvagens muito amigos do fogo, e não pousam em nenhum lugar sem acendê-lo, principalmente à noite, pois temem então ser surpreendidos por *Aygnan*, o espírito maligno, que, como já disse, a-miúde os espanca e atormenta. Em suas caçadas no mato ou em suas pescarias nos lagos e rios, para qualquer lado que se dirijam, ignorando o uso

(558) Léry troca quase sempre o *p* por *b*; a interrogativa é *erejûpe?*, viste? (P. A.).

(559) Yves d'Evreux — *Voyage dans le nord du Brésil*. Todo o capítulo intitulado: “Da recepção que fazem os selvagens aos franceses recém chegados e do modo da gente se comportar”, confirma em seus mais ínfimos pormenores a descrição de Léry. Sôbre o assunto ler também Cardim, *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Baía, Ilhéus, etc.*

(560) Os guaranís diziam: *tatapejú*, isto é, soprar o fogo, atear o fogo soprando. No “Vocabulário na Língua Brasílica” (op. cit., 82) vem: abano para o fogo — *tatapecoába*, de acôrdo, pois, com Léry (P. A.).

(561) *Tatá* é realmente o fogo (P. A.).

(562) *Tatatim* é o fumo, a fumaça, o branco do fogo (P. A.).

(563) Thévet, *Singularités de la France Antarctique*, p. 98.

da pedra e do fusil, carregam por tôda parte duas espécies de madeira, uma tão dura como aquela de que os nossos cozinheiros fabricam espetos e outra tão mole que parece podre. Quando querem fazer fogo pegam de um pau em forma de fuso, preparado com a madeira dura e mais ou menos de um pé de comprimento, e colocam com a ponta no centro de outra peça feita com a madeira mole. Esta peça é deitada no chão ou posta sôbre um tronco mais ou menos grosso; em seguida rodam com a rapidez o pau pontudo entre as palmas das mãos como se quisessem furar a peça inferior. O rápido e violento movimento imprimido ao fuso desenvolve tal calor que em se colocando ao lado algodão ou fôlhas sêcas de árvores, o fogo pega perfeitamente; e asseguro aos leitores que eu mesmo acendí fogo dêsse modo (564). Não irei, entretanto, até dizer, como alguém o fêz em seus escritos, que antes de sabermos acender o fogo dessa maneira, já os selvagens da América secavam suas carnes no fumeiro. Como acredito no provérbio de que não há fogo sem fumaça considero mau naturalista quem procure nos fazer crer que exista fumaça sem fogo. Creio tratar-se na verdade de fumaça pois só com esta se curam, e caso quisesse o autor referir-se aos vapores e exalações concordaria em que de fato existem, e muito quentes; mas não secariam a carne ou o peixe; ao contrário, os umedeceriam ainda mais. Donde concluo que êsse indivíduo está a zombar da gente (565) e para que não se queixe o autor da *Cosmografia*, como o faz repetidas vêzes, de que não concordamos com a sua exposição por não lermos atentamente os seus escritos, rogo aos leitores que atentem para o trecho referido em que revela a existência dessa fumaça quente e ridícula que na verdade lhe enche o cérebro vazio.

Voltemos porém aos nossos selvagens. Depois de comer, beber e repousar ou dormir em suas casas, o hóspede bem intencionado deve dar aos homens facas ou tesouras ou pinças de arrancar barba. As mulheres dará pentes e espelhos, e aos meninos anzóis. E se desejar negociar víveres ou outros objetos perguntará quanto querem por êles e, entregue o valor convencionado, poderá levar a mercadoria.

Não havendo cavalos nem asnos ou outros animais de carga nesse país, o transporte se faz em geral a pé e se o viajante se sente cansado basta acenar com uma faca para que os selvagens se ofereçam como car-

(564) Hans Staden (p. 238): "Para fazer fogo os indígenas utilizam uma espécie de madeira a que chamam *urakuéila*. Põem-na a secar e tomam em seguida dois pedaços da grossura de um dedo e os esfregam um contra outro; o pó produzido se inflama com o calor".

(565) Alusão a um trecho de Thévet, *Singularités*, § LIII.

regadores. Quando eu viajava na América havia selvagens que chegavam a nos carregar aos ombros a cavalo e nos transportar assim mais de uma légua sem descansar. E se, apiedados, os convidávamos para um repouso caçoavam de nós dizendo: — “Julgais então que somos mulheres ou tão covardes e fracos que não possamos agüentar o vosso pêso?” Um dêles que me trazia certa vez ao pescoço disse-me: “Eu vos carregaria um dia inteiro sem parar”. Porisso montando essas cavalgaduras de dois pés nós as estimulávamos dizendo: “Vamos, vamos”, e ríamos vendo-os fazer das tripas coração como diz o ditado (566).

Mostram os selvagens sua caridade natural presenteando-se diàriamente uns aos outros com veações, peixes, frutas e outros bens do país; e prezam de tal forma essa virtude que morreriam de vergonha se vissem o vizinho sofrer falta do que possuem; e com a mesma liberalidade tratam os seus aliados.

Certa ocasião em que eu e dois franceses pensamos ser devorados por um enorme e medonho lagarto (ver capítulo X), andamos perdidos por espaço de dois dias e duas noites e sofremos muita fome indo ter finalmente a uma aldeia chamada *Panô*, onde outrora havíamos estado e onde fomos recebidos pelos selvagens com grande carinho. Ouviram-nos com tôda a atenção contarmos as nossas aventuras e o perigo por que havíamos passado não só de ser devorados pelos animais ferozes mas ainda agarrados e comidos pelos margaiá de cujas terras, sem querer, nos havíamos bastante aproximado. Vendo-nos horrivelmente arranhados de espinhos demonstraram-nos grande compaixão, bem diferente entre êsses pretensos bárbaros da piedade formalística usada entre nós pelos que, para consolação dos aflitos, têm apenas palavras vãs. Trouxeram-nos água fresca e começaram (o que nos lembrou os costumes dos antigos) por lavar-nos os pés e as pernas. Mandaram-nos trazer comida e determinaram às mulheres que me fizessem um bolo de farinha mole que eu gostava de comer porquê se assemelhava ao miolo de pão branco quente. Serviram-nos então boa carne de caça e de pesca e saborosas frutas que possuem sempre em abundância.

A tardinha nosso velho hospedeiro mandou que se afastassem de nós os meninos afim de que repousássemos à vontade. E no dia seguinte

(566) O costume era comum a tôda a América. Em relação à Flórida ver Basanier, *Relation de la Florida*, p. 73. Quanto ao Canadá, ler: *Second voyage de Cartier au Canadá*, ed. Charton: “Em seguida fomos conduzidos por essa gente que quando os nossos se cansavam os carregavam como se fôssem cavalos”. O costume ainda está em vigor, principalmente nas regiões montanhosas. Chamam-se *cargueiros* os índios que carregam os viajantes; estes sentam-se de costas em liteiras muito leves de bambú. Ver no *Magasin Pittoresque*, 1848, p. 233, um viajante nos Andes.

pela manhã disse-nos: “Então, *Atonô assat*” (567), que quer dizer, bons aliados “dormistes bem esta noite?” E ante a nossa resposta afirmativa acrescentou: “— Descançai ainda, meus filhos pois bem vi ontem à tarde que estáveis exaustos”.

E’ difícil contar tudo o que fizeram êsses selvagens para nos servir; pode-se dizer, em suma, que fizeram então o que São Lucas, nos atos dos Apóstolos, diz terem os bárbaros da Ilha de Malta feito com São Paulo e seus companheiros escapos do naufrágio (568).

Como andávamos sempre com um saco de couro cheio de mercadorias que nos serviam de moeda, ao deixarmos a aldeia demos-lhes facas, tesouras e pinças e às mulheres presenteamos com pentes, braceletes e missangas e aos meninos com anzóis. Para mostrar o caso que fazem dessas coisas, direi que estando certa vez numa aldeia, o meu *mussacá* pediu-me que lhe mostrasse o que tinha no *caramemo*, isto é, saco de couro. Despejei tudo numa bonita vasilha de barro que êle mandara trazer. O velho admirou a mercadoria longamente e depois chamou outros selvagens e lhes disse: “— Considerai, meus amigos, o personagem que tenho em minha casa; com tantas riquezas não lhes parece um grande senhor?” Não pude deixar de sorrir para um companheiro que estava a meu lado, pois tudo isso que o selvagem tanto apreciava se resumia em cinco ou seis facas encabadas de diversas formas, outros tantos pentes, dois ou três espelhos grandes e mais algumas miúdezas que em París não valeriam grande coisa. Como êles prezam sobretudo às pessoas liberais e como eu desejava crescer ainda na sua admiração, dei-lhe públicamente a maior e a mais bonita das facas; e êle apreciou tanto o presente quanto em França seria apreciado um trancelim de ouro de cem escudos. Quanto à segurança dos hóspedes entre os selvagens da América, devo dizer que é absoluta; assim como odeiam aos inimigos e os matam e comem quando podem, amam os amigos e aliados e não hesitam em morrer para defendê-los (569). Éramos amigos e aliados dos tupinambás e gozávamos portanto de plena segurança entre êles. Fiava-me nêles e me considerava mais seguro no meio dêsse povo, a que apelidamos selvagem, do que em França entre muitos franceses desleais e degenerados. En-

(567) E’ a mesma expressão *aturasáp* que aparece no Colóquio, seguida de comentários interessantes de Léry (P. A.).

(568) Atos, XXVII, 1, 2.

(569) Thévet (*Cosmog.* p. 92). Refere-se com admiração à extrema lealdade dos tupinambás. “Confio mais nêles do que nos turcos, mouros e árabes; como estes, não vos farão nenhum mal e se vos prometerem guiar-vos o farão ainda que à custa de seu próprio sangue”.

tretanto como quero contar aquí, imparcialmente, o pró e o contra, direi ainda um caso que me ocorreu certa vez. Achando-nos, seis franceses, na linda aldeia de *Ocarantin*, distante como já disse dez ou doze léguas do nosso fortim, aí resolvemos dormir. Separâmo-nos em dois grupos de três para adquirir galinhas da Índia e outras coisas necessárias à nossa ceia. E andava eu mais ou menos extraviado à procura das aves quando apareceu um dêsses rapazes franceses que havíamos trazido no navio *Rosée* para aprender a língua. Esse, que habitava essa aldeia, disse-me: “Aí está um bonito pato da Índia, matai-o e ficareis quites com o dono pagando-o”.

Não tive dúvida em seguir o conselho, pois muitas vêzes matara galinhas em outras aldeias, e os selvagens não se zangavam, aceitando em paga algumas facas. Apanhei depois o pato morto e fui ter a uma casa onde se achavam reunidos quase todos os selvagens do lugar, para *cavinar*. Indaguei então do dono do pato e apareceu um velho de má catadura que me disse:

— E’ meu.

— Quanto queres por êle.

— Uma faca.

— Uma faca.

Apresentei-lhe uma faca, mas ao vê-la o velho disse:

— Quero outra mais bonita.

Apresentei-lhe outra, mas êle declarou que não a queria tão pouco.

— Que queres pois que te dê?

— Uma foice.

Além de ser um preço excessivo, acontecia não ter eu uma foice, porisso disse-lhe que se contentasse com a segunda faca pois outra coisa não lhe daria. Mas o intérprete que melhor o conhecia, embora também se enganasse nessa ocasião, disse-me que o indígena estava muito irritado e que convinha arranjar uma foice de qualquer maneira. Pedí então ao rapaz uma foice emprestada e a oferecí ao selvagem; mas êste, com grande surpresa minha, a recusou também.

— Que queres pois de mim? perguntei-lhe pela terceira vez com certo enfado.

— Matar-te, replicou furioso, matar-te como mataste o meu pato, pois o pato foi de meu irmão falecido e eu o estimava acima de tudo.

E meu estúpido interlocutor foi buscar um tacape e ficou a volteá-lo sobre mim, ameaçando-me matar. Fiquei assombrado; mas como entre êles ninguém deve se mostrar intimidado dispunha-me a reagir. Entremettes, o intérprete que se achava sentado numa rêde entre mim e o selvagem aconselhou-me: — “Dizei-lhe, de espada em punho e mostran-

do-lhe vosso arco e vossas flexas, que terá de lutar convosco, pois sois forte e valente e não vos deixareis matar tão facilmente assim”.

Fazendo das tripas coração resolví enfrentá-lo. Depois de trocar com êle muitas palavras duras sem que os outros selvagens tentassem acomodar-nos, o meu agressor, ébrio de *cauim*, foi dormir e curtir a bebedeira. E eu e o intérprete fomos cear e comer o pato com os nossos companheiros que nos esperavam do outro lado da aldeia ignorantes do incidente.

Bem sabiam os tupinambás, já inimigos dos portugueses, que se matassem um francês, guerra terrível lhes seria declarada e ficariam privados para sempre de mercadorias. Tudo que fizera o meu contendor não passara portanto de mero gracejo. Com efeito, ao despertar, quase três horas depois, mandou-me êle dizer por outro selvagem que eu era seu filho e o que fizera comigo fôra para experimentar-me, para verificar o meu valor e saber se eu combateria com denodo contra os portugueses e os maracajás. Quanto a mim, para que tais fatos não se repetissem, nem mesmo com outro qualquer dos nossos patrícios, respondi-lhe significando não serem agradáveis tais brinquedos; disse-lhe que não queria por pai quem me experimentava de tacape na mão e no dia seguinte entrando na casa em que êle se encontrava, afim de acentuar a minha repulsa, dei facas e anzóis a todos menos a êle. De ambos os exemplos apresentados podemos concluir que os selvagens são sempre leais para com os amigos. E direi ainda que principalmente os velhos, a quem outrora faltava machados, foices e facas, e que agora possuem êsses instrumentos preciosos para as suas indústrias, tratam muito bem os franceses que os visitam e na previsão do futuro exortam os moços a que façam o mesmo.

CAPÍTULO XIX

DE COMO TRATAM OS SELVAGENS OS SEUS DOENTES, DOS FUNERAIS E SEPULTURAS E DO MODO DE CHORAR OS SEUS DEFUNTOS

Terminando minhas observações acêrca dos selvagens da América, direi como tratam os seus doentes e os assistem em seus últimos momentos ao aproximar-se a morte natural.

Se acontece cair doente algum dêles, logo mostra a um amigo a parte do corpo em que sente mal e esta é imediatamente chupada pelo companheiro ou por algum *pagé* (570), embusteiro de gênero diverso dos *caraibas* a que me referí no capítulo em que tratei de sua religião e que corresponde aos nossos barbeiros ou médicos. E tais *pagés* lhes fazem crer não sòmente que os curam mas ainda que lhes prolongam a vida.

Além das febres e doenças comuns, às quais, em razão do clima saúdável estão menos sujeitos do que nós, sofrem os nossos americanos de uma moléstia incurável denominada *pian* (571) e que tem por causa a luxúria, embora tenha visto meninos tão atacados dessa doença, que se pareciam com variolosos. Transformando-se o mal em pústulas mais grossas do que o polegar, que se espalham por todo o corpo, os indivíduos que o contraem ficam recobertos de marcas que se conservam durante a vida tòda, tal como entre nós ocorre aos engalicados e cancerosos que se contagiaram na torpeza e na impudícia. Com efeito,

(570) *Pagé* ou *pajé*, de *opajé*, tudo diz, ou de *pajé*, diz o fim. E' o feiticeiro, o oráculo, o médico, o profeta (P. A.).

(571) Dissertação de Thévet (*Cosmog.* p. 934) acêrca da origem da sífilis e dos diferentes remédios empregados em sua cura. Cf. Yves d'Evreux, *Voyage dans le nord du Brésil*, p. 119-121. — Thévet, *Singularités*, § XLV — Inúmeras observações no tomo XI, p. 129-156, da coleção Leber.

vi nesse país um intérprete natural de Ruão que, tendo chafurdado na obscenidade com as raparigas da terra, recebeu tão amplo e merecido salário que tinha o corpo coberto de *pians* e o rosto desfigurado a ponto de parecer com um desses leprosos em quem as cicatrizes se tornam indeléveis. E' essa a moléstia mais perigosa do Brasil.

Os americanos têm por hábito, após a sucção da parte doente do corpo, nada dar aos doentes acamados a menos que o peçam (572). E se o não fazem ficam às vêzes um mês inteiro sem comer e, por mais grave que seja a doença, nada impede os que estão com saúde de dançarem, cantarem, beberem e se divertirem com grande bulha em tórno da vítima, a qual, conciente de que de nada adiantaria lastimar-se, se conforma em ouvir a algazarra silenciosamente. Todavia se ocorre morrer o doente, principalmente em se tratando de um bom chefe de família, converte-se a cantoria em súbito pranto e tal barulho fazem que se nos encontrarmos em uma aldeia onde tenha morrido alguém não nos será possível fechar os olhos para dormir (573). As mulheres sobretudo se exaltam nas lamentações e gritam tão alto que mais parecem cães ou lobos a uivarem.

Berram umas, arrastando a voz: "Morreu quem era tão valente e tantos presoneiros nos dava a devorar!"

E outras replicam no mesmo tom: "Era bom caçador e excelente pescador".

E outras acrescentam: "Que bravo matador de *perôs* e *margaiá* era êle, e como nos vingava". E assim, excitando-se mutuamente e se abraçando, não cessam a ladainha de seus louvores enquanto o cadáver estiver presente e dizem por miúdo, tudo o que em vida o defunto praticou.

Dizem que as mulheres de Béarn (574) fazendo do vício virtude, assim cantam no pranto erguido em presença de seus maridos defuntos:

(572) Thévet (*Cosmog.* p. 935): "Essa gente estranha, ao ver um doente atormentado pela febre ou pela dor, nunca lhe dará nenhum alimento enquanto não fôr solicitada".

(573) Thévet (*Cosmog.* p. 926): "E' horrível ouvi-los se lamentarem; e a desarmonia lembra a algazarra dos gatos e cães em luta. Homens e mulheres se mantêm em suas rêdes ou acorados... e as mulheres cantam com longos silêncios de entremeio as seguintes palavras: *Cheremi mota ronere imen*. Suspiram então profundamente: *eh hé, eh hé, etc*". Tal costume era muito comum na antiguidade. Ver Pindaro Cf. os miriólogos da Grécia moderna e os voceros da Córsega.

(574) Esse costume existe ainda na Córsega e na Grécia moderna. As mulheres corsas encarregadas de carpir o defunto chamam-se *vocera trices*. Quanto aos miriólogos gregos, lembram os trenos da antiguidade.



La mi amon, la mi amon, cara rident, oeil de splendon; cama leugé, bel dansadou; lo me balen, lo m'es burbat; mati depes; fort tard au lheit, o que quer dizer: meu amor, meu amor, cara risonha, olhos brilhantes, perna ligeira, bom dançarino, homem valente, madrugador; cedo de pé, tarde na cama. E afirmam que as mulheres da Gasconha acrescentam: *Vere, vere, ô le bet renegadon, ô le bet jougadam qu'here*, ou seja: Ai de mim, ai de mim, que lindo renegado, que belo jogador era êle. Assim fazem as nossas americanas repetindo a cada estância o estribilho: "Morreu, morreu, aquêle que agora carpimos". E os homens a isso respondem dizendo: "Em verdade não o veremos mais, a não ser quando formos para além das montanhas, onde como nos ensinam os nossos caraíbas, dançaremos com êles".

Tal cerimônia dura em geral apenas meio dia, pois não conservam mais tempo os cadáveres insepultos (575).

Depois de aberta a cova, não comprida como as nossas mas redonda e profunda como um tonel de vinho, curvam o corpo e amarram os braços em tórno das pernas, enterrando-o quase de pé. Se o finado é pessoa de destaque sepultam-no na própria casa, envolvido em sua rêde, juntamente com os seus colares, plumas e outros objetos de uso pessoal. E' verdade que também os antigos se comportavam do mesmo modo e José (576) nos diz que muitas coisas foram depositadas no túmulo de David; por outro lado vários historiadores profanos se referem a preciosas jóias que eram enterradas com os seus donos e apodreciam com o cadáver. Sem ir tão longe, direi que os índios do Perú (577) terra contígua à dos brasileiros, enterram com seus reis e caciques grande quantidade de ouro e pedras preciosas. Muitos entre os primeiros espanhóis que estiveram nesse país ficaram riquíssimos violando os túmulos e roubando o que podiam encontrar. E a êsses avarentos bem se poderia aplicar o dístico que, segundo Plutarco (578) a rainha Semiramís mandara gravar na sua sepultura: "Quem quer que seja o rei ansioso

(575) Thévet (*Cosmog.* p. 925): "Depois de morto dobram-no na rêde em que morreu como uma criança antes de nascer; em seguida colocam-no assim embrulhado e amarrado com cordéis de algodão num grande pote de barro. Enterram-no então num buraco redondo, da profundidade de um homem mais ou menos". Cf. Yves d'Evreux, *Voyage au nord du Brésil*, p. 126-127.

(576) José, *Antiquités judaïques*, liv. VII, § 15, 3.^a ed. Didot, p. 281.

(577) Gomara (*Hist. Gen. de las Indias*, § CXXIII, p. 160): "... y comenzaron... otros a desenterrar las joyas, y vasos de oro, que con los muertos estaban..."

(578) Plutarco, *Moralia, Regum et Imperatorum apophthegmata*, ed. Didot, p. 205.

por dinheiro, abrindo êste meu túmulo tire quanto quiser". Aberto o sepulcro, porém, em vez de ouro se encontrava outra inscrição: "Se não fôsses um miserável faminto de ouro, jàmais terias violado cadáveres em busca de tesouros".

Voltando aos nossos tupinambás direi que depois que entraram em contacto com os franceses já não enterram mais coisas de valor como costumavam fazer; mantêm porém uma superstição muito extravagante, como vereis (579). Acreditam firmemente que se *Anhánga* não encontrar alimentos preparados junto das sepulturas desenterrará e comerá o defunto; porisso colocam, na primeira noite depois de sepultado o cadáver, grandes alguidares de farinha, aves, peixes e outros alimentos e potes de *cauim* e continuam a prestar êsse serviço verdadeiramente diabólico ao defunto, até que apodreça o corpo. Dêsse êrro era muito difícil demovê-los, porquanto os intérpretes normandos que nos haviam precedido no país, imitando os sacerdotes Baal a que aludem as Escrituras, confirmavam os selvagens na supersticiosa crença afim de se aproveitarem, à noite, da pitança excelente; e nunca nos foi possível levar os selvagens a compreender que os alimentos depositados não eram consumidos por Anhánga. Mas êsse absurdo não me parece muito diferente da insânia dos rabinos (580) ou da de Pausanias. Sustentam com efeito os rabinos que o defunto fica pertencendo a um diabo a que chamam Zabel e que, segundo Levítico (581), é o príncipe do deserto; e para confirmar o êrro, interpretam a seu modo a passagem bíblica em que se diz à serpente: "Tu comerás terra por todo o tempo de tua vida".

Afirmam êles que o nosso corpo é feito do limo e do pó da terra, que constitue a carne da serpente; portanto fica-lhe sujeito até transformar-se em natureza espiritual. Pausanias (582) também se refere a outro Diabo chamado Eurinomo, que, segundo os intérpretes dos Delfos, devorava a carne dos mortos até os ossos.

Já mostramos no capítulo precedente como os selvagens renovam e transferem suas aldeias de uns para outros lugares. Quanto às sepulturas costumam colocar pequenas coberturas de fôlhas de *pindóba* de modo a que os viandantes reconheçam a localização dos cemitérios e a

(579) Yves d'Evreux, *Voyage dans le nord du Bresil*, p. 128.

(580) Viret, *Physique papale*, Dialogue III, p. 210.

(581) Revistas, XVI, XVII — Gênese, III, 14.

(582) Pausanias, Phocide, § XXVIII.

que as mulheres lenhadoras, ao se lembrar de seus maridos, desatem a chorar com gritos de se ouvirem à distância de meia légua.

Como acompanhei os selvagens até o túmulo, rematarei aqui as minhas observações acêrca dos costumes dessa gente. Todavia poderão os leitores encontrar ainda alguma coisa a respeito no colóquio seguinte (583) que compús na América com a ajuda de um intérprete muito senhor da língua do país não só por ali ter estado sete ou oito anos mas ainda por te-la estudado e confrontado com o idioma grego do qual os tupinambás tiraram algumas palavras como poderão observar os que a entendem (584).

(583) Por conveniência de paginação e por versar matéria distinta, traduzida e comentada sàbiamente por Plínio Ayrosa, foi o capítulo XX colocado em apêndice (T.).

(584) M. Brasseur de Bourbourg adotou essa teoria em relação à língua Quichua. Ver sua obra sôbre *La grammaire de la langue Quicheé*, Paris, 1862. — Court. de Gebelin, (*Monde primitif*, T. VIII, p. 515) já encontrara analogias entre certas raízes gregas e americanas. — Comparar com De Castelnau, *Voyage dans l'Amérique méridionale*, t. IV, p. 266. — De Rivero, *Revue des races latines*, t. XIV, p. 221. — P. Gaffarel, *Rapports de l'Amérique et de l'Ancien continent avant C. Colomb*, p. 158. — Lopez, *Les Aryas en Amérique*

CAPÍTULO XXI

A NOSSA PARTIDA DA TERRA DO BRASIL, OS NAUFRÁGIOS E PERIGOS DE QUE ESCAPAMOS NO REGRESSO

Para bem compreender o motivo de nossa partida do Brasil é preciso ter na memória o que eu disse no fim do capítulo VI, isto é, que depois de estarmos oito dias na ilha em que residia Villegagnon este, rebelando-se contra a religião reformada e arrogando-se autoridade contra nós, procurou domar-nos pela força, o que nos levou a retirar-nos para o Continente onde nos fomos estabelecer ao lado esquerdo de quem entra no rio da Guanabara, também chamado de Janeiro, a meia légua do forte de Coligny, no sítio denominado Olaria. Aí estivemos quase dois meses, abrigados em casebres construídos por operários franceses para se repousarem quando em pescaria ou a negócios dêsse lado.

Entrementes os senhores de Lachapelle e Boissy, que tinham permanecido com Villegagnon, o abandonaram pelo mesmo motivo que nós e vieram reúnir-se ao nosso grupo, participando do ajuste de seiscentas libras tornesas, além de víveres do país, que pagamos ao mestre do navio que nos trouxe de volta.

Cabe-me, de acôrdo com a promessa já feita, contar, antes de proseguir qual a attitude de Villegagnon para conosco por ocasião de nossa partida da América. Constituindo-se vice-rei do país, não ousavam os marinheiros franceses fazer algo sem o seu consentimento; porisso mandou êle ao navio ancorado no pôrto a carregar, licença assinada de seu punho; escreveu ainda ao mestre do dito navio uma carta em que declarava que nenhuma dificuldade opunha pessoalmente ao nosso embarque. Pois assim como se alegrara com a nossa vinda, pensando encontrar o que buscava, assim também ficava contente por voltarmos por não estar de acôrdo conosco. Com isto nos ocultava uma traição; dera com efeito ao mestre uma caixinha embrulhada em pano encerado (por

causa do mar) com cartas dirigidas a vários personagens inclusive um processo em que, sem que soubéssemos, se pedia ao primeiro Juiz de França prender-nos e mandar-nos queimar como herejes. Assim recompensava êle os serviços que lhe havíamos prestado e selava a nossa licença com essa deslealdade que, graças a Deus, como se verá, só serviu para confusão do traidor.

Depois de carregado o *Jacques* com pau Brasil, pimentão, algodão, bugios, saguís, papagaios e outras coisas da terra, que levavam os passageiros, partimos a 4 de Janeiro de 1558.

Antes porém de iniciarmos a viagem, quero mais uma vez demonstrar que cabe a Villegagnon, exclusivamente, a culpa de não se terem os franceses enraizado nesse país. Fariban de Rouen, capitão do navio, empreendera a viagem a instâncias de vários personagens notáveis da religião reformada em França e com o propósito, segundo nos declarou de explorar a terra e escolher um lugar adequado à localização de setecentas a oitocentas pessoas que deveriam vir, ainda nesse ano, em grandes urcas de Flandres, para colonizar o país. A rebeldia de Villegagnon o impedira. E creio que se Villegagnon tivesse permanecido fiel à religião reformada, cêrca de dez mil franceses estariam hoje instalados no Brasil; assim não só teríamos aí uma boa defesa contra os portugueses, em cujas mãos não cairia o forte, como caiu depois de nosso regresso, mas ainda boa extensão de terras pertenceria ao nosso rei e êsse pedaço do Brasil com tôda a razão continuaria a chamar-se *França Antártica* (585).

O navio em que regressamos era de pequena capacidade e o mestre dêle, por nome Martin Boudoun, do Havre, tinha apenas vinte cinco marujos sob as ordens; com os quinze passageiros formavam um total de quarenta e cinco pessoas a bordo. A 4 de janeiro levantamos âncora, pondo-nos sob a proteção de Deus, e iniciamos a travessia dêsse grande e impetuoso mar oceano do Ocidente. Não o fizemos entretanto sem muita apreensão, tanto por causa da recordação das dificuldades que tivéramos na ida como pelo fato de muitos dentre nós, que haviam encontrado na terra meios de servir a Deus e apreciavam a fertilidade

(585) Cartas de Simon Renard, Embaixador da Espanha na França, dirigidas à rainha de Portugal (*Lettres et papiers d'Etat de Granville*, t. IV, p. 659 e 701). "Sou de opinião que tendo Villegagnon tomado um pôrto no caminho das índias, o fortificará por ordem do rei de França e que com três a quatro mil soldados que possa receber conquistará uma parte das índias e impedirá a navegação". — "E há neste país dois espanhóis que se oferecem ao rei da França para, com alguns homens atacar as índias e conquistá-las."

do país, não desejarem regressar à França, onde as dificuldades eram então e são ainda incomparavelmente maiores no que concerne à religião e mesmo à vida cotidiana. E teriam ficado se não fôra o tratamento recebido de Villegagnon. Assim, ao dizer adeus à América, aqui confesso, pelo que me respeita, que, embora amando como amo a minha pátria, vejo nela a pouca ou nenhuma devoção que ainda subsiste e as deslealdades que usam uns para com outros; tudo aí está italianizado (586) e reduzido a dissimulações e palavras vãs, porisso lamento muitas vezes não ter ficado entre os selvagens nos quais como amplamente demonstrei, observei mais franqueza do que em muitos patrícios nossos com rótulos de cristãos.

Já no comêço de nossa viagem tivemos que dobrar os grandes baixios que avançam quase trinta léguas para o mar e são muito temidos dos navegantes; e como o vento não nos ajudava, estivemos a ponto de arribar. Depois de andar vogando por espaço de sete a oito dias, atirados para um e outro lado por êsse vento mau que nos prejudicava a marcha, verificou o marinheiro de quarto que entrava água pela pôpa do navio e conquanto lutassem com ela, fazendo mais de quatro mil zonzaduras (os que freqüentam o oceano entendem bem êste têrmo) não puderam esgotá-la nem estancá-la. Cansados de tocar a bomba, desceu o contra-mestre para verificar donde provinha a água e observou que a água jorrava em vários pontos com violência e com o pêso da que havia nos porões o barco já não governava e aos poucos afundava.

É fácil imaginar a que ponto o fato nos apavorou quando fomos despertados e notificados do perigo. Êste era tão evidente que, certos do naufrágio e sem esperanças de salvação, muitos já imaginavam morrer afogados. Quis Deus, entretanto, que alguns passageiros, e eu com êles, resolutos em defender a vida se tomassem de coragem e com duas bombas sustentassem o barco até meio dia, ou seja durante doze horas. A água entrava no navio com tanta abundância que as bombas não conseguiam esgotá-la e como ela encharcara o pau brasil, que constituía a carga do navio, corria pelos canais vermelha como sangue de boi. Todos os nossos esforços eram empregados no sentido de, com o vento favorável, voltarmos à terra de que nos achávamos relativamente perto e que avistamos quase pelas onze horas do mesmo dia. Entretanto o carpinteiro do navio, auxiliado por marinheiros, lutava sob o convés contra as fendas e trabalhava, com toucinho, chumbo, panos e outras coisas para tapar as mais perigosas o que conseguiu finalmente quando já não tínhamos mais fôrças para continuar a bombar. Mas

(586) Essas palavras visam Catarina de Medicis e seus favoritos italianos.

dizia o carpinteiro, após ter revistado o navio, que êste era muito velho e a tal ponto carcomido que não lhe parecia com resistência suficiente para a viagem, sendo êle de opinião que voltássemos ao ponto de partida para tomarmos outro barco ou reconstruirmos o nosso. E tudo isso foi muito debatido. Objetou, porém, o mestre que se regressasse à terra os marinheiros o abandonariam; preferia, portanto, com muito pouco juízo, arriscar a vida a perder o barco com as mercadorias. Disse ainda que se o senhor Du Pont e demais passageiros quisessem regressar à terra lhes daria uma barca, ao que dito senhor Du Pont logo respondeu afirmando estar resolvido a continuar a viagem e aconselhou seus camaradas a fazerem o mesmo. Replicou o mestre que além do perigo da navegação, permaneceríamos no mar muito tempo e talvez não houvesse víveres bastantes para todos. Em vista dessas objeções eu e mais cinco companheiros decidimos voltar à terra dos selvagens, distante apenas nove ou dez léguas, já considerando a possibilidade do naufrágio, já a da fome.

Pusemos no bote alguma farinha de mandioca, bebidas e nossas roupas; mas ao nos despedirmos de nossos companheiros, um dêles, penalizado com a separação e impellido pela amizade que me devotava, estendeu os braços para a barca e disse: “— Peço-vos que fiquéis conosco, pois a-pesar-da incerteza em que estamos de aportar em França há mais esperanças de nos salvarmos do lado do Perú ou de qualquer outra ilha do que das garras de Villegagnon que, como podeis imaginar, nunca vos dará sossêgo.”

O momento não era para discursos e, atentando para as suas observações, deixei na barca parte de minha bagagem e subí apressadamente para o navio, preservando-me assim do perigo previsto com acêrto por êsse amigo. Quanto aos outros cinco, que tinham por nomes Pedro Bourdon, João Bordel, Mateus Verneuil, André Lafon e Tiago Leballeur, despediram-se tristemente de nós e voltaram para o Brasil onde aportaram com grandes dificuldades. Mas Villegagnon mandou matar os três primeiros por divergências religiosas, como contarei no fim.

Dando velas ao vento, buscamos novamente o mar alto nesse velho e mau navio em que, como num verdadeiro sepulcro, antes esperávamos a morte do que a vida. Com efeito, além de passarmos os baixios com grande dificuldade, sofremos contínuas tormentas durante todo o mês de janeiro, não cessando o nosso navio de fazer água. E se não estívéssemos sempre a tocar a bomba, teríamos perecido cem vezes num dia. Navegamos assim muito tempo antre tormentos sucessivos, até cerca de duzentas léguas do Continente; avistamos então uma ilha deserta

(587), redonda como uma torre e que, na minha opinião tinha mais ou menos meia légua de circuito.

Costeando-a pela esquerda observamos que a ilha era verdejante de vegetação, embora em pleno mês de janeiro, e dela saía uma multidão de aves muitas das quais vinham pousar nos mastros e cordagens do navio, deixando-se apanhar com a mão (588); e de longe parecia essa ilha um pombal. Havia pássaros pretos, pardos, esbranquiçados e de outras cores que, no vôo, pareciam grandes mas, depenados, não eram maiores do que um pardal. A distância de quase duas léguas à direita lobrigamos uns rochedos em forma de sinos e isso nos inspirou o temor de que os houvesse à flor d'água capazes de nos romperem o casco. Durante toda a nossa viagem de cinco meses, não vimos outra terra além dessas ilhotas que não se encontravam ainda assinaladas nos nossos mapas e talvez não tivessem sido mesmo descobertas.

Em fins de fevereiro ainda nos achávamos a 3 graus da linha equinocial. Cêrca de sete semanas já haviam passado e os nossos víveres diminuía, porisso tivemos idéia de aportar ao Cabo de São Roque habitado por certos selvagens que, no dizer de alguns, não forneciam refresco aos navegantes. A maioria foi de parecer que era preferível matar parte dos bugios e papagaios afim de economizar o alimento e continuarmos a nossa rota.

Já declarei no capítulo IV as aflições e trabalhos que tivemos, na ida, perto do Equador; mas observando por experiência quanto maiores são as dificuldades na viagem de regresso, o que bem sabem todos os que atravessaram a zona tórrida, direi aquí qual a causa na minha opinião acêrca do fenómeno. Supondo-se que a linha do Equador, tirada de leste ao oeste, seja como o espinhaço do mundo, não basta, para os que viajam de norte para sul e vice-versa, pois bem sei que não há altos e baixos em uma bola, o trabalho de subir a essa sumidade (589); há que lutar também contra as correntes marítimas que podem vir de

(587) E' impossível fixar a posição desta ilha com a imprecisão da descrição. E' permitido hesitar entre Trindade, Fernando de Noronha ou S. Paulo. Cf. Bouyer, *Voyage en Guyane. Le rocher du connétable, Tour du Monde*, n.º 334.

(588) Goneville (*Relation de son voyage*, 1503) já observara êsses pássaros e sua plumagem abundante: "Sete ou oito dias após o desembarque viram uma ilha deserta, coberta de vegetação, de onde saíam milhares de pássaros alguns dos quais chegaram a pousar nos mastros e cordagens do navio, deixando-se pegar. E pareciam êsses pássaros muito emplumados"...

(589) Tais teorias são muito discutíveis. A verdadeira causa das dificuldades da viagem foi apontada por Maury, *Géographie de la mer*. Cf. F. Julien, *Les harmonies de la mer*.

ambos os lados sem que as percebamos, em meio ao abismo das águas, e contra os ventos inconstantes que saem dêsse ponto como de seu ninho e sopram em sentido oposto repelindo os navios (590). Essas as três coisas que no meu entender fazem o Equador de difícil acesso; e o que me confirma nesta opinião é que ao chegarmos a 1 grau da linha equinocial, tanto na ida como na volta, os marujos jubilosos por terem transposto êsse obstáculo auguram bem da viagem e exortam os passageiros a comer tudo que cuidadosamente guardavam na incerteza da travessia. Por conseguinte quando os navios estão no declive do globo, descem e não se esforçam como na subida. Acrescente-se a isso que os mares se comunicam uns com os outros sem que cubram a terra, graças a Deus, embora sejam mais altos e se apóiem nela; apenas a dividem em muitas ilhas e parcelas que consideram ligadas entre si como que por raízes prêsas ao fundo dos abismos. Essa grandiosa massa d'água está assim suspensa com a terra sôbre dois quícios em perpétuo movimento como o demonstram as marés; como êsse movimento geral tem o seu ponto de partida sob a linha equinocial, quando o hemisfério sul avança girando até os limites que lhes são prescritos, o hemisfério septentrional recua na mesma proporção e os que se encontram no meio da bola são agitados como se estivessem sôbre uma gangorra que se abaixa a cada instante e vêem-se assim impedidos de avançar. A tudo isto deve-se acrescentar o que já apontei em outro lugar: a intemperança do ar e as calmarias freqüentes no Equador, que prejudicam o navegante e o forçam a permanecer muito tempo junto dêle sem conseguir transpô-lo. Eis em resumo o que penso dessa importante matéria, aliás muito discutível, pois para bem a compreender só quem criou essa máquina redonda de água e terra miraculosamente suspensa no espaço. Estou certo portanto de que nenhum homem por mais sábio que seja poderá discorrer em contrário sem estar sujeito a correção. Em verdade poderíamos razoavelmente discutir tudo isso tal como se faz nas academias, o que é muito louvável como exercício para a inteligência mas não pode ser considerado como supremo objetivo como querem os ateus (591). Quanto a mim, em relação a êsse assunto, só acredito realmente no que dizem as Santas Escrituras; procedem elas de quem tôda a verdade conhece e é portanto a suprema e indiscutível autoridade.

(590) Estranha explicação das calmarias. Aliás essa cosmografia ingênua e pretenciosa só tem hoje um interêsse retrospectivo. Vejam-se os belos trabalhos de Maury.

(591) *** Em que pese a obscuridade do trecho todo, temos nêle uma amostra do espírito positivo de Léry, de sua objetividade também. Desagradam-lhe as discussões estéreis tão do sabor da época, as teses acadêmicas puramente retóricas (T.).

Prosseguimos em nossa viagem, aproximando-nos pouco a pouco e com dificuldade do Equador. Dias mais tarde o piloto, tomando o ponto no astrolábio, assegurou-nos que estávamos exatamente em cima da linha no próprio dia equinocial, isto é 11 de março, o que acontece, ao que parece, raramente. Tínhamos então o sol no *zenith*, vertical sôbre as nossas cabeças e intenso era o calor que sofriamos.

Em outras estações o sol, pendendo alternadamente de um e outro lado para os trópicos, afasta-se dessa linha, porisso é impossível existir no globo lugar mais quente; e parece-me incrível o que disse alguém, que reputo digno de fé (592) acêrca de certos espanhóis. Afirma êsse escritor que passando êles em certa região do Perú não sòmente viram nevar sob a linha equinocial mas ainda grande fadiga e trabalho arros-taram para atravessar montanhas cobertas de neve, em meio a um frio tão violento que muitos ficaram gelados (593). Não me parece ponderável argumentar com a opinião dos filósofos que imaginam se forme a neve na região média do ar; estando o sol perpétuamente a prumo na linha equinocial, o ar se mantém sempre quente e não pode haver neve (594). Nem me parece digna de atenção, salvo melhor juízo dos doutos, a objeção da altitude e da frialdade da lua. Concluo, portanto, que êsse caso é extraordinário e constitue uma exceção à regra filosófica. A solução mais certa para a questão está nas próprias palavras de Deus a Job quando, para mostrar-lhe que os homens mais sutís nunca chegariam a compreender a magnificiência de suas obras, disse: — “Entraste nos tesouros da neve? Viste também os tesouros do granizo?” E isto é como se o Eterno, êsse grande e maravilhoso obreiro, dissesse a seu servo: — “Em que celeiro tenho eu essas coisas, conforme o teu entendimento? Poderias dar a razão disso? Não, por certo, pois não és bastante sábio.”

Voltemos porém ao meu assunto. Depois que o vento de sudoeste nos impeliu para fora dêsses grandes calores em que nos assávamos como em um purgatório, avançamos e começamos novamente a ver o

(592) Gomara (*Hist. Gen. de las Indias*, § CXXVI, p. 163): “Passaron tambien unas mui nevadas sierras, y maravillaram-se del mucho nevar, que hazia tan debajo la Equinocial, etc”.

(593) Nada mais natural em vista da altitude. Quito, sob o equador é uma das cidades mais frias da América (Charton, *Tour du Monde*, n.º 391) e inúmeros picos em redor da cidade se acham sempre cobertos de neve.

(594) Entretanto, sob o equador, o Pichincha, o Cotopaxi, o Antisana e o Chimborazo, na América, o Kenia, o Kilimandyaró e os picos ainda semi-desconhecidos da bacia superior do Nilo, na África, têm neves eternas.

nosso Polo Ártico, que havíamos perdidos de vista há mais de um ano. Mas para evitar a prolixidade, envio os leitores aos primeiros capítulos em que tratei das coisas notáveis que vimos na ida; não repetirei aqui (595) o que já disse sobre os peixes voadores e outros que se encontram na zona tórrida.

Prosseguindo na narração dos extremos perigos de que Deus nos livrou no mar, durante o nosso regresso, contarei um dêles, proveniente de uma disputa surgida entre o nosso contramestre e o nosso piloto, em virtude da qual, por despeito, nenhum dêles desempenhou desde então os deveres de seu cargo. A 26 de março, fazendo o piloto o seu quarto, conservou abertas tôdas as velas sem perceber a aproximação de um furacão que se preparava e que desabou com tal ímpeto que adernou o navio a ponto de mergulharem os cêstos de gávea e a ponta dos mastros no mar, atirando à água cabos, gaiolas e todos os objetos que não estavam bem amarrados, pouco faltando para que virássemos completamente. Todavia, cortadas com rapidez as enxárcias e escotas da vela grande, aprumou-se o navio pouco a pouco. Pode-se dizer que só por um milagre nos salvamos, mas nem porisso concordaram os causadores do mal em reconciliar-se, não obstante os rogos de todos; muito ao contrário, apenas passado o perigo engalfinharam-se e com tal fúria se bateram que julgamos se matassem na luta.

Por outro perigo passamos dias depois. Estando o mar calmo pensaram o carpinteiro e outros marinheiros em aliviar-nos do trabalho de bombar, procurando tapar melhor as fendas por onde entrava a água. Aconteceu que mexendo em um dêles para consertá-lo, despregou-se uma peça de madeira de quase um pé quadrado e a água entrou com tal abundância e rapidez que forçou os marinheiros a subirem para o convés abandonando o carpinteiro. E sem sequer contar-nos o fato ber-ravam: — “Estamos perdidos, estamos perdidos”. Diante disso o capitão, o mestre e o piloto trataram de pôr ao mar a tôda a pressa o escaler, mandando também lançar à água os toldos do navio, grande quantidade de pau brasil e outras mercadorias num valor total de mil francos, decididos a abandonar a embarcação e a salvar-se no bote. Mas temendo o piloto que o grande número de pessoas que tentavam embarcar tornasse a carga excessiva, saltou do bote com um cutelo na mão, ameaçando romper os braços do primeiro que tentasse entrar. Vendo-nos assim desamparados à mercê das ondas, lembramo-nos do primeiro naufrágio de que Deus nos livrara e, resolvidos a lutar pela vida, emprega-

(595) Ver capítulos II, III e IV.

mos tôdas as nossas fôrças em bombar a água afim de que o navio não afundasse; e tanto trabalhamos que o conseguimos.

Nem todos porém se mostraram corajosos. Os marinheiros, em sua maioria, estavam desatinados e tão temerosos se mostravam da morte que já não se importavam com coisa alguma a não ser em beber à farta.

Estou certo de que os rabelesianos, escarnecedores e desprezadores de Deus, que em terra tagarelam sentados à mesa e comentam com mo-tejos os naufrágios e perigos em que se encontram muitas vêzes os navegantes, teriam seus gracejos mudados em pavor se nesta situação se encontrassem. E creio também que muitos leitores desta narrativa e dos perigos por que passamos dirão com o provérbio: — “Muito melhor é plantar couves ou ouvir discorrer do mar e dos selvagens do que tentar tais aventuras”.

Como era sábio Diógenes admirando àqueles que, depois de resolver navegar, não navegavam.

Mas não estava tudo acabado ainda pois isso nos aconteceu há mais de mil léguas do pôrto que buscávamos e muitos perigos teríamos ainda que sofrer como se verá adiante. Por ora vejamos como nos livramos da presente situação. O nosso carpinteiro, rapaz animoso, não abandonara o porão como os marinheiros, mas enfiara o seu capote de marujo no buraco, comprimindo-o com os pés para quebrar o impulso da água, a qual, como depois nos disse, por várias vêzes o desalojou, tal a sua impetuosidade. Assim nessa posição gritou êle quanto pôde para que os de cima, do convés, lhe levassem roupas, rêdes de algodão e outras coisas com que pudesse deter o jôrro d'água enquanto consertava a peça. Graças a êsse esforço fomos salvos.

Os ventos tornaram-se então inconstantes, rumando o nosso navio ora para leste ora para oeste (e nós íamos para o Sul) (596); e sendo o nosso pilôto pouco entendido no ofício, perdeu a direção e deixou-nos navegar incertos até o trópico de Câncer. Nessas paragens vogamos durante quase quinze dias por entre ervas flutuantes tão espêssas e em tal quantidade que para não ficarmos detidos foi preciso rompê-las a machado, abrindo caminho ao navio. E como essa erva dava ao mar uma aparência turva, imaginei que estivéssemos em lagoas lamacentas (597) e por conseguinte perto de ilhas. Entretanto, a-pesar-de lançar-

(596) Engano de Léry, porquanto se dirigia para o norte.

(597) Ver P. Gaffarel. *La mer des Sargasses. Bulletin de la Société de Géographie*, Dezembro de 1872.

mos a sonda com mais de cinquenta braças de corda, não encontramos o fundo nem descobrimos terra alguma. A êsse respeito escreveu aliás o historiador das Índias (598) dizendo que em sua primeira viagem em 1492, Cristóvão Colombo refrescou em uma das ilhas Canárias e depois de singrar muitos dias encontrou tanta erva que o mar lhe parecia um verdadeiro prado; e com isso se amedrontou embora não houvesse perigo. Tais ervas marinhas a que aludo ligam-se entre si por meio de longos filamentos; assemelham-se à *hedera terrestris* e flutuam no mar sem raízes. Têm as folhas idênticas às da arruda e favas redondas do tamanho das do zimbro; são alvacentas como o feno seco e, como observamos, não oferecem perigo ao tacto como ocorre com certas imundícies vermelhas que vi no mar várias vezes e tinham feitiço de cristas de galo e eram tão venenosas e pestilentas que a mão ficava rubra e inchada ao tocá-las.

Uma vez que me refiro à sonda, a cujo propósito tantos absurdos escreveram, como por exemplo que os navegantes a deitam ao fundo do mar e a recolhem com terra na ponta, conhecendo assim a região em que se encontram, devo dizer que isso é falso no que diz respeito ao oceano e vou relatar o que vi e para que serve êsse instrumento. A sonda é um aparêlho de chumbo à feição do pau do jôgo da malha. Os marinhos furam-no numa extremidade e amarram a corda, pondo sebo na outra ponta. Quando se aproximam do pôrto ou julgam se achar em lugar onde possam deitar âncora, soltam a sonda e deixam-na correr; se ao suspendê-la deparam com cascalhos grudados no sebo consideram ser o fundo suficientemente sólido. Se ao contrário nada recolhem, concluem estarem em cima de um fundo de lama ou pedra em que a âncora não se pode prender e vão sondar mais adiante. Fica assim reparado o êrro. Aliás, segundo o testemunho de todos os que estiveram no grande mar oceano, é nessas regiões absolutamente impossível tocar o fundo ainda que dispuséssemos de tôdas as cordas do mundo. Por outro lado, em alto mar somos forçados a navegar dia e noite quando sopra o vento e a parar de repente em tempo calmo, porquê o navio não pode andar a remo como as galés. Não discuto a possibilidade de se fazerem tais provas de terra no mediterrâneo ou nos desertos da África onde também, conforme vemos escrito (599), o viajante se dirige pelas estrêlas

(598) Gomara (*Hist. gen. de las Indias*, § XVI, p. 20): "Y acabo de mucho dias topo tanta yerva, que parecia prado, y que le puso gran temor, aunque no fue de peligro."

(599) Calcondyle — Guerra dos turcos (nota de Léry).

e pela bússola; mas em relação ao mar do Ocidente sustento ser verdade o que acabo de dizer.

Como temíamos encontrar piratas nessas paragens, ao sair dêsse mar de ervas não só assestamos quatro ou cinco peças de artilharia que havia no navio, mas ainda preparamos as necessárias munições para nos defendermos oportunamente. Entretanto, com isso novo perigo tivemos que vencer. Quando o nosso artilheiro secava a pólvora em uma panela de ferro esqueceu-a no fogo até tornar-se incandescente e a pólvora se inflamou, correndo à chama de uma a outra extremidade do navio, de forma que inutilizou velas e massame e por pouco não incendiou o breu de que o navio estava untado, queimando-nos todos em pleno mar. Aliás um grumete e dois marujos foram tão maltratados pelo fogo que um dêles morreu poucos dias depois. Por minha parte, se não tivesse rapidamente levado ao rosto o boné de bordo, ter-me-ia queimado sèriamente; escapei chamuscando apenas a ponta das orelhas e os cabelos.

Aconteceu-nos isso aos 15 de abril. Tomemos fôlego agora, depois de escapar, por graça de Deus aos naufrágios, às ondas e ao fogo como já relatei.

CAPÍTULO XXII

FOME EXTREMA; TORMENTAS E OUTROS PERIGOS DE QUE DEUS NOS SALVOU DURANTE O REGRESSO

Em seguida a tôdas essas coisas, aconteceu-nos outras igualmente sérias. Ainda nos achávamos há mais de quinhentas léguas de França quando a nossa provisão de bolacha, víveres e bebidas que já não era grande, foi reduzida à metade. O atraso da viagem não era devido somente ao mau tempo e ventos contrários encontrados. Como já disse, o piloto dirigiu mal a derrota a ponto de pensarmos que estávamos perto do cabo Finisterra na costa da Espanha, quando ainda vogávamos à altura das ilhas dos Açores, a mais de trezentas léguas de distância. Esse êrro fêz com que em fins de abril já estivéssemos inteiramente desfalcados de todos os víveres; já varriámos o paiol, cubículo caiado e gesado onde se guarda a bolacha nos navios, mas encontrávamos mais vermes e excrementos de ratos do que migalhas de pão. Quando havia repartíamos às colheradas êsse farelo e com êle fazíamos uma papa preta e amarga como fuligem. Os que ainda tinham bugios e papagaios, a que ensinavam a falar, comeram-nos. E vindo a faltar por completo os víveres, em princípios de maio, dois marinheiros morreram da hidrofobia da fome sendo sepultados no mar como de praxe.

Com a fome, a tormenta continuou dia e noite durante três semanas. Com o mar agitadíssimo fomos obrigados não somente a ferrar tôdas as velas e a amarrar o leme, mas ainda, na impossibilidade de dirigir o barco, entregá-lo à discreção das ondas e dos ventos, o que nos impedia também, para nosso maior dano, de pescar um único peixe. Estávamos de novo expostos à fome, e à merce das águas.

Como aquêles que nunca estiveram no mar, principalmente em tais emergências, apenas viram metade do mundo, cumpre-me repetir aqui as palavras do salmista (600) a respeito dos marinheiros que, flutuan-

do, subindo e descendo em tão terrível elemento e subsistindo entretanto a-pesar-de tudo, tinham de fato diante dos olhos uma prova do poder de Deus. Em verdade os marinheiros papistas, vendo-se em tal extremidade, faziam mil promessas a São Nicolau, inclusive a de uma imagem de cera do tamanho de um homem; mas era como se apelassem para Baal. Nós outros julgávamos melhor recorrer Àquelle cujo auxílio tantas vezes nos fôra outorgado e que podia sustentar-nos durante a fome, mandar no mar e aplacar a tempestade.

Já estávamos porém tão magros e fracos, que mal nos podíamos sustentar de pé para as manobras do navio; mas a necessidade sugeria a cada um uma solução para encher o estômago e alguém se lembrou de cortar rodela de couro do *tapiruçu* e fazê-las ferver na água, imaginando que assim pudessem ser comidas; mas a receita não foi julgada boa. Outros, porém, que também davam tratos à bola, lembraram-se de assar essas rodela na brasa. Depois de tostadas, raspavam a parte queimada e isso deu tão bom resultado que os que a comiam declaravam que pareciam torresmos. Depois dessa experiência, quem tinha rodela as guardava e como eram duras como couro sêco de boi, foram cortadas em pedaços com foices e outras ferramentas e os que as possuíam escondiam-nas cuidadosamente em pequenos sacos de pano, pois davam-lhes tanta importância quanto aos escudos dão entre nós os usuários.

E tal qual os sitiados de Jerusalém, que segundo Flávio José (601) se alimentavam com as correias de couro de seus broquéis, chegaram alguns entre nós a comer suas gravatas de marroquim e as solas dos seus sapatos. Os grumetes e pagens do navio, apertados pela fome comeram todos os chavelhos das lanternas, que existem sempre em grande número nas embarcações, e tôdas as velas de sebo que conseguiram apanhar. Não obstante a nossa fraqueza, tínhamos que fazer um esforço repetido para tocar a bomba, sob pena de irmos ao fundo e bebermos mais do que tínhamos a comer.

Aos cinco dias de maio, ao pôr do sol, vimos no ar um grande clarão de fogo que reverberou nas velas a ponto de imaginarmos que se tivessem incendiado; mas tudo passou sem maiores danos. O fenómeno me parece tanto mais difícil de explicar quanto nos encontrávamos à altura das terras novas onde se pesca o bacalhau e do Canadá, regiões extremamente frias, e portanto não podia essa luz provir das exalações cálidas do ar. Para remate de males fomos nessas paragens batidos

(601) JOSÉ — *De bello judáico*, VII, 7.

pelo vento do nordeste, quase do norte, que nos enregelou durante mais de quinze dias sem alívio.

A 12 dêsse mesmo mês, o nosso artilheiro morreu de fome, depois de ter comido as tripas cruas de seu papagaio, e foi como os outros lançado ao mar. Pouco sentimos a sua falta, pois estávamos tão extenuados que daríamos graças a Deus caso fôssemos apresados por qualquer pirata que nos desse de comer. Mas Deus quis afligir-nos durante tôda a viagem de regresso e sòmente um navio foi por nós avistado, mas não nos pudemos aproximar porquanto a nossa fraqueza nos impedia de erguer as velas. Nessas alturas, vindo a faltarem as rodela e até os couros da cobertura dos baús, e tudo mais que no navio podia alimentar-nos, pensamos ter chegado ao têrmo de nossa viagem. Mas a necessidade, que tudo inventa, lembrou a alguns a caça aos ratos e ratazanas que, também mortos de fome por lhe têrmos tirado tudo que pudessem roer, corriam pelo navio em grande quantidade. Foram tão perseguidos por meio das mais engenhosas ratoeiras e tão espreitados por olhos vigilantes como os de gatos, que mesmo à noite, ao clarão da lua, por mais escondido que estivessem não escapavam vivos.

Quando um de nós apanhava um rato, julgava-se possuidor de coisa mais valiosa do que um boi em terra. Vi venderem-se a três e quatro escudos, e tendo o nosso barbeiro apanhado dois de uma vez recusou a oferta de um companheiro que lhe prometera vestí-lo dos pés à cabeça no primeiro pôrto; mas êle preferira a vida às roupas. Tivemos que cozinhar camondongos na água do mar, com intestinos e tripas, e dava-se a estas vísceras maior aprêço do que ordinariamente damos em terra a lombos de carneiro. E para mostrar que nada perdíamos, contarei o seguinte caso. Tendo o nosso contra-mestre cortado as quatro patas de um grande rato para cozinhá-lo, logo apareceu quem as apanhasse no convés e as fôsse assar apressadamente na brasa dizendo nunca ter provado mais saborosa asa de perdiz. Diante de tamanha penúria, teríamos com efeito tudo comido, tudo devorado. Para saciar-nos, até ossos velhos e outras imundícies que os cães tiram dos monturos nos serviam; e é certo que se tivéssemos capim, feno ou fôlhas de árvores também os comeríamos como animais.

Mas não é tudo. Durante as três semanas que durou essa fome terrível, não tivemos notícia de vinho nem água doce; desta, de há muito racionada, só nos restava um pequeno tonel. Êste, entretanto, era tão poupado que um monarca não teria entre nós maior porção do que qualquer outro a saber um pequeno copo por dia. A sêde nos atormentava mais ainda do que a fome, porisso quando chovia estendíamos lençóis com um pêso no centro para distilar a água da chuva, que era recolhida

em vasilhas, mas também aproveitávamos o enxurro do convés e embora êste fôsse mais escuro do que o alcatrão, por causa da sujeira dos pés, e mais imundo do que o das sargentas, nem porisso o deixávamos de beber.

Direi ainda que embora a fome sofrida durante o sítio de Sancerre (602), em 1573, deva ser colocada entre as mais terríveis de que jâmais se ouviu falar, como se pode ver em minha narrativa impressa, não foi ela tão rigorosa como a de que aquí se trata; pois em Sancerre não só não nos faltou água nem vinho, como ainda sempre tivemos algumas raízes, ervas silvestres, rebentos de videiras e outras coisas que a terra dá. Pude verificar durante êsse cêrco o valor que Deus deu a tôdas essas coisas consideradas impróprias para a alimentação, tais como peles, pergaminhos, e outras mercadorias cujo catálogo estabeleci. Devo declarar agora que se viesse a ser assediado em defesa de uma boa causa jâmais me renderia pela fome, enquanto houvesse cabeções de couro de búfalo, vestes de camurça ou outras coisas em que exista suco ou umidade. Mas no mar vimo-nos reduzidos exclusivamente ao pau brasil, madeira sêca. Todavia muitos companheiros, levados pela miséria, a mascavam na falta de outra coisa. Certa ocasião o senhor Du Pont, nosso guia, disse-me com um grande suspiro ao mastigar um pedaço de pau brasil: — “Ah Léry, meu amigo, tenho em França um crédito de quatro mil francos e de bom grado o daria em troca de um pão grosseiro e de um copo de vinho”. Quanto a Pedro Richier, atualmente ministro de Deus em La Rochele, dirá êle que por fraqueza esteve durante tôda a viagem estendido em seu pequeno beliche sem poder erguer a cabeça quando fervorosamente orava a Deus. Antes de terminar êste assunto, direi que observei nos outros, e sentí em mim, que durante essas fomes rigorosas os corpos se extenuam, a natureza desfalece, os sentidos se alienam e o ânimo se esvai e isso não só torna as pessoas ferozes mas ainda provoca uma espécie de raiva donde o acêrto do dito popular: — “Fulano enraivece de fome”, para dizer que alguém está sofrendo falta de alimento. E depois de minha experiência compreendo melhor porquê Deus ameaçou seu povo com a fome caso não lhe obedecesse (603) e disse que faria com que o homem da mais branda índole se desnaturasse a ponto de lhe apetecerem as carnes do próximo e até da própria espôsa e filhos. Já narrei, na história de Sancerre, casos de pais e mães que comeram os próprios filhos, e de soldados que depois de provar a carne dos mortos na guerra confes-

(602) Léry — *Histoire de la ville de Sancerre*, cap. X.

(603) Deuteronomie, XXVIII, 53.

savam que a continuar a fome teriam investido contra os vivos. Posso garantir agora que na nossa viagem só nos reteve o temor a Deus, pois mal podíamos falar uns com os outros sem nos agastarmos e o que era peor (perdoe-nos Deus) sem nos lançarmos olhares denunciadores da nossa disposição antropofágica.

Continuando a narrativa da nossa travessia, direi que a 15 e 16 de maio perdemos mais dois companheiros, falecidos da hidrofobia da fome; pensando que estivesse num novo dilúvio, por não verem terra há tanto tempo, jogaram-se nágua e temíamos, como eles víamos a servir de comida para os peixes muito em breve.

Não obstante a fome, durante a qual, como já disse, foram comidos todos os bugios e papagaios que trazíamos, guardara eu até então uma dessas aves, grande como um pato, bom falador e de linda plumagem, porquê desejava com ela presentear ao senhor almirante; mas tal foi a necessidade, que não pude conservá-la mais tempo e teve a mesma sorte das outras. Jogadas fora as penas, serviram o corpo, as tripas, os pés, as unhas e até o bico adunco de alimento durante três ou quatro dias para mim e alguns amigos. Não escondo entretanto o pesar que tive de tê-lo morto, ao ver terra cinco dias após, pois como tais aves passam muito tempo sem beber teriam bastado três nozes para alimentá-la durante êsse período.

Mas afinal dirão os leitores, nos conservarás sempre suspensos aos teus padecimentos? Em verdade eles findaram, pois Deus que nos sustenta também com outras coisas que não apenas o pão e a carne, se apiedou; e a 24 de maio de 1558 tivemos diante de nós as terras da baixa Bretanha, quando, estendidos no convés já quase não nos podíamos mexer. Como muitas vezes já o piloto nos havia enganado, tomando por terra nuvens que se desvaneciam, ao gritar o marinheiro de vigia no cêsto da gávea: "terra, terra" julgamos ser um gracejo, mas o vento propício nos permitiu verificar logo que não se iludia. Deus nos acudia afinal para consolação de tudo o que ficou exposto, e lhes rendemos graças pelo nosso próximo salvamento. Foi quando nos disse o mestre do navio, em voz alta, que, se tal situação tivesse perdurado mais um dia estava decidido não a lançar sortes, como em tal circunstância praticam os comandantes dos barcos, mas a matar um de nós sem aviso para a alimentação dos outros. Isso não me assustou de modo algum, pois embora não houvesse a bordo nenhum indivíduo gordo, não me teriam escolhido, a menos que quisessem comer apenas pele e ossos. Como os nossos marinheiros haviam deliberado descarregar e vender o seu pau brasil em La Rochele, ao chegarmos a duas ou três léguas da terra da Bretanha, o mestre, juntamente com o senhor Du Pont e al-

gumas outras pessoas, deixou-nos fundeados e dirigiu-se para um lugar vizinho chamado Hodierne (604) afim de comprar víveres. A dois dos meus companheiros, que também se meteram nos escaleres, dei dinheiro para me trazerem refresco; mas apenas se viram em terra esqueceram a fome do navio e abandonando tudo quanto tinham a bordo desapareceram sem que jãmais os tornasse a ver. Entrementes, aproximaram-se alguns pescadores aos quais pedimos víveres; julgaram êles que zombávamos, ou valeram-se dêsse pretêxto, e quiseram afastar-se. Mas fomos mais ligeiros do que êles e forçados pela necessidade nos arrojamamos ao barco com tal ímpeto que imaginaram tratar-se de salteadores. Nada lhes tiramos entretanto contra a vontade e, aliás, só havia no barco alguns pedaços de pão preto. Entretanto, a-pesar-da penúria extrema que revelávamos, em vez de compadecer-se de nós não teve dúvida um dos miseráveis em receber de mim dois reais (605) por um pedaço de pão que na terra não valeria um *liard*. Voltou porém a nossa gente com pão, vinho e outras provisões e nada disso mofou nem azedou como é de imaginar.

Pensávamos ainda em ir a La Rochele, e já havíamos navegado cêrca de três léguas, quando fomos avisado pela tripulação de um navio que certos piratas assolavam tôda a costa. Considerando que após tamanhos perigos seria tentar a magnanimidade de Deus arriscar-nos novamente, retornamos; e nesse mesmo dia 26 de maio entramos na linda enseada de Blavet, na Bretanha, aonde também entrava grande número de navios de guerra, de regresso de vários países. Davam tiros de canhão e se exibiam comemorando suas vitórias, como é de praxe. Entre êles havia um de São Maló que pouco antes capturara um navio espanhol de volta do Perú, com mercadorias avaliadas em mais de sessenta mil ducados. Isso já fôra divulgado pela França tôda e muitos negociantes parisienses, lioneses e outros, chegavam para as comprar. Alguns, que se encontravam perto do nosso navio, ajudaram-nos em terra a sustentar-nos e sabendo dos nossos sofrimentos, acertadamente nos aconselharam a não comermos em demasia e a começarmos pouco a pouco por caldos de galinha bem cozida, leite de cabra e outras coisas destinadas a alargarem as tripas que tínhamos muito contraídas. Os que assim procederam deram-se bem, mas quanto aos marinheiros que logo no primeiro dia se quiseram fartar, dos vinte escapados da fome boa metade, creio eu, se empazinou e morreu súbitamente vítima de seus

(604) Hoje Audierne (Finisterra) a 36 quilómetros a oeste de Quimper.

(605) Não sabemos se se trata do real de cobre, que datava do reinado de Felipe o Belo, ou do real de ouro.

excessos. Dos quinze passageiros, que como disse no capítulo precedente, embarcaram no Brasil, nenhum morreu nem no mar nem na terra. Em verdade apenas salvávamos a pele e os ossos, e mais parecíamos cadáveres desenterrados. Em terra fomos possuídos de tal desgosto pelos alimentos que quanto a mim, ao sentir o cheiro do vinho que me ofereceram em casa numa taça, caí de costas sôbre um baú fazendo pensar aos presentes que ia morrer de fraqueza. Por mais de dezenove meses não me deitara à francesa, como hoje se diz, mas quando me puseram no leito aconteceu o contrário do que afirmam, isto é, que quando nos acostumamos a deitar em cama dura não descansamos mais em colchão macio; dormi tão profundamente desta primeira vez que só despertei no dia seguinte ao nascer do sol.

Depois de três ou quatro dias em Blavét, fomos para Hanebon, pequena cidade distante duas léguas, onde durante quinze dias nos tratamos de acôrdo com os conselhos dos médicos. Por melhor que fôsse o regime, incharam todos da planta dos pés ao alto da cabeça e apenas eu, e mais dois ou três, inchamos da cintura para baixo sômente. Além disso, tivemos todos um fluxo de ventre e um tal desarranjo de estômago que nos era impossível conservar qualquer coisa no organismo, salvo certa receita que nos ensinaram, a saber: suco de *hedera terrestris* com arroz bem cozido, abafado na panela com panos velhos e depois de tirado do fogo, misturado com gema de ovo num prato ao rescaldo. Comendo êsse manjar às colheradas, logo nos sentimos mais fortes e creio que sem êsse recurso, que Deus nos inspirou, em poucos dias teríamos ido para o outro mundo.

Eis em summa a nossa viagem, que não pode figurar entre as menores, pois navegamos quase setenta e três graus ou seja cêrca de duas mil léguas francesas em direção norte e sul. Mas deve-se dar a honra a quem a merece e em verdade essa viagem nada foi em comparação com a que fêz o insigne piloto espanhol João Sebastião del Cano (606), o qual circundou tôda a imensidade do globo, o que julgo não ter ninguém jâmais feito antes dêle; e de regresso à Espanha mandou pintar nas suas armas um globo terrestre com esta divisa: *Primus me circumdedisti* (Fôste o primeiro que me rodeaste) (607).

Parecia que tivéssemos chegado ao fim de nossos sofrimentos; na realidade Aquele que tantas vêzes nos preservou dos naufrágios, das tor-

(606) Gomara (*Hist. gen. de las Indias*, § XCVII, p. 130): "Los rodeos, los peligros, y trabajos de Ulises fueron nada en respeto de los de Juan Sebastião y así el puso en sus armas el mundo por cimera, y por letra: *Primus circumdedisti me*". — Foi Carlos V quem deu essa bela divisa a Del Camo.

(607) Na tradução latina de Bry, observações acêrca de Benzoni e Thévet.

mentas, da fome e de outras misérias, ainda nos socorreria em terra. Com efeito, Villegagnon, por ocasião de nosso regresso, entregara ao mestre do navio, sem que o soubéssemos, um processo organizado contra nós, com ordem expressa ao primeiro juiz a quem se apresentasse em França não só de prender-nos mas ainda de queimar-nos como herejes. Mas aconteceu que o nosso chefe, senhor Du Pont, conhecia algumas pessoas da justiça, afeições à religião reformada. Aberta a caixa em que estava o processo, viram essas pessoas o que lhes era ordenado, mas, em vez de tratar-nos como desejava o nosso perseguidor, obsequiaram-nos com boa mesa, oferecendo recursos aos nossos companheiros necessitados e emprestando dinheiro ao senhor Du Pont e outros. Eis como Deus, que desfaz as astúcias dos maldosos, não só nos livrou dêsse perigo em que nos colocara a rebeldia de Villegagnon, mas ainda permitiu que a sua traição se voltasse contra o traidor.

Depois de recebermos êsse novo benefício de quem, como já disse se mostrou nosso protetor tanto em terra como no mar, partiram os marinheiros de Hanebon afim de alcançarem a Normândia e nós, deixando êsses bretões cuja linguagem entendíamos menos que a dos selvagens americanos, rumamos para a cidade de Nantes, distante apenas trinta e duas léguas. Não fomos porém na posta, e como não tínhamos fôrças para dirigir os cavalos nem para lhes suportar o trote cada um de nós tinha um homem para conduzir a montaria pela rédea.

Era-nos imprecindível renovar os corpos, mas tal qual as mulheres grávidas, de quem poderia contar casos extravagantes se não temesse enfadar o leitor, apetecíamos coisas fantásticas e alguns se aborreceram do vinho a ponto de passarem mais de um mês sem poder sentir-lhe o cheiro. Para cúmulo de misérias, ao chegarmos a Nantes tivemos os sentidos transtornados por completo e passamos quase oito dias com o ouvido tão duro e a vista tão ruim, que pensei ficar surdo e cego. Todavia, excelentes médicos e notáveis personalidades, que continuamente nos visitavam, com tanto cuidado nos trataram que, quanto a mim, cêrca de um mês mais tarde já tinha a vista e o ouvido perfeitos. É verdade que o estômago tornou-se desde então muito fraco e voltando a passar fome em Sancerre, quase quatro anos depois, fiquei com êle como que arruinado para o resto da vida.

Depois de recuperarmos as nossas fôrças em Nantes, onde, como já disse, fomos muito bem tratados, cada um de nós seguiu o seu caminho (608).

(608) Estes dois parágrafos não figuram na tradução latina de Bry. Quanto à morte dos companheiros de Léry ver Gaffarel, *Brésil français* p. 280 - 294.

Só resta agora, para pôr fim a esta narrativa, contar a sorte dos nossos companheiros que, como foi dito, voltaram ao Brasil depois do primeiro naufrágio de que fomos ameaçados.

Pessoas fidedignas que deixamos nesse país, donde voltaram cêrca de quatro meses depois de nós, encontraram o senhor Du Pont em Paris e lhe asseguraram que com grande pesar haviam sido espectadores do afogamento de três dos nossos companheiros no forte de Coligny. Pedro Bourdon, João Bordel e Mateus Verneuil foram essas vítimas condenadas por Villegagnon por causa de sua religião. Essas pessoas fidedignas haviam trazido também não só a sua confissão mas ainda todo o processo contra êles instaurado por Villegagnon, entregando-o ao senhor Du Pont de quem o obtive mais tarde.

Ao lembrar-me de que, enquanto resistíamos aos perigos de toda sorte êsses servos fiéis de Jesúo Cristo eram mortos, após mil tormentos; ao recordar-me de que cheguei a pôr os pés no escaler, para com êles regressar; rendi graças a Deus pelo meu salvamento individual, e senti-me mais do que nunca no dever de fazer com que a profissão de fé dêsses três honestos personagens fôsse registada no livro dos que em nossos dias foram martirizados na defesa do Evangelho. Porisso entreguei-a nesse mesmo ano de 1558 ao impressor João Crespin, o qual, juntamente com a narrativa dos perigos por que passaram os três para aportar à terra dos selvagens depois de nos deixarem, a inseriu no livro dos mártires (609).

Assim foi Villegagnon quem primeiro derramou sangue dos filhos de Deus nesse país recém-descoberto e porisso, mui justamente, alguém o apelidou o *Caim da América*. Deixâmo-lo bem aclimado no forte de Coligny mas vim a saber que voltou mais tarde à França e que, depois de difamar por palavras e escritos os adeptos da religião evangélica, morreu na sua antiga crença, em uma comenda da ordem de Malta, próximo de S. João de Nemours (610).

Por intermédio de um sobrinho seu, que também esteve no forte de Coligny, soube que deu tão má direção aos seus negócios, tanto durante a sua moléstia como depois, e por tal modo se indispôs com seus parentes que nada aproveitaram estes de seus bens, nem em vida nem depois da morte.

(609) Crespin, *Histoire des Martyrs*, 1.^a parte, p. 437-438; 2.^a parte, p. 452-457, ed. 1619. O trecho prova sobejamente que o autor da narrativa inserta na obra de Crespin é o próprio Léry.

(610) Com referência aos últimos anos de vida de Villegagnon consultar Gaffarel, *Brésil Français*, ps. 314-341

Concluindo, livre já agora de tantos perigos, posso dizer como essa santa mulher que foi mãe de Samuel, que é o Eterno quem faz viver e morrer, descer à tumba e surgir dela (611). Isso me parece tão claro quanto o homem viver aqui na terra apenas o dia de hoje. Aliás, se coubesse dentro desta narrativa, diria ainda que Deus, na sua infinita bondade, me salvou de muitas outras angústias.

Eis relatado quanto observei, tanto na travessia de ida e volta, como entre os selvagens da terra do Brasil, na América, a qual, por muitos motivos já por mim amplamente explanados, pode chamar-se Novo Mundo. Bem sei que a-pesar-da excelência do assunto não tratei com o estilo e a solenidade que exigia; assim, entre outras coisas, confesso que ainda nesta segunda edição não raro me alonguei demasiado em relação a certos pontos que não mereciam tanta atenção e, por outro lado, apenas toquei noutros que estavam a solicitar maiores detalhes.

Peço aos leitores que supram os meus defeitos de linguagem e, considerando quão penosa e dura foi a tarefa do narrador, dêle recebem, e em compensação, a boa vontade e o afeto.

E a Deus, rei dos séculos, imortal e invisível, a Deus único sábio, o tributo da honra e da glória eternas. AMÉM.

(611) Livro dos Reis, I, 2, 6.

CAPÍTULO XX

Restaurado, traduzido e anotado por
PLÍNIO AYROSA

NOTA PRÉVIA

O Colóquio que ora tentamos restaurar, traduzir e anotar, é um dos mais valiosos documentos quinhentistas para o estudo do tupí-guaraní brasílico. De fato, em nenhum outro cronista dos anos afastados em que se iniciava a colonização regular do Brasil, encontraremos elementos tão abundantes e tão curiosos sobre a chamada língua-geral que, por mais de um século foi, em verdade, o laço mais eficiente e mais sólido a ligar catequistas e catecúmenos, colonizadores e naturais da terra, cabos de tropa e mamelucos.

Parte integrante do trabalho de Léry, o Colóquio não podia deixar de sofrer deturpações e de eivar-se de erros tipográficos à medida das reedições e traduções da obra. Editores e tradutores, não conhecendo a língua em que parcialmente fôra escrito, aos lapsos e erros inevitáveis dos originais sobrepueram erros e lapsos novos...E, de tal forma que, hoje, os próprios conhecedores da língua tupí-guaraní dificilmente conseguem interpretar o texto, sobretudo interessante.

A nossa tentativa, evidentemente ousada, de dar em português o que realmente está escrito em língua brasílica, e não o que tem sido dado por intermédio da interpretação mais ou menos vaga do próprio Léry, funda-se em três elementos essenciais: no texto tupí de uma edição latina da "Viagem", muito melhor grafado que o da edição Gaffarel e outras; no estudo de Batista Caetano, que cuidadosamente tentou restaurar as frases e expressões do Colóquio, sem as verter, contudo, para o português, e na série valiosa de vocabulários do tupí costeiro, atualmente de fácil consulta.

Quanto ao trabalho excelente de Batista Caetano apenas há a ponderar o fato de ter o mestre insigne tentado reduzir as frases e palavras de Léry, caracteristicamente do fâcies brasílico da língua, às formas e peculiaridades que essa mesma língua havia tomado no Paraguai e regiões circunvizinhas. O nosso trabalho, exaustivo sim, mas sem pretensão alguma, orientou-se no sentido de manter as restaurações tão próximas quanto possível do texto e, mais, de fugir sistematicamente das interpretações dadas em francês pelo autor, e das "traduções" dêsse francês, publicadas por vários homens de letras do Brasil, dentre as quais algumas altamente lamentáveis.

Analizando todo o Colóquio, procuramos surpreender no caos dos erros tipográficos e na fragmentação apavorante das palavras, as expressões originais e os seus sentidos exatos. Nem sempre conseguimos vencer, entretanto, mesmo com o auxílio indispensável de Batista Caetano, uns tantos passos por demais ásperos do texto. Muito há, por isso, a respigar nesse documento, mas o que aí fica servirá, ao menos, de sugestões aos que melhor possam se desobrigar de tão ingrata quão tentadora tarefa.

Na transcrição do tupí restaurado empregamos os sinais ortográficos em uso no curso de Tupí-guaraní da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, dentre os quais, por terem valores fonéticos especiais, cumpre notar os seguintes: *ch* soa sempre como *x*, em *xarope*; *g* tem sempre o som de *gue*, em *guerra*, *gato*, etc.; *h* é simples sinal de aspiração; *y* representa o som gutural do *i*, peculiar à língua; *j* soa como o grupo *dj* em português; *k* representa os sons de *c*, antes de *a*, *o* e *u* e de *qu* antes de *e* e *i*; *ñ* soa como o grupo *nh* português; *r*, sempre brando, mesmo quando inicial, soa como os *rr* de *araruta*; *s* tem o valor aproximado de *s*, *ss*, *ç*, *c* (antes de *e* e *i*) do português. A nasalização das vogais, como em nossa língua, indicar-se-á por meio do til ou das letras *m* e *n*. O acento tônico das palavras, quando não evidente pelo sinal de nasalização, será representado pelo nosso acento agudo, acento este que jâmais indicará abertura das vogais porquê elas, abertas, praticamente não existem na língua ameríndia.

Quanto à apreciação geral do Colóquio, cumpre-nos apenas notar a irregularidade da composição, a falta de seqüência dos assuntos versados e a interpolação de frases e palavras evidentemente descabidas num simples diálogo de entrada... Longa série de frases, por exemplo, põe Léry na boca do seu interlocutor tupinambá, como se o índio fôsse um catequista tocado pela mania de filosofar antes de viver...

Além disso, passa o autor de um assunto para outro com tanta rapidez e desembaraço que chega, quase, a nos dar a certeza de que andou

copiando, de algum trabalho largo e minucioso, apenas tópicos que julgou de interesse para os leitores da sua "Viagem ao Brasil" (Vide nota 107).

A relação das aves, dos peixes, das plantas, das aldeias, e do mais, é sem dúvida incompleta, tal como incompletos são os estudos relativos à conjugação dos verbos, aos adjetivos cardinais, etc.

A-pesar-de tudo, porém, é inegável que o autor do Colóquio, seja ele Léry ou outro qualquer, conhecia perfeitamente a língua, pois há indícios claros dêsse conhecimento na composição de certas frases de torneio complexo. Não cremos que um simples intérprete pudesse proporcionar-lhe tais vantagens; supomos, antes, que alguém versado em questões gramaticais (do latim, talvez) tenha preparado grande parte do Colóquio e que Léry, se não é ele o autor de todo o texto, apenas o houvesse aumentado com a citação de palavras de fácil colheita, tais como nomes de aves, de peixes, de plantas, de partes do corpo humano, citados, aliás, em vários outros capítulos da "Viagem".

As nossas anotações, dado o caráter desta publicação, não passam de simples sugestões a respeito dêste ou daquele termo, desta ou daquela referência de Léry. Como grande parte dos nomes dos vegetais e dos animais já tenham sido por nós estudados no corpo da obra, limitamos agora a dar ao leitor, tão sinteticamente quanto possível, os informes de caráter lingüístico que justifiquem as nossas restaurações e interpretações. Sendo esta a primeira tentativa que se faz de trasladar para o português o texto integral de Léry, diretamente do tupi-guaraní, é de esperar-se apresente inúmeras falhas e senões; senões e falhas, entretanto, que os competentes corrigirão e sanarão para maior prestígio e valorização dêste delicioso "Colloque de l'entree ou arriuee en la terre du Bresil, entre les gens du pays nommez Tououpinambaoults et Toupinenkins en langage sauuage et françois."

PLÍNIO AYROSA.

COLÓQUIO DE ENTRADA OU CHEGADA AO BRASIL, ENTRE A
GENTE DO PAÍS CHAMADA TUPINAMBÁ E TUPINIQUIM,
EM LINGUAGEM BRASÍLICA E FRANCESA (*)

*Texto brasílico, ou tupí, restaurado
e transcrito em ortografia atual*

*Tradução do texto brasílico, e das
interpretações e explanações de
Léry*

T — Tupinambá

F — Francês

- | | |
|---|---|
| (1) T — Erejúpe? | Vieste? |
| F — Pá, ajú. | Pois não, vim. |
| (2) T — Te! augé nipó. Marápe
nde réra? | Eis aí, muito bem. Qual o teu nome? |
| (3) F — Rery (Lery) usú. | Ostra-grande. |
| (4) T — Erejakasó piáng? | Emigraste? |
| (5) F — Augebé. | Perfeitamente. |
| (6) T — Iandé repiáka ou! Iandé
repiáka ou, eh! che ray-
ra! Te, ou reté henoín
Rery-usú, imé. | Veio nos ver! Veio nos ver, oh! meu
filho! Eis aí, veio realmente o de
nome Ostra-grande para ficar. |
| (7) T — Ererú nde karamemó? | Trouxeste tuas malas? (Compreendem
por malas tudo que serve para guar-
dar peças de vestuário que alguém
possa ter). |

(*) Acêrca das línguas do Brasil, consulte-se: Thévet, *Cosmographie Univer-
selle*, p. 925; Yves d'Évreux, *Voyage dans le nord du Brésil*, p. 96; Anchieta, a
quem se deve a primeira gramática da língua geral; Montoya, *Arte de la lengua gua-
raní e Vocabulario y Tesoro de la lengua guaraní*; Herman Ludewig, *The literature
of America original language*; Maximiliano de Neuwied, *Voyage au Brésil*, t. III,
p. 305-360; Barão d'Eschweg, *Journal von Brasilien*, t. I, p. 158-172; De Castelnau,
Voyage dans l'Amérique du Sud, t. V, p. 249-302; Gonçalves Dias, *Dicionário da
Língua Tupí*; Paul Marcoy, *Du Pacifique à l'Atlantique*; etc. Segundo Gandavo,
História da Província de Santa Cruz, p. 119, "a língua de que usam, tôda pela costa,
é uma; ainda que em certos vocábulos difere nalgumas partes; mas não de maneira

- F — Pá, arú.
(8) T — Mobýr?

Sim, trouxe-as.

Quantas? (As que houver podem ser enumeradas até cinco, assim: *ojepé*, uma; *mokõi*, duas; *mosapýr*, três; *oioirundý*, quatro; *ekombó*, cinco. Se tiveres duas não terás que enumerar senão quatro ou cinco. Bastará dizer *mokõi* por três e quatro. Da mesma maneira, se tiveres quatro, dirás *oioirundý*; e assim por diante. Se, porém, passarem de cinco, será preciso que mostres pelos teus dedos e pelos dedos dos que estiverem perto de ti, até o número que desejes indicar. Eles não têm outra maneira de contar).

- T — Mbaépe rerú nde kara-
memó pupé?

Que trazes dentro de tuas malas?

- F — Aób.

Roupas.

- (9) T — Mará mbaé?

Como são?

- (10) F — Sobý-eté.

Azues.

Piráng.

Vermelhas.

Júb.

Amarelas.

que se deixem uns aos outros de entender; e isto até altura de vinte e sete graus, que daí por diante há outra gentilidade, de que nós não temos tanta notícia, que falam já outra língua diferente". À exceção de Thévet, que diz (*Cosmog.* p. 928) ser a língua rude e de sons pouco harmoniosos, e repetirem os selvagens sem cessar as mesmas palavras, tornando-se assim obscuros embora mais facilmente compreensíveis do que os turcos e outros povos orientais, os demais escritores contemporâneos são unânimes em louvar a doçura da língua guaraní ou tupí. Segundo Montaigne "sua língua não é rude, tem sons agradáveis com terminações gregas". Anchieta mostra-se entusiasta do tupí. Laet louva-lhe a riqueza e o padre Araújo (*Catecismo Brasileiro*) não hesita em declarar que é "extraordinário que os povos que a falam, a-pesar-de terem suas idéias limitadas a um círculo estreito de objetos todos necessários ao seu modo de vida, tenham podido conceber sinais representativos de idéias capazes de exprimir com propriedade, energia e elegância, coisas de que não tinham a menor noção anteriormente" (Nota de Gaffarel). (***) Gaffarel obteve estes últimos dados no *Prólogo* do Dicionário Brasileiro-Português, e atribuiu ao Padre Araújo palavras que não lhe pertencem. Nesse *Prólogo* (vide ed. completa do Dicionário, publicada por Plínio Ayrosa, S. Paulo, 1934) diz Frei Veloso, que editou em 1795 a primeira parte do Dicionário: "E' admiravel que tendo os povos, que a falaram, limitadas as suas idéias a um pequeno número de coisas, as quais julgaram necessárias ao seu modo de vida, pudessem contudo conceber sinais representativos de idéias com capacidade de abranger objetos, de que eles não tiveram conhecimento; e isto não de qualquer modo, mas com muita propriedade, energia e elegância" (P. A.).

- | | | |
|------|-----------------------------------|--|
| | Sū. | Pretas. |
| | Sobý-uasú. | Verdes. |
| | Piriáng. | Coloridas (policrômicas). |
| (11) | Apikasú oé. | Como pombas (côr de pombas). |
| (12) | Tin. | Brancas. (Entendem-se camisas). |
| (13) | T — Mbaépe amō? | Mais alguma coisa? |
| (14) | F — Akáng-ob-rupé. | Espécies de chapéu. |
| (15) | T — Setápe? | Muitos? |
| (16) | F — Ikatú pá oé. | Tantos quanto é possível contar. |
| | T — Aipó ñō? | Sòmente isso? |
| (17) | F — Eríma. | Não. |
| (18) | T — Esenói mbá. | Nomeia tudo. |
| | F — Koromō. | Daquí a pouco. |
| | T — Neín. | Pois sim. |
| (19) | F — Mokáb (mororokáb). | Armas de fogo. (Arcabuzes grandes e pequenos, pois <i>mokáb</i> singnifica tōda espécie de arma de fogo, quer as grandes peças de navios, quer outras quaisquer. Parece algumas vêzes que pronunciam <i>bokab</i> , com <i>b</i> , e será bom, ao escrever esta palavra, empregar <i>mb</i> , reünidos). |
| (20) | Mokáb-kuí. | Pólvora. |
| (21) | Mokáb-kuí-urú. | Polvarinhos. |
| | T — Mará mbaé? | Como são? |
| (22) | F — Tapirusú-áka. | De chifre de boi. |
| | T — Augé katú teñé! | Ora muito bem! |
| (23) | Mbaépe sepý rã? | Qual o resgate disso? |
| | F — Arúri. | Trouxe-os apenas. (Como se dissesse: não tenho pressa em desfazer-me dêles; para valorizá-los). |
| | T — Hé... | Hé... (E' uma interjeição que costumam proferir quando, pensando no que ouvem, desejam responder. Calam-se todavia para que não sejam tidos por importunos). |
| (24) | F — Arú itá-yapē. | Trouxe espadas de ferro. |
| | T — Nasepiák-ichoépene? | Não as verei? |
| (25) | F — Begoé irã. | Quando houver tempo. |
| (26) | T — Nererúpe guyrapár? | Trouxeste foices? |
| | F — Arú. | Trouxe. |
| | T — Ikatúpe? | São boas? |
| | F — Guyrapár eté. | Foices excelentes. |
| (27) | T — Abápe omoñã? | Quem as fêz? |
| (28) | F — Pajé-uasú remimoñã. | Foram feitas pelo grande Pagé. |
| | T — Augé eté ramo. Asepiá temomã! | Ainda bem que assim seja. Oxalá eu as visse! |

- | | | | |
|------|---|--|--|
| (29) | F | — Karã-mosé. | Depois. |
| (30) | T | — Tasepiák taugé. | Ve-las-ia logo. |
| | F | — Eambé rangé. | Espera, por enquanto. |
| (31) | T | — Ererúpe itá-kysé amô? | Trouxeste algumas facas de metal? |
| | F | — Arú retá. | Trouxe muitas. |
| (32) | T | — Sakuár-átimbae? | Seus cabos são fendidos? |
| | F | — Aã, ýba-tin, ýba-péb, itá-kysé mirí. | Não. Cabos brancos, cabos chatos, facas pequenas. |
| | | Pindá. | Anzóis. |
| (33) | | Mutimuti. | Sovelas, furadores. |
| (34) | | Aruá. | Espelhos. |
| (35) | | Kybáb. | Pentes. |
| (36) | | Moý-robýeté. hepiák ipó-eý. | Avelórios muito azues, nunca vistos. |
| | T | — Easoiabóg nde karamemó, tasepiák nde mbaé. | (São os mais bonitos que se podem ver desde que andamos por aqui). |
| (37) | F | — Añemosaeñá; asepiák-uká irã ndébe. | Abre tuas caixas para que eu veja as tuas coisas. |
| | T | — Narúri chépe irã mbaé ndébe? | Não posso; eu farei com que vejas depois. |
| | F | — Mbaépe rerú potá? | Não vou eu trazer coisas para ti? |
| (38) | T | — Che! Ha nde mbaépe reipotá? | Que queres trazer? |
| (39) | F | — Soó. | Eu! E tu que queres? |
| (40) | | Uyrá. | |
| | | Pirá. | Caça (animais). |
| (41) | | Uí. | Pássaros. |
| | | Jetík. | Peixes. |
| (42) | | Komandá uasú. | Farinha. |
| | | Komandá mirí. | Batatas. |
| (43) | | Marakujá uasú. | Favas grandes. |
| | | Mbaé tetimã. | Favas pequenas. |
| | T | — Mará mbaé soó erejuséi? | Maracujás grandes. |
| (44) | F | — Nasepiák kybonguára. | Várias outras coisas. |
| | T | — Asenói ndéve (ndébe) | Que animal desejas comer? |
| | F | — Neín. | Não conheço os que aqui vivem. |
| (45) | T | — Tapirusú. | Eu tos nomeio. |
| | | | Pois sim. |
| (46) | | Suasú. | Tapir grande. (Animal semi-asno, semi-vaca, assim chamado por eles). |
| (47) | | Tajasú. | Veado. |
| (48) | | Agutí. | Porco, caeteté. |
| | | | Cotia. (Animal avermelhado do tamanho de um bacorinho de 3 semanas). |
| (49) | | Pág. | Paca. (E' um animal do tamanho de um leitão de mês, raiado de branco e preto). |
| (50) | | Tapiití. | Tapití. (Espécie de lebre). |

- (51) F — Ešenói uyrá ichébe.
 (52) T — Jakú.
- (53) Mutú.
- (54) Makakuá.
- (55) Inambú-uasú.
 Inambú.
- (56) Pykasú.
 Pykuí.
- (57) F — Setápe pirá sébae?
 T — Nã-eỹ.
- (58) Kurimã.
- (59) Paratí.
- (60) Akará-uasú.
 Akará-péb.
 Akará-pytã.
 Akará-mirí.
 Urá, uará.
- (61) Kamurupuí-uasú.
 F — Mamópe nde retã?
- (62) T — Kariók, Uyrá-uasú-oé, Josý-yrasík ou Joeyrasík, Pirakã-iopã, Eírajá, Itanã, Tarakuirapã, Sarapoý.
 Keriý, Akaráy, Kurumuré, Itaók, Joararuã.
 Takuarusutýba, Okaran-tín, Sapopéma, Nurukuý,
- Nomeia-me as aves.
 Jacú. (E' uma ave do tamanho do capão, tal como a galinhola de Guiné, e da qual há três espécies, a saber: *jakutin*, *jakupém* e *jakú-usú*. São de muito bom sabor; tão apreciáveis como outras aves).
 Mutum. (Pavão selvagem do qual há duas espécies, pretos e pardos, do tamanho do nosso pavão. Ave rara).
 Macaguá. (E' uma espécie de perdiz grande, de corpo maior que o de um capão).
 Inambú-guassú. (E' uma perdiz, de grande porte, quase tão grande quanto a outra acima referida).
 Inambú. (E' uma perdiz, quase como as perdizes de França).
 Picassú. (Rôla do país).
 Picuí. (Outra espécie de rôla, menor).
 São muitos os peixes saborosos?
 Não muitos, não assim.
 Curimã. (Barbo).
 Paratí. (Espécie de barbo).
 Acaráussú. (Outro grande peixe, assim chamado).
 Acarapeba. (Peixe chato, ainda mais delicado, assim chamado).
 Acará-pitanga. (Outro de côr trigueira, de menor tamanho).
 Acará-mirim. (Peixe pequenino, de água doce, muito saboroso).
 Urá. (Peixe grande, de bom gosto).
 Camurupi-ussú. (Grande peixe).
 Onde a tua moradia? (Aqui êle nomeia o lugar de sua residência).
 (Estas são as aldeias ao longo da praia, entrando no rio de Geneure (Janeiro), à esquerda, indicadas por seus próprios nomes; não sei de tradução ou sentido que possam ter).
 (Estas são as aldeias sitas à margem direita do referido rio).
 (Estas são as maiores aldeias, dentro da terra, tanto de um como de outro

Arasatýva, Ysypotyva.

- (63) F — Mobýpe tubichá gatú eú?
 (64) T — Setá-gué.
 (65) F — Esenói ojepeký aubé iché-
 ve.
 (66) T — Nan.

(67) Iapiró-ijúb.

- (68) F — Mamópe setã?
 (69) T — Kariók-pe.

(70) Mosã-iguára.

(71) Uyrá-ok-usú okarantín.
 Takuarusútýva-iguára.

(72) Oyakã.

(73) Sób ijarusú.
 (74) Mogujá-uasú.

Moendý.

(75) Maraká-uasú.
 Mbaé-ñosẽ.

lado do rio).

Há várias outras das quais poder-se-á ter amplo conhecimento por intermédio dos naturais, bem como dos chefes, reis presumíveis, que nelas moram, e, conhecendo-os, julgá-los.

Quantos chefes há por aí?

Muitos.

Nomeia-me ao menos alguns.

Eis, assim. (E' palavra para chamar a atenção da pessoa a quem queremos dizer alguma coisa).

Calvo. (E' nome de homem, que significa cabeça semi-pelada ou onde não há pelos).

Onde é sua moradia?

Em Carioca. (Este nome é o de um pequeno rio próximo, que assim se interpreta: *casa de kariós*; composto desta palavra *kariós* e de *ók*, que significa casa. Tirando os e adicionando *ók*, dará *Kariók*. O *pe* (*be*) é partícula de ablativo que indica o lugar pelo qual se perguntou ou aonde se deseja ir).

(Este nome é interpretado por — *guarda dos remédios* — ou a quem pertencem os remédios; usam desta expressão quando querem chamar feiticeira a uma mulher ou quando está possuída de certo espírito mau, porque *mosã* é medicina e *iguára* é pertença).

Aldeia da pluma grande.

(Esta aldeia tem o nome do lugar onde se colhem taquaras semelhantes a caniços).

(O principal desse lugar, isto é, seu chefe).

E' a folha caída de uma árvore.

Grande limão. (Ou laranja, assim chamada).

Chamuscado. (Que é chamuscado pelo fogo de alguma coisa).

Grande campainha ou sino.

(Coisa meio saída, da terra ou de outro lugar).

Karió-peár.

- T — Che rorý gatú nde rúr-
ári.
Neín, tereikó paí Nikolá
irũ.
Nde rerúpe nde rembire-
kó?
- (76) F — Arú irã che rekó angé
riré.
T — Marápe nde rekorã?
F — Che rók-uã.
- (77) T — Mará mbaé ók?
- (78) F — Sé! Ndaéi che rekorã
kuáp rañé.
T — Neín; tereikuáp nde re-
korã.
- (79) F — Pe retã repiák iré.
- (80) T — Nde reikó-iché-pe nde
anáma irũ?
- (81) F — Maránamope?
- (82) T — Aipó ké! Che pytupá-
gué nde ri.
- (83) F — Nã peẽ amotareým-pe oré
rubicháb?
- (84) T — Eríma. Se rekó gatú
puýr eỹ etémo...
- F — Sekuái aipó oé nungá an-
gaturáme iporerekó gatú.
- (85) T — Nde reikó ichoépe irã ua-
rinípe?
- (86) F — Asó irãne. Marápe pe
ruajára réra.
- (87) T — “Tuaiá” (terã) Mar-
gaiá.
- (88) Uetaká.
- (89) Ueanã.
- (90) Karajá.

Caminho para ir aos Cariós. (Estes
são os nomes dos principais do rio de
Geneure — Janeiro — e arredores).
Estou muito contente com a tua vinda.

Oxalá fiques com o sr. Nicolau. (As-
sim chamam êles a Villegagnon).
Trouxeste tua mulher?

Trá-la-ei depois que arranjar minha
vida.

Quais serão teus afazeres?

Minha casa.

Que espécie de casa?

Sei lá! Não posso dizer qual será mi-
nha vida.

Ora pois! Oxalá saibas como será tua
vida.

Depois que tiver visto vossa aldeia.

Não morarás junto com os teus? (Isto
é, com os do teu país?)

Por que? (Por que perguntas?)

Bem, aquí está! Estou incomodado
por tua causa.

Mas vós não gostais de nosso chefe?
(Isto é, de nosso ancião).

De modo algum. Não sendo assunto
realmente reservado... (dever-se-ia
dizer...)

Esse é o costume dos que bem cuidam
da virtude.

Não irás à guerra?

Irei. Qual o nome dos vossos inimi-
gos?

Tuaiá ou Margaiá. (E' uma nação
que fala como êles e com a qual os
portugueses se relacionam).

Uetacá. (São realmente selvagens que
vivem entre os rios de Macaé e Pa-
raí).

Ueanã. (São selvagens ainda mais
bárbaros, que vivem entre florestas
e montanhas).

Carajá. (São índios de mais nobre
aspecto e mais providos de bens,
quer em víveres, quer em outros gê-

(91)

Karió

neros, do que os supra mencionados).

Carijó. (E' outra gente que vive para além dos "Touaiaire", para os lados do rio da Prata; sua língua é idêntica à dos Tupinambás e Tupiniquins. A diferença das línguas ou linguagens da terra existe entre as nações acima nomeadas. Tupinambás, Tupiniquins, "Touaiaire", "Teureminon" e Carijós falam a mesma língua ou, pelo menos, pouca diferença existe entre elas tanto na expressão como no mais. Os Carajás têm maneira diversa de falar e obrar. Os Uetacás diferem em obras e língua tanto de uns como de outros. Os Ueanás igualmente têm outra maneira de falar e agir).

(92) T — Te! ojoaé pororakaá pabén iandéve.

Enfim, procuram-se uns aos outros em nosso benefício. (Esta expressão *iandéve* é um dual de que usam os gregos ao falar de dois; todavia, aqui se refere a nós).

Vangloriêmo-nos dêles.

Dos que são nossos benfeitores.

Tijerobiák após oé ári.

Após oé imeengára iandéve.

Tirekó gatú iandéve.

Com deligência conservêmo-los para nós.

Belíssima oportunidade estão a nos dar.

Iporáng-eté-mo rekó iandéve.

Pertençamos a êles.

Não ultrajemos nossos benfeitores.

Timarangatú após oé pé.

Timomurú eỹ meengára iandéve.

Dêmos-lhes meios de viver.

Abastecemos-lhes. (Esta palavra — *poraká* — é especialmente empregada na pescaria, mas usam-na em qualquer outra atividade de apanhar animais e pássaros).

Tipoi após oé iandéve.

Tiporaká após oé.

Tragâmos-lhes tudo quanto houver.

Não tratemos mal os que dispõem de nossos bens.

Não sejais maus, meus filhos.

Tirú mbaé tiruã aníapé.

Tirekó menguã eỹ iandé mbaé rekosára.

Peporoangaó eỹ, che rayr oé.

Taperekói mbaé.

Para que tenhais haveres.

Toirekói peē raýra amō.
Ndirekuábi iandé ramūi
mbaé puéra.

Opá che ramūi mbaé pué-
ra aitýg.

Apoó mbaé ri jajero biá.
Iandé ramūi remiepiák
potá, teiñé aú guéra.

Te! oipotár-eté iandé ra-
mūi rekobiár eté iandéve.
Iandé poriasú okár.

Iandé ko uasú guér.

Aã sasý pirã iandé re-
mimenō upé.

Tirekoáb apó oaé iandé
robajára ári.

Toerekoáb mokáb, ombaé
aé.

Máramo santã gatú eý-
mone?

Memē, taé, morerobiará.

Tisaáng apó oé marã
iandé irũ.

(93) Mã retá mororoár oré
rupiára.

Añebé oé.

Neín, tiamongetá iandé
rekasára ri.

F — Neín, che aturasáp!

Que vossos filhos tenham alguns.
Nada recebemos de nossos avós.

Joguei fora todos os bens de meus avós.

Do que colho por aí, vanglorio-me.
Nossos avós quereriam ter visto, entre-
tanto não viram.

Eis aí o que quiseram tanto os nossos
avós para nós.

Nossa tristeza suprimem.

Nossas grandes roças.

Não maltratam as criancinhas quando
as tonsuramos. (Entendo por êste di-
minutivo — criancinhas — os filhos
de nossos filhos).

Conduzâmo-los contra nossos inimigos.

Que levem arcabuzes, suas próprias
armas.

Por que não serão bastante fortes?

Todos, digâmo-lo, serão impávidos.

Experimentemos sua fôrça junto de
nós.

São êles que andam a vencer nossos
adversos (os portugueses).

Isso assim é.

Vamos, conversemos com os que nos
procuram.

Ora pois, meu aliado! (Sôbre êste pon-
to cumpre notar que as palavras
aturasáp e *kotuasáp* diferem no sen-
tido. A primeira significa perfeita
aliança entre êles, e entre êles e
nós, tanto que os haveres de uns são
comuns aos outros. Todavia não
podem os designados pela primeira
expressão haver a filha nem a irmã
dos seus aliados. Não assim o outro
termo, maneira delicada de chamar
alguém por outro nome, como *minha*
perna, *meus olhos*, *minha orelha* e
outros semelhantes).

Sôbre que será nossa conversa?

Sei lá! Sôbre assuntos diversos.

(94) T — Mãe resé iandé mongetá?

(95) F — Sé! mãe tetiruã resé.

- (96) T — Mára piáng yvák réra? Qual o nome do céu?
- (97) F — Le ciel. Céu.
- (98) T — Añebé. Teí rañé tase-
nói maé tetiruã ndéve. Muito bem. Seja dito em primeiro lugar, entre as várias coisas que te direi.
- F — Añebé. Muito bem,
- (99) T — Ybák (Ybág). Céu.
Kuarasý. Sol.
Jasý. Lua.
Jasýtatá uasú. Estrela grande. (A grande estrela da manhã e da tarde chamada comumente Lúcifer).
Jasýtatá mirí. Estrela pequena. (São todas as outras estrelas pequenas).
Ybý. Terra.
Paraná. Mar.
Y-eté. Água doce.
Y-eẽ. Água salgada.
(100) Y-eembýk. Água "estagnada". (Água que os marinheiros mais frequentemente chamam "sommaque").
Itá. Pedra. (E' propriamente tomado por pedra, e também por toda espécie de metal e partes essenciais do edificio tais como: *óg-itá*, esteios da casa; *ia-pýr-itá*, cumieira; *jyrá-itá*, travões),
Ybyrá. Madeira em geral.
Ybyrapár. Arco. (E' nome composto de *ybyrá*, que significa madeira e *apár*, torto ou partido; todavia pronunciam *ora-pár*, por síncope).
- (101) Ára. Ar.
Ar-aíb. Mau ar.
Amã. Chuva.
Amã-pytú. Tempo chuvoso (prestes a chover).
Tupã. Trovão.
- (102) Tupã-veráb. Relâmpago. (E' o clarão que precede o trovão).
Ybytutín. Nuvens, nevoeiro
Ybytýre. Montanhas.
Ñũ. Campo. (Campanha ou região plana onde não existem montanhas).
- (103) Táva. Aldeia.
Og, ok. Casa.
Y-akuã. Rio ou água corrente.
Ypaũ. Ilha.

- Kaá.
- Kaá-paũ.
- Kaá-uã.
- Kaáguára.
- (104) Ygár.
- Ygarusú.
- (105) Pysá usú.
- Jekéi, jekeá.
- (106) Jekéi.
- Namoñói maé tasenói ndéve.
- Emombeú nde retã ichébe.
- F — Augebé! nde rañé eporandú.
- T — Jaé! marápe nde retã réra?
- (107) F — Ruã.
- (108) T — Tavausúpe oín?
- F — Pá.
- T — Mbobýpe pe rubicháb gatú?
- F — Ojepé.
- T — Marápe héra?
- (109) F — Hanrí.
- T — Téra poráng.
- Marápe peẽ rubicháb etá eỹ?
- F — Norerekói teñé, oré ramũi jabé.
- T — Mará piáng peẽ?
- F — Oroikó ñé.
- Oré imaé-guára.
- Mato. (E' tãda espécie de madeira e floresta).
- Capoeira. (E' um bosque ao meio de um campo).
- Silvestre. (O que vive nos bosques).
- Habitante do mato. (E' um espírito maligno que constantemente os prejudica em seus afazeres).
- Canoa. (E' barco de casca de pau, com capacidade para conter 30 ou 40 homens em guerra).
- Canoão. (Assim denominam os navios).
- Rêde grande. (E' uma bõlsa ou rêde para apanhar peixes).
- Nassa para apanhar peixes.
- Nassa pequena. (E' o diminutivo; nassa que usam quando as águas dos rios transbordam do curso).
- Que eu não te diga mais nomes de coisas.
- Fala-me de teu país.
- Bem! pergunta tu primeiro.
- De acõrdo! qual o nome de tua terra?
- Rouen. (E' uma cidade assim chamada).
- E' uma grande aldeia? (Êles não fazem distinção entre cidade e aldeia, pois não têm cidades).
- Sim.
- Quantos grandes chefes tendes vós?
- Um.
- Qual o seu nome?
- Henry. (Foi no tempo de Henrique II que esta viagem se realizou).
- Belo nome.
- Por que vossos chefes não são vários? (Reis absolutos).
- Não os temos mais, desde o tempo de nossos avós.
- Estais satisfeitos?
- Estamos. (Estamos contentes assim).
- Possuímos bens. (Nós somos os que possuem haveres).

- T — Aépe noguerekói pe rubi-cháb?
- (110) F — Oguerekó; oré maéguéra ahépe.
- T — Uarinípe osē-pe?
- F — Pá.
- (111) T — Mobýr távape rerikóni maé?
- F — Setá gatú.
- T — Nde resenói ichépene?
- (112) F — Ipukupukú éi.
- T — Iporáng-pe pe retã.
- F — Iporáng gatú.
- T — Ánga jabē peē rók?
- F — Oikoé gatú.
- T — Mará maé?
- F — Itá jepé.
- T — Turusúpe?
- F — Turusú gatú.
- T — Ybaté gatúpe?
- (113) F — Mateté.
- T — Ánga jabé peē rók inín?
- F — Eríma (Erimã).
- T — Esenói nde reté renõi-ndáb etá ichéve.
- (114) F — Esendúb.
- T — Ié.
- F — Che akã.
- (115) De akã.
- (116) Iakã.
- Oré akã.
- (117) Pe akã.
- Aé akã.
- Che.
- (118) Che áva.
- Che robá.
- Che nambí.
- Che sybá.
- Então vosso chefe não possui bens?
- Ele os tem; todos os nossos bens são dele.
- Ele vai à guerra?
- Sim.
- Quantas aldeias existem?
- Muitíssimas.
- Não me as nomearás?
- E' demasiado longo dizer.
- E' bonito vosso país?
- E' muito belo.
- Tem esta aparência vossas casas? (Como as nossas?)
- São muito diferentes.
- Como são?
- Apenas de pedra.
- Grandes?
- Bastante grandes.
- Muito altas?
- Altíssimas. (Esta palavra significa mais que *muito*, pois elles as tomam por coisa maravilhosa).
- Tem esta aparência o interior de vossas casas? (Como destas daqui).
- Não.
- Cita-me os nomes das partes do teu corpo.
- Ouve.
- Pronto.
- Minha cabeça.
- Tua cabeça.
- Sua cabeça.
- Nossa cabeça.
- Vossa cabeça.
- Cabeça dele. (Para melhor entender, de passagem, estes pronomes, darei somente as pessoas, tanto do singular como do plural).
- Eu. (E' a primeira pessoa, que serve em todas as maneiras de falar, primitiva, derivativa, possessiva, etc. Do mesmo modo as demais pessoas).
- Minha cabeça, os meus cabelos.
- Minha face.
- Minhas orelhas.
- Minha testa.

(119)

Che resá.
 Che jurú.
 Che tín.
 Che retobapé.
 Che rendybá. ..
 Che rendybá-áva.
 Che apekũ.
 Che rāin.
 Che ajúra.
 Che potiá.
 Che atukupé.
 Che rumbý.
 Che jybá-ypý.
 Che jaseóg.
 Che rakapé.
 Che pysuã, piásuã.
 Che rebýr.
 Che jyvá.
 Che pó.
 Che poapý.
 Che puã.
 Che pyá.
 Che ryjé.
 Che puruã.
 Che kã.
 Che úb.
 Che renypyã.
 Che porosé.
 Che retymã.
 Che py.
 Che pysãpẽ.
 Che poãpẽ.
 Che ñyã.
 Che áng.
 Che anguéra.

Che rakuãí.
 Che ramatiá.
 Che rapypý.

Meus olhos.
 Minha bôca.
 Meu nariz.
 Minhas bochechas.
 Meu queixo.
 Minha barba.
 Minha língua.
 Meus dentes.
 Meu pescoço ou colo.
 Meu peito.
 Minhas costas.
 Minhas ilhargas.
 Minhas espáduas.
 Minha garganta.
 Minha frente, de modo geral.
 Meu espinhaço.
 Minhas nádegas.
 Meus braços.
 Minha mão.
 Meu punho.
 Meus dedos.
 Meu estômago ou fígado.
 Meu ventre.
 Meu umbigo.
 Meus peitos.
 Minhas coxas.
 Meus joelhos.
 Meus cotovelos.
 Minhas pernas.
 Meus pés.
 Unhas de meus pés.
 Unhas de minhas mãos.
 Meu coração ou pulmão.
 Minha alma ou meu pensamento.
 Minha alma, depois de ter saído de meu corpo.

Membrum genitale.
 Verenda muliebria.

Membrum muliebre. (Estes três são nomes de partes do corpo que, por decência, não se nomeiam. Por causa da brevidade não darei mais explicações. E' de notar-se que não devemos nomear a maior parte das coisas, quer as já escritas, quer outras, sem acrescentar o pronome tanto na 1.^a como nas 2.^a e 3.^a pessoas. Para

- (120) Che.
Nde, de.
Ahé, aé.
Oré.
Peẽ.
Oaé.
- Emoendý tatá.
Embogué tatá.
Erú che ratá rã.
Emojý pirá.
Esesý.
Emoín.
- (121) Sapég kuí amõ.
Emojý kauín amõ.
- Ekuá y upé.
Erú y ichéve.
Che rerú y, augebé.
Koromó che rembiú erekó épe.
- (122) Tajepoéi.
Tajejuruéi.
Che ambyasý.
- (123) Nachejuruséi.
- (124) Che y séi.
Che roý.
Che ryã.
Che rakú.
- (125) Che kaarú asý.
- (126) Aikó tevẽ.
- (177) Che poreausúb.
Che aruãi.
Aikó meoã (menguã).
- (128) Aikó gatú.
- melhor compreensão apontarei separadamente).
- Eu.
Tu.
Ele.
Nós.
Vós.
Êles. (Quanto à terceira pessoa do singular — *ahé* — advirta-se que é masculino; para o feminino e neutro emprega-se — *aé* — sem aspiração. O plural — *oaé* — serve para os dois gêneros, tanto masculino como feminino e, por consequência, pode ser comum).
- Coisas pertencentes ao lar e à cozinha:
Acende o fogo.
Apaga o fogo.
Traz (algo) para fazer meu fogo.
Coze o peixe.
Assa-o.
Ferve-o.
Torra alguma farinha.
Coze algum cauim. (Beberragem assim chamada).
Vai à fonte.
Traz-me água.
Tragas-me água, pois.
Dá-me, afinal, de comer.
- Que eu lave as mãos.
Que eu lave a bôca.
Tenho fome.
Não tenho vontade de comer.
Tenho sede.
Tenho frio.
Tenho calor, suo.
Tenho febre.
Estou triste. (Embora *kaarú* signifique vésperas ou tarde).
Tenho necessidades. (Estou incomodado por qualquer afazer que seja).
Sou pobre. (Sou tratado incômodamente, ou sou miseravelmente tratado).
Estou alegre.
Sou desprezível. (Sou motivo de zombaria, ou zombam de mim).
Estou bem. (Estou à minha vontade).

	Che remiarusú.	Meu escravo.
(129)	Che remibojá.	Meu criado.
(130)	Che roák (roár).	Meus prisioneiros. (Aquêles que são inferiores a mim e que devem me servir).
	Che porakasára.	Meus pescadores. (Tanto de peixe como de outro animal).
	Che maé (mbaé).	Meus haveres. (Meus bens e minha mercadoria ou móvel e tudo que me pertence).
	Che remimoñã.	Minha obra.
	Che rerekuára.	Meu guarda.
	Che rubicháb.	Meu chefe. (Aquêles que é superior a mim; a quem nós chamamos nosso Rei, Duque ou Príncipe).
	Che mosaká.	Meu amigo. (E' o pai de família, bom e hospitaleiro que dá de comer aos viandantes tanto patrícios como estrangeiros).
	Kyreymbáb.	Valente. (Poderoso na guerra e capaz de grandes coisas).
	Tantã.	Rijo. (Forte na guerra e em tôdas as ocasiões).
	Che rúb.	Meu pai.
	Che rykeyra.	Meu irmão mais velho.
	Che rybýra.	Meu irmão mais moço.
	Che reindýra.	Minha irmã.
	Che riýra.	Filho de minha irmã.
	Che jetipé.	Filha de minha irmã.
	Che aiché.	Minha tia.
	Aí.	Minha mãe. (Diz-se também <i>che sý</i> , em geral falando dela).
(131)	Che syý.	Companheira de minha mãe, que é esposa de meu pai, tal como minha mãe.
	Che rajýra.	Minha filha.
	Che remimenõ.	Meus netos. (Filhos de meus filhos e de minhas filhas. Convém notar que tratam o tio por pai e, semelhantemente, o pai trata seus sobrinhos e sobrinhas por filhos e filhas. A palavra que em nossa língua os gramáticos chamam verbo, na língua brasílica corresponde a <i>ñeengáva</i> , locução ou maneira de dizer. Para melhor compreensão seguem alguns exemplos).

(132)

Aikó, ereikó, oikó, oreikó,
peikó, aéoikó.

Aikó akoéme.
Areikó akoéme.
Oikó akoéme.
Oroikó akoéme.
Peikó akoéme.
Aéoikó akoéme.

Eikó, toikó, toroikó, ta-
peikó, aetoikó.

Sou, és, é, somos, sois, são. (Indicativo ou demonstrativo. A terceira pessoa do singular e plural são semelhantes, apenas juntando a esta *aé*, que é o pronome *êles*, como é claro. O pretérito imperfeito, não de todo passado porquê pode ainda ser o que então era, resolve-se pelo advérbio *akoéme*: nesse tempo, então).

Estava.

Estavas.

Estava.

Estávamos.

Estáveis.

Estavam. (Quanto ao tempo perfeitamente passado, e totalmente transato, toma-se o verbo *ikó*, como antes, e se lhe acrescenta o advérbio *akoemémé*, que lembra o tempo de outrora, inteiramente passado, sem mais esperança de sermos do modo por que fomos ao tempo da ação. Exemplo: *asusúb gatú akoemémé; koý aangatú teñé*, eu o amei outrora; agora de modo algum o amo, como dizendo: *êle devia conservar a minha amizade enquanto eu lhe tinha amizade, pois ninguém pode voltar a ela. Quanto ao tempo vindouro, que se chama futuro: aikorã*, eu serei no porvir. E assim seguem as outras pessoas, como acima ficou dito, tanto no singular como no plural).

Sê tu, seja êle, sejamos nós, sêde vós, sejam êles. (E' o determinativo, que se chama imperativo. Para o futuro basta acrescentar *irã*, como já se disse. O sentido de *ordem* se dá empregando *taugé*, isto é, agora, atualmente. Para exprimir desejo e afeição a alguma coisa usamos o chamado optativo: *aikó momã*, oxalá estivesse eu! seguindo-se como acima. Para se exprimir o que se quer juntar, modo que chamamos conjuntivo, usa-se do advérbio *irũ* que significa aquilo que se quer juntar. Exemplo: *taikó nde irũ*, que eu esteja contigo;

(133) Ajú, erejú, oú, orejú,
pejú, aé oú.

Ajú ymãne.

Ajú irãne.

Eorí, ejó.

Peorí, pejó.

e assim por diante. O particípio é tirado dêste verbo: *che reikó rirã*, estando eu. Tal particípio não pode ser bem interpretado sem se lhe acrescentar o pronome *de* (*nde*), *ahé* ou *aé* e, no plural, naturalmente, *oré*, *peê*, *aé*. A voz indefinida dêste verbo pode ser tomada por infinitivo, mas quase nunca usam dela).

Venho ou vim, vens ou vieste, vem ou veio, vimos ou viemos, vindes ou viestes, vêm ou vieram. (Conjugação do verbo *ajú*. Exemplo do indicativo ou demonstrativo no tempo presente. Para os outros tempos devem tomar-se unicamente os advérbios acima citados, pois nenhum verbo se conjuga por outra forma a não ser por meio de advérbios, tanto no pretérito, presente imperfeito, mais que perfeito indefinido, quanto no futuro ou tempo vindouro. Exemplo de pretérito imperfeito, não de todo realizado: *ajú akoéme*, eu vinha então. Exemplo de pretérito perfeito, totalmente realizado: *ajú akoememé* eu vim, tinha vindo ou fui vindo nesse tempo).

Há muito tempo que vim. (Estes tempos podem ser mais ou menos indefinidos, conforme as circunstâncias de quem fala).

Virei certo dia. (E' um exemplo de futuro ou tempo porvindouro. Também é possível empregar *irã* sem acrescentar *ne*, conforme a frase ou maneira de falar o exija. Cumpre notar que, acrescentando os advérbios, convém repetir as pessoas como no presente do indicativo ou demonstrativo).

Vem tu. (E' um exemplo do imperativo ou determinativo. Só tem a segunda pessoa porquê nesta língua não se pode determinar à 3.^a pessoa que não se vê, porém pode dizer-se *emoúr*, fá-lo vir).

Vinde. (As expressões *ejó* e *pejó* tem sentido idêntico, mas a primeira é

Ajú-temo.

mais própria para dirgir-se a pessoas ao passo que a última se reserva para chamar aves e animais domésticos). Eu desejaria ou teria vindo de boa vontade. (E' um exemplo de optativo que parece ordenar pedindo ou determinando. Seguem-se as pessoas como na conjugação do indicativo. Obtém-se o futuro acrescentando o advérbio como acima está exemplificado).

Tajú.

Que eu venha. (Exemplo de conjuntivo. Para dar melhor sentido acrescenta-se *neín*, que é advérbio para exortar, ordenar, incitar ou rogar. Não conheço indicativo dêste verbo, mas dêle se forma um particípio: *túramo*, vindo).

(134) Che rúramo asobaitín che remirekó puéra.

Vindo, encontrei o que guardara.

(135) Seboipéb.

Sanguessuga.

(136) Inybí-á.

Cornetim de madeira que os índios sopram.

FIM DO COLÓQUIO

Além disso, afim de que não só aquêles com os quais atravesssei o mar na ida e na volta, mas também aquêles que me viram na América (muitos dos quais podem estar vivos), inclusive marinheiros e outros que viajaram e permaneceram temporariamente no rio de Janeiro ou Ganabará, sob o trópico de Capricórnio, julguem melhor e com maior facilidade o que acima escreví, relativamente às coisas por mim observadas naquele país, quero ainda, particularmente, e a seu favor, adicionar a êste Colóquio a relação de 22 aldeias onde estive em contacto íntimo com os selvícolas brasileiros (137).

Sejam as primeiras aquelas que se situam à esquerda de quem entra pelo rio referido:

1 — *Kariók* (138).

2 — *Jaborasí* (*Iburasí*, *Josý-yrasík*). Os franceses dão-lhe o nome de *Pepin* por causa de um navio, que uma vez aí carregou, cujo comandante tinha êsse nome.

3 — *Eyramiri* (139). Os franceses chamam-na *Gosset*, do nome de um intérprete que aí habitara.

4 — *Pirá-uasú* (140).

5 — *Sapopem* (141).

6 — *Okarantim*. Bela aldeia.

7 — *Urá-uasú-ueé* (142).

8 — *Tantimã*.

9 — *Kotíva*.

10 — *Payó*.

11 — *Sariguá* (143).

12 — *Pierre* (144). Chamada *Pierre* pelos franceses por causa de um pequeno rochedo, assemelhável à mó de moinho, o qual marcava o caminho para lá ir.

13 — *Ypék* (145). Chamada *Upec* pelos franceses porquê aí havia quantidade de caniços da Índia, aos quais os índios dão êsse nome.

14 — Certa aldeia que denominamos das *Flexas* porquê, da primeira vez que alí fomos pelo mato, e para facilmente retornarmos, atiramos muitas flexas sôbre uma enorme árvore sêca, as quais nela permaneceram cravadas.

As do lado direito são:

15 — *Kerý*.

16 — *Akaraý* (146).

17 — *Morgujá-uasú* (147).

As da grande ilha, são:

18 — *Pindó-usú* (148).

19 — *Koruké* (149).

20 — *Pirayijú* (150).

21 — Desta o nome me escapou da lembrança, situada entre *Pindó-usú* e *Pirayijú*, na qual uma vez ajudei resgatar alguns prisioneiros.

22 — Ainda outra, entre *Koruké* e *Pindó-usú*, de cujo nome me esqueci. Disse alhures como são estas aldeias e qual o feitio das moradias.

NOTAS AO CAPÍTULO XX (*)

(1) No texto está *ere-ioubé*, por *eré-ioupe*, que Léry devera ter anotado. A labial inicial da partícula interrogativa — *pe* — não poderia ter sido substituída por *b*, neste caso. Sendo esta partícula essencialmente átona, não poderia também receber o acento tônico indicado no texto. A tradução pelo pretérito — *vieste* — é normal, pois o verbo se encontra no chamado tempo geral do indicativo.

(2) *Augé*, como está no original, ocorre nos vocabulários do tupí costeiro; os que refletem o aspecto guaraní da língua registram *angé*. “Pronunciado à francesa, *augé* é *ogé*, diz Batista Caetano, mas separando-se as vogais *au* a dição poderia corresponder a *ayjé*, pois que em Léry a vogal especial *y* do tupí-guaraní é representada por *u* francês. Em Gonçalves Dias vem *augé* como verbo significando *basta*; na *Crestomatia* o Dr. França escreveu *aujé*”. Figueira traz *aujé*, *anhé*, *aujeranhé* como correspondentes de *ajé* ou *añé*, de Montoya, e de *aguyjé* de Restivo. Como *te* pode ser advérbio ou conjunção, seria lícito admitir a frase: *te aguyjé nipó, igitir ita bene est*. “Figurando de advérbio, *nipó* (3.^a pessoa de *pór*, *esse*) é frequentíssimo em Montoya, e ainda hoje no falar paraguaio. *Pór* é verbo que corresponde bem ao *y-avoir* dos franceses, e *nipó* ou *ipó* traduz-se exatamente por *il-y-a*; os paraguaios usam muito da frase negativa *ndi-póri, il n’y a pas*”. Léry usa quase sempre de *mará* em lugar de *marã*, advérbio interrogativo.

(3) Vide nota 164.

(4) Na restauração do verbo Batista Caetano optou pela forma guaraní *ereja-kahó*; preferimos usar sempre do *s* = *ç* dos gramáticos do tupí da costa em lugar do *h* aspirado de Montoya, pois Léry além de refletir o aspecto característico da chamada língua brásilica, em muitos passos confirma os ensinamentos de Anchieta e Figueira quanto à pronúncia peculiar ao litoral.

(5) De acôrdo com o que se disse no n. 2, poder-se-ia admitir *aguyjebé*.

(6) A frase tal qual se encontra no texto, evidentemente eivado de erros tipográficos, pareceu-nos suscetível de ser assim restaurada. E’ possível, todavia, que melhor arranjo se consiga consultando as várias edições antigas de Léry. Batista Caetano pensa que deve ser a seguinte: *ñandé repiáka ou te, ñandé repiáka ou te, che rayra. Ta ajúr eté, tenotn Yryrý-guassú oimoáng*, isto é, *ecce igitur, fili mi venit in has regiones, nostri memor, papa!*

(7) Vide nota 238 a propósito de *Karamemó*.

(8) Léry, nas explanações que faz sobre os adjetivos ordinais está de acôrdo com Anchieta. No Paraguai dizia-se: *petein, mokoi, mbohapyr, irundy*. Quanto ao fato de só contarem, os índios, até cinco, é ele tão verdadeiro quanto o que se referisse a não contarmos nós além de dez... só porquê dizemos dez-e-sete, dez-e-nove, etc. Sendo cinco a base de sua numeração hão de dizer *chepó-ha-petein* (cinco-e-

(*) As notas sem referência especial ao Colóquio devem ser procuradas no texto.

um), *chepó-ha-mokōi* (cinco-e-dois) para exprimir seis e sete. Tal como os franceses, que dizem *quatre-vingt-deux* ($4 \times 20 + 2$) para exprimir 82, os tupís diziam *mbohapyr-opá-ha-mokōi* ($3 \times 25 + 2$) para enumerar 77. *Ekombó*, por *ambó* ou *chepó*, minha mão, significa cinco.

(9) No texto está *maravaé*; *mará* em lugar de *marā* e *vaé* por *mbaé*. E' muito interessante o uso do *v* por *b* na distinção da linguagem da costa e das regiões paraguaias.

(10) *Sobý* é o mesmo *hobý*, e corresponde ao *caerulans* dos latinos, tirante a azul. *Sū* = *hū*, preto, escuro, pardo escuro. *Sobý-uassú*, azul intenso, verde. *Pi-riáng* é transcrição do que se acha no texto, e que supomos conexo com *piráng*, Batista Caetano transcreve *paráb*, baseado na tradução francesa.

(11) *Oé* (*aué* no texto) parece-nos contração de *oaé*, *o-aé*, ele diz, o que diz, aquê, o qual, êsse mesmo, tal qual, etc. Vide Gonçalves Dias, Figueira, Ferreira França, Dicionário Brasileiro, Vocabulário na Língua Brasileira, etc.

(12) Tratando das côres das peças de vestuário, fôra melhor que Léry falasse em roupas-brancas, de modo geral, e não em camisas apenas.

(13) Léry escreve *maé* por *mbaé* e *amó* por *amō*.

(14) "Até ulterior e melhor explicação pode-se escrever a frase assim: *akáng-aóba-rubā*, diz Batista Caetano, porquê *akáng-aób* quer dizer chapéu (roupa da cabeça) e *ubā* forrado, portanto, chapéu forrado. Outras interpretações são possíveis; por exemplo, *akangapé* exprime o casco da cabeça e *akangapé rubā* seria o fôrro do casco da cabeça. Chapéus êles não tinham e por isso (como sempre em casos idênticos) multiplicavam-se as expressões para designá-los, já atendendo à forma, já à matéria de que eram feitos". Exatamente por força disso admitimos *rupé* como relativo de *tupé*, bem de acôrdo com o *roupé* do texto.

(15) *Setápe* é forma interrogativa de *hetá*, *etá* ou *setá*, muito, muitos.

(16) A tradução ao pé da letra diria: tudo que é possível.

(17) E' como vem em Figueira, na relação dos advérbios negativos: *eríma*, não. Vários outros advérbios e frases correspondem à negativa *não* do português; algumas, todavia, peculiares aos homens e outras empregadas apenas pelas mulheres. De acôrdo com a pronúncia francesa dever-se-ia ler, aquí, *erimā*.

(18) *Mbá* por *opá*, tudo, todos, etc.

(19) *Mokáb* por *mbokáb*, fazer ferir, produzir ferimento. Foi o designativo dado pelos tupí-guaranis às armas de fogo dos colonizadores.

(20) *Mokáb-kuí* é a farinha, o pó do fusil, da arma de fogo, a pólvora.

(21) *Urú*, de *yrú*, é o vaso, o continente; *mokáb-kuí-urú* será: recipiente do pó da arma de fogo, o polvarinho.

(22) A expressão diz apenas: chifre de boi (de anta grande).

(23) *Sepý* ou *hepý*, preço, valor, custo. *Rā* é partícula que lembra ação de futuro.

(24) *Yapē* é a clava, a maça de guerra; *itá-yapē* dirá: clava de ferro, de matéria dura, espada. Dessa palavra provém *itangapema*, *tangapema*, etc.

(25) *Begoé* por *mbegué*, de vagar, lento, calmo, etc.

(26) Devera ser *nererúipe*, por *ndererúipe*. *Guyrapár* a rigor exprime madeira curva, arco, arma encurvada. Por extensão admite-se seja a foice, a enxó, o podão, o utensílio encurvado.

(27) *Moñā* significa: dar alma, animar, vivificar, fazer viver, criar, etc.

(28) *Pajé*, o que diz ou prediz tudo, o oráculo; o feiticeiro com funções de médico. *Pajé-uasú*, o grande sabedor das coisas. *Remimoñā* é o particípio formado pela partícula prepositiva *temi* ou *tembí*.

(29) *Karamosé* ou *karambohé*, segundo Montoya aqüivale a *antigamente*. Não nos parece bem empregado com o sentido que se colhe no Colóquio.

(30) *Tasepiák* é a primeira pessoa do singular do permissivo ou condicional; *taugé* aparece em Figueira e no Dicionário de Gonçalves Dias com o significado de *logo*. Montoya registra *tangé*.

(31) *Kysé* é o objeto cortante, a faca ou navalha comum de taquara. *Itákysé* foi o nome dado às facas, às lâminas cortantes de metal, trazidas pelos colonizadores..

(32) O sentido desta frase não é suficientemente claro. Pensamos que "cabos fendidos" sejam os cabos dos canivetes ou navalhas, cujas lâminas nêles se metem para se guardarem.

(33) Batista Caetano pensa que o "moutemouton" de Léry seja *mbotú-mbotú* ou *mbotý-mbotý*, isto é, "des alaines", em francês, e "subulas" em latim. Pensamos que *mutí-mutí*, por *motí-motí*, é preferível. *Motí* significa ferir, furar com ponta aguçada, etc. O freqüentativo anotado por Léry dá idéia do furador, da sovela, da "subula".

(34) Vide nota 201.

(35) Vide nota 200.

(36) Montoya registra outros termos para designar braceletes e colares, mas *mboý*, ou *moý*, equivale a contas de rosário, avelórios. Batista Caetano lembra que até o verbo *ñembo-poý*, "ponerse cuentas" aparece no "Tesoro".

(37) O texto dá *ai mossaeñen*, que nos levaria, de acôrdo com a pronúncia francesa, a ler *emosaeñã*, isto é, imperativo do verbo *mosaeñã*, inteiramente descabido no caso. Deve ser *añemosaeñã*, que diz: estou com pressa (*aproperatus sum*) ou, para estar bem próximo da interpretação de Léry: estou impedido, não posso. Ainda nesta frase há a notar que *ndébe* vem no texto grafado *desve*; *d* por *nd* e *v* por *b*, o que não se observa em outros passos do Colóquio.

(38) A frase foi recomposta pela tradução que lhe deu Léry; ainda assim com alguma irregularidade. O texto diz: *Scéh dè? Maé poréi potat?*

(39) Vide nota 245.

(40) Vide nota 281.

(41) Vide notas 208 e 209.

(42) Vide nota 409.

(43) No texto está: *margouia-ouassou*.

(44) O texto diz: *nacepiak, quevon-goua aire*.

(45) Vide nota 246.

(46) Vide nota 251.

(47) Vide nota 252.

(48) Vide nota 256.

(49) Vide nota 259.

(50) Vide nota 257.

(51) A propósito de *uyrá* vide nota 281. *Ichébe* ou *ichéve* é o que Anchieta chama dativo do pronome *iché*, dativo êsse que também se apresenta sob as formas: *ichébo*, *chébe*, *chébo*.

(52) Vide nota 292.

(53) Vide nota 291.

(54) Vide nota 293.

(55) Vide nota 294.

(56) Vide nota 296.

(57) *Sébae* é um particípio de *sé* ou *hé*, aquilo que sabe, que tem bom gosto.

(58) Vide nota 337.

(59) Vide nota 249.

(60) Vide notas 336, 342, 344.

(61) Vide nota 347.

(62) A propósito destas curiosas denominações de aldeamentos indígenas, das quais algumas subsistem ainda, eis o que disse Batista Caetano: "Dos nomes de lugares enumerados neste Colóquio alguns são fáceis de se reconhecerem, tais como *Kariók, Eirajá, Sarapoý*. Os outros é pena não se poderem elucidar. Os que escreveram de coisas do Brasil, em geral bem pouco se ocuparam com coisas dêle e delas trataram somente enquanto interessavam como novidade ao reino. Desciam a minuciosidades e a frivolidades, contando até as filiações de sujeitos perfeitamente nulos; eram prolixos e fastidiosos a narrar exclusivamente milagres, mas omissos e deficientes em relação às coisas que realmente interessavam. Descrição de lugares e das aldeias de índios são tão incompletas que a não ser o nome conservador, por outra forma não se pode saber onde e qual foi qualquer das de que se trate. Mesmo lugares célebres por façanhas, com que se ocupam os narradores *de rebus gestis in Brasilia*, não estão suficientemente precisados. O *Urusúmirim*, onde se deu a batalha decisiva em consequência da qual tornou-se o Rio de Janeiro definitivamente possessão portuguesa, aniquilando-se a França antártica, foi com efeito na Praia do Flamengo, como dizem? E a *aldeia-velha* foi na Praia Vermelha ou no lugar onde está hoje a fortaleza de S. João? Se isto não se pode precisar, quanto mais as aldeias enumeradas apenas e não descritas em Léry, as quais *ils changent aussi souvent de place en place*? Se elas, entretanto, conservavam os nomes a-pesar-de mudarem de assento, como diz Léry, são apenas nomes dos quais alguns hoje podem se reconhecer; de outros nem mais lembrança resta, e então é difícil a interpretação não só do que significam, porém ainda do modo de se os dizer e escrever exatamente. Dêsses nomes das aldeias, o próprio Léry declara que *ne sache qu'ils puissent avoir interpretation selon la signification d'iceux*. Em geral esta interpretação e também a dos animais e plantas é difícil e requer muita prudência e cautela para não se descair, pelo caminho dos improvisos, nas inventivas sem critério. Voltando aos nomes das aldeias: a enumeração feita por Léry neste trecho do Colóquio não concorda com a outra que vem no fim. Lá êle conta 22 aldeias e destas há 3 cujo nome esqueceu e uma de que apenas dá o nome usado pelos franceses — *Pierre*. Eliminadas as 4 de que êle não dá o nome indígena, os nomes das 18 restantes, enumeradas no fim, deviam combinar com os que vêm neste trecho. Assim não acontece, e começa logo por enumerar aqui 19 aldeias. O primeiro nome de ambas as listas é o mesmo: *Kariók (karióg)*. A explicação, porém, que Léry nos dá não satisfaz. Êle diz que significa *casa dos kariós (karió-óg, com elisão do jó)* e êle é o próprio que diz, depois, que o nome da aldeia deriva-se do nome de um rio. Tem-se dado diversas interpretações ao nome *Carioca*. Uma das que mais naturalmente ocorrem é a de *kari-óg, casa do branco ou do guerreiro, gentis albae vel gentis in bello egregiae domus*. Considerando, porém, o que Léry diz que era nome de um rio donde proveio o da taba, seria possível interpretar-se: *Kaá-ry-óg, corrente saída do mato*, mas para isso seria preciso forçar a significação de *óg, que é transitiva, tornando este verbo neutro*. Em todo caso é um dos nomes cuja interpretação depende de mais elucidações como os vocábulos *tupí, mandióg* e muitos outros, cuja decifração acarretará decerto esclarecimentos de suma importância. *Uyrá-uasú-oé (Guyráguasú-ragué)*, penas do pássaro grande, é a frase que autoriza a supor-se, segundo Léry. Será *Iaucu-ur-assie* o mesmo *laboracy* escrito no fim? Qualquer dos dois é de difícil interpretação. *Pirakãiopã (Piracamopem)* escrito também *Piracau-io-pau* sem nenhuma indicação, pode ter as mais variadas significações conforme forem interpretados os sons. *Eirajá, cuia ou cabaça de mel (mellis vas, mellis scyphus)* conserva-se bem ainda no nome atual *Irajá*. *Itanem* pode ser *itá-nã, itá-anã, ytá-y* e talvez ainda (atentos os erros de escrita), *y-tauá* ou *ytáguá* e outros, significando coisas diferentes. O mais próprio, porém, parece ser *ytá-yá, cuia ou vaso de concha, ou ytá-guá, enseada das conchas*. *Tarakuirapã (Taracuir-apau)*, além de outros modos de interpretar as letras e os sons, pode ser *Taraguir-upá, pouso das lagartixas*. A *Sarapoý* corresponde, sem mudança alguma nas letras, *har-apō-y, rio das espigas*. Mas será êle o mesmo que o da aldeia n.º 11 do fim, escrito *Sarygoy*? Este significaria rio dos Serigués. *Keriý (Keriu)* é claramente *keri-y, rio ou água do sono (somni fluvius vel dormiens unda)* sofrivelmente aplicável ao Saco de São Lourenço, em Niterói; mas a este Saco cabe também a designação de *y-terô* ou *yteron, água*

torta, rio torcido, donde talvez proviesse o de Niterói. *Akarau*, de Léry, é sem dúvida *Akaray*, rio ou água dos acarás. Seria o nome do atual Icarai? Este, porém, pode ser sem mudança alguma *y-karaib*, água benta, água santa, água clara, perfeitamente aplicável ao lugar. *Kurumuré* (*Kouroumouré*) é suscetível de várias interpretações, mas falta tudo quanto possa servir de indicação do que quer dizer, e então seria arbitrário qualquer modo de o explicar. *Itaók* (*Ita-auc*) conserva-se em Itaóca e é exatamente *itá-ók*, casa da pedra. *Joararuã* ou *Ioararuã* (*Iroirarauen*) parece ser a atual Araruama que mereceu o nome de *y-arua*, água transparente ou *y-guaruã*, espelho d'água. *Takuarusútyba* (em Léry: *Sacouarr-oussou-tuve*) é exatamente: *Takuár-usú-tyba*, taquarussuzal. *Okarantí* (*Ocarentí*) pode ser interpretado de modos diversos, mas o sentido que ocorre mais naturalmente é *ygár-antín*, proa de navio ou mesmo *okár-antí* ponta da praça, do terreiro. *Sapopéma* (*Hapopem*) ainda se conserva no nome Sapopemba designando lugar, e é nome muitíssimo apto de um *figus* abundantíssimo em serra abaixo, que deita raízes de grande altura e por largo âmbito, e que, como uma parasita chega a abraçar-se com outros troncos de árvores formando rede em roda delas. *Sapopemba* quer dizer raiz trançada, ou ainda, alastrada, e deve-se notar que além de *pem* = *pemb*, *illaqueatus*, *involutus* e talvez *involvens* e *sparsa*, há também *peb*, *planus* e *pen*, *angulatus angulosus*, epítetos que podem qualificar o *figus*. *Nurukuý* (*Nouroucouve*) é suscetível de várias interpretações. *Arasatyve* (*Arasatuve*) é claramente *Arasá-tyb*, correspondente a araçazal. *Ysypotyve* (*Usupotuve*) também é, sem dúvida, *Ysypó-tyb*, em português cipoal ou cipozal.

(63) Léry usa correntemente de *gatú* por *katú*, mesmo quando o fonema antecedente não é nasal. Batista Caetano preferiu, na restauração, ver no *heuou* do texto a expressão *hini*; nós pensamos que melhor será *eú*, provável contração ou adulteração de *eúbae*, os tais, os que aí estão, etc.

(64) *Setá-gué* ou *hetá-gué*.

(65) *Ky* significa *pouco*; *ojepé-ký* poderá ser: um pouco, algum, alguns.

(66) *Nã* é um advérbio demonstrativo que exprime: assim, dêsse ou dêste modo (mostrando), eis, etc.

(67) O texto diz: *E apirau-i ioup*. Batista Caetano restaurou a frase desta maneira: "*Ijapirá-bog-pýr* e anotou: escrito êste nome de modo que signifique *caput pilis defectum* (o pelado) devia ser *ij-apiráb oópýr*; o *r* final elide-se usualmente, mas ainda assim considerando que o *u* de Léry é *v*, às vezes, e respeitando as outras letras fica a expressão *i-apiraví-ioup* que, adaptada à nossa ortografia, corresponde a *ij-apiráb-i júb*, significando *ille qui capitis pilos flavus (habet)*." Pensamos nós que se trate do verbo *apiróg*, tirar a pele da cabeça, isto é *iapiró* ou *japiró* significando: seu esfolado, o esfolado de sua cabeça (dêle). *Ijúb* dirá: é amarelo ou amarelado, côr característica da pele da cabeça dos calvos. principalmente quando morenos, etc. Conseqüentemente: pele da cabeça, esfolada, amarelada.

(68) *Setã*, por *hetã* sua residência, sua moradia (dêle).

(69) A propósito dêste topónimo — *Kariók*; Carioca — vide: "Têrmos tupís no português do Brasil", de Plínio Ayrosa. Aí vem largamente discutida a etimologia de Léry. *Pe* é a locativa — em, no, na, etc. Vide também nota 62 (do Colóquio).

(70) *Mosã*, *posã*, *pohã*, *poháng*, *posáng*, etc., são variantes gráficas de *mô-áng*, fazê-lo animar-se, tornar são, curar, remediar. E' o remédio, a medicina, a poçanga, o que cura.

(71) Batista Caetano, com toda razão, nota: "Não é fácil verificar esta frase nem tão pouco adaptá-la ao significado que lhe dá o autor, tanto mais quanto divergem as escritas das duas edições consultadas. O nome da aldeia *okarantí*, que êle traduz por "*village des Estorts*" (aldeia dos assaltos ou do ajuntamento do povo para combate) não pode significar isto e sim *pontas da praça* ou *praça cercada de pontas*. A' muito puxar, e admitindo-se que a expressão toda seja *guyrá guasú okarantín*, ela significaria: a praça estaqueada do pássaro grande." Vida nota 509.

(72) Corretamente dir-se-ia *O-yb-akã*.

(73) *Hób-ij-ár-asú*, *ille cui folia cadunt grande*.

(74) O texto dá: *morgouia-ouassou* e *mogouia-ouassou*. Tanto podemos, por isso, admitir *murukujá uasú* como *mogujá-uasú*.

(75) Vide nota 188.

(76) No final desta frase Léry escreve *angerure*, que pensamos ser *angé riré*. Batista Caetano faz ver que, em vista da resposta, seria mais conforme à regra sintáctica se estivesse: *arúr-irã che rekorã é riré*, isto é, *adducam posterius quum quod me esse dicatur* ou: hei de trazer depois que decidir como há de ser minha vida.

(77) *Ok, óka, og, óga*, etc., cobertura, coberta, casa.

(78) *Kuáp*, tal como na frase seguinte, é o verbo *kuaáp*, saber, etc.

(79) Aquí aparece *pe retã*, vossa casa, vossa moradia, referindo-se à segunda pessoa do plural, quando em quase todo o Colóquio são usados o pronome da segunda do singular *nde* = *ne* = *de*, tu, e o correspondente possessivo — teu, tua, teus tuas. *Iré* está por *riré*, depois.

(80) *Nde anãma*, teus parentes, tua gente.

(81) *Mará-namo-pe*, isto é, *námo* por *rámo* e *pe*, partícula interrogativa átona.

(82) Batista Caetano anota *aipó nê*.

(83) *Oré* é o pronome ou possessivo exclusivo; nosso, de nós outros. O inclusivo *jandé* = *ñandé* vale: nosso, de nós todos. Traduzimos *motár* = *potar* (no texto *amotár*) por gostar; o verbo, entretanto, exprime desejar, querer, ambicionar, etc.

(84) Aquí, de acôrdo com o texto, a pronúncia deveria ser *erimã* (*erymen*).

(85) *Uariní*, *guariní* ou *guarinín*, guerrear, pelejar, combater; guerra, embate.

(86) Deve ser *robajára* e não *ruajára* como sugere o texto. *Robajár*, de *tobajár*, quer dizer: fronteiro, o inimigo, o adversário.

(87) A ortografia irregular do texto não permite afirmar sejam estes "Touaiat" os mesmos da frase anterior — *Tobajára*. Parece que são, mas na dúvida preferimos trasladar o nome tal como se encontra escrito na edição latina. A propósito de *Margaiá* vide nota 47.

(88) *Uetaká*, *Guataká*, *Goitaká*, *Guaitaká*, etc., são variantes do nome de um grupo étnico não pertencente à família tupí-guaraní que, no século XVI, vivia algum tanto afastado do litoral, na pequena região indicada por Léry.

(89) Batista Caetano, não percebemos por que, do nome que vem em Léry — *Oucanem* — fez *Abá anã*. Tudo nos leva a crer que seja *Ueanã*, uma das muitas variantes do nome *Guaianã* ou *Guaianá*, vulgar na Etnografia brasileira.

(90) Vide nota 119.

(91) Referindo-se aos "Touaiaire", sem dúvida *Tobajára*, Léry estabelece certa confusão, pois já havia falado desta gente situando-a ao norte. Trata-se, a nosso aviso, de mau emprêgo da expressão *tobajára* que teria ouvido entre os seus Tupinambás do Rio de Janeiro. Esta palavra, significando apenas *fronteiro*, *adverso*, etc., poderia ter sido empregada pelos Tamoios com referência a qualquer grupo de safeto, do norte ou do sul, do litoral ou do interior. Como os tupís de São Vicente não andassem às boas com os moradores do Rio, e como os Carijós se situassem, de fato, para além dos Tupís (de Cananéia para o sul) é perfeitamente compreensível que os Tamoios dissessem que os Carijós estavam para além dos *Touaiaire*, isto é, para além dos seus adversos (*tobajáras*), em direção ao Prata.

(92) As frases que se seguem, postas na boca do Tupinambá, têm o sabor de versículos e dêles possuem o tom místico e incossequente. Lendo-as com atenção sente-se, entretanto, que Léry quis fazer de seu possível interlocutor simples personagem de drama ou de comédia a repetir, fragmentariamente, o que êle próprio desejaria declamar. As frases soltas, os pensamentos desordenados e as intenções que não se percebem nítidas, deslocam-se e afastam-se por si mesmos do conjunto do Colóquio e de suas finalidades precípuas de simples diálogo. As considerações de ordem gramatical que desejaríamos fazer a propósito desta parte do texto, de grande valor linguístico, levar-nos-ia a ocupar demasiado espaço e a fastidiar, por certo, a quase totalidade dos leitores de Léry. Baste, por isso, a afirmação de que restauramos as frases com a maior atenção, tendo sempre em vista o original e a índole e modismos do tupí costeiro. A observação de Gaffarel sobre a ininteligência destas frases, "que nenhum comentador soube esclarecer", nada tem a ver, está claro,

com a língua tupí-guaraní, pois nessa língua as frases podem ter sentido perfeitamente inteligível. Gaffarel quis se referir ao espírito do conjunto, às razões que as teriam motivado e à falta evidente de nexos entre elas, dadas em francês pelo próprio Léry.

(93) Talvez fôsse melhor dizer *memé taé* em lugar de *mã retá*.

(94) Nesta frase falta a partícula interrogativa *pe*. Se atendêssemos, por outro lado, à tradução que Léry lhe dá, deveríamos ter *iá* em lugar de *iandé*. Nós a traduzimos considerando *mongetá* como substantivo e não como verbo.

(95) O texto aqui está deturpadíssimo; diz *Scéh macrouemresse...* Valendo-nos de outras edições chegamos à restauração apresentada.

(96) No original lê-se *ovák* como correspondente a *céu*. Deve ser *yvák* ou *ybáka*, tal como averbam os dicionários antigos.

(97) Sendo um tupinambá quem pergunta a um francês qual o nome do céu, parece-nos lógico deixar o "*le ciel*" de Léry.

(98) Deve ser *tetiruã* em lugar de *tiruã*, como vem no texto.

(99) O texto dá apenas *mak* e, na edição Gaffarel, *mac*.

(100) No texto de Gaffarel lê-se: *vh cembuhk* e na edição latina: *vh — een — buck* ... Deve ser *y-eembýk*, embora não saibamos bem a que tipo de água os marinheiros chamavam "sommaque". Talvez seja a nossa "água choca".

(101) *Ar, ára*, tempo, época, dia, ocasião, atmosfera, etc.

(102) O texto dá *Toupenverap*, onde se nota a presença do *v*, por *b* e o *p* final por *b*, ocorrência comum no Colóquio. *Tupã verab*, brilho, luz, resplandecência do trovão, relâmpago.

(103) *Táva* com *v*, como já fizemos notar, é muito interessante do ponto de vista linguístico. No texto latino está *táve* e na edição Gaffarel lê-se *táue*.

(104) O texto dá *ygat*, mas é *ygar* ou *ygára*.

(105) Vide nota 352.

(106) *Jekéi*, de *jekéi* + *.i*, a nassa pequena.

(107) Estranha resposta na boca de Léry que era natural de Margelle-Saint-Seine (Côte d'or). E' possível que, segundo lhe censura Thévet (*Histoire manuscrite de deux voyages par lui faits aux Indes*, Biblioteca Nacional de França, Fonds Saint Germain, franc. n. 656) tenha Léry tirado o Diálogo de um de seus companheiros, normando de origem, ou do próprio Villegagnon. "Aliás era êle (Villegagnon) homem de tantos talentos que escrevera um dicionário em língua brasílica, seguido de um Colóquio: tais obras foram comunicadas a muitas personagens de categoria, como o falecido L'Hospital e o falecido Baudin, procurador geral do Rei, em Paris. Posteriormente ao sítio de Sancerre um tal Ode... emprestou de boa fé uma cópia dêsses manuscritos a êsse Léry, que o mandou imprimir em seu próprio nome." (Nota de Gaffarel).

(108) *Táva* + *usú* + *pe*, sendo *pe* a partícula de interrogação, átona.

(109) Pronúncia tupí de Henry (Henrique).

(110) Procuramos restaurar as palavras do texto com a maior fidelidade. Para que correspondessem, entretanto, exatamente às palavras latinas que lhes servem de tradução, diríamos: *oguerekó katú eté*, *oré mbaé ahē upé guára*.

(111) Esta frase foi restaurada de acôrdo com a tradução francesa de Léry, tal a deturpação do texto tupí.

(112) O texto diz: *ypoicopouy*.

(113) Com muita dificuldade chegamos a concluir que *mahmo* da edição Gaffarel e *matimo* da edição latina correspondem a *mateté* do tupí. De fato, concordando com a explicação de Léry, encontramos em Montoya essa palavra como contração de *marangatú-eté*. Traduzimo-la por *altíssimas* porque ela figura como resposta à pergunta anterior; em verdade, porém, significa: muitíssimo, em excesso, excessivamente, etc. Batista Caetano pensou que fôsse *ybaté-rô*.

(114) A forma guaraní é *ehendú*.

(115) Léry usa correntemente *de* por *nde*.

(116) Corretamente seria *ijakā*, sua cabeça, dêle.

(117) Melhor seria *peẽ* ou *pendé akā*.

(118) Mais uma vez se evidencia o uso de *v* por *b*; *che áva* por *che ába*.

(119) *Tendibá-áva* diz: cabelo ou pêlo do queixo.

(120) É interessante notar que Léry não cita aqui o pronome de primeira pessoa do plural inclusiva, *jandé* ou *ñandé*. As explanações de Léry sobre o uso dos pronomes de terceira pessoa são muito curiosas, pois nenhum dos gramáticos antigos (Anchieta, Figueira, Montoya) faz distinção de gêneros, mesmo nos substantivos e adjetivos.

(121) Os êrros tipográficos e as adulterações das frases tupís aqui se tornam clamorosos. Na edição latina lê-se: *Fa vecu-ouy amo* e, na francesa: *Fa-vecu oug amo*. Ora, só com muita dificuldade poderá alguém descobrir que isso seja: *Sapég kuí amó*, torra (tu) alguma farinha.

(122) Essa forma verbal vem na Crestomatia do Dr. Ferreira França.

(123) Não me apetece. Apetecer é *juséi*.

(124) Apetece-me água, tenho sêde.

(125) Mais corretamente dir-se-ia: *che kaarú hasý*.

(126) *Tevẽ* por *tebẽ*.

(127) Aqui está uma expressão característica do tupí antigo da costa. No tupí-guaraní paraguaio dizia-se *poriahúb*.

(128) *Gatú*, como é geral no Colóquio, por *katú*.

(129) Batista Caetano registra *che reminguái*, mas o texto diz *chere miboye*, isto é, *che remibojá*.

(130) Batista Caetano supõe a palavra *roiac*, do texto, simples adulteração de *bojár*. Preferimos manter a expressão *roák* (*oár*) por ser a que melhor se adapta ao escrito de Léry e porquê pode ela equivar a *agarrado*, *prêso*, *vencido*, *prisioneiro*, condizente com os esclarecimentos do autor.

(131) *Syý* ou *syýb* designa a tia, irmã da mãe do homem.

(132) Léry interrompe aqui, bruscamente, a citação que vinha fazendo para tratar de um assunto de ordem puramente gramatical, relativo à conjugação dos verbos. Trata do verbo *ikó* sem mencionar a primeira pessoa do plural inclusiva, perdendo-se em detalhes fragmentários da conjugação. Conquanto as suas notas merecessem comentários mais ou menos extensos, para evitar repetição do que anda por tôdas as gramáticas tupí-guaraní, aconselhamos aos leitores interessados neste assunto a leitura dos capítulos de Anchieta, Figueira e Montoya, referentes à conjugação dos verbos.

(133) Vide Montoya e Figueira (verbos irregulares).

(134) Léry incompreensivelmente deixa de tratar dos verbos para citar esta frase, sem nexos nesta altura, e dois nomes que deveriam ter sido anotados em outro passo do Colóquio.

(135) Gonçalves Dias (Dicionário tupí) dá *cebui-péba*.

(136) Vide nota 430.

(137) Léry já havia citado (vide nota 62 do Colóquio) 13 aldeias situadas à direita e à esquerda do chamado rio de Janeiro, e 6 "dentro da terra". Comparando-se as duas relações verifica-se que não há concordância entre elas; nesta não figuram nomes que aparecem na anterior (*Pirakā iopā*, *Eirajá*, *Itanā*, *Tarakuirapā*, *Itaók*, *Joararuá*, *Takuarasutýba*, *Murukuý*, *Arasatýva* e *Isypotyva*) tal como naquela não se incluem nomes desta relação final (*Eiramirí*, *Pirá-usú*, *Tantimã*, *Kotíva*, *Payó*, *Pierre*, *Ypék*, *Morgujá-uasú*, *Pindóusú*, *Koruké*, *Pirayijú*, etc.). Batista Caetano comentando alguns dêstes nomes diz: "*Eiramirí* (no texto *Eura-mirí*) pode ser *guyrá-mirim*, pássaro pequeno ou *Eira-mirí*, abelha pequena; à expressão *Piraouassou* o que mais naturalmente ocorre é *Pirá-guasú*, peixe grande; para *Tantimã* (*Tentimen*)

não ocorre significação alguma imediata; *Kotiva* (*Cotiva*) não carece de trabalho algum para se tornar *ko-tyb*, que significa lugar ou pouso das roças, aplicando a *ko*, roça, a mesma terminação *tyb* que corresponde à portuguesa *al* e à latina *etum*; *Payó* (*Pauo*) parece ser *hupáb-ún*, pouso negro ou *hupáb-uñ*, pouso ou lugar atolado e conserva-se em *Pavuna*; de *Ypék* o próprio Léry deu o significado que é *pato*, em abanheenga *ypég*; de *Morgujá-uasú* (*Morgouia-ouassou*) para *mburukujá-guasú* com que designavam laranja, não é difícil a passagem; o mesmo acontece com *Pindó-oussou*, que se torna facilmente *pindó-usú*; *Koruké* (*Corouque*) e *Pirayijú* (*Pirauiou*) com pequenas mudanças nas letras podem significar diversas coisas e nada autoriza que se prefira qualquer delas."

(138) Vide notas 62 e 69 dêste Colóquio.

(139) Deve ser *Eíramirí*, abelhinha ou melzinho. Vide nota 137 dêste Colóquio.

(140) *Pirá-usú*, peixe grande, peixe volumoso.. Vide nota 137 dêste Colóquio.

(141) *Sapó-pém*, a raiz tabulada, designativo indígena da *Aspidosperma excelsum*, Bth., segundo A. J. Sampaio (Nomes vulgares das plantas do Distrito Federal e do Estado do Rio, in Boletim do Museu Nacional, Vol. XIII, ns. 1-2, 161).

(142) Vide nota 62 dêste Colóquio.

(143) Vide nota 448.

(144) Talvez a mesma *Itanã*, *itá-nã*, semelhante à pedra, da relação das aldeias citadas anteriormente. Vide nota 137, dêste Colóquio.

(145) Vide nota 286. Como designativo de um caniço, deve ser *uyb-péb*, ou *uypé*, caniço chato, cana achatada para flexa.

(146) Talvez antiga denominação da atual Icarai. *Akaray* traduz-se por água ou aguada dos acarás, dos peixes acarás também chamados cascudos.

(147) Vide nota 62 dêste Colóquio.

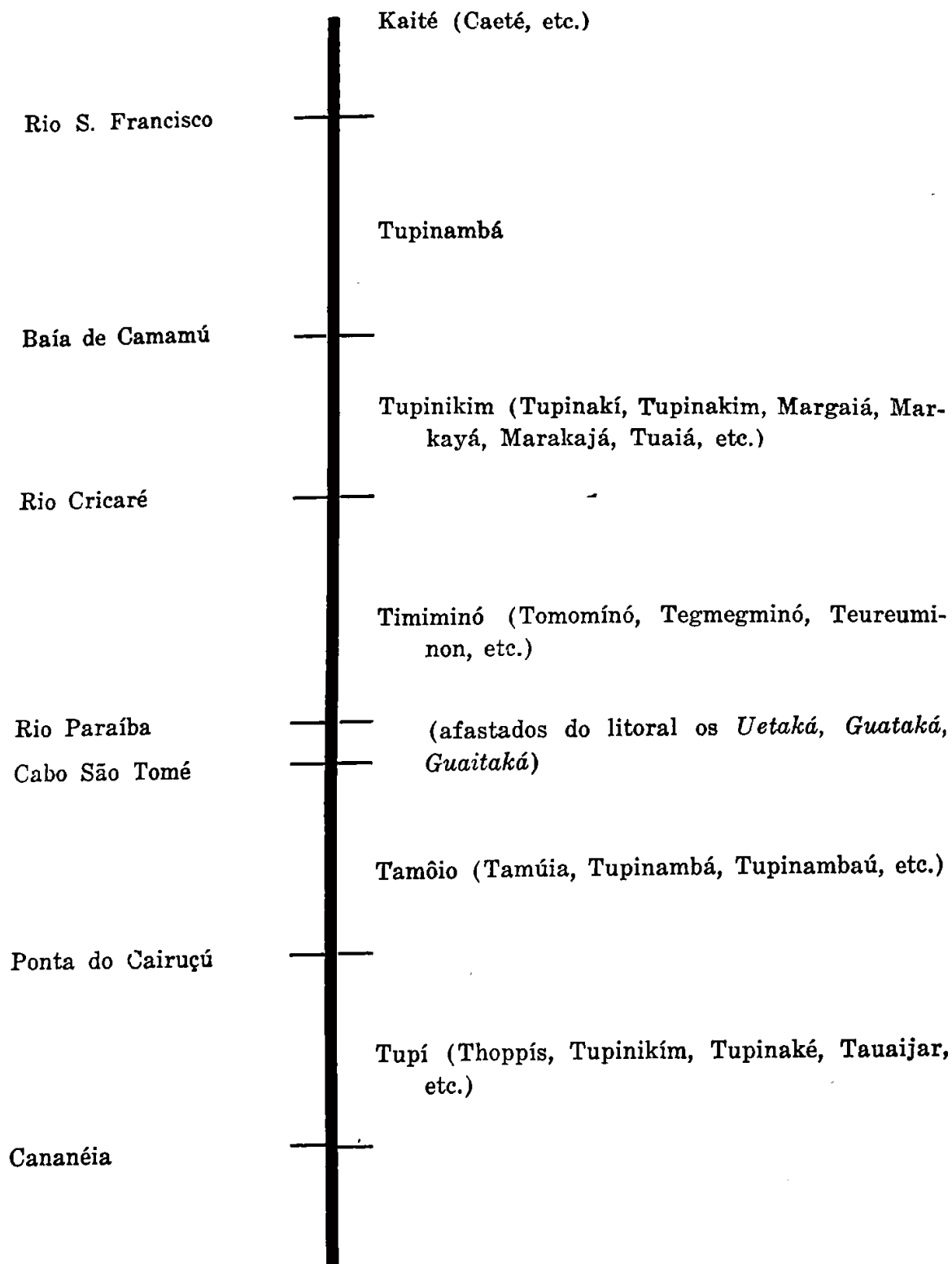
(148) *Pindoba* grande, palmeira chamada *pindoba*, grande, Vide nota 137 dêste Colóquio.

(149) Talvez *Kurú-kié*, ao pé dos seixos, ao lado dos cascalhos.

(150) Vide nota 451.

Esquema da situação geográfica das grandes "nações" tupí-guaraní do litoral brasileiro, desde a barra do rio São Francisco à baía de Cananéia, em meados do século XVI. Entre parênteses algumas das denominações pelas quais também eram conhecidas essas "nações". Note-se a existência de Tupinikins no norte (Margaiás) e no sul (Tupís). Todos, com exceção dos Guaitakás, que em geral se mantinham afastados do litoral, falavam a língua geral, apresentando fâcies cultural idêntico.

(Segundo Plínio Ayrosa)



Í N D I C E

Introdução	5
Jean de Léry	7
Notícia biográfica	11
Nota bibliográfica	19
Dedicatória de Jean de Léry	23
Prefácio de Jean de Léry	27

CAP.

I — Do motivo que nos levou a empreender esta longínqua viagem à terra do Brasil na ocasião em que a fizemos	45
II — Do embarque no pôrto de Honfleur, na Normândia, das tormentas, encontros, abordagens de navios, primeiras terras e ilhas que descobrimos	50
III — Dos bonitos, albacores, dourados, golfinhos, peixes voadores e outros de várias espécies que vimos e apanhamos na zona tórrida .	53
IV — Do equador ou linha equinocial e também das tempestades, inconstância dos ventos, calor, sêde e outros incômodos que tivemos e passamos nessas alturas	63
V — Do descobrimento e primeira vista que tivemos da Índia Ocidental ou terra do Brasil, bem como de seus habitantes selvagens e do mais que nos aconteceu até o trópico de Capricórnio	67
VI — Do desembarque no forte de Coligny; da acolhida de Villegagnon e de seu comportamento em relação à religião e ao govêrno do país	76
VII — Descrição do rio Guanabara, também denominado de Janeiro; da ilha de Coligny e do fortim nela edificado, bem como das ilhas vizinhas	93
VIII — Índole, fôrça, estatura, nudez, disposição e ornatos dos homens e mulheres brasileiros, habitantes da América, entre os quais permanecí quase um ano	99
IX — Das grossas raízes e do milho com que os selvagens fabricam a farinha, comida em lugar do pão; da bebida a que chamam cauim	112
X — Dos animais, veação, lagartos, serpentes e outros animais monstruosos da América	123
XI — Da variedade de aves da América, tôdas diferentes das nossas; dos bandos de grandes morcegos, das abelhas, môscas varejeiras e outros vermes singulares dêsse país	133
XII — Dos peixes mais comuns e do modo de pescá-los	146
XIII — Das árvores, ervas, raízes e frutos deliciosos que a terra do Brasil produz	152
XIV — Da guerra, combate e bravura dos selvagens	167

XV — De como os americanos tratam os prisioneiros de guerra e das cerimônias observadas ao matá-los e devorá-los	176
XVI — Religião dos selvagens da América; erros em que são mantidos por certos trapaceiros chamados caraíbas; ignorância de Deus ..	186
XVII — Do casamento, poligamia e graus de parentesco entre os selvagens bem como o modo de tratar os filhos	202
XVIII — O que podemos chamar leis e policiamento entre os selvagens; modo por que tratam os visitantes amigos; prantos e discursos festivos das mulheres por ocasião das boas vindas	208
XIX — De como tratam os selvagens os seus doentes, dos funerais e sepulturas e do modo de chorar os seus defuntos	221
XX — Colóquio de entrada ou chegada ao Brasil, entre a gente do país chamada Tupinambá e Tupiniquim, em linguagem brasílica e francesa	247
XXI — A nossa partida da terra do Brasil, os naufrágios e perigos de que escapamos no regresso	226
XXII — Fome extrema; tormentas e outros perigos de que Deus nos salvou durante o regresso	237

TRABALHO COMPOSTO E IMPRESSO
NA
EMPRESA GRAFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS"
A
RUA CONDE DE SARZEDAS, 38 — SÃO PAULO
PARA A
LIVRARIA MARTINS
EM
JULHO DE 1941